

TENSÃO
INTENSÃO
INTENSIONALIDADE
INSISTENCIA
EXISTENCIA
EXTENSÃO
ensaios

Cadernos inúteis da casa de Gestalt

A vivência do sentido ontológico da inutilidade amalgama-se com a vivência da dramática da ação, do desdobramento do possível, da possibilidade, da criação. Como condito sine qua non da ação compreensiva e musculativa. Da criatividade, da poiese. Da existência.

O presente caderno é um núcleo temático de nossa produção. Contém erros formais na sequência dos ensaios, duplicatas, que serão corrigidos nas próximas versões. Igualmente orientará a produção de ensaios sobre o tema.

1. AVENTURA DE EXISTIR	4
2. O CRIAR E A PLASTICIDADE DO PASSADO	8
3. A PERPLEXIDADE COMO MÉTODO	28
<i>Perplexidade como caminho</i>	28
4. PERSONA...	34
PERSONALIDADE, & PERSONAGEM (<i>Personagente, personator, personação</i>).	34
5. A EXPLICAÇÃO & A IMPLICAÇÃO COMPREENSIVA COMPREENSÃO IMPLICATIVA INTERPRETAÇÃO COMPREENSIVA COMPREENSÃO INTERPRETATIVA.....	37
6. COMPREENSÃO E PERCEPÇÃO. <i>A apuração implicativa gestaltificativa, e a decepção purificativa, putativa.</i>	80
7. ERRÂNCIA INSISTENCIAL NA EPISTEMOLÓGICA FENOMENOLOGICO EXISTENCIAL GESTALTIFICATIVA <i>Ética e performática do erro, da errância, na perfeição, no perfazimento, da experiência, e da metodologia fenomenológica existenciais gestaltificativas.</i>	88
8. PERSPECTIVIZAÇÕES ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLOGICO EXISTENCIAL 3	113
PERSPECTIVAÇÃO EM NIETZSCHE.....	113
<i>A Experimentação no Estilo Afirmativo Experimental de uma Vida Que Experimenta.</i>	113
9. GESTALTIFICAÇÃO <i>Compreensão e implicação. Ação.</i>	142
10. GESTALTIFICAÇÃO E PERFEIÇÃO.....	162
11. IMPLICAÇÃO, IMPLEXAÇÃO <i>Fenomenológica da Implicação, da performance, e da perplexidade. Fenomenológica da ação. Da gestaltificação.</i>	167
12. INIMPUTABILIDADES DA AÇÃO E DO SENTIDO, FENOMENAÇÃO, FENOMENOLOGIA. 1.....	189
13. O PRÉ DIALÓGICO	196

1. AVENTURA DE EXISTIR

À ventura da sugestão do *vento*

Afonso Fonseca, psicólogo.

Os Gregos pensaram o impulsionamento inerente à vivência da sensibilidade -- a pressão da ex-pressão, da tensionalidade da vivência fenomenológica, fenomenativa, da ação, vivência do desdobramento cognitivo de possibilidades, que se constituem compreensivamente -- como o impulsionamento por um vento.

Presença naturalmente muito consistente na cultura grega. O vento.

Por ser um povo marítimo, em grande parte navegante, e insular.

Em particular a presença do *Vento Estésio*...

Que era a moção, a *comoção*, que, numa certa época do ano, impulsionava as velas dos navios a, à ventura. A fazerem-se ao mar.

O modo fenomenológico existencial de sermos da ação, o modo fenomenológico existencial de sermos, é eminentemente, própria e especificamente, um impulsionamento. É vivência de forças, as **possibilidades**. Que, na vivência pontual da implicação, desdobram-se gestaltificativamente, como ação. Força, tensão, intensão, intensionalidade, insistência. Impulsionamento, entendido em analogia ao vento estésio. Que impulsiona as velas dos navios.

De um tal modo um impulsionamento, o modo fenomenológico insintensial de sermos, que, analogamente ao vento, os Gregos deram-lhe o nome de **estesia**. Impulsionamento, pulsão, im-pulsão, ex-pulsão. Das possibilidades.

Constituindo propriamente como **estética** o ethos, a *habitação*, da *estesia*. A momentaneidade instantânea da habitação, o *ethos*, a ética, deste modo estésico de sermos. **A estética**.

Propriamente, assim, na propriedade de sua vivência, o ethos da estesia, a est-ética, é, assim, uma *ventura*. À *ventura*.

Uma vivência à ventura da força impulsionativa, da pulsão, do possível. Da pulsão, impulsionamento, da possibilidade, como o vento. **Eventualmente** até como *vento ventania*.

A ação, assim, como vivência fenomenológica gestaltificativa da momentaneidade instantânea da ventura do possível, como *ventura* do desdobramento de possibilidades, é uma aventura. Um modo *experimental* de sermos à ventura. À *ventura* do impulsionamento, e da incerteza, do possível. Do impulsionamento e da incerteza do desdobramento de possibilidades.

É a momentaneidade instantânea, e sempre recorrente, do modo de sermos do ator.

Que, em específico, não é o modo de sermos do sujeito -- sub-jato, e o ob-jato, que se lhe defronta. O modo de sermos do ator é, própria e especificamente, o modo de sermos do jato propriamente dito. Do jeto, pro-jeto, como desdobramento de forças. Que é a vivência da estética da ação, em sua momentaneidade instantânea.

Momentaneidade instantânea que sempre se esvai em sua vivência. Que sempre se esvai, *decai*, no decaimento das forças de seu pulso. De um modo tal que se instala em seu término, encistando-se como coisa, instalação coisificativa: o modo propriamente acontecido de sermos.

Mas, enquanto acontecer, a vivência da ação é projeto, é jeto.

Não é coisa, não é instalação coisificativa, não é *ente*, não é acontecido, não é passado. Em sua momentaneidade instantânea e processual, a ação, o acontecer, é, especificamente, *presente*.

O presente, o modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos da ação. A ontológica fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva, e implicativa, gestaltificativa, do presente. Da ação, da vivência. Em específico, a vivência da *possibilidade*, do desdobramento da possibilidade, *atualização, ação, interpretação* (fenomenológica), *disegno, design, perspectiva, perspectivação, jeto, projeto...*

Com características e conseqüências muito próprias.

Talvez a mais radical delas... Não é da ordem do modo de sermos da realidade.

Porque o modo de sermos da realidade é o modo de sermos, do sujeito, e dos objetos, da instalação coisificativa. O modo acontecido de sermos. Modo de sermos no qual, relativamente desativada, a possibilidade jaz inativada, relativamente inerte, instalada na intimidade da coisa, do *ente*.

Quando a possibilidade -- em sequência, conseqüência, ao seu desdobramento como ação -- quando a possibilidade instala-se coisificativamente, a consciência deixa de ser a consciência do ator, consciência da ação, *inspeção*, e se constitui como consciência do sujeito que contempla objetos com os quais se confronta. *Espectador, expectativa, expectativa...*

Em sua consciência subjetiva, o sujeito se volta, se flete, flexiva, reflexivamente, sobre objetos. Contemplando objetos. E esta é a epistemológica (*lógica?*) teórica. Explicativa, que não é implicação.

O sujeito é espectador de objetos.

O ator, no modo de sermos da ação, não é um espectador, não é um *expectador*; mas um inspetador.

O modo de sermos do sujeito e dos objetos é reflexivo. Porque, enquanto instalação coisificativa, é o modo de sermos no qual se constituem, se distinguem, e se dicotomizam, sujeito e objetos. E o sujeito se flete, contemplativamente por sobre objetos.

Pré-reflexivo, o modo de sermos do ator, da ação, fenomenação, fenomenologia, não se estrutura em sujeito e objetos, e sua consciência não se constitui reflexivamente como a consciência de sujeitos que contemplativamente se fletem e refletem por sobre objetos.

A consciência do modo de sermos da ação, do ator, é pré-reflexiva. Vivência pré-reflexiva do desdobramento de possibilidades. Possibilidades que se constituem como compreensão. *Perspectiva, perspectivação. Inspectativa, inspeção. Ao invés de expectativa, expectativa. O ator é um inspetador, inspetador. Na medida em que vivencia, como consciência pré-reflexiva imediata, a perspectiva do desdobramento de possibilidades -- que,*

fenomenologicamente, se constitui compreensivamente. A perspectiva, perspectivação, da ação. Como constituição em compreensão fenomenológica do desdobramento da momentaneidade instantânea da ação.

No âmbito de suas características expressivas, a vivência do *projeto*, *projetação*, *perspectivação*, da ação tem características e condições muito particulares.

Por não ser acontecido, mas acontecer, por não ser passado, mas especificamente o presente da dramática da atualização de possibilidades, da dramática da ação, a vivência do desdobramento da ação não é reflexiva. Não é dicotomia sujeito-objeto, não teórica. Ainda que ética, não é moral, muito menos moralista.

A vivência do desdobramento da ação é desproposita.

Não é da esfera do modo de sermos das causas e dos efeitos, da causalidade.

A vivência da ação não é da esfera da utilidade. Não é da ordem pragmática do modo de sermos dos úteis, dos usos, da utilidade.

Não é da esfera do modo de sermos da realidade. Uma vez que a realidade se constitui como o modo acontecido de sermos. E a vivência do desdobramento da ação configura-se como em sendo o próprio modo de sermos do acontecer.

Na medida em que, em seus desdobramentos, as possibilidades se constituem como logos, como sentido, o desdobramento da ação é *lógico*, *ontológico*. A vivência de *logos*, de sentido, que caracteriza distintamente a vivência deste ser, ôntico, que é o ser humano.

O ser ontológico por excelência.

Ôntico e ontológico.

O sentido que se constitui como vivência ontológica é fenomenológico. Na medida em que por si se dispõe. E é dialógico. Na medida em que, pré-reflexivo, se constitui na esfera de produção de possibilidades, e de sentido, da relação de si com uma alteridade. Alteridade esta que, enquanto acontecer, desdobramento de possibilidades, ação, atualização, é da ordem do acontecer. E não da ordem da instalação coisificativa do acontecido...

Ex-pressiva, ex-pulsiva, a ação é a vivência de um pulso. Um pulso, uma sístole, compreensiva, no decurso de sua duração, do desdobramento de possibilidades. A ação é *in-sístole-tensia-entia*. A ação é *insistencial*. *Fenomenológico insistencial*.

Fenomenológico existencial, diríamos. Se quiséssemos utilizar uma terminologia ambígua.

Ocorre que o termo *existência* designa, de um modo ambíguo, e equívoco, os modos de sermos do acontecer, e do acontecido. (v. *Insistencia*). Melhor seria se os designássemos por *insistência* e *existência*.

Fenomenológico *insistencial* é a *sístole* da ação. A vivência da duração da momentaneidade instantânea da ação é *insistencial*. É *tensional*, é *intensional*, é *intencionalidade*.

A experiência do modo acontecido de sermos é *extensionalidade*. É *extensional*.

Assim, ontológica, fenomenológico insistencial, é a vivência da dramática da momentaneidade instantânea da ação.

Da mesma forma que *implicativa*, e, na implicação, compreensiva.

Constituindo-se gestaltifictivamente, na implicação e na compreensão, como vivência dos processos de formação de figura e fundo do desdobramento da momentaneidade instantânea da ação. E da formação das coisas... Do passado. Do acontecido...

De modo que a vivência experiencial, a experiência e a experimentação, do vento estético, da expressão, do desdobramento de possibilidades, como processo formativo da vivência ontológica, fenomenológico insintensial, de formação de figura e fundo, e de formação das coisas, atua nessas condições da vivência ontológica fenomenológico insintensial. É vivência pré-reflexiva, inspectativa, do ator, da ação. E nunca a experiência expectativa do sujeito. É vivência de forças que se desdobram no modo não causal, e desproposital, de sermos. É vivência experimental que não se serve da, nem serve à utilidade. Vivência do desdobramento de possibilidade, o modo de sermos do acontecer, não da ordem do modo de sermos da realidade. Que se constitui como o modo acontecido de sermos...

Não obstante, as possibilidades – vivenciadas no modo fenomenológico de sermos do acontecer -- são forças. Eminentemente criativas, eminentemente formativas. *Vento, ventura*; eventualmente *vento ventania*...

De modo que, no modo de sermos pré-reflexivo, não teórico, e não moralista; não causal, desproposital; não útil, não prático; não real... O vento do possível, o desdobramento das possibilidades, campeia, desdobrando as suas forças.

O direcionamento do processo vivencial do desdobramento de suas forças é seguro. Na medida em que as forças de suas dominâncias constituem-se e reconstituem-se formativa, criativamente, na competição e na argumentação lógica, intensional, da multiplicidade implicativa de suas possibilidades.

O que, perene, não se extingue é a sua onipresente incerteza. Incerteza que é quase sinônimo de presença e de atualidade. Na medida em que a multiplicidade da implicação, e a alteridade das forças das possibilidades, na dialógica da interação, preservam-se sempre intactas, e perenemente recriativas. Recriativas.

À ventura do possível. Sempre ativo. Superativo sempre.

2. O CRIAR E A PLASTICIDADE DO PASSADO

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo*.

*Laboratório de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial. Maceió, AL. Brasil.
affons@uol.com.br <http://www.geocities.com/eksistencia/>

¹ NIETZSCHE, Fredrich - **Assim Falou Zaratustra**, Mira-Sintra, Europa-América, 1978. p.196.

² op. cit. p137.

³ op. cit. p.118.

Poeta, advinho e redentor do acaso, ensinei-lhes a trabalhar o futuro e, criando, a libertar tudo o que já foi.

Libertar o passado no homem e transformar o 'era' até que a vontade possa dizer: 'Mas foi assim que eu quis! É assim que eu quero!'

Foi isto que eu chamei a sua salvação, isto só que eu lhes ensinei a chamar salvação¹.

O presente e o passado na terra -- meus amigos! Eis para mim, a coisa mais intolerável; e eu não conseguiria viver se não fosse ao mesmo tempo um vidente do que deve fatalmente acontecer.

Um vidente, uma vontade, um criador, um futuro e uma ponte para o futuro... e -- oh!, sorte! -- de certo modo também um doente que se encontra nesta ponte.

'Caminho entre os homens como entre fragmentos de futuro, desse futuro que contemplo. E tudo o que faço e me proponho a fazer destina-se a realizar e a reunir numa única coisa o que está fragmentado e tudo o que é enigma e acaso cruel.

E como aceitaria eu ser homem, se o homem não fosse também poeta e decifrador de enigmas e o redentor do acaso!

Libertar os homens passados e transformar todos os 'Aconteceu' em 'Foi assim que eu quis' -- eis o que, antes de qualquer coisa chamo redenção².

Pelos meus filhos quero resgatar o facto de eu ser o filho de meus pais: e por todo o futuro -- este presente!³

Um dos aspectos mais curiosamente interessantes da filosofia da vida de F. Nietzsche é, em contraste com a perspectiva do senso comum, o desvelamento de uma perspectiva, e a ênfase em uma perspectiva, perspectiva muito realista do *real*, segundo a qual o passado é eminentemente *plástico*.

Decorrente da criatividade inerente a uma atitude de identificação com, e de afirmação, do ser, da vida, em sua totalidade -- o que envolve a aceitação e a afirmação do acaso, do sofrimento e da finitude -- a *plasticidade do passado* configura-se como uma relativização e transform-ação de seus sentidos, de seus valores, e de seus efeitos. A criatividade da ação afirmativa desloca, assim, os sentidos e efeitos, e valores do passado, e constitui-se como trânsito do devir.

Não se trataria, evidentemente, do simplorismo ingênuo de afirmar que os fatos efetivos não aconteceram. Mas fundamental e profundamente a compreensão conseqüente de que a facticidade dos fatos configura-se, na verdade, em sua efetividade, nos *sentido* e *valores* deles, e nos seus *efeitos*. E estes, por mais pesados e impositivos, são, efetivamente, plásticos, e submetem-se à atualidade. Em especial, à modalidade afirmativa-criativa desta.

Uma das ousadias, assim, da Filosofia da Vida de F. Nietzsche é exatamente, num certo sentido, a de propor nada menos que um modo de ser dedicado à reinvenção do passado, e a uma libertação da tirania do peso de sua inércia.

Contrapõe-se esta perspectiva à pesada e dolorosa perspectiva do sofrimento, da finitude e da perda, tragicamente exposta, por exemplo, na citação de Hilda Hilst, em seu poema fúnebre para o amado Lorca:

(...)

Muitos dizem: 'mas está vivo, não vês? Está vivo!

Se todos o celebram, se todos o cantam!?' (...)

Estás morto!

Sabes porquê?

'El pasado se pone su coraza de hierro,

Y tapa sus oídos com el algodón del viento

Nunca se podera arrancarsele un secreto. *

(...)

No seu todo, o poema expressa de um modo forte a perspectiva trágica diante da catástrofe. Neste seu trecho, não obstante, ele expressa todo o peso monolítico e desesperante do factual, do passado constituído.

O segredo do passado, não obstante, que a perspectiva de Zaratustra vem a nos mostrar, não *bate*, como é próprio da diversidade das perspectivas, com a pesada sabedoria que o verso revela. O segredo de Zaratustra é o de que o passado está aberto, é o de que ele não se encerrou, é o de que os seus segredos são, mesmo assim, apesar de tudo, infinitos e eternos, e multiplicam-se infinita e eternamente, enquanto estamos vivos.

Se é verdade que ele adquiriu as características de um túmulo, é também verdade que ele é perfeitamente violável, devassável. É verdade, em particular, que ele pode ser, ainda agora, feito e refeito, à medida da criação decorrente da força criativa de uma existência afirmativa. É verdade que ele se metamorfoseia, ainda, sob o influxo da vontade criativa, sob o influxo da força criativa da vontade afirmada.

O ACASO E A PLASTICIDADE DO PASSADO. *Trabalhar o futuro e, criando, libertar tudo que já foi.*

Quem quer que leve a vida a sério, e jogue o seu jogo e brinque a sua brincadeira, carece, naturalmente, de assumidamente confrontar-se com o acaso, com o dado, com que não foi por si próprio constituído, mas que configura-se como uma imposição de sua realidade existencial. Carece, naturalmente, de confrontar-se com o *foi*, com o *acontecido*.

E o tema do *acaso*, do *foi*, do *aconteceu*, é um tema nobre e crucial da Filosofia da Vida de Nietzsche.

Assim é, exatamente, pelo fato de que o *foi*, o *aconteceu*, o dado, numa palavra: o acaso, é um incontornável e fundamental elemento de nossa condição.

Nietzsche é um afirmador, um afirmador da totalidade da vida. E isto é especialmente verdadeiro com relação ao acaso. Com relação ao acaso, ele não poderia ter uma outra atitude que não fosse uma atitude de aceitação e de afirmação, a afirmação da afirmação. É inevitável o acaso, e, na verdade, ele é elemento da riqueza do real, constituinte nobre de suas possibilidades.

*Um pouco de sabedoria é bem possível: mas encontrei em todas as coisas esta certeza feliz: é que elas gostam ainda mais de dançar com os pés do acaso!*⁴

⁴ op. cit p.162.

⁵ op. cit. 161.

⁶ op. cit. 171.

Em verdade abençoção e não blasfemo quando ensino: 'Acima de todas as coisas há o céu do acaso, o céu da inocência, o céu do mais ou menos, o céu da exuberância.'

'Por acaso' -- é a mais antiga nobreza do mundo, doei-a a todas as coisas, libertei-as da escravidão do fim.

Esta liberdade e esta alegria do céu coloquei-as como uma campânula azul sobre todas as coisas, ensinando que acima delas e através delas nenhuma 'vontade eterna' -- afirmava a sua vontade⁵.

(...) a minha palavra é: 'Deixai vir a mim o acaso: ele é inocente como uma criança⁶.

De modo que é, assim, inconfundível em Nietzsche a atitude receptiva e afirmativa do acaso.

Mas, não nos enganemos, não há possibilidade de engano: a aceitação, o reconhecimento, a consideração, a afirmação, do acaso, por parte de Nietzsche -- radicais como são -- não o levam, de modo algum, à possibilidade de uma submissão a ele.

A submissão ao acaso, seria mais própria da *Mula*, do *Camelo*, primeiro momento das metamorfoses do *Zaratustra*. Encarnações do *pré-além do homem* (o *Artista*, a *Criança*), encarnações do *homem superior*, companheiro de *Zaratustra* -- que ainda gravita entre a subida para o *além do homem* e a queda no despenhadeiro em direção ao desesperado *homem*, o pesado e pouco criativo homem da Modernidade.

É próprio da *Mula*, o burro, o camelo, deixar-se carregar com os fardos, e fardos dados; e, resignado, caminhar para o deserto. É próprio deste pesado tipo de *homem superior*, que, moralista, não cria, que ainda não assumiu a *atitude afirmativa da vontade* -- atitude característica do *além do homem* nietzscheano --, carregar-se com os valores dados, carregar-se com as realidades dadas, carregar-se com o *foi*, com o *aconteceu*, com o *por acaso*; e, resignadamente, contentemente, caminhar para a vastidão insossa, para o deserto, de uma vida carente de criação, de vigor e de alegria. Assumir e carregar os fardos e os fardos da realidade, dos valores

dados, paralisia da vontade e da criação, paralisia da vida, vitimização pelo passado.

O *Leão*, segunda figura da metamorfose do *Zaratustra*, coloca os homens superiores (a mula incluída) em polvorosa, um dia, quando estes com ele eventualmente se encontram, à porta da *caverna de Zaratustra*.

Vigoroso e ativo, o *Leão* é, não obstante, ainda demasiado feroz e impulsivo. Ama-o *Zaratustra*. Não obstante, quer ainda mais uma metamorfose, além da que vai da *Mula* ao *Leão*... Além da metamorfose que vai da *Mula* ao *Leão*, *Zaratustra* quer a metamorfose que conduz à *Criança*, ou seja, ao *Artista*. E aí está aquele que pode comentar: *O passo de cada um revela se ele se encontra já no seu próprio caminho. Vede-me, portanto, caminhar! Mas aquele que se aproxima do seu fim... esse dança.*

E, na verdade, não me transformei em estátua, ainda não estou entorpecido, pesado, petrificado, colocado como se fosse uma coluna; gosto da corrida veloz.

E, ainda que na terra haja pântanos e uma profunda tristeza, aquele que tem os pés leves corre por cima da lama e dança como sobre gelo polido.

Corações ao alto, meus irmãos, ao alto, ainda mais alto! E não esqueçais as pernas! Levantai as pernas, bons dançarinos, e, melhor, ainda: sabeis aguentar-vos sobre a cabeça!

(...)

Mais vale ainda ser louco de felicidade do que louco de infelicidade, mais vale dançar pesadamente do que arrastar a perna. Aprendeis, portanto, comigo, a minha sabedoria: mesmo a pior das coisas tem dois lados bons.

Mesmo a pior das coisas tem boas pernas para dançar: aprendei, portanto, vós próprios, homens superiores, a manter-vos direitos sobre as vossas pernas!

Esquecei, portanto, a melancolia e toda a tristeza da gentalha!⁷

⁷ op. cit. pp294-5.

⁸ op. cit. p. 209.

E que por nós seja considerado perdido o dia em que não dançamos! E que por nós seja considerada falsa a verdade que não é acompanhada por uma risada!⁸

Nietzsche é, assim, inconfundível, desta forma, com relação ao acaso. Não nega a sua nobreza, a sua inevitabilidade, não o nega. Na verdade acolhe-o radicalmente, e afirma-o.

Mas, igualmente, não se nega, não faz concessões, nem tergiversa enquanto senhor do acaso. Que venha, sinceramente bem vindo, o acaso. Mas não será senhor. Será, antes, alimento da vontade e do futuro. A vontade, afirmada, é a senhora do acaso. É a afirmação da vontade que permite a transformação e a redenção do acaso, o resgate do passado, e a criação do futuro, a trans-form-ação do passado. E é assim que pode, em sua audácia, Zaratustra dizer (*Fazei o que quiseres, mas sede, antes, daqueles que podem querer...*):

Sou Zaratustra o ímpio: e também cozinheiro na minha marmitta todos os acasos. E, somente quando o acaso está bem cozinhado, eu o acolho de bom grado e ele se torna meu alimento.

E, realmente, muitos acasos vieram ao meu encontro como senhores: mas minha vontade falou-lhes mais imperiosamente ainda -- e punham-se de joelhos suplicando-me:

*- Suplicavam-me que lhes desse asilo e conforto dentro de mim e dirigiam-me palavras de elogio: 'Vê, Zaratustra, só o amigo vem ver o amigo!'*⁹

⁹ op. cit. p. 167.

¹⁰ op. cit. p. 196.

... toda a minha arte, e a finalidade de todas as minhas pesquisas: condensar e reunir num o que no homem é fragmento e enigma e terrível acaso.

Poeta, adivinho, e redentor do acaso, ensinei-lhes a trabalhar o futuro e, criando, a libertar tudo o que já foi.

Libertar o passado no homem, e transformar o 'era', até que a vontade possa dizer: 'Mas foi assim que eu quis! É assim que eu quero!'

*Foi isto que eu chamei a sua salvação, isto só que eu lhes ensinei a chamar salvação.*¹⁰

...tudo o que faço, e me proponho a fazer, destina-se a realizar e a reunir numa única coisa o que está fragmentado, e tudo o que é enigma e acaso cruel.

E como aceitaria eu ser homem, se o homem não fosse também poeta e decifrador de enigmas e o redentor do acaso!

*Libertar os homens passados e transformar todos os 'Aconteceu' em 'Foi assim que eu quis' -- eis o que, antes de qualquer coisa, chamo redenção.*¹¹

¹¹ op. cit. p. 137.

¹² ibid.

¹³ op. cit. p.167.

¹⁴ DELEUZE, Gilles - *Nietzsche e a Filosofia*, Rio, Ed. Rio, 1975.

VONTADE. *Querer liberta, porque querer é criar*

*Vontade -- assim se chama o libertador e o mensageiro da alegria*¹². (op. cit. p137)

Grande anfitriã e trans-formadora do acaso, a *vontade* (força existencial), não obstante, lhe é soberana,

*E, realmente, muitos acasos vieram ao meu encontro, como senhores: mas minha vontade falou-lhes mais imperiosamente ainda (...)*¹³.

Para Nietzsche, todo o ser, todos os seres, coisas, pessoas, vivências, situações, compõem-se de forças, vontades, vontade. Forças ativas, forças reativas, segundo Deleuze¹⁴. Vontade de potência.

Vontade de potência que pode assumir a sua forma de auto-negação e vingança, como *niilismo*, vontade de *nada*, vontade *negativa* de potência.

Mas que, nas suas formas ativas, é vontade afirmativa de potência, força criativa, que conquista, que e-labora, inventa, constrói, futuriza-se, devir.

Na sua forma negativa, niilista, a vontade configura-se, no limite, como uma *loucura vingativa*. Não pode querer-se a si mesma, desfrutar-se, não pode valorizar-se, e abonar-se a si mesma e a sua potência. Porque é auto-negação.

Para valorizar-se e abonar-se, necessita constituir continuamente o outro, particularmente o forte, como *mau*: de modo que, por comparação com este outro constituído como *mau*, possa entender-se como *boa*. Constitui-se desta forma, a vontade, como *ressentimento*; niilista, conseqüência da impotência para afirmar-se diante dos efeitos e sentidos do passado. Impotente para criar. Constitui-se particularmente como vingança, vingatividade insaciável, na medida em que, para abonar-se, necessita constituir algo, alguém, como *mau*. E, evidentemente, buscar destruí-lo.

Num segundo momento, esta forma da vontade se volta, enquanto tal, *contra o próprio ressentido*. Constituindo-o, a ele próprio agora, como objeto específico de sua vingatividade, vingatividade agora retrofletida: *mau*: agora ele próprio o culpado e a *culpa*.

Niilista, ao ressentimento só sobra a vingatividade característica da necessidade do seu modo de ser. E o azedume e o peso da vontade incapaz de criar e libertar-se. Zaratustra comentará a este respeito com os *homens superiores*:

Vontade -- assim se chama o libertador e o mensageiro da alegria: foi isso que vos ensinei, meus amigos! Mas agora aprendei também: a vontade, ela própria, ainda é prisioneira.

'O querer liberta: mas como chamar o que mantém o próprio libertador acorrentado?

'Aconteceu': tal é o nome do ranger de dentes da vontade e da sua mais solitária tristeza. Impotente relativamente a tudo que está feito -- a vontade é muito mau público para todo o passado.

A vontade não pode querer voltar atrás: ela não pode quebrar o tempo e o desejo do tempo -- e isto é a sua tristeza mais solitária.

O querer liberta: que imagina a vontade para se libertar da sua tristeza e desprezar o seu cárcere?

Oh!, todo prisioneiro se torna louco! A vontade prisioneira liberta-se também pela loucura!

E a sua raiva é que o tempo não volta atrás; 'Aconteceu', assim se chama a pedra que ela não pode deslocar.

E, por raiva e por despeito, levanta pedras e vinga-se naquele que não experimenta como ela raiva e despeito.

Deste modo a vontade que liberta torna-se malfetora: e vinga-se em tudo o que pode sofrer, pelo facto de não poder voltar atrás.

Isto, e somente isto, é a própria vingança: a antipatia da vontade a respeito do tempo e do seu 'Aconteceu'.

Na verdade, a nossa vontade é habitada por uma grande loucura; e para maldição de tudo o que é humano, esta loucura aprendeu a ser espírito.

O espírito de vingança: foi este, meus amigos, até ao presente, o melhor pensamento do homem; e onde quer que tenha havido sofrimento sempre se tornou necessário um castigo.

'Castigo', na realidade é o próprio nome da vingança: simula uma boa consciência com uma palavra mentirosa.

E como há sofrimento naquele que quer, porque não pode querer voltar atrás, a própria vontade e toda a vida deveriam ser -- um castigo!

E eis que as nuvens se acumularam sobre o espírito: até que finalmente a loucura proclama: 'Tudo morre porque tudo é digno de morrer!'

E esta lei que quer que o tempo devore os seus filhos é a própria justiça: assim proclamou a loucura.

'As coisas estão ordenadas moralmente segundo o direito e o castigo. Oh!, onde está a libertação do curso das coisas e do castigo da existência?' -- assim proclamou a loucura.

'Poderá haver uma libertação se há um direito eterno? Oh!, ninguém pode levantar a pedra do que aconteceu; e todos os castigos devem ser eternos!' -- assim proclamou a loucura.

Nenhum acto pode ser destruído; como poderia o castigo anulá-lo? Isto, isto é o que há de eterno no castigo da 'existência'; que a existência tenha que continuar eternamente a ser acto e falta!

A menos que a vontade acabe por se libertar a si própria e se transforme em não-querer; mas vós conheceis, meus irmãos, a fábula da loucura!

Zaratustra reitera, a seguir, os seus segredos e os seus caminhos na afirmação da vontade. E reitera a sua crítica a uma cultura ainda prisioneira da vontade negativa: do ressentimento e da culpa, do niilismo. Eu vos levei para longe dessas fábulas ao ensinar-vos: 'o querer é um criador'.

Todo o 'Aconteceu' é um fragmento, um enigma, um terrível efeito do acaso -- até ao momento em que a vontade criadora acrescenta: 'Mas foi assim que eu quis!'

Até ao momento em que a vontade criadora acrescenta: 'Mas é assim que eu quero! Assim que hei-de querer!'

Mas alguma vez falou assim? Quando o fará? A vontade deixa de estar atrelada a sua própria loucura?

Tornou-se já a vontade o seu próprio redentor e mensageiro da alegria? Esqueceu ela o espírito de vingança e todo o ranger de dentes?

E quem lhe ensinou a reconciliação com o tempo e alguma coisa de maior que qualquer reconciliação?

A vontade que é vontade de poder deve querer alguma coisa de maior que todas as reconciliações: mas como o irá fazer? Quem lhe ensinou a querer restabelecer o passado?¹⁵

¹⁵ NIETZSCHE, F. op. cit. pp.137-9.

Na sua forma criadora, livre de sua loucura vingativa e auto negativa, a vontade afirmada, a afirmação afirmada, é passagem para o futuro, é trans-form-ação do passado. É o *querer* que liberta. Senhora do acaso, que pode recebê-lo, afirmá-lo e metabolizá-lo, no engendramento criativo e efetivo do futuro. Que pode não só engendrar este futuro, com a digestão do acaso e dos valores, sentidos e efeitos do passado. Mas re-engendrar, re-generar, o passado, conferindo-lhe outros valores, outros sentidos e outros

efeitos. Valores, sentidos e efeitos agora feitos e afeitos à força da vontade em sua afirmação.

De modo que o grande segredo da plasticidade do passado é a afirmação da vontade, a afirmação da força de ser, o *tornar-se o que se é, re-tornar*, e tornar o mundo. É a possibilidade de engendramento de novos valores, de novos sentidos e de novos efeitos do passado, a possibilidade de engendramento do futuro, a possibilidade de criação, e de engendramento dos filhos próprios desta criação, tendo como matéria prima a potência de devir, o acaso e os consagrados valores, sentidos e efeitos do passado.

Todos os sentimentos em mim sofrem e estão prisioneiros: mas a minha vontade aparece sempre como libertadora e mensageira da alegria.

Querer liberta: tal é a verdadeira doutrina do querer e da liberdade (...)

*Não mais querer, não mais julgar e não mais criar. Ah!, que esta imensa fadiga fique sempre longe de mim*¹⁶.

¹⁶ op. cit. p.82.

¹⁷ ibid..

¹⁸ op. cit. p.205.

O próprio conhecimento submete-se aos influxos da vontade e configura-se como uma super abundância de forças, expressão de uma *virtude que dá*:

*No próprio conhecimento, o que sinto não é ainda senão a alegria de minha vontade a gerar e a crescer; e, se há inocência no meu conhecimento, é porque há nele a vontade de gerar*¹⁷.

Querer liberta: porque querer é criar: é isto o que eu ensino. E não deveis aprender senão para criar!

*E é unicamente de mim que deveis aprender a aprender, a bem aprender! -- Quem tem ouvidos, ouça!*¹⁸

SÓ AMAR O PAÍS DOS PRÓPRIOS FILHOS

Deste modo só amo o país dos meus filhos, a terra desconhecida no mar mais longínquo: é ela que eu mando procurar à minha vela.

*Pelos meus filhos quero resgatar o facto de eu ser o filho de meus pais: e por todo o futuro -- este presente!*¹⁹

¹⁹ op. cit. p.118.

²⁰ op. cit. p.126.

²¹ op. cit. pp.201-2.

A vontade afirmada é movimento de devir ativo, de vir a ser. A vontade afirmada é anseio do movimento de si mesma em sua criação

Em sendo assim, na afirmação da vontade, da força do ser/devir, não se vive em seu próprio lugar, não se vive *no país de seus próprios pais*, não se vive em *seu próprio país*. Na afirmação da vontade, afirmação da vida, está-se sempre e sempre a caminho do *país de seus próprios filhos*.

Vive-se em movimento no sentido dos sentidos do lugar e do tempo de suas próprias criações; de vontade, acaso e passado inventadas.

*Sou de hoje e de ontem (...), mas há em mim alguma coisa que é de amanhã e de depois de amanhã e dos dias futuros*²⁰.

Ó meus irmãos, consagro-vos e destino-vos para um nova nobreza: para mim sereis os progenitores, os semeadores do futuro, na verdade não vos destino uma nobreza que possais comprar como os comerciantes fazem com o seu ouro de comerciantes: porque o que tem o seu preço tem pouco valor!

Daqui para o futuro o que para vós há de constituir motivo de honra não será a vossa origem, mas o vosso fim! A vossa vontade e os vossos passos que vos ultrapassam a vós próprios -- que isso seja a vossa nova honra!

(...)

Ó meus irmãos, a vossa nobreza não deve olhar para trás, mas para fora! Deveis ser exilados longe das vossas pátrias e dos países de vossos antepassados!

Deveis amar o país de vossos filhos: este amor será a vossa nobreza -- ilha inexplorada no mais longínquo dos mares! Procurá-la e continuar a procurá-la é o que ordeno a vossas velas!

*Pelos vossos filhos repareis o erro de serdes os filhos de vossos pais: será desse modo que salvareis todo o passado! Ponho por cima de vós esta nova tábua*²¹.

O segredo do *Além-do-Homem* Nietzscheano, o erroneamente entendido *Super-Homem*, é, precisamente, esta *vida no movimento a caminho do país dos próprios filhos*, propiciada pelo modo de ser de uma existência afirmativa-criativa.

Curiosamente, além do contínuo deslocamento do passado, a vivência na afirmação da vontade é movimento profundamente motivado e alegre, a alegria da criação, em direção ao futuro.

PERECIBILIDADE, SOFRIMENTO E CRIAÇÃO

(Dedicado a Deleuze, pela criação da sua vida e pela irressignada criação e coragem de sua morte. E em desagravo pelos mal-entendidos).

Precibilidade, superação e sofrimento são temas caros à Filosofia da Vida de Nietzsche, e a suas considerações sobre a criação e a metamorfose do passado.

Justamente porque a vida, a possibilidade da afirmação, configuram-se no âmbito do perecível. A afirmação e a superação, inerentes à criação, são a própria configuração do perecível. Precisamente na configuração da precibilidade configura-se o a força do possível, e a afirmação da vontade, a possibilidade de criação, e de vida, vale dizer. A possibilidade da superação criativa, e do retorno da vontade.

*E a própria vida me confiou este segredo: 'Olha', disse-me ela, 'sou o que sempre se deve ultrapassar-se a si próprio.'*²²

²² op. cit. p.112.

²³ ibid.

A força da vida manifesta-se em todos os seus aspectos, assim, não exatamente como força de conservação e de adaptação, mas, mais precisamente, como força de auto-superação, vontade de potência, devir e criação, geração.

*Unicamente onde se encontra a vida se encontra também a vontade: não a vontade de vida, mas -- este é o meu ensinamento -- a vontade de poder*²³.

Deste modo, pois, são inevitáveis, no contínuo processo de auto-superação da vida, a finitude e o sofrimento. E, como tal, a força que se

manifesta também como força, vontade, na finitude e no sofrimento, especificamente como a vontade própria, força, da finitude e do sofrimento, que são inerentes aos momentos vitais e aos ciclos da superação.

Não obstante, não propriamente como melancolia, mas como momento de devir afirmativo.

Porque é perecível, e ama o perecível, afirma o que é perecível e a perecibilidade, e na perecibilidade encontra a eternidade -- que venera --, a vida é, assim, afirmação igualmente intensa, em seu momento próprio, da perecibilidade, da finitude e do sofrimento.

Afirmção da afirmação, a Filosofia da Vida de Nietzsche, afirmando sempre a vida, o ser-devir em sua totalidade, afirma-a igualmente quando ela é sofrimento e finitude -- de modo particularmente alegre, porque os entende como movimentos da travessia e da superação.

Esta valorização radical do perecível e da perecibilidade, esta afirmação, alegre mesmo, da força, vontade, da finitude e do sofrimento que impregnam a vida e seus momentos é, exatamente, a valorização radical da vida em sua potência, e como possibilidade de criação e de superação. Como possibilidade, assim, de salvação e de redenção, de superação e de criação. De modo que a afirmação da vida em sua plenitude -- afirmação que, como vimos, desloca o passado e engendra um *país de filhos* -- implica a afirmação do sofrimento e da finitude, a valorização plena de tudo aquilo que na vida é perecível.

Criar -- é a grande libertação da dor e o alívio da vida. Mas, para que exista o criador, é preciso muito sofrimento e muita metamorfose.

Sim, são precisas na nossa vida muitas mortes amargas, ó criadores! Assim vos tornareis os defensores e os justificadores de tudo o que é perecível.

Para que o próprio criador seja a criança que renasce, é preciso que queira ser também a que gera e as próprias dores do parto²⁴.

²⁴ op. cit. p.81.

A criação, na medida em que agiliza o devir, projeta-se sempre e projeta o criador em direção ao futuro. Mas seria inteiramente enganoso pensar que eles vivam no idealismo de um futuro, que vivam no futuro, que vivam de um futuro, que vivam, em particular, para um futuro. A única e contínua tarefa que os desafia, e a que se dão e se dedicam, é a da *conquista do presente**. O presente da afirmação de ser a vida, o vivido que afirma-se em si, de *tornar-se o que se é*, tornando-se o que se pode.

É aí, na afirmação da potência, que é a afirmação da atualidade de ser/devir, e na afirmação da superação, da finitude e do sofrimento, que Zaratustra vai encontrar a redenção, a salvação. Que vai encontrar -- definitiva e decididamente longe, da melancolia, sobretudo -- a leveza e a dança, o riso, como critérios alegres da exuberância de uma superabundância de forças de vida.

Aproximar-se, pois, da finitude em plenitude, e afirmativamente; aproximar-se da finitude dos momentos, da finitude da existência, da finitude do eu, aproximar-se da finitude de um modo de ser e perspectiva que não integram afirmativamente a finitude, a perecibilidade e o sofrimento, é celebrar a maturidade e a invenção, a superação, que submetem o acaso, e engendram o movimento e a transform-ação, que deslocam e relativizam os sentidos, valores e efeitos do passado.

Todas as coisas boas aproximam-se de seu fim por caminhos tortuosos.

Tal como os gatos, arqueiam o dorso, ronronam interiormente ao pensarem na sua próxima felicidade -- todas as coisas boas riem.

O passo de cada um revela se ele se encontra já no seu próprio caminho. Vede-me, portanto, caminhar! Mas aquele que se aproxima do seu fim... esse dança.

E, na verdade, não me transformei em estátua, ainda não estou entorpecido, pesado, petrificado, colocado como se fosse uma coluna; gosto da corrida veloz.

E, ainda que na terra haja pântanos e uma profunda tristeza, aquele que tem os pés leves corre por cima da lama e dança como sobre gelo polido.

Corações ao alto, meus irmãos, ao alto, ainda mais alto! E não esqueçais as pernas! Levantai as pernas, bons dançarinos, e, melhor, ainda: sabeis aguentar-vos sobre a cabeça."

(...)

Mais vale ainda ser louco de felicidade do que louco de infelicidade, mais vale dançar pesadamente do que arrastar a perna. Aprendei, portanto, comigo, a minha sabedoria: mesmo a pior das coisas tem dois lados bons.

Mesmo a pior das coisas tem boas pernas para dançar: aprendei, portanto, vós próprios, homens superiores, a manter-vos direitos sobre as vossas pernas!

*Esquecei, portanto, a melancolia e toda a tristeza da gentalha!*²⁵

²⁵ op. cit. pp. 294-5.

*(...) E que por nós seja considerado perdido o dia em que não dançamos!
E que por nós seja considerada falsa a verdade que não é acompanhada
por uma risada!*²⁶

²⁶ op. cit. p.209.

²⁷ op. cit. p.235.

²⁸ op. cit. p.71.

Na afirmação -- afirmação do perecível, mesmo da finitude e do sofrimento -- Zaratustra, a filosofia da vida Nietzscheana, vai encontrar, assim, a alegria, a dança, a superabundância de forças de vida, a criação.

Justamente aí, na afirmação da afirmação, que é afirmação da força do vir a ser, Nietzsche vai descobrir uma *virtude* que, caracteristicamente, é uma *virtude que dá*, que é abundância de ser, transbordamento e dádiva gratuita. Que enriquece a todos e a tudo com que entra em contato.

Como que eu falei de oferta! Eu gasto o que me deram, eu, que gasto com mil mãos: como permitiria ainda chamar a isso -- oferta!

(...)

É a minha própria felicidade que eu espalho e disperso ao longe, entre o nascente, o meio dia e o poente, para ver se muitos peixes-homens aprendem a apanhar e a morder a minha felicidade, (...).

Porque eu sou isso em plenitude e desde sempre, puxando, atraindo, levantando e educando, um criador, um domesticador e um director, que não disse para si mesmo em vão: 'torna-te naquele em que tu és!'²⁷.

A mais alta virtude é rara, inútil, esplendorosa e brilha delicadamente: uma virtude que dá é a mais alta das virtudes²⁸.

Zaratustra, caracteristicamente, não se perde do sentido desta virtude e de suas condições, o sentido do corpo, o sentido da terra, sentido este avesso a qualquer além mundo.

- Meus irmãos, permaneçei fiéis à terra com o poder de vossa virtude!

Que o vosso amor que dá e o vosso conhecimento sirvam o sentido da terra! Isso peço-vos e vos conjuro.

Não permitais que a vossa virtude deixe as coisas terrestres e se afaste para os muros eternos! Oh!, houve sempre tanta virtude desencaminhada!

*Tal como eu faço, trouxe de novo para a terra a virtude desencaminhada no seu vôo -- trouxe-a para o corpo e para a vida: para que ela dê à terra o seu sentido, um sentido humano!*²⁹

²⁹ op. cit. p.73.

³⁰ op. cit. p.303.

A ousadia na aceitação da vida e do ser em toda a sua plenitude, uma aceitação e uma afirmação do acaso. Mesmo naquilo que eles têm de difícil e problemático. A ousadia na aceitação e afirmação do sofrimento e finitude inevitáveis.

Nietzsche entende que naturalmente a vida, o homem, estão vocacionados e propensos à afirmação, mesmo diante dos aspectos sombrios da existência. Temos a coragem natural para assumir e afirmar mesmo o ônus de estar vivo, condição da afirmação, da criação, do engendramento do futuro, deslocamento do passado e submissão do acaso.

A covardia e o caráter mofino não são a nossa condição. E Zaratustra faz, assim, um ato de fé:

Porque o medo é a vossa exceção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.

Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem

3. A PERPLEXIDADE COMO MÉTODO

Perplexidade como caminho

Afonso Fonseca, psicólogo.

Ontologicamente, somos criativos.

Basicamente, vivenciamos o possível como experiência ontológica, e criamos a nós mesmos e ao mundo, na no desdobramento da vivência da experiência ontológica da possibilidade.

A experiência ontológica do possível a é a experiência de forças, múltiplas forças sempre. Lógicas, fenomenológicas, ontológicas, dialógicas. Que hierarquicamente competem e argumentam entre si, e coalescem e se organizam, como a vivência da constituição de dominâncias.

Plexos de dominâncias. A implicação.

Dominâncias que, ao se desdobrarem, fenomenologicamente, prevalecem, como a vivência formativa do curso da ação, constituindo-se cognitivamente como a vivência da compreensão e da implicação, como vivência compreensiva e implicativa.

Em específico, a implicação é a estrutura da dinâmica dramática da duração da ação.

É a momentaneidade instantânea desta vivência formativa, compreensiva, do desdobramento de possibilidades.

Como consciência pré-reflexiva, processo figurativo de formação de figura e fundo da ação musculativa e da compreensão, de constituição de dominâncias gestaltificativas resultante das competições e argumentação entre as possibilidades.

A *preensão* cognitiva de seus processamentos e dominâncias figurativas é a compreensão.

A vivência da dinâmica dramática do desdobramento da multiplicidade e da organizatividade formativa das possibilidades, em dominâncias, própria e especificamente cognitiva é, na vivência de sua momentaneidade instantânea, o que entendemos como implicação, e como compreensão, como ação. A nossa vivência ontológica fenomenológico insistencial, e dialógica.

Na formatividade da momentaneidade instantânea da duração desta nossa vivência ontológica, fenomenológico insistencial, especificamente criamos a nós próprios e ao mundo. Como inéditos, como acontecer.

Somos então o *presente*. O acontecer formativo, da fenomenológica da ação, como vivência do desdobramento implicativo e compreensivo de possibilidades.

Mais que criarmos -- na pontualidade da vivência, presente, da duração da fenomenológica ontológica da ação --, nós nos superamos, nós somos superação.

A ação é superação.

Superamos o passado, o acontecido, de nós próprios e do mundo. Na medida em que, presentes, somos o acontecer.

No modo de sermos da implicação, e da compreensão, na compreensão e na implicação, na fenomenológica ontológica da ação, nós nos regeneramos, somos regenerabilidade, regeneração.

Na medida em que somos a vivência contínua da emergência e reemergência de forças, as possibilidades. Que mais uma vez, e sempre, se constituem implicativa e compreensivamente.

Regenerativa a ação, a implicação e a compreensão, enquanto modo de sermos no qual vivenciamos a contínua emergência de forças possíveis, é, por isto, o modo de sermos da produção de nossa saúde. Tanto como saúde existencial, saúde psicológica; e delas como componentes de nossa saúde física.

O modo ontológico de sermos da ação – da implicação, e da compreensão – é, assim, o modo de sermos da criação, da superação, da saúde, e da regeneração. É o ethos, o modo ético de sermos, a ética, da criação, da superação, da regeneração, da saúde.

Como modo de sermos da vivência da ação, da vivência do desdobramento de possibilidades, o modo de sermos da ação, da implicação e da compreensão, é própria e especificamente o modo de sermos da *movimentação*, da *moção*. Existencial, psicológica, e física. Convenhamos que seja a inércia o movimento sem ação...

Como modo de sermos da movimentação, o modo de sermos da ação, modo de sermos da implicação e da compreensão, é assim o modo de sermos da moção.

Enquanto tal é o *motivo* modo de sermos da *motivação*.

E, *motivo*, *emotivo*, *motivação*, é o modo de sermos da *emoção*.

Modo ontológico de sermos, fenomenológico insintensial, e dialógico, é o modo de sermos implicativo e compreensivo. É, assim, o ethos, ética, o modo ético de sermos da moção, da movimentação fenomenológica, ontológica, dialógica; o modo ético de sermos da emoção, da motivação. Modo ético de sermos da ação, da criação, da superação, e da regeneração.

De nós próprios e do mundo que nos diz respeito.

Implicação, implexação, e sua concomitante compreensão.

O modo ontológico de sermos da ação, fenomenológico insistencial, e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo – ética da ação, da movimentação, moção, emoção, motivação; criação, superação; e de regenerabilidade, regeneração, da saúde, da *grande saúde* --, é o modo ético de sermos da duração da vivência gestaltificativa do desdobramento de *plexos*, ou seja, de *multiplicidades autoorganizativas* de possibilidades – *implexação*.

Que gestaltificativamente se constituem como ação. Implicação.

PerPLEXIdade. PerPLEXIficação.

Enquanto tal, implicação e compreensão, ***perplexidade, perplexificação***, constituem o metodológico modo de sermos, a ética, da ação, da movimentação – moção --, emoção, da motivação; da criação, e da superação.

Como tais, ***perplexidade, implicação*** – a duração da vivência da travessia dos *plexos* de possibilidades, no modo pré-reflexivo de sermos – ***a perplexificação***, configura, não só a ética da ação – da moção, da emoção, da motivação, da criação, da superação, e da regeneração, da saúde – mas a sua própria metodológica.

A ética e a metodologia da ação – da moção, da emoção, da motivação, da criação, da superação, e da regeneração, da saúde – é a perplexidade característica da vivência do modo de sermos da ação – fenomenológico insistencial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo.

A perplexidade, perplexificação, a implicação e a compreensão, têm as suas próprias condições de possibilidades. Condições próprias e específicas da vivência da duração da momentaneidade instantânea do modo de sermos da ação, do desdobramento de possibilidades.

Em primeiríssimo lugar, o caráter de instantaneidade e momentanea da duração de sua vivência perplexa.

Pulso que se esvai é a duração da momentaneidade instantânea da vivência da implicação, da vivência da ação, e da compreensão, da vivência da perplexidade.

Em sendo forças, as possibilidades, emergem fortes, potentes. E se despotencializam, à medida em que se desdobram. Buber diria, *toda ação envolve uma desatualização...*

A perplexidade, a ação, é instantânea e momentânea. E *decadente*, segundo a terminologia de Heidegger.

Ao decaírem as suas forças, a possibilidade instala-se como coisa.

Até que a dialógica abertura estética para a coisa, em sua instalatividade coisificativa, mais uma vez, desvende a possibilidade em sua instalação.

Desvendamento que, estalação do possível, mais uma vez, então, se desdobra, como ação.

Em segundo lugar, é preciso considerar que, diferentemente do modo de sermos da explicação, o modo de sermos da implicação, e da compreensão, especificamente é **pré-reflexivo**, não é reflexivo; é **despropositativo**, não é proposital; está **fora do eixo da causalidade**, das causas e dos efeitos, característicos do modo explicativo de sermos; a perplexidade da implicação **não é da esfera da utilidade**, não é pragmática, como o é o modo acontecido de sermos da explicação; e o modo de sermos da perplexidade implicativa, e compreensiva, é **da ordem do modo de sermos da possibilidade**, da vivência da possibilidade, e **não é da ordem do modo de sermos da realidade**. Que é característica do acontecido modo de sermos não perplexo, da explicação (*Ex-plexação*).

A reflexividade se constitui no modo acontecido de sermos.

Coisificando-se ônticamente como acontecido, a consciência inspectativa do ator se cinde, na constituição do sujeito e do objeto, e da sua dicotomização.

A consciência do sujeito flete, flexiva e reflexivamente, face ao objeto que se lhe depara. E isto propriamente se constitui como a reflexão do modo acontecido, explicativo, de sermos.

Não mais *jeto*, não mais *pro-jeto* -- característicos da ação, característicos do modo de sermos do ator, e do acontecer --, reflexivo, o modo de sermos do acontecido estrutura-se na dicotomização entre o *sujeito flexivo, re-flexivo, e o objeto que se lhe depara*, ao qual contempla como espectador.

A reflexão é teorética. É a contemplação do objeto pelo sujeito. Que se dá no reflexivo, o modo acontecido, modo coisa de sermos.

A *perplexidade compreensiva* é, especificamente, pré-reflexiva. Fora, e anterior, à dicotomia sujeito-objeto. Modo de sermos da ação.

Eu-tu, a ação é dialógica.

A dialógica da relação eu-tu, sobretudo, não é dicotomia sujeito-objeto. Vivência ontológica e dialógica do desdobramento de possibilidades, a perplexidade da ação dá-se no modo de sermos do acontecer: modo de sermos do ator. E não no modo reflexivo de sermos, modo acontecido de sermos, dos sujeitos e objetos.

Vivência ontológica e dialógica do desdobramento de possibilidades, a perplexidade compreensiva, a ação, em sua atualização, está fora do eixo da causalidade. Não é da ordem das causas e dos efeitos.

Da mesma forma que, *inutilidade produtiva da ação, poiética*, além de especificamente estética, a *perplexidade compreensiva* está fora do eixo da utilidade, dos úteis e dos usos.

As utilidades, os úteis e os usos dão-se no modo acontecido de sermos da instalação coisificativa, da coisa. No modo de sermos dos úteis nós não criamos – inclusive não criamos úteis e usos, utilidades...

E, vivência da possibilidade, acontecer, a ação em seu desdobramento, a vivência da *perplexidade compreensiva*, não é da ordem da realidade.

A realidade é o acontecido, em sua condição de coisidade instalativa. A *perplexidade compreensiva* é vivência do acontecer da ação, vivência do desdobramento da ação, como vivência da duração do desdobramento de possibilidades.

De modo que a metodológica da *perplexidade compreensiva* da ação pressupõe a preservação de suas condições de possibilidades.

A condição de instantaneidade momentânea da vivência do acontecer fenomenológico existencial e dialógico; compreensivo e implicativo, gestaltificativo da ação. Seu caráter pré-reflexivo, e de ação desproposita. Seu caráter de experiência não causal, não causativa; desproposita. Seu caráter de vivência da inutilidade produtiva. E seu caráter, vivência do desdobramento de possibilidades, de acontecer do desdobramento compreensivo da ação.

Dentre suas qualidades, como vivência pré-reflexiva, a *perplexidade compreensiva* da vivência da ação é eminentemente dialógica. Dialógica na medida em que, própria e especificamente, é intrínseca interação com a outridade, no modo de sermos da produção de sentido, e de ação, sentidação. Na duração instantaneamente momentânea, e sempre recorrente, da esfera interativa do compartilhamento da ação, e do logos: do sentido.

A interatividade da relação com outridade. Outridade da natureza não humana, a outridade humana -- inter-humana --, a outridade do sagrado.

Privilégio da vivência ontológica na atualidade e presença de sua duração, a *perplexidade implicativa*, enquanto metodológica, é eminentemente dialógica.

Dialógica, na momentanidade instantânea de sua duração, em quanto ação, enquanto acontecer, nunca é dicotomia sujeito-objeto.

4. PERSONA... PERSONALIDADE, & PERSONAGEM (Personagente, personator, personação).

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.

Acerca das qualidades da *persona*, a *personalidade*, seguindo a metáfora original (Etrusca), cremos que podemos dizer que existe uma condição efetivamente *sonante* da pessoa, *personante*; e uma condição não sonante, *dessonante*, *despersonante*, da pessoa.

Através do que sona, persona (Etrusco).

Ou não.

Nietzsche observava, *em torno de todo espírito profundo brota sem cessar uma máscara. Só podemos progredir mascarados...*

Maffesoli esclarecerá a ambígua concepção de *máscara*. *Existem máscaras que escondem e máscaras que revelam. Duas concepções de máscaras, uma Grega e outra Etrusca.*

Não seria uma concepção da ambígua, ôntica, e ontológica, condição humana?

De qualquer forma, não existe uma condição unívoca da pessoa. De sua ôntica e ontológica *personalidade*. Mas uma condição ambígua. De resto, a ambiguidade *ontológica* e *ôntica* da existencia. Da existencia, e da insistência.

A condição ontológica, sonante; e a condição ôntica, não sonante, efetivamente, *dessonante*.

Aí vemos a bela metáfora da insistência e da existencia como som e silêncio. E muito não precisamos para entendê-las como música.

Mais intensivamente, a insistência é som, música, ritmo.

Sonante, sonativa, personativa.

Mas, sonativa de per si a insistência -- até poderíamos dizê-la *insonativa*, *impersonativa*, *personativa* --, o mesmo não poderíamos dizer com relação à existencia.

Que poderíamos dizer *exsonativa*, *expersonativa*, *expersonante*.

A insistência é sonativa. Na medida em que, implicação intensiativa, intensional, é sonorizante, em sua temporalidade própria, do ritmo do sentido e ação, no desdobramento da possível, atualização. Sonoriza, na ritmicidade do fluxo da fenomenológica do sentido e da ação, a vivência do desdobramento das possibilidades.

A existencia apenas ressoa, *ressona*. E não *sona*, não *persona*.

A insistência, sonativa, personativa, é pré-reflexiva, pré-teórica, dialógica, ao modo de sermos da ação fenomenológica. A existência é reflexiva, teórica. Ao modo de sermos do sujeito, e dos objetos.

A insistência, sonativa, personativa -- dialógica e ontológica, fenomenativa, fenomenológica -- é intuitiva, e improvisativa. Estética e poética. Experimental, e hermenêutica.

A existência, despersonativa, não é estética nem poética, nem é dialógica, nem experimental, nem hermenêutica. Não é intuitiva, nem improvisativa.

De modo que, quando nos referimos a uma *teoria da personalidade*, e a uma abordagem teórica da pessoa – baseada esta, ou não, numa teoria da personalidade --, não podemos estar nos referindo à condição ontológica da pessoa como insistência. Mas apenas a sua condição despersonativa como existência. Já que a insistência da pessoa – própria e especificamente sonativa, personativa, personante --, é, em específico, ontológica e dialógica, fenomenológica e fenomenativa e insistentia; e, portanto, intuitiva e improvisativa, dialógica, estética, poética, experimental, e hermenêutica...

Numa ética e metodologia inter humanas, pré-reflexivas, pré-teóricas, fenomenológica existenciais, e dialógicas, não é o foco a personalidade no seu modo e condição existencial. Sua natureza, genética, constituição, estrutura...

Em específico, em tal ética e metodologia, o interesse é a fenomenológica ontológica da ação, da atualização. Que é própria, não da condição e do modo de sermos da persona, enquanto existência; mas da persona enquanto insistência, enquanto ação, enquanto atora. O **personagem**, especificamente; **personagens** -- *personagente, personator, personainspectator, personainspectação, personação*...

Como com relação a tudo, passada a instantaneidade ontológica da duração do instante de sua momentação, a personação se ontifica, se coisifica, em persona, personalidade existencial, no ôntico sentido psicológico. A pessoa, a personalidade ôntica, na sua criatividade, se cria na ontológica fenomenológica do personagem, na ontológica fenomenológica da ação. Da insistência.

Mas, enquanto tal, acontecida, ôntica, existência, em específico a personalidade não mais soa, não é mais fenômeno, não é mais fenomenológica, não é mais ontológica, não é mais dialógica, não é mais possível, não é mais ação...

Coisa entre coisas, como diria Buber. Feita, fato.

Que estaria condenada à coisidade, à fatalidade...

Não fossem encantadas as coisas. Enquanto instalações da possibilidade, enquanto instalações do possível.

Encantadas que são, assim, as coisas são desencantáveis.

Mas sob a específica condição do modo de sermos da abertura para o possível, e para mais um ciclo da ação, do modo de sermos ontológico, que, própria e especificamente, é a poética e a estética. Sonativa, Personativa.

Sob o influxo da permeabilidade estética, a persona, enquanto existência, abre-se, em seu possível instalado, para a condição ontológica de insistência. *Estala* a possibilidade instalada, dramatiza-se a provocatividade do tu possível, para mais um ciclo fenomenológico da ação. Mais que a ôntica persona não personante, personativa-se; personagente, personator, personagem, personação.

Distinguem-se, assim, as qualidades e características da experiência da persona ôntica, como existência; e as características e qualidades da persona como agente, personagem, ontológico, ator, efetivamente ação.

De modo que cumpre distinguir entre a qualidade, as qualidades, da personalidade como persona, e as qualidades da personalidade como *agens*, como personagem. Já que o personagem, ator, ação, é pré-reflexivo, pré-teórico, dramático, estético e poético. E, enquanto tal, ontológico, fenomenológico insistencial, dialógico. O que quer dizer, própria e especificamente, intuitivo e improvisativo, em sua atualidade e presença.

Presença e atualidade especificamente estéticas e poéticas, pré-reflexivas. Às quais não rege, nem se aplica, nenhuma teórica.

A atualidade e a presença só são acessíveis à ação dialógica, inter ação. À intuição, e à improvisação. Estéticas e poéticas, fenomenológicas, e ontológicas.

Pré-reflexivas, e pré-teóricas. Só são acessíveis à implicação.

Bibliografia

BUBER, M **Eu e Tu.**

HEIDEGGER, M **Ser e Tempo.**

MAFFESOLI, M **A Conquista do Presente.**

NIETZSCHE, F **Assim Falava Zaratustra.**
O Nascimento da Tragédia.

**5. A EXPLICAÇÃO &
A IMPLICAÇÃO COMPREENSIVA
COMPREENSÃO IMPLICATIVA
INTERPRETAÇÃO COMPREENSIVA
COMPREENSÃO INTERPRETATIVA**

**AÇÃO
COMPREENSIVAÇÃO
GESTALTAÇÃO**

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

*O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.*

**Ferreira Gullar.
*A Não Coisa.***

CONCLUSÃO.

**Implicação, Consciência e intensionalidade pré-reflexivas.
Compreensão gestáltica. Aporia. Aporética.
Argumentatividade. Ação. Interpretação.**

A *implicação* -- que caracteriza a vivência no modo fenomenológico existencial de sermos -- dá-se como vivência, como consciência, pré-reflexiva da tensionalidade, da intensionalidade, do compreensivo desdobramento de possibilidades: do compreensivo desdobramento da **ação**; ou seja, a vivência da implicação dá-se como vivência compreensiva do desdobramento de *gestalts*, da vivência compreensiva do desdobramento da dominância da multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades.

Consciência pré-reflexiva, pré-teorética; e pré-comportamental, esta vivência da implicação se constitui assim como *compreensão*. A compreensão é a constituição como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, da dominância de uma multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades. É, pois, aspecto cognitivo do desdobramento da ação, do desdobramento de possibilidades.

A compreensão é especificamente *gestáltica*. Na (des)medida em que se dá sempre como a totalidade significativa, compreensiva, que é diferente da soma de suas partes. E é vivenciada inicialmente como uma totalidade de partes, que só sucessivamente se configuram paulatinamente como tais.

Originaria e primitivamente, portanto, a consciência implicativa -- compreensiva, Gestáltica -- se dá, intuitivamente, como consciência pré-reflexiva, da dominância da atividade do *plexo* de possibilidades, na medida em que é vivenciada como totalidade significativa, anteriormente à configuração compreensiva paulatina das partes, que re-formam, agora como coisa, possibilidade desdobrada, exaurida, realizada, a totalidade, a gestalt, atualizada.

O desdobramento gestáltico da dominância das possibilidades, da ação, é o que entendemos como *Implicação*, e como *Interpretação*. No caso *Interpretação compreensiva*, implicativa. É a consciência da ação, e do ator.

Projetativo. E não **subjeto**, nem **objetivo**.

Implicação, e não explicação. Interpretação própria e especificamente compreensiva, fenomenológico existencial, e não a interpretação explicativa.

Na vivência gestáltica da ação, e enquanto *sentido*, própria e especificamente, enquanto *logos*, *dia-logos*, *fenômeno-logos*, em sua intrínseca multiplicidade, pluralidade, implicativas, as possibilidades competem argumentativamente umas com as outras, se desdobram, se atualizam. De um modo tal que as possibilidades se limitam entre si. Impondo-se aporias uma às outras.

A aporia é o limite do fluxo do desdobramento da força da possibilidade.

No limite, na aporia, emergem outras possibilidades, outras implicações, que, logos, sentido, compreensivas, argumentam, competem, e limitam-se entre si. Até que as mais potentes plasticamente imponham os seus desdobramentos dominantes.

INTRODUÇÃO

De uma perspectiva fenomenológica e existencial, em termos da experiência de nossos modos de ser, temos duas alternativas, basicamente. Duas alternativas de modos de sermos que ontologicamente se alternam, regularmente. Uma ensejando a alternância da re emergência da outra.

São elas:

- (a) A experiência de um **modo explicativo** de sermos;
- (b) E a experiência e **experimentação** -- a **ação**, e **interpretação** (*Compreensiva, fenomenológica e existencial, dialógica*) -- do **modo implicativo**, modo, **compreensivo**, de sermos. **Fenomenológico, existencial, e dialógico.**

Estes modos de sermos definem-se, enquanto tais, pela experiência e experimentação particular e própria de cada um deles,

(1) No modo **Explicativo** de sermos:

(a) a **experiência reflexiva – Teorética. O modo de sermos, a consciência e a experiência do Espectador. E,**

(b) a **experiência comportamental.**

(2) No modo **Implicativo** de sermos: **a experimentação da vivência compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, implicativa, hermenêutica, e experimental, -- que é experimentação pré-reflexiva, e pré-comportamental. A experiência e experimentação da ação, do desdobramento de possibilidades, da atualização de possibilidades. Desdobramento este que se constitui como compreensão, como a experiência e a experimentação da ação compreensiva.** Experimentação esta, vivência, que é anterior ao modo *explicativo de sermos*: ou seja: que anterior, mais originária do que o modo teórico, reflexivo, de sermos; e do que o modo comportamental, de sermos.

Algumas características básicas são naturalmente próprias e inerentes à vivência do modo **implicativo** de sermos. Modo de sermos, como observamos, compreensivo, fenomenológico e existencial. Que é vivência da força plástica de possibilidades, do desdobramento de possibilidades, vivência fenomenológico existencial, dialógica, do que chamamos de **Ação. Implicação.**

(1) Assim, a vivência implicativa é vivência do desdobramento de possibilidades. A vivência fenomenológica, *implicativa*, é própria e especificamente ativa, atualizativa. É, própria e especificamente, a **ação**. Por ser especificamente vivência de possibilidade, e do desdobramento de possibilidade; o que responde por seu caráter fenomenológico existencial hermenêutico; intuitivo, *estético*, e *poiético*.

(2) O caráter **compreensivo** do modo implicativo de sermos.

A vivência fenomenológica existencial, *implicativa*, é **compreensão.**

Na medida em que a vivência de possibilidade, implicativa, **intrinsecamente se**

constitui como **consciência pré-reflexiva, como *sentido*, como logos: fenomeno logos.**

Esta constituição da vivência do desdobramento de possibilidades, da ação, como consciência pré-reflexiva, dionisiaca, é própria e especificamente, o que chamamos de **compreensão**. O modo fenomenológico e existencial de sermos, **ativo, implicativo**, no seu intrínseco aspecto cognitivo, é, especificamente, **compreensão; é compreensivo**.

De modo que a **compreensão** significa que, neste modo de sermos, a vivência de possibilidade e do desdobramento de possibilidade, a ação, que lhe é intrínseca e característica, se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológica. A possibilidade, em seu desdobramento ativo, e *motivo*, é **preendida** como consciência pré-reflexiva. Neste modo de sermos, a possibilidade é *apreendida* como consciência pré-reflexiva. Este modo de sermos é, assim, um modo de sermos *com(a)preensão* da possibilidade em seu desdobramento como *consciência pré-reflexiva*. O modo de sermos *com(a)preensão*, modo de sermos da *compreensão*, o modo *compreensivo* de sermos.

(3) O caráter propriamente **implicativo** deste modo compreensivo de sermos. O caráter implicativo deste modo fenomenológico existencial de sermos da ação, da compreensão. O que, própria e especificamente, quer dizer: o seu caráter **gestáltico**.

Na medida em que a vivência fenomenológica, -- ativa, implicativa, compreensiva -- se constitui compreensivamente, e de um modo intrínseco, como *vivencia ativa do desdobramento de um plexo (de uma multiplicidade) de possibilidades*. Possibilidades estas que se organizam em sua vivência compreensiva, a cada um de seus momentos, segundo uma dominância de seu conjunto, ativa e compreensivamente, assim, como *gestalt*, como *gestaltação*.

Assim, o gestáltico desdobramento de possibilidades, que se dá implicativamente, a vivência fenomenológica existencial, é, própria e eminentemente, ação. É, própria e especificamente, compreensiva. Implicativa. Compreensiva. Gestáltica.

Não é *explicativa* (como explicativa o é a experiência teórica, e a experiência repetitiva e padronizada do modo de sermos do comportamento...).

(4) Na vivência momentânea da experiência e da experimentação da ação, assim – fenomenológica e existencial, ativa, implicativa, compreensiva, hermenêutica, gestáltica --, a vivência de possibilidades e do seu desdobramento, a vivência da ação, dá-se sempre como a vivência da dominância de um conjunto múltiplo de possibilidades – de um **plexo de possibilidades – sempre**.

O conjunto da multiplicidade de possibilidades da vivência do **plexo gestáltico**

de possibilidades, se organiza como uma *dominância*¹. Esta dominância das possibilidades do *plexo gestáltico de possibilidades determina a linha e o curso, percurso, da ação. Implicativa: inplexativa.*

Ação que é espontânea, e despropositiva, ativa, compreensiva, experimental...

Relação eu-tu, fora – anterior e mais originária -- do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto; fora também -- anterior e mais originária -- do modo de sermos da causalidade; e fora do modo de sermos da utilidade, dos úteis e da utilização.

(5) A afirmação vivencial, compreensiva, do desdobramento da dominância despropositiva da ação fenomenológica, gestáltica, implicativa, é o que constitui o seu caráter ***experimental, experimental***, no sentido própria e especificamente fenomenológico existencial.

É, pois, o investimento na tentatividade, e no risco, e no riso, da incerteza deste caráter da implicação -- despropositiva, implicativa, compreensiva, hermenêutico --, da ação e da vivência fenomenológicas, que constitui o caráter experimental da ação, e da interpretação compreensivas, fenomenológicas.

(6) Como eminentemente ativa, enquanto vivência de possibilidades, vivência do desdobramento de possibilidades, ativa, compreensiva, implicativa – diferentemente dos modos ***explicativos*** da *teorização*, e do *comportamento* –, a vivência fenomenológica é movimento, é *moção*. *É emoção*. É, sempre, a sensibilidade, o *pathos* (no sentido Grego), emocionados. Constitui-se, sempre, assim, como movimento, como *moção*, e como ***emoção***. E como ***motivação***.

A vivência fenomenológica, pré-reflexiva, é *moção*, ativa, compreensiva, implicativa, é *moção*, é movimento, é *emoção*, é *motivação*.

(7) Dadas estas características de *moção*, de desdobramento compreensivo de forças, de possibilidades, de ação -- diferentemente do que ocorre no modo teórico, e no modo comportamental de sermos, explicativos -- a vivência do modo fenomenológico de sermos, implicativa, é *tensão*, é *tensional*. A instantaneidade momentânea de sua vivência é, portanto, *intensional*. É o modo *tensional, intensional*, de sermos.

(8) Caracteristicamente, a momentaneidade instantânea da vivência deste modo intensional de sermos se dá como a vivência do modo de sermos no qual somos, devimos, anteriormente ao modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto.

O Modo fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, intensional, é, assim, um modo de sermos não só pré-reflexivo, mas própria e especificamente, pré-objetivo e pré-subjetivo; pré-intersubjetivo, naturalmente, também. Na medida em que é um modo de sermos que se constitui, enquanto tal, como ***projeto***. Anteriormente às condições do ***sujeito***, e do ***objeto***.

Anteriormente à dicotomização sujeito-objeto.

Este modo de sermos, não obstante, se dá, anteriormente à dicotomia sujeito-objeto, como ***tensão da dialógica eu-tu***.

1

Tensão esta que não é dicotomia sujeito-objeto.

A dualidade da dialógica eu-tu se dá como *acontecer – projeto e projeção do dialógico desdobramento de possibilidades*. E a dicotomia sujeito-objeto é da ordem do *acontecido* – ou seja, é posterior ao acontecer da ação, como desdobramento compreensivo, implicativo, de possibilidades.

(9) Da mesma forma que, enquanto modo compreensivo de sermos do desdobramento de possibilidades, o modo implicativo, fenomenológico e existencial, de sermos, por ser vivência de desdobramento de possibilidades, está fora das relações de causa e efeito.

Na vigência de sua momentaneidade instantânea, não vigoram as relações de causa e efeito, mas o desdobramento da ação, da atualização experimental, desproposital e hermeuticativa.

(10) Fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o modo *implicativo* de sermos está igualmente fora – anterior e mais originário -- das relações de uso, e de utilidade. Dá-se como modo intuitivo de sermos da inutilidade.

(11) A vivência da ação, fenomenológica, compreensiva e implicativa, é **desproposital**. Na medida em que é desdobramento de possibilidades, que, na arguta observação de Buber, *não sou eu que crio, mas que não acontecem sem mim...*

Possibilidades que, compreensivas, partem, emergem, de níveis pré-compreensivos da vivência fenomenal.

Assim, ainda que seja eminentemente *ativa*, eminentemente *ação*, cognitivamente compreensiva, a **implicação** é modo de sermos da *ação desproposital*; modo de sermos *despropositivo, acausal, e que se dá num modo de sermos fora da objetividade, e da subjetividade, da dicotomia sujeito-objeto -- da intersubjetividade, também*. Da mesma forma que se dá fora das relações de causalidade.

A **vivência** fenomenológica da possibilidade em seu desdobramento constitui-se *compreensivamente*, como sentido, como *fenômeno*, como *logos*, como *fenômeno logos*, vivência, ao modo de sermos, própria e especificamente, da consciência pré-reflexiva. De um modo tal, que vivenciamos compreensivamente, como *logos*, como sentido, a ação da possibilidade em seu desdobramento – não subjetivo, não objetivo, não inter-subjetivo.

Na vivência fenomenológica, as possibilidades não se dão unitariamente, mas como *totalidades significativas*. Compostas estas de conjuntos de partes; cada uma delas também constituídas, igualmente, por seu turno, como outras tantas *totalidades significativas*. Estas *totalidades significativas* são o que designamos por *Gestalts*².

² *Gestalten*.

As Gestalts se dão, assim, compreensivamente, como totalidades vivenciativas de sentido.

Totalidades nas quais, na vivência do desdobramento da atualização de suas possibilidades, *o todo é diferente da soma das partes*.

E como totalidades significativas que, própria e especificamente, aparecem antes enquanto tais, como *totalidades*; só então se dando, paulatinamente, a seguir, a explicitação figurativa, a atualização, de suas partes.

As possibilidades que constituem as totalidades significativas, as gestalts, são forças. Dotadas de uma intensidade plástica, de uma intensidade própria de plasmação.

É interessante, assim, notar o caráter especificamente plástico da intensidade da força em que se constitui como possibilidade. Intensidade plástica esta que se constitui, vivencialmente, como ação gestáltica compreensiva, implicativa; e que, também, pode se prolongar como ação muscular, ação somática, material. Não só da dimensão modo vivencial de sermos, mas ação no mundo material.

Na instantaneidade momentânea da vivência fenomenológica, e existencial, as possibilidades, múltiplas, se constituem como Gestalts, totalidades significativas ativas, totalidades ativas de sentido, no fluxo de seu desdobramento.

Vivências de totalidades de sentido, estas Gestalts competem entre si. Dialogam, na verdade argumentam entre si, na vivência. De modo que as mais intensamente plásticas se afirmam progressivamente, em consonância com a intensidade própria da instantaneidade de sua momentaneidade argumentativa.

As totalidades significativas, as Gestalts, são assim *plexos*, articulações múltiplas, compreensivas, ativas, argumentativas, de outras Gestalts possibilidades, que se explicitam, figuram, paulatinamente, segundo as intensidades plásticas de suas forças, na sequência de suas *argumentações*.

De forma que, na vivência do modo gestáltico de sermos, modo de sermos fenomenológico existencial, e dialógico, *implicativo*, estamos na vivência gestáltica da multi**PL**icidade constituinte de um **PL**exo de possibilidades em desdobramento. Um **PL**exo que não é apenas **PL**exo, *cum-PL*exo, mas que – ação, movimentação, moção, emoção, motivação – é, própria e eminentemente, *per-PL*exo, *per-PL*exidade, *per-PL*exificação. Na medida em que é ação, moção, movimentação, moção, emoção, das articulações possibilitativas e argumentativas das possibilidades partes, gestálticas, constituintes das gestalts mais abrangentes, enquanto totalidades significativas.

A vivência desses plexos que são as Gestalts é, portanto, *implexa*, é *implexativa*. E é isso que significa que este modo de vivência é o modo de sermos da *imPL*icação.

A vivência fenomenológica existencial e dialógica tem assim a *implicação* como uma de suas características fundamentais. Na medida em que a vivência fenomenológica existencial é vivência eminentemente gestáltica, ação gestáltica.

Que, própria e especificamente, é a vivência perplexa do trânsito de plexos, múltiplos, de possibilidades. Organizadas estas, de acordo com suas dominâncias, em totalidades significativas, compreensivas. Que aparecem, antes, como tais, como totalidades significativas, constituídas de partes, igualmente significativas. Mas que só paulatinamente se explicitam figurativamente, a seguir, sucessiva, e argumentativamente, num processo de formação de figura e fundo.

Estar na momentaneidade instantânea ativa, atualizativa, desta vivência compreensiva -- fenomenológico existencial, dialógica, gestáltica, *pléxica* -- é o que é a *implicação*, *implexação*. É o que, como devir, é estar *implicado*. *Implexificado*.

Cum-plexo, sem dúvida, mas, sobretudo, *perplexo*.

CUMPLICIDADE E DRAMÁTICA DA PERPLEXIFICAÇÃO DA CUMPLEXIDADE (E UM GUIA PARA OS CUMPLEXOS)

Perplexai-vos perplexai-vos

Não o permitais

jamais

Que vos paralize

O complexo

É moção é moção é moção emoção

É ação, motivação

Moção Per-multipliperpl(i)xidade

Per-multi-perplexificação

É drama é ato

É ação. É moção é moção é moção

É fazer e per-fazer o per-feito

Num é *feito*

É ato

Num é fato

(Comendo um guizado de bode,
no Bodódromo de Petrolina)

1. O EXPLICATIVO I. Consciência Reflexiva.

Representação – re-apresentação. A consciência no modo teórico de sermos. A Consciência no modo de sermos do espectador.

No modo **explicativo** de sermos vigora a condição, a consciência, do **espectador**.

No modo **implicativo** de sermos somos ativos, somos *atores*, especificamente. No modo implicativo vivenciamos, portanto, a condição, a consciência, intuitiva, pré-reflexiva, de **ator**.

Isto porque, no modo implicativo de sermos -- no modo de sermos do ator, da ação -- implicativa, e compreensivamente, vivenciamos *possibilidades*, e o desdobramento compreensivo intrínseco dessas possibilidades. Isto é que é a **ação**, propriamente dita. No modo implicativo de sermos, somos, portanto, *atores*, e ação, especificamente.

No modo **explicativo** de sermos somos espectadores, não somos atores. Porque o modo explicativo de sermos não é o modo de sermos em que vivenciamos a ação. Não é o modo de sermos em que vivenciamos possibilidade, e o desdobramento, em ação, de possibilidades. No modo explicativo de sermos, somos espectadores. E é isto exatamente que é o significado de *teórico*. A inatividade da *contemplação*.

A ação, no modo implicativo de sermos, é o processamento do *acontecer*. É o *Acontecer*.

Em seu *decaimento* (Heidegger), no percurso do *acontecer*, a possibilidade perde em força de possibilidade, e se coisifica paulatinamente, *cura* (idem), à medida que se constitui como *coisa*. A *coisa*, o *ente*, é o *acontecido*. O *passado*.

Na experiência e experimentação do modo de sermos implicativo, do *acontecer*, da ação, não vivenciamos a fragmentação da dicotomia sujeito-objeto. No modo de sermos, *acontecido*, do explicativo, o ente, a coisa constituída, se dá como objeto, e podemos contemplá-la como sujeito. O conhecimento, neste caso, já não é mais vivencial, implicativo, ativo. Mas é teórico, explicativo, representativo, *reflexivo*.

Na medida em que um sujeito re-flete, re-pete, re-incide, na *possibilidade acontecida*, no *acontecido* -- constituído e instalado como coisa, como objeto; constituído e instalado como ente, como coisa, do mundo material; ou como, ente, coisa, e objeto, psicológico (Buber³ diria que o *conceito é o 'isso' do pensamento*) --, a possibilidade já não se **apresenta**, original e originariamente, no seu desdobramento. Mas se **re(a)presenta**, *reflexivamente*, como coisa material, ou conceitual. Agora, já não mais no desdobramento de sua vivescência potente, como *acontecer*, mas como coisa,

³ BUBER, MARTIN

acontecida, como ente, como objeto. Não mais como possível, possibilidade, potente, em desdobramento, no vir a ser da ação.

O modo explicativo de sermos, portanto, é o modo teórico de sermos; é o modo de sermos da reflexão, e da representação, o modo de sermos da contemplação do acontecido, da re-apresentação. O modo de sermos **não do ator e da ação, mas o modo de sermos do espectador**. O modo *não implicativo* de sermos.

2. O EXPLICATIVO II. Comportamento

O modo comportamental de sermos; a dimensão da atividade padronizada e repetitiva; a desconsciência;

Além do modo teórico de sermos, o modo não implicativo de sermos, o modo *explicativo* de sermos, comporta também o *comportamento*. O *comportamento* é explicativo meramente porque não é implicativo. Está fora do modo implicativo de sermos, é *explicação*, é *explicativo*.

A atualidade, a ação, a presença, pré-reflexivas, próprias ao modo implicativo de sermos; e a reflexão, característica do modo teórico de sermos, se constituem, ambas, como formas de cognição, como formas de consciência. Formas distintas de cognição, mas formas de consciência: numa a consciência implicativa, pré-reflexiva, do ator; na outra a consciência explicativa, reflexiva, do espectador. Mas formas, ambas, de consciência, de cognição, de conhecimento.

No modo implicativo de sermos, a compreensão, como modo de consciência característico da ação. A consciência fenomenológico existencial, e dialógica, desproposital, intuitiva, apresentativa.

No modo explicativo de sermos, a consciência teórica, conceitual, reflexiva, e re(a)presentativa, proposital, do espectador.

Não é uma forma de consciência que caracteriza o modo explicativo de sermos do *comportamento*, não é uma forma de cognição, uma forma de conhecimento. O comportamento, como modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva é, mais propriamente, uma forma de *desconsciência*. A *atividade padronizada e repetitiva* caracteriza o comportamento. Quanto mais padronizada e repetitiva a atividade, quanto mais comportamental, portanto, menos consciente.

Desconsciência -- à medida que se desenvolve o seu caráter padronizado e repetitivo -- o comportamento, ex-plicativo, não é o modo de sermos da ação. Comportamento não é ação (Arendt). Não é a implicação vivencial, impregnada de consciência pré-reflexiva, que se constitui como vivência do desdobramento de possibilidades, na performance da ação.

O comportamento, assim, não é implicativo, é *explicativo*, porque se dá fora do modo implicativo de sermos.

3. IMPLICATIVO I. Ação. A consciência do Ator. Consciência Vivencial Pré reflexiva, e pré comportamental, fenomenológica, existencial, e dialógica. A consciência no modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos; Ação -- a consciência, a vivência fenomenológica, experiência e experimentação do ator;

Dilthey⁴ distingue a **consciência compreensiva**, da **consciência explicativa**; a **compreensão** – como **vivência** --, da **explicação**; os modos de sermos da **interpretação compreensiva**, e o modo de sermos da **interpretação explicativa**.

O modo implicativo de sermos, pré-reflexivo -- fenomenológico existencial e dialógico --, é, própria e especificamente, **compreensivo**.

Isto quer dizer que, no modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, a vivência do desdobramento de possibilidades se constitui, é **preendida**, é **apreendida**, como consciência – consciência pré-reflexiva, e pré-conceitual, pré-teorética, pré-comportamental.

O modo implicativo de sermos é um modo de sermos, assim, *com(a)preensão*. É o modo de sermos da **compreensão**, o modo **compreensivo** de sermos. A compreensão caracteriza o modo implicativo, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos.

Dilthey designa a compreensão, e este modo implicativo de sermos, como **vivência**.

A **vivência** é o modo fenomenológico existencial, dialógico, e ontológico de sermos. Modo implicativo e compreensivo de sermos. A vivência se constitui específica e intrinsecamente em consciência – consciência compreensiva, compreensão. E em vivência do desdobramento de possibilidades: que é a ação. Ação, a vivência fenomenológico existencial e dialógica, concomitantemente, se constitui, assim, como compreensão, ação, atualização. Como a consciência do ator.

A consciência vivencial, compreensiva, fenomenológico existencial, dialógica, é **pré-reflexiva, pré-conceitual, e pré-comportamental**. Na medida em que é um modo de sermos que se dá anteriormente ao modo de sermos da reflexão, e ao modo de sermos do comportamento. Ainda que a eles se destine.

Assim, o modo de sermos do *comportamento*, da atividade padronizada e repetitiva, também se constitui posteriormente ao modo compreensivo de sermos. Assim, este modo compreensivo, vivencial, além de pré-reflexivo, é pré-comportamental.

⁴ Dilthey, W.

Como vimos, assim, o modo compreensivo de sermos, fenomenológico existencial, e dialógico, é o modo de sermos do ator, modo de sermos da ação, na medida em que é modo de sermos da vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades.

4. IMPLICATIVO II. Ação. Possibilidade.

A intrínseca impregnação pela possibilidade, pelo desdobramento compreensivo, implicativo, da possibilidade, da vivência pré-reflexiva; a possibilidade em desdobramento: Ação.

O modo fenomenológico existencial de sermos, implicativo, compreensivo, pré-reflexivo, pré-conceitual, ontológico; e, ainda, pré-comportamental; é, na duração de sua momentaneidade instantânea, todo ele **Ação**.

Ou seja, é assim, este modo de sermos, porque todo ele é impregnado pela possibilidade. A vivência de possibilidade é a vivência de força, que somente existe no seu exercício e desdobramento. Força que é, assim, a possibilidade é, sempre, desdobramento. E é este desdobramento da possibilidade que é a **Ação**. Por um momento, esqueçamos assim o sentido vulgar do termo *possibilidade*. No sentido que aqui nos referimos, *possibilidade* é toda a força daquilo que pode acontecer, enquanto vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica – enquanto **Ação**.

Intrínseca e inerentemente, a **Ação**, o desdobramento de possibilidade, se constitui como consciência pré-reflexiva; como consciência compreensiva, fenomenológica, existencial, dialógica; como compreensão. E é, eminentemente, da ordem da *implicação*. A vivência do processamento da ação, como desdobramento de possibilidade, é, sempre, assim, *implicativa*, e *compreensiva*.

A **Ação** pode ser:

- (1) **meramente** – simplesmente -- **compreensiva**, ou
- (2) **compreensiva e somática, musculativa, material**.

É **meramente compreensiva**, quando se dá como desdobramento de possibilidade ao nível meramente da compreensão. Não implicando em musculação significativa.

E é **compreensiva e somática, musculativa** quando, desdobramento, implicativo, compreensivo, de possibilidades, envolve, também, de modo significativo, a mobilização muscular, a *musculação*.

5. IMPLICATIVO III. Ação. Intensionalidade.

Tensão da força da possibilidade em seu desdobramento. A vivência Intensional do modo pré-reflexivo de sermos, como vivência fenomenológico existencial tensa, intensional, do desdobramento de possibilidades: da ação. Vivência do 'acontecer'.

A vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, é, como vimos, um modo de sermos que se dá anteriormente à dicotomia sujeito-objeto. Modo de sermos do *acontecer*, é vivência do desdobramento da dinâmica da dialógica eu-tu, como desdobramento de possibilidade, como ação, eminentemente compreensiva.

Originário e anterior o modo implicativo de sermos da ação, do *acontecer* -- no qual não vigora a dicotomia sujeito-objeto --, o modo de sermos, explicativo, no qual vigora propriamente a dicotomização sujeito-objeto, constitui-se, a seguir, em decorrência do desdobramento da instantaneidade momentânea do modo de sermos da ação, do *acontecer* -- própria e especificamente como modo de sermos do *acontecido*. O modo de sermos do *acontecido*, modo coisa de sermos, se constitui com a exaustão em seu desdobramento da força da possibilidade.

O modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial, modo de sermos do *acontecer*, é, assim, o modo de sermos da *pré ação*, da *inter-pret-ação*; da *ação*, propriamente dita; como vivência da emergência *pré compreensiva*, e desdobramentos *compreensivos*, das possibilidades.

Na medida em que a vivência da possibilidade, no modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial, de sermos, é, a cada momento, a vivência de uma força em desdobramento -- a vivência da possibilidade em desdobramento, a vivência da ação -- a vivência deste modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial de sermos, a vivência da ação, é uma vivência **tensa**, é uma vivência de tensão. *Intensional*, portanto -- na (des)medida da tensão do desdobramento da força da possibilidade. A vivência deste modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, e implicativo, modo de sermos da ação, é, assim, uma vivência *intensional*. Vivência da *tensão*, da *tensionalidade*, da *intensionalidade da experimentação da força da possibilidade em seu desdobramento*. A *tensionalidade*, a *intensionalidade* compreensiva da ação. Diversamente do modo extensional de sermos, da coisa, do *acontecido*, do passado.

A *intensionalidade*, compreensiva, é, portanto, uma característica intrínseca à vivência da momentaneidade instantânea da ação, da interpretação compreensiva, fenomenológico existencial; a *intensionalidade* compreensiva é intrínseca à instantaneidade momentânea do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, modo de sermos implicativo, e compreensivo. Modo de sermos da ação, da interpretação, e da experimentação fenomenológico existenciais, compreensivas.

6. IMPLICATIVO IV. Ação. PLexo de Possibilidades.
Na vivência fenomenológica, compreensiva, e não explicativa, implicativa, as possibilidades são sempre múltiplas. E se organizam em ação, no seu desdobramento, como a *dominância* da competição das forças de sua multiPLicidade, como um PLexo de possibilidades. A Implicação, compreensiva, a ação, a vivência fenomenológico existencial, são sempre, assim, a vivência de um plexo, de uma multiplicidade, de possibilidades. A implicação é sempre vivência da implexação.

A vivência de possibilidades, no modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos -- modo imPLICativo de sermos --, é, sempre, a vivência de uma multiPLicidade, de uma PLuralidade de possibilidades.

Cada uma das possibilidades desta multiPLicidade é uma força múltipla, em desdobramento ativo, pré-compreensivo. E que pode se constituir de um modo compreensivo, quer seja na dinâmica rítmica do seu conjunto, ou particularmente. Cada uma das possibilidades é, ela própria, constituída por uma multiPLicidade de possibilidades, ativas, e ação, organizada em dominâncias, em seus desdobramentos, e assim sucessivamente.

Em seu caráter compreensivo de figuração, de formação de figura e fundo, isto é especificamente a vivência *Gestáltica, implicativa, implexativa*, a Gestaltética, a gestaltação, a *Gestática*. A vivência implicativa desta multiPLicidade de possibilidades figura e se configura, fulgura, como vivência compreensiva, pré-reflexiva, de um **PLexo** de possibilidades, ativo, portanto.

A palavra *plexo* tem, em Grego, um sentido original de tecer, entretecer, de tessitura, de trança; sentido este originado no trançamento, no trançado, dos pêlos das crinas dos cavalos. E, sem dúvida, na trança dos cabelos.

Metaforicamente, na vivência de possibilidades, na vivência do *plexo* de possibilidades, as possibilidades são múltiplas, e se organizam e se inter trançam entre si, de acordo com a força plástica de suas dominâncias.

Assim, na vivência compreensiva e implicativa do **PLexo** de possibilidades, a multiPLicidade de possibilidades ativas organizam as suas atividades sob a forma de uma *dominância*. Esta *Dominância* constitui o curso compreensivo e implicativo do desdobramento da ação particular, a partir da organização de cada uma, e do conjunto, das possibilidades constituintes da multiplicidade, e da competição entre elas. Constituindo, assim, a dinâmica figurativa de seu processo gestáltico, gestático, gestético, de formação de figura e fundo.

A vivência de possibilidades, assim, no modo fenomenológico existencial e dialógico, imPLICativo, gestáltico, é sempre, em sua multiPLicidade PLural, a vivência de um **PLexo**, de uma multiplicidade, de possibilidades. Plexo este articulado e organizado, no curso de seu fluxo de ação do seu desdobramento, como uma dominância particular, para a qual converge a dominância das atividades de cada possibilidade ativada.

É a vivência do curso desta dominância, compreensiva, ativa, implicativa, que entendemos como **Gestalt. Gestaltação.**

A vivência do *plexo*, a *implicação*, assim, é eminentemente ativa, é ação, é compreensiva, e gestáltica. Pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica.

7. IMPLICATIVO V. Ação. Plexo. Implexação. Implicação. ImPlexação, ImPLicação. A vivência fenomenológico existencial como vivência da dominância da ação de um PLezo, de uma multiPLicidade organizada, Gestalt, de Possibilidades,

Compreensiva e ativamente absorvidos na vivência do desdobramento gestalticamente figurativo do plexo das possibilidades, absorvidos no desdobramento da ação, da atividade, absorvidos na ação, do PLezo -- atividade compreensiva, compreensivamente figurativa, e fulgurativa, fulgurante, e motiva, emotiva, ação, interpretação, fenômeno-logos, em suas intensidades plásticas próprias --, estamos **imPLezos**, estamos **imPLezados**. Estamos **implicados**.

Este é o sentido do termo **imPLicação**. O sentido de que estamos **imPLicados**. Estarmos compreensivamente, gestalticamente, absorvidos no desdobramento pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico, da ação. Desdobramento da ação do plexo de possibilidades.

Ou seja, a **Implicação** é a vivência momentânea instantânea, os momentos da experiência, e da experimentação, do modo de sermos, compreensivo -- pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico, gestáltico -- da ação. A vivência compreensiva do desdobramento da ação é a vivência gestáltica, figurativa, do desdobramento da dominância da atividade de uma multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades.

É isto o que chamamos de **Implicação**.

8. IMPLICATIVO VII. Ação. Compreensão.

Com apreensão – ou seja, com a constituição como consciência pré-reflexiva -- do desdobramento da possibilidade: do desdobramento da Ação. A Ação como Compreensão. O aspecto cognitivo da Ação. A Ação como conhecer. Uma Ciência compreensiva. Intuitiva. Estética.

A ação é *intuitiva, compreensiva*, e implicativa.

A ação inexistente na explicação. *Comportamento* e *ação* são modos radicalmente distintos de sermos.

A **ex-plicação** não é o modo ativo de sermos. Não é, igualmente, o modo compreensivo, implicativo, de sermos. É o modo teórico de sermos, no qual, não atores, somos espectadores, no âmbito da dicotomia sujeito objeto, da causalidade, da utilidade, da realidade, da coisidade. E, por outro lado, também, o modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, o modo comportamental de sermos.

Ação e *comportamento* são, pois, dois diferentes modos de sermos. A *ação* não é *comportamento*.

A *ação*, implicativa, consciência compreensiva, ontológica. Modo de sermos do acontecer. O *comportamento*, atividade padronizada e repetitiva, no âmbito do modo de sermos do acontecido.

A *ação*, que é compreensiva, e implicativa, própria e especificamente poética, estética, distingue-se do modo teórico de sermos, da teórica. Na medida em que o modo teórico de sermos é reflexivo, e conceitual. Não implicativo, portanto. Dá-se, pois, o modo teórico de sermos, no modo de sermos do acontecido, no passado.

A *ação* -- e a compreensão, que é a sua dimensão cognitiva --, pré-reflexivas, e pré-conceituais, são da ordem do processo do acontecer.

Assim, a *ação*, a vivência do desdobramento da possibilidade, que se constitui como consciência pré-reflexiva, a *interpretação* fenomenológica, própria e especificamente se constituem como conhecimento. Como conhecer.

Ou seja, intrinsecamente, o desdobramento da possibilidade, a *ação*, se constitui como cognição, como conhecer, como consciência pré-reflexiva. Esta consciência pré-reflexiva em que se constitui a possibilidade, no fluxo de seu desdobramento, a *ação*, dá-se, ao nível cognitivo, como **Compreensão**, como **consciência compreensiva**.

Que é da ordem da **Implicação**. (E não da *Explicação*).

Assim, a **Compreensão** é um conhecer, e um conhecimento, especificamente, pré-reflexivos, *implicativos*. E não um conhecimento explicativo, *teórico*. É *conhecimento ativo, pré-reflexivo e pré-conceitual. Estético. E poético*. O conhecer especificamente do *ator* – e não o modo teórico de conhecer do espectador.

O desdobramento da possibilidade, assim, como vivência do desdobramento da *ação*, da interpretação fenomenológica, se constitui como

consciência pré-reflexiva, implicativa. Ou seja, é apreendida como consciência pré-reflexiva, implicativa. De um modo tal, que a vivência do desdobramento de possibilidades dá-se *com(a)preensão consciente*. É, portanto, própria e especificamente *compreensivo, com-preensão*. É, portanto, própria e especificamente, **compreensão**.

9. IMPLICATIVO VIII. Ação. Fenômeno. Fenomeno Logos. Fenomenologia.

Heidegger⁵ observa que o fenômeno da *Fenomenologia* é o que *explicitamente se mostra em si mesmo – o que em si mesmo se mostra, nas formas da intuição*.

Na intuição, pré-reflexiva, o fenômeno se constitui, e devém, porque *pode*, porque é possibilidade, de se constituir, e devir. Especificamente, assim, portanto, porque é *possibilidade*, potência, força, para tal.

A possibilidade, a dominância do desdobramento de possibilidades, se constitui como consciência pré-reflexiva, se constitui como compreensão. De modo que, como indica Heidegger, *sentido*, o fenômeno no qual a possibilidade aparece compreensivamente tem um caráter de fala, de argumento. Como a ação que o constitui, o fenômeno é, especificamente, compreensivo. Como *sentido*, como *logos*. *Logos* que, ainda na linguagem de Heidegger, é *fala* do fenômeno. *Que torna patente aquilo de que se fala*.

Força, possibilidade, o fenômeno é, assim, a vivência da ação. É a possibilidade, em seu desdobramento. Que se constitui, compreensivamente, como consciência pré-reflexiva. Toda fenomenologia, como a vivência do logos do fenômeno, em seu desdobramento, como desdobramento da possibilidade que se constitui compreensivamente, é fenomenologia da ação.

O fenômeno e o seu logos são assim compreensivos e implicativos. São vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual.

A metodologia da Ontologia e da Epistemologia fenomenológicas centra-se, pois, em privilegiar, em insistir, na experiência e na experimentação pré-reflexivas, compreensivas, e implicativas, como modo próprio de sermos do desdobramento das possibilidades, da ação propriamente dita. E da criação. Da estética da poiese.

⁵ HEIDEGGER, EL SER Y EL TIEMPO, PP. 39-49.

10. IMPLICATIVO IX. Ação. Inter-pret-ação, Compreensiva.

O significado mais comum do termo *interpretação* é o de seu sentido *explicativo*, o seu sentido como *interpretação explicativa*. Este sentido explicativo não é o único do termo *interpretação*. O sentido originário do termo é o seu sentido própria e especificamente *implicativo*. E, portanto, própria e especificamente **compreensivo**. **O sentido da Interpretação Compreensiva, Implicativa, fenomenológico existencial, e dialógica.**

Quando nos referimos ao modo *implicativo* de sermos, quando nos referimos ao modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, quando nos referimos ao modo ativo, gestáltico, e performático, de sermos, nós nos referimos, especificamente, à modalidade da interpretação fenomenológico existencial, própria e especificamente compreensiva, e implicativa, naturalmente. Forma do acontecer. E não do acontecido. Forma da ação. A nossa modalidade de sermos do atores. E não do espectadores, como o é o modo de sermos, explicativo, da interpretação explicativa.

A vivência do desdobramento implicativo, e compreensivo, de possibilidades, assim, a ação, se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, compreensiva. E é a **Interpretação** própria e especificamente **fenomenológica** – a interpretação fenomenológico existencial, e dialógica, implicativa, compreensiva.

A raiz **inter** do termo **inter-pret-ação**, da interpretação fenomenológica - - compreensiva, implicativa, e não ex-PLICATIVA -- se refere ao caráter especificamente dialógico da interpretação fenomenológica, implicativa, e compreensiva. Ou seja, refere-se ao aspecto de que, na vivência da ação, como desdobramento de possibilidades, as possibilidades são vivenciadas, em seu desdobramento, sempre, como a alteridade radical do **tu** de uma dialógica **eu-tu**. **E não no modo de sermos no qual vigora a dicotomia sujeito-objeto.**

A *inter-pret-ação* é dialógica na medida em que, especificamente *compreensiva*, e *implicativa*, a possibilidade é a alteridade radical de um *tu com relação a nós* próprios, que *inter-age* com o *eu* de nós próprios, no percurso vivencial *compreensivo* e *implicativo* de seu desdobramento. Como ação, especificamente, portanto, no processamento de uma dialógica eu-tu de compartilhamento compreensivo, implicativo, e *dialógico*, de sentido.

Surgida nos níveis mais originários da vivência fenomenológica compreensiva, a possibilidade, em seu desdobramento, no modo implicativo de sermos, é intuída como gestalt ainda pré-compreensivamente, pré-reflexivamente. Ou seja, é intuída nos níveis mais originários da *pré-compreensão*, e da *pré-ação*, da ação. O desdobramento da vivência de possibilidades, a ação, é movimento vivencial que, da *pret-ação*. Direciona-se inevitavelmente para a ação. Do pré-compreensivo, se tensiona no sentido da compreensão, no sentido da constituição do desdobramento da ação. Dialógica, em suas origens, e ao longo de seu desdobramento, a ação é *Inter-pret-ação Fenomenológica*.

A *Hermenêutica* é a *arte da interpretação*⁶.

De modo que, *interpretação fenomenológica*, a ação é fenomenológico existencial hermenêutica. Uma *hermenêutica* própria e especificamente *compreensiva*, e *implicativa*, fenomenológico existencial, na momentaneidade instantânea do seu desdobramento, ativo, e compreensivo.

E não explicativa.

Como *Hermenêutica*, a ação, a interpretação fenomenológica, compreensiva, implicativa, desdobra, atualiza possibilidades. Possibilidades que, na vivência fenomenológica, compreensiva, implicativa, emergem do *Ser*.

O *Ser* é a *fonte do possível*. Não é conceitual. É a intuitiva fonte das possibilidades, cujo desdobramento se dá vivencialmente, compreensiva e implicativamente, e que fenomenológico existencialmente nos constitui, e constitui o mundo que nos diz respeito.

De sua emergência, transitando como o seu devir, a atualização da possibilidade, a ação, compreensiva, se traduz terminalmente na coisa, no acontecido. Pelo dispêndio de sua potência no desdobramento de seu *acontecer*. A vivência do acontecer é assim a interpretação compreensiva, implicativa, fenomenológico existencial.

Esta *interpretação*, tradução, da possibilidade na ontidade da coisa, este dispêndio da força do possível (ontológica), é que é a *Hermenêutica*, a *arte de Hermes*.

Hermes é o personagem da mitologia Grega encarregado de *interpretar*, de *traduzir*, para os humanos a linguagem dos Deuses do Olimpo. Sendo, por isto, considerado o *intérprete* por excelência.

Heidegger diria que o homem é o ser intérprete por excelência; ou seja, o homem é o ser hermenêutico por excelência (no sentido existencial, de que a sua existência é hermenêutica). Na medida em que interpreta o possível em ação, na medida em que interpreta, ontologicamente, a possibilidade, ontológica, como ação compreensiva, no modo ôntico de sermos da coisidade. Na medida em que a sua existência transita, como devir intensional, compreensivo, da vivência do acontecer do desdobramento da possibilidade, para a experiência coisificada e objetiva do acontecido, ôntico. Hermenêutica, em sua ontológica, a existência humana é, na formulação heidggeriana, ontológica e ôntica: *o homem é o ser hermenêutico por excelência*.

11. IMPLICATIVO X. Ação. Estética.

O *Estésico* é um vento que sopra na Grécia, numa determinada fase do ano. É a moção que impulsiona as velas dos navios, para que eles se façam ao mar. Filósofos e marítimos, os Gregos perceberam que o modo de sermos da sensibilidade, o modo originário de sermos, vivencial, o modo pré-reflexivo de

⁶ PALMER,

sermos, fenomenológico existencial, e dialógico, implicativo, o modo ativo de sermos, também é impulsionado por uma moção, por uma força impulsionante, a **possibilidade**, em desdobramento. Que é moção, performativa, compreensiva, implicativa, da ação, da implicação.

De tal forma, que designaram como *estesia* a este modo sensível, fenomenológico existencial dialógico, compreensivo, implicativo, motivo, emotivo, de sermos que é o modo de sermos da vivência do desdobramento da possibilidade, o modo de sermos da vivência da ação.

Parestesias, somos alternativamente, também, os modos não implicativos, explicativos, de sermos. O modo teórico, e o modo comportamental de sermos.

Cada modo de sermos destes configura o modo de sermos de uma ética.

Temos assim a *teórica*. A *ética comportamental*. Que são éticas explicativas. E temos a ética deste modo fenomenológico existencial e dialógico, implicativo, modo ativo de sermos, que é o modo estésico de sermos. E que é o que chamamos de *estética*.

Os modos teórico, e o modo comportamental de sermos, explicativos, não são estéticos.

O que caracteriza a estética é a sua constituição como vivência, como experiência e experimentação pré-reflexivas, pré-conceituais, implicativas. Que são vivências do desdobramento de possibilidades, vivências do desdobramento da ação.

12. IMPLICATIVO XI. Ação. Poiese. Poiético, Poiética.

O prefixo Grego *poi* refere-se a *força*. É assim que ele está em *potência*, *poder*, *possibilidade*, *poiese*, *poiético*, *poiética*. Precipuamente, refere-se ao modo estético de sermos. *Pré-reflexivo*, *Implicativo*, *compreensivo*, *fenomenológico existencial*, *dialógico*, *poiético*.

Refere-se, em particular, à força característica que intrinsecamente impregna a totalidade deste modo de sermos, a cada momento de sua instantaneidade momentânea. A força da possibilidade, do plexo de possibilidades, em seu desdobramento compreensivo, que é a ação.

O modo *poiético* de sermos é, portanto, o modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, que se constitui como o desdobramento criativo da força da possibilidade, em seu processamento compreensivo de devir criativo.

A *poiética* é a *ética da poiese*. Ou seja, a momentaneidade instantânea da vivência, da habitação, neste modo implicativo, fenomenológico existencial e dialógico de sermos. A *poiese* é a vivência criativa, ativa, atualizativa que se dá

como desdobramento da possibilidade, como ação, implicação, neste modo de sermos.

14. IMPLICATIVO VI. Ação. Gestalt.

O termo **implicação** remete ao caráter própria e especificamente gestáltico deste modo vivencial de sermos. O caráter gestáltico de vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva –

(1) *meramente compreensiva*, ou

(2) *compreensiva e muscular, somática*.

Vivência, compreensiva, da *dominância* do desdobramento, ativo, ação, da multiplicidade da pluralidade de um plexo de possibilidades.

A *implicação* é, assim, a vivência compreensiva, fenomenológica e existencial, dialógica, gestáltica, inerente ao processamento da *ação*, como desdobramento de possibilidades.

É a vivência, mais ou menos, organizada da multiplicidade de *plexos possibilidades*.

O *Plexo* é a **dominância** da organização das atividades compreensivas das várias possibilidades, vivenciadas como o fluxo da ação.

A vivência compreensiva desses plexos, organizados como a *dominância* do curso, do *percurso*, da ação, é o que chamamos de *gestalt*. A vivência pontual do desdobramento das gestalts, em sua instantaneidade momentânea, eminentemente ativa, é *implexão, implicação*.

Na vivência pré-reflexiva, compreensiva e implicativa, da ação, as possibilidades, como vimos, são sempre múltiplas. E organizam a multiplicidade do seu desdobramento gestálticamente, numa *dominância*, que é o curso compreensivo da ação. Esta organização da *dominância* do plexo de possibilidades dá-se como *um todo que é diferente da soma de suas partes; uma totalidade significativa, que, como tal, aparece, antes, como totalidade; e que só em seguida as suas partes vão se desdobrando figurativamente*, num processo gestáltico de formação de figura e fundo.

Mais organizado, mais integrado, gratuito, desproposital, intensamente plástico, gracioso, e fluído, nos modos ótimos de nossa vivência. A vivência gestáltica é fenomenológica, e existencial. Compreensiva, e implicativa

De modo que a vivência *gestáltica* – que é eminentemente ação, *eminente gestaltação*, sempre – é a vivência *implicativa*, a vivência da *implicação*. Ou seja, a vivência pré-reflexiva, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, ativa, do desdobramento da *dominância* de um plexo de possibilidades – vivência compreensiva, gestáltica, do desdobramento da ação.

Caracteristicamente, assim, a vivência da ação -- a vivência fenomenológica e existencial, a vivência da implicação, a vivência do que

chamamos de interpretação *fenomenológico existencial*, compreensiva -- é a vivência gestáltica, vivência da gestaltação.

Assim, a vivência gestáltica, compreensiva, é a vivência de uma totalidade significativa, ativa, portanto, em que o fluxo do desdobramento das possibilidades, e da dominância delas.

- (1) Constitui-se compreensivamente. Como consciência pré-reflexiva, fenomenológica e existencial. Como a vivência do desdobramento de possibilidades, que é a ação; a interpretação *compreensiva*. Fenomenológico existencial.
- (2) A vivência gestáltica da ação, da implicação, por sua qualidade específica e intrinsecamente gestáltica, é a vivência compreensiva de uma totalidade significativa processual que, enquanto totalidade, é composta por uma multiplicidade de partes. Partes estas própria e especificamente gestalts, também.
- (3) Caracteristicamente, a vivência gestáltica dá-se, como totalidade compreensiva, anteriormente à configuração de suas partes. As partes, totalidades significativas cada uma delas, gestalts, possibilidades, podem então figurar, a seguir, de um modo ativo, paulatina, compreensiva, e particularmente, num processo figurativo de formação de figura e fundo; sempre na dinâmica de suas relações com o todo.
- (4) A totalidade significativa das gestalts é diferente da soma de suas partes, sendo a sua articulação dinâmica, e ativa, o que lhe confere o seu sentido e o seu caráter.

15. IMPLICATIVO XII. Ação. Perfazimento fenomenológico existencial dialógico, compreensivo, implicativo da ação. Performance. Performance. O pré compreensivo. A pret ação. Formação, Figuração compreensivas. Performance. Perfeição.

Na implicação, na vivência compreensiva da ação, o percurso compreensivo do desdobramento das dominâncias do plexo de possibilidades surge pré-compreensivamente, desdobra-se compreensivamente, e decai de modo igualmente compreensivo, ao longo do desdobramento. Atingindo o ponto mais baixo do decaimento à medida que as possibilidades se constituem, e se instalam, como coisa, como *entes*. *Onticamente*.

No seu desdobramento, as possibilidades se constituem, pré-reflexivamente, como compreensão, como consciência pré-reflexiva. Elas paulatinamente se desdobram, e, paulatinamente, se constituem como *figuras*,

como formas compreensivas. Que cabalmente se explicitam, à medida de suas forças. Enquanto vivência compreensiva, e enquanto formação, figuração, objetiva, no processo de sua coisificação.

De modo que o processo da *ação implicativa*, fenomenológico existencial e dialógico, é, ao nível vivencial compreensivo, um processo figurativo, gestáltico, um processo de formação – de figura e fundo --, formático, performático, performativo. À medida que, em seus melhores momentos, a possibilidade em desdobramento se constitui, formativamente, em compreensão.

No seu desdobramento, o processo compreensivamente formativo da ação constitui a coisa objeto, atualizada, realizada – coisa material ou psicológica --, na forma da instalação de sua coisidade.

Como *performance*, como *performance*, *perfazimento*, a compreensiva implicativa da ação é um processo de *feição*. É, própria e especificamente, um processo, e, em particular, **um modo**, de fazer, de *perfazer* – *o modo de fazer ativa e vivencialmente*.

E é a este *modo de fazer* que chamamos de **perfeição**. A *performance*, a *performance*, a *perfeição* é, pois, este *modo de fazer*, através da vivência ativa, atualizativa, *presente*, do desdobramento das formas vivenciais da compreensivas – no modo de sermos da implicação. Formas em que se constituem, em que se fazem, em que se coisificam, compreensivamente, as possibilidades, em seus desdobramentos. Neste modo, fenomenológico existencial e dialógico, *performático*, de sua formação, de sua *feição*.

Assim, são *per-feitas* as coisas objetivadas desta forma, na instalação de sua coisidade. As coisas que se (per)fazem, se (per)formam, própria e especificamente, neste modo implicativo, compreensivo, de sermos.

O sentido do prefixo **Per** decorre de que, em seu aparecer compreensivo, e implicativo, a possibilidade é o pulso gestáltico de uma força. Cujas formas já estão anunciadas em sua enunciação pré-compreensiva, intuída pré-reflexivamente, nos primórdios de seu desdobramento.

De modo que o seu desdobramento atualizará, explicitará, uma forma, uma gestalt, já anunciada, na embriaguês trágica de sua vivência pré-reflexiva dionisíaca.

O *percurso performático* meramente compreensivo, ou compreensivo e muscular, da explicitação cabal da ação desta gestalt anunciada é que é a *perfeição da performance*.

Fechamento da Gestalt.

Perfeição é, assim, um modo performático, compreensivo, implicativo, de *fazermos*.

Não por acaso, o modo *estésico*, *estético*, *de fazermos*.

A **interrupção** deste anunciado percurso -- compreensivo, desproposital e implicitativo, gestáltico, ativo -- é o que é a *imperfeição*. Diversamente da *perfeição da performance*, a *imperfeição* é o encalacramento, a interrupção, da *feição*, do *fazimento*, da *performance da perfeição*. Que é um pulso de potencia, de força, que tende, por sua própria força, a se explicitar cabalmente

-- *implicativa e compreensivamente, fenomenológico existencial, experimental, e hermenêuticamente.*

Em Gestal'terapia, por exemplo, o que interessa não é que uma Gestalt ou outra, anunciada, não se explicitem cabalmente. Isto é, eventualmente, inevitável. Mas um padrão de interrupção, regular e sistemático, do desdobramento espontâneo de possibilidades, do desdobramento de gestalts. No qual o *funcionamento* (na verdade, o *desfuncionamento*), implicativo, compreensivo, da ação compreensiva é interrompido pelo funcionamento, oportunamente impróprio, do modo explicativo de sermos; quer ele seja o modo teórico, ou o modo comportamental de sermos.

16. IMPLICATIVO XIII. Ação. Trágico. A implicação, a ação, é trágica.

A implicação é dionisíaca, apolínea, e dionisíaca. A implicação é trágica. A intensional, e implicativa, consciência embriagada, gestáltica, do desdobramento da ação, do desdobramento da implicação no plexo de possibilidades; Formação, performance, performance.

A implicação assim, vivência compreensiva, fenomenológico existencial, dialógica, de um plexo ativo, de uma multiplicidade ativa, de possibilidades, vivência da ação. Em sua multiplicidade, é *consciência dionisíaca*. Na qual predomina a multiplicidade gestaltizada (*apolinizada*), organizada, da compreensão, pré-conceitual. E não a unidade do conceitual da consciência, teórica, do espectador.

É, assim, que a *implicação* é a momentaneidade instantânea do desdobramento compreensivo da multiplicidade gestaltizada da consciência do ator. Do desdobramento compreensivo da consciência da ação.

A *implicação*, a ação, é apolínea, dionisíaca, e apolínea.

Na medida em que é vivência apolínea-dionisíaca do vigor do desdobramento compreensivo da multiplicidade gestaltizada da forma; e é vivência, igualmente apolínea dionisíaca, do limite do desdobramento da forma, e de diluição da forma.

O que conduz ao retorno, ao eterno retorno, da possibilidade em formação dionisíaco apolínea *trágica*.

A ação, a implicação, é per-form-ação, é per-formance. A ação é compreensiva; e, na constituição compreensiva da ação, a *forma* se constitui, fulgura, e figura, como figura compreensiva, na sucessão de um processo gestáltico de *formação* de figura e fundo.

A forma compreensiva se dissolve, à medida que decai a força da possibilidade que a anima, dando origem novas possibilidades.

Deixando, como o seu resíduo, a *coisa criada*, no esgotamento da força da possibilidade. No seu processo criativo, a possibilidade secreta a coisa, como algo que não existia, e veio a ser. Assim, criamos o mundo, e a nós próprios; à *imagem e semelhança de Deus...*

Instalada em sua coisidade objetiva – vulnerável à observação de um subjetivo sujeito, causal, útil, e prática, é bom que se diga -- eventual, e inevitavelmente, atualizada, a coisa, em sua forma, em sua multiplicidade, se dissolve de modo mais ou menos lento – por isso, ela é ainda *ação, instalação*. Dando lugar a novas, possibilidades e possibilitações, a novas ações, formações, a novas performances compreensivas; e a novas coisas objetivamente instaladas.

Formação e dissolução da forma -- na multiplicidade das possibilidades, e na integração das possibilidades em seu caráter gestaltizado, em seus modos apolíneo e dionisíaco --, a atualização da possibilidade, a ação, a implicação, é assim *trágica*. No sentido que Nietzsche recuperou aos Gregos.⁷

As possibilidades em desdobramento emergem do conflito e da competição em sua multiplicidade. Exaurido o desdobramento das possibilidades, novas possibilidades podem emergir, e atualizarem-se de modo formativamente compreensivo, resultando sempre na instalação da coisa como resíduo.

17. IMPLICAÇÃO. Ação.

Já que não há ação na *explicação*, a *implicação* é o modo ativo de sermos. Ou seja, a implicação é o modo de sermos próprio e específico da ação, do ato, da atualização, da atualidade. A ação, como vivência do desdobramento de possibilidades, é, própria e especificamente, *implicativa*. A ação é, própria e especificamente, *implicação*.

A experiência e a experimentação da ação são, própria e especificamente, vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial dialógica. Como tal, são vivência do curso do desdobramento da dominância de um plexo de possibilidades.

De modo que a implicação é especificamente ativa, desdobramento possibilidades. Ação.

A atividade da implicação é o curso, percurso, do desdobramento da dominância de uma multiplicidade – de um *plexo* – de possibilidades. Que é a vivência compreensiva da ação, da atualização.

Poderíamos pensar que a vivência de possibilidades, a vivência da ação, é sempre, assim, como a vivência do movimento da multiplicidade de um *cardume*, de possibilidades.

⁷ MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE.

Neste *cardume*, nesta multiplicidade, neste *plexo* de possibilidades, cada *unidade* é, também, uma multiplicidade, ela também um plexo, de possibilidades.

A possibilidade, como dominância de sua multiplicidade, pode se constituir como consciência pré-reflexiva, fenomenológica existencial, e dialógica; ou seja: pode se constituir como compreensão.

O plexo, gestalt, se dá como a vivência pré-reflexiva, compreensiva, de uma totalidade significativa, em processo ativo de desdobramento. Neste desdobramento, as possibilidades partes, constituintes da totalidade, gestalt, sucessivamente se constituem compreensivamente como figuras. Na medida que figuram particularmente, reconfigurando em seu percurso, a totalidade significativa, gestalt, original. Agora como coisa, como acontecido, e não mais como acontecer, não mais como *presente*.

É a momentaneidade instantânea da vivência compreensiva do desdobramento deste plexo de possibilidades que é a *implexção*, ou seja, a implicação. E que, em específico, é a ação.

18. IMPLICATIVO XIV. Ação. Implicação. Implexção. Perplexificação. Perplexidade.

A ação, a implicação, é Perplexidade; é perplexificação.

Pléxica, a ação não é, simplesmente, *complexa – cum-plexo*. Na medida em que, em sua constituição, ela é o desdobramento de possibilidades, ela não é simplesmente a constituição e a *constatação* do plexo – não é, simplesmente, com plexo. A ação é uma movimentação, um trânsito, um devir, que agencia, num vir a ser, as forças dominantes das possibilidades ativas e envolvidas na multiplicidade do plexo. A própria *plexidade*, em sua vivência pré-reflexivamente pré-compreensiva, se constitui neste movimento vivencial do desdobramento das possibilidades, da ação, da implicação.

Na anunciação pré-compreensiva de sua força, a possibilidade, em sua plexidade, já anuncia, como possibilidade, a sua forma, a sua formação, complexas. De modo que o percurso do seu desdobramento é o agenciamento per-plexo, de constituição e desdobramento do plexo, da multiplicidade, de possibilidades que se anunciam pré-compreensivamente. Este percurso do desdobramento múltiplo da possibilidade é, per-plexo, a perplexidade, e perplexificação.

A ação, a gestaltação, é, sobretudo, *perplexa*, portanto. Ela é, sobretudo, *perplexidade*. Perplexificação.

Ou seja, a ação é agenciamento compreensivo, gestáltico, do desdobramento da dominância das forças das possibilidades do plexo de possibilidades, que se anunciam pré-compreensivamente, e que se desdobram como tais e de modo igualmente compreensivo. No movimento de uma dominância que é *perplexidade*, que é *perplexa*, que é o curso da ação, da implicação, como organização da dominância e agenciamento de uma

multiplicidade de possibilidades . Que é o curso cabal da ação, como cabal desdobramento compreensivo de possibilidades, com seu princípio, meio, e fim; fechamento.

O desdobramento do curso da ação constitui a sua consciência compreensiva, como desdobramento da dominância do plexo das possibilidades, e do desdobramento de cada uma das possibilidades, do modo mais cabal.

Desde sua gênese pré compreensiva, até o seu desdobramento compreensivo. Que, como vimos, pode ser *meramente* compreensivo, ou *compreensivo e muscular*.

A ação, pois, não é meramente a constituição ou a explicação, a elucidação explicativa, de um plexo.

A ação é a vivência compreensiva do devir -- performático, fenomenológico existencial, e dialógico -- da constituição, e do desdobramento, da vivência das possibilidades da multiplicidade de um plexo de possibilidades.

Possibilidades estas que se organizam numa dominância compreensivamente ativa. E que, agenciamento de constituição e do desdobramento do plexo, é perplexa, movimento da perplexidade e da perplexificação, gestáltica. *Implexa. Implicação*.

Que, compreensivamente, fulgura e figura, inicialmente, como totalidade compreensiva de uma multiplicidade organizada de possibilidades em desdobramento. Possibilidades estas que paulatinamente figuram, configuram, compreensivamente, o desdobramento de suas possibilidades partes. Na direção da objetivação de suas formas.

19. IMPLICATIVO XV. Ação. Emoção

A ação, implicação, perplexa, é motiva, é moção, é emoção, é motivação.

O modo fenomenológico existencial de sermos, compreensivo, implicativo, o modo de sermos da ação, da mesma forma que é o modo de sermos da movimentação, do devir, é, igualmente, o modo de sermos da emoção. É o modo de sermos do *pathos* (no sentido Grego), o modo de sermos, estésico, estético, poiético, da *sensibilidade emocionada*.

Na medida em que é desdobramento de possibilidade, na medida em que é movimento, perplexa, a ação é intrinsecamente motiva. É motivação, e é moção, é emoção.

Por isso a vivência da ação é motivação. E é emotiva.

Daí que o modo de sermos da ação, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo, é o modo de sermos da emoção. O modo de sermos da vivência emocionada. O modo de sermos da sensibilidade emocionada.

O modo de sermos, assim, do *pathos*, no seu sentido Grego.

O modo de sermos da *pathia*. Da *Empathia*.

20. IMPLICATIVO XVI. Ação. O Presente, a atualidade. Implicação, Ação. O Acontecer.

A ação, o acontecer, envolve, como Buber o coloca, uma desatualização.

Ou seja, a força da ação, a força do acontecer, a possibilidade, decai (Heidegger)⁸ progressivamente. À medida que a possibilidade se desdobra. No seu desdobramento, a possibilidade *cura* (Heidegger) em coisa. Desnatura, perde o seu frescor e atualidade, desatualiza-se em coisa. Inevitavelmente. Coisifica-se à medida que perde a sua força de possibilidade.

O desdobramento da possibilidade, o acontecer, a ação, são eminentemente compreensivos, e fenomenológico existenciais, e dialógicos, são vivenciais, desdobramento de possibilidade, e não coisificados. São ontológicos.

A coisa terminal, o *ente*, secretado pela ação compreensiva, são ônticos.

E não ontológicos.

A ação, o acontecer, não são ônticos. Não são *entes*.

Desdobram-se inevitavelmente, como vivência do desdobramento de possibilidades, até que, na sua exaustão, secretam a condição de coisa, a condição de *ente*, *ôntica*.

Este desdobramento vivencial da ação, da atualização, que não é da ordem do ente, da ordem da coisa, da ordem da realidade, mas da ordem, ontológica, da vivência, se constitui como consciência pré-reflexiva, se constitui como compreensão. Dá-se, portanto, como vivência compreensiva de sentido, que se constitui como *logos*, assim – *onto logos*, são *ontológicos*.

Assim, toda a vivência ontológica, à medida que a possibilidade se desdobra, decai à coisidade, decai ao ôntico, decai à condição de *ente*, à condição de coisa.

A coisidade, o ente, o ôntico, *estão prontos*, *estão prestes*, à medida que a ação, que é o acontecer, pré-reflexivo, fenomenológico existencial, e dialógico, à medida que a possibilidade, ontológica, se desdobra compreensivamente. A ação, o desdobramento fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo de possibilidades, é própria e especificamente anterior ao ente, *pré-ente*.

Mas este desdobramento compreensivo da ação, como desdobramento da possibilidade, como acontecer, compreensivo, implicativo, fenomenológico existencial e dialógico, especificamente não é da ordem do *ente*. Não é ôntico, da esfera do ente. Ontológico, o desdobramento compreensivo da ação é

⁸ HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

especificamente *pré-ente*, é especificamente *pret-ente*. É vivência compreensiva do desdobramento implicativo de possibilidades, e é, e constitui, própria e especificamente, o que entendemos como **Presente**. O tempo em que, igualmente, é a **Atualidade**.

21. IMPLICATIVO XVII. Ação. Pathos, Empatia, Pathética. O Pathos Grego da vivência fenomenológica, sensibilidade emocionada. Em-pathos, Empathia, o modo de sermos da sensibilidade emocionada fenomenológico existencial, dialógico, compreensivo, implicativo;

A vivência fenomenológica, pré-reflexiva, implicativa, é movimento, é motiva, é moção. Ou seja, é sensibilidade estética, e poiética, é sensibilidade motiva, motivativa, emotiva.

É este sentido que faz com que o modo fenomenológico existencial implicativo seja entendido como *Pathos*, na acepção Grega original. Como sensibilidade emocionada.

Na acepção Latina, derivada, o termo *Pathos* teve privilegiado o sentido de *sofrimento*, de *doença*. Foi este sentido Latino do termo que predominou entre nós. E que se constitui enquanto tal em termos e conceitos como os de *Patologia*.

Mas, no sentido Grego original, o termo e o conceito de *pathos* designam o modo de sermos, movente, comovente, motivo, emotivo, da estética poiética da sensibilidade emocionada.

De forma que a habitação momentânea neste modo de sermos que contém a emoção, modo de sermos implicativo, e compreensivo, da sensibilidade emocionada, fenomenológico existencial, e dialógico, compreensivo, e implicativo, é o que entendemos como *Empatia*. *Em-pathos*.

Dentro do pathos.

O *pathos* aqui entendido, no seu sentido Grego, como *sensibilidade emocionada*.

A *empatia*, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, é, assim, estética, e poiética, ativa, e implicativa. A implicação é empática. Fenomenológica, e dialógica.

A *ética do pathos*, a *patética*, compreende o privilegiamento e o valor ontológico do *pathos*. Na medida em que a vivência *pathica* é geradora, é criativa – na medida em que é a vivência que permite a vivência compreensiva, implicativa, de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades. A ação. O original. E a novidade do devir.

A vivência pática, a vivência empática, patética, é o modo implicativo, compreensivo, de sermos da ação.

22. IMPLICATIVO XVIII. Ação. Experimentação Fenomenológica.

Empirismo e Experimentação, própria e especificamente, Fenomenológico Existenciais Implicativos. Dialógicos e compreensivos.

Os termos e conceitos de *Empírico*, e de *Experimental*, têm uma mesma e única raiz: o verbo Grego *perire*. Que significa *arriscar, tentar*. O Empirismo e a experimentação guardam assim entre si certa identidade.

O que se coaduna com a perspectiva implicativa. Na qual a vivência empírica é sempre *experimentação* (fenomenológico, compreensivo, e implicativo); e a vivência experimental é sempre empírica (igualmente no sentido fenomenológico, compreensivo, implicativo). No modo de sermos, enquanto atores, enquanto ser no mundo, o acontecer de um devir.

E, sobretudo, no modo de sermos no qual é intrínseco o lidar com a despropositabilidade, com a incerteza, com a disposição de tentatividade da atualização de possibilidades. Da ação.

Nada a ver, aqui, naturalmente, com o sentido científico, explicativo, do empírico e do experimental.

O empirismo e a experimentação, implicativos, fenomenológico existenciais, compreensivos, enquanto tais, se dão no modo de sermos que, *dialógica eu-tu*, é anterior ao modo de sermos no qual vigora a dicotomia sujeito-objeto. Ou seja, o empirismo e a experimentação fenomenológico existenciais são a vivência intuitiva, não teorética, e não comportamental, ativa, implicativa, não explicativa, que é despropositiva, e dialógica, fora do âmbito do modo de sermos no qual vigora a dicotomia sujeito-objeto...

Naturalmente, o que os diferencia do empirismo e da experimentação especificamente *objetivistas*, é que o empirismo e a experimentação fenomenológicos não se dão no modo de sermos do *acontecido*, que é o modo explicativo de sermos, no qual impera a dicotomia sujeito-objeto. Como tais estão Fora da possibilidade de privilegiamento desta dicotomia, e de privilegiamento de seu polo *objeto*.

Ainda que o modo de sermos do acontecido seja constituinte do que somos, ele não é o modo de sermos de vivência pré-reflexiva de sentido: o modo ontológico de sermos. O modo de sermos implicativo, compreensivo, da vivência da ação, da vivência do acontecer, da vivência do sentido, é que nos distingue e caracteriza como humanos, é o modo ontológico de sermos.

O empirismo e a experimentação fenomenológicos são especificamente ontológicos, compreensivos, implicativos, existenciais.

Empirismo, e experimentação querem dizer sem teoria.

No caso do empirismo e da experimentação fenomenológico existenciais implicativos, *sem teoria*; mas, própria e especificamente, no modo dialógico de sermos, modo implicativo, ontológico, de sermos, modo de sermos da ação compreensiva, do desdobramento gestáltico de possibilidades, do acontecer, pré-objetivo, pré-subjetivo, no qual vigora a vinculação dialógica com o tu de uma alteridade radical. Mas não a dicotomia sujeito-objeto do modo explicativo de sermos.

Por suas próprias características gestálticas, o modo implicativo de sermos é assim eminentemente *empírico*, e *experimental* – no sentido fenomenológico existencial. A característica *empírica e experimental da vivência* fenomenológico existencial, compreensiva, decorre, assim, de suas qualidades gestálticas. O modo de sermos da explicação não é experimental, neste sentido vivencial, compreensivo, fenomenológico existencial.

A vivência implicativa, fenomenológico existencial, por sua qualidade gestáltica, é, inicialmente, pré-compreensivamente intuitiva. Ou seja, por sua qualidade gestáltica, dá-se, antes, como a vivência da força de uma totalidade significativa. Uma totalidade significativa que, caracteristicamente, é anterior à figuração paulatina de suas partes.

A ação gestáltica, a gestaltação, a implicação, demanda assim a disposição para a afirmação intuitiva desta totalidade significativa intuitiva, ainda em seus níveis pré-compreensivos, e em seu desdobramento compreensivo, à medida que suas partes figuram compreensivamente, na dinâmica de sua relação parte todo.

A disposição experimental fenomenológico existencial dialógica, a experimentação fenomenológico existencial compreensiva, empiricamente fenomenológico existencial, é esta disposição para *arriscar e tentar (perire)* a afirmação do desdobramento vivencial da totalidade significativa, ainda em seus níveis pré-compreensivos, à medida que, enquanto desdobramento de possibilidade, ela desdobra figurativamente as suas partes.

Ou seja, a disposição para afirmar este desdobramento a cada momento, e para decididamente *tentar, arriscar*, a sua atualização, eminentemente incerta, e em conflito sempre com o status quo do acontecido.

A afirmação, o desdobramento implicativo da totalidade significativa, pode ser sustado. Bastando para tal que se saia do modo implicativo, para o modo explicativo de sermos – para o modo teórico, ou comportamental de sermos. A experimentação, a própria gestaltação, a performance da ação, da atualização, dá-se na medida em que, implicativamente, insistimos, arriscamos, tentamos, intuitivamente, pré-reflexivamente, no desdobramento do plexo de possibilidades, no desdobramento da gestalt, no desdobramento da ação.

O caráter experimental da implicação reside na afirmação de uma gestalt pré-compreensiva, que evolui compreensivamente, com a qual interagimos, mas à qual não controlamos, uma vez que, como observa Buber, *a possibilidade precisa de nós próprios para a sua ocorrência, mas não somos nós que a criamos*. Ela tem um controle próprio no pulso e no curso de seu

desdobramento, do qual participamos interativamente, se nos entregamos afirmativamente ao fluxo de sua espontaneidade.

De modo que lidamos com o risco da incerteza, eminentemente. E lidamos com o inconveniente que o devir da possibilidade engendra, com relação ao status quo acontecido, do mundo, e de nós próprios.

Já a partir do sentido do verbo que lhe dá origem, da mesma forma que dá origem à palavra *empírico* (o Grego *perire*), a experimentação em seu sentido próprio, fenomenológico existencial, envolve esta disposição de *tentar*, de *arriscar*, intuitivamente.

23. IMPLICATIVO XIX. Ação. Empirismo Fenomenológico Existencial Implicativo

A vivência implicativa, fenomenológico existencial compreensiva, é eminentemente empírica.

Sua *empíria* está, assim, na condição de que ela não é teórica, não é a experiência do espectador, mas a vivência do ator. Em princípio, o que define a empiria fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, é esta sua condição de *não teórica*. É a própria vivência afirmativa, e não a partir de teoria à priori.

Difere fundamentalmente, como vimos, do empirismo objetivista. Porque o empirismo objetivista permanece no modo de sermos, explicativo, quer dizer, não implicativo. No qual vigora a dicotomia sujeito-objeto. O empirismo objetivista privilegia o polo objeto desta dicotomia.

Ora, a vivência implicativa, pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, que caracteriza o empirismo implicativo, fenomenológico, compreensivo, dá-se no modo implicativo de sermos, que é o modo de sermos no qual não vigora o objeto, e no qual não vigora a própria dicotomia sujeito-objeto. Vigorando a ação, a inter ação da dialógica eu-tu, que não é dicotomia sujeito-objeto. E da qual surge a objetividade, e a subjetividade. E a própria dicotomização sujeito-objeto.

No modo de sermos da vivência implicativa, fenomenológico existencial e dialógica, vigora a dialógica da ação, como inter ação eu-tu, como vivência compreensiva de possibilidade, e do desdobramento de possibilidades.

A vivência implicativa, como empirismo fenomenológico existencial, implicativo, compreensivo, e dialógico, distingue-se do empirismo objetivista porque é vivência implicativa, neste modo implicativo e pré-reflexivo de sermos, que é anterior à objetividade, que é anterior à subjetividade. Que é anterior à dicotomia sujeito-objeto. E que é, própria e especificamente, o modo de sermos

implicativo da ação. Assim é a vivência empírica, não teórica, fenomenológico existencial.

Este empirismo fenomenológico implicativo não conflita com o modo teórico de sermos. Uma vez que o modo teórico de sermos é inevitável, e interessante, a posição do espectador, anteriormente, e posteriormente, à momentaneidade instantânea da empiria da vivência implicativa, experimental, da performance, da interpretação, da ação do ator. Esta, não obstante a ocorrência, inevitável, a seguir, da experiência teórica, será sempre empírica, implicativa, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica.

24. IMPLICATIVO XX. Ação. Argumentatividade e Aporia das Possibilidades. O Método Aporético.

Argumentatividade e Aporia na vivência da constituição da dominância no plexo da experiência do desdobramento das possibilidades;

Em sua vivência fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, as possibilidades, as forças, que se desdobram em ação, são sempre múltiplas.

Compreensivas, em seu caráter de consciência pré-reflexiva, as possibilidades se dão sempre, em seu desdobramento, como *sentido*, como *logos – fenômeno-logos, dia-logos*. Sua vivência compreensiva como sentido, é, sempre, a vivência de plexos, de multiplicidades organizadas de possibilidade. Na multiplicidade de seus plexos, elas competem entre si.

Na verdade, elas competem entre si. O que quer dizer que, a nível cognitivo, a nível de consciência pré-reflexiva, compreensiva, a nível de vivência de *logos*, de *sentido*, elas *argumentam* entre si, implicativa e compreensivamente.

O que coloca limite a uma possibilidade, em sua força, são outras possibilidades, a força de outras possibilidades. O que coloca limite às dominâncias de um plexo de possibilidades são outras dominâncias de plexos de possibilidades.

Quando uma dominância tem força para se impor, ela vigora, e se desdobra. Decaindo progressivamente, enquanto, concomitantemente, se atualiza, se realiza, se coisifica...

A coisificação, e a competitividade de outras possibilidade, e dominâncias de possibilidades, impõem **aporias** ao fluxo das possibilidades.

As *aporias* se constituem como interrupções no fluxo do desdobramento das possibilidades (*poro, passagem; a/poria, sem passagem*).

Ao mesmo tempo em que são limites, são estes limites das aporias que se determinam e promovem o desencadeamento do tempo do desdobramento de outras possibilidades e dominâncias.

De modo que, na vivência fenomenológica e existencial, o vigor da possibilidade constitui o seu desdobramento, decaimento, e esgotamento. A sua *aporia*; e determina a emergência *poiética* de novas possibilidades. Essas novas possibilidades competem entre si, e argumentam entre si, a partir de suas forças inerentes, e a partir de seus sentidos compreensivos. Até que podem emergir, e se desdobrar, em seus processos formativos, de formação de figura e fundo, as mais potentes plasticamente.

Processo implicativo, e compreensivo, é este o desdobramento da ação, da implicação, da interpretação *compreensiva*.

Permitir, e insistir, afirmativamente, na vivência afirmativa da intensidade da possibilidade, na vivência do tempo do vigor da possibilidade, na vivência do decaimento, e do tempo da aporia da possibilidade; no tempo da criação; e na vivência da emergência de novas possibilidades, é o que constitui o *método aporético*. Desenvolvido já por Aristóteles, e retomado por Brentano, no empirismo fenomenológico experimental da fenomenologia e da psicologia de sua tradição.

25. IMPLICATIVO XXI. Ação. Dialógica. O caráter dialógico da ação, o caráter dialógico da Implicação.

Como temos observado, a ação, a implicação, tem na compreensão, na consciência pré-reflexiva compreensiva, o seu aspecto cognitivo.

A ação, a implicação, dá-se no modo de sermos fenomenológico existencial. Que, como vimos, é um modo de sermos em cuja momentaneidade instantânea não vigora a dicotomia sujeito objeto.

A momentaneidade instantânea da ação, a implicação, não obstante, dá-se estrutural e compreensivamente como a vivência de uma vinculação dialógica, e incontornável, com uma alteridade radical. Esta alteridade radical é a alteridade ativa, possibilitativa, e que não é objeto, do *tu*.

O *tu* é possibilidade e ação na dialógica da relação.

A momentaneidade instantânea da dialógica se dá como uma implicação recíproca, eu-tu, na qual o tu se remete ao eu como possibilidade, e como sentido; e, como possibilidade e como sentido, o eu se remete ao tu.

A dinâmica deste movimento do eu para o tu, e do tu para o eu, como possibilidade e como sentido, a dinâmica desta *inter*-ação, cria, como *inter*-ação, uma esfera dialógica de vinculação **entre** o eu e o tu. A esfera do *entre* – do *inter*. Esfera esta que é exatamente designada pelo prefixo **dia**, do *dialogos*. Esta esfera do **entre** é uma esfera de *compartilhamento* de sentido.

Nesta dialógica da ação, o tu se remete compreensivamente ao eu como sentido; enquanto o eu se remete compreensivamente ao tu, como sentido. De modo que existe, vivencialmente, compreensivamente, o devir da movimentação do eu para o tu, do tu para o eu. Criando um *campo dialógico* compreensivo, como esfera de *inter ação* entre o eu e o tu – esfera de **compartilhamento de sentido**, de **dia-logos**.

Neste campo dialógico de sentido, compreensivamente compartilhado, o *diálogo* se dá como *compartilhamento (dia) de sentido (logos)*, como **diálogo..**

O *dialógico* pode se dar, então, como campo compreensivo de compartilhamento de sentido, em todos os âmbitos da *Implicação*. (1) No âmbito da relação com a natureza não humana, (2) no âmbito da relação entre humanos, a esfera do inter humano; e (3) no âmbito da relação com o sagrado. E pode se dar como relação com a outridade de nós próprios. Da qual continuamente emergimos como possibilidade.

No âmbito da relação inter humana, ou no âmbito da relação com o Ambiente, a outra pessoa ou o Ambiente podem, no modo implicativo de sermos, ser vividos como possibilidade em desdobramento, como *tu*; ou podem, explicativamente, ser experienciados como objetos – como *isso*.

26. IMPLICATIVO XXII. Ação. Implicação. Ontologia. Peculiaridade Ontológica do ser humano: ser *ontológico*.

A *Ontologia* é a área da filosofia que estuda a peculiaridade dos seres.

Qual a peculiaridade, para a Ontologia, deste ser que é o ser humano?

Para a Ontologia, a peculiaridade ontológica do ser humano é a de ser ele um ser que é, que devém, *onto-lógico*; um ser que devém, *lógico* – *um ser que em sua originalidade se constitui como sentido*. Um ser, *ontos*, cuja peculiaridade ontológica é de ser ontológico, *um ser cuja peculiaridade é a vivência de sentido...*

E que sentido é este? É a vivência compreensiva, implicativa, pré-reflexiva, de sentido (*logos*), fenômeno-lógica, dia-lógica, que caracteriza este ser que é o humano naquilo que ele tem de mais originário.

Os termos *Ontologia* e *ontológico* têm aqui cada um deles duas acepções diferentes.

Na primeira delas, referimo-nos à *peculiaridade explicativamente ontológica, característica, do ser humano*; que é a vivência do *logos*, do sentido.

Na segunda, falamos do próprio *logos*, do próprio sentido. *Onto sentido, onto-logos*, cuja vivência caracteriza o ser humano. Do *logos*. O *onto logos*, a vivência de sentido que é *ontológica* do ser humano.

Logos, no caso, que é a constituição do desdobramento da possibilidade como consciência pré-reflexiva, como compreensão, e implicação. Sendo assim a vivência deste sentido, o *onto logos*, o que caracteriza a peculiaridade do ser humano. A vivência implicativa, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, empírica, experimental, e hermenêutica é, portanto, *vivência de logos*, e é ontológica. O sentido, compreensivo, que nela se constitui, como consciência pré-reflexiva é o *logos*, o *ontologos* do ser humano. Que é eminentemente, intrínseca, própria e especificamente, *dia-logos*.

27. EXPLICATIVO 3. Inação. A Coisa, e a re-flexão sobre a coisa. A mera re-petição da coisa.

O caráter inintensional, não tensional, não intensional, da consciência, e do modo explicativo de sermos, modo de sermos reflexivo, teorético; e do, explicativo, modo comportamental de sermos.

O modo *explicativo* de sermos – quer seja o modo teorético, ou o modo comportamental de sermos – não é tensional, não é intensional.

É ex-tensional.

No modo *explicativo* de sermos não vivenciamos a *tensão* da força das possibilidades em desdobramento, não vivenciamos o desdobramento compreensivo de possibilidades, Não vivenciamos a consciência compreensiva e implicativa do ator e da ação. Não vivenciamos o acontecer, não vivenciamos intratensionalmente, compreensivamente, o desdobramento da ação. O modo *explicativo* de sermos é o modo de sermos do acontecido, da coisidade, da realidade.

Desta forma, não vivenciamos neste modo explicativo de sermos a *tensionalidade*, a *intensionalidade*, *própria* da *presença* da vivência da possibilidade, e de seu desdobramento. Não vivenciamos a *tensionalidade*, a *intensionalidade* da ação compreensiva, a interpretação *compreensiva*, em sua tensionalidade, em sua *intensionalidade*, em sua criatividade, e alegria *próprias*.

O modo *implicativo* de sermos, modo fenomenológico existencial e dialógico, modo ontológico de sermos, é o modo de sermos do desdobramento de possibilidades, da ação. O modo de sermos da nossa condição de atores, modo *implicativo* de sermos. Que, sendo o modo compreensivo de sermos da ação, é o modo de sermos do *acontecer*.

Como o modo *explicativo* de sermos não é o modo de sermos no qual vivenciamos possibilidades, e o desdobramento de possibilidades, na compreensiva da ação, os momentos da experiência do modo explicativo não são momentos do *acontecer*. São momentos da *instalação* do *acontecido*. E da realidade.

A realidade, em sua coisidade, *ex-tensa*, objetiva de acontecido. Realizada, *atualizada*, *acontecida*. *Instalação*, *instalada*.

Momentos nos quais o processo de vivência do desdobramento das possibilidades, a ação, e o acontecer, já se esvaíram. Da mesma forma que já se esvaíram a tensão, a tensionalidade, a intensionalidade, a eles correspondente. E nos quais elas não mais vigoram.

A instalação da realidade, o acontecido, são momentos do modo explicativo de sermos, momentos nos quais vigora a experiência da instalação do ente, da instalação da coisa, enquanto acontecidos. E, momentaneamente não tensionais.

Até que, novamente, a ação possa vir a infundi-los de possibilidades e de presença, de atualidade, e vir a tensioná-los, com o desdobramento de possibilidades, com a ação, a atualização.

O modo explicativo, de sermos, não implicativo – o modo teórico, e o modo comportamental de sermos --, modo igualmente não tensional de sermos -- é, assim, um modo *inintensional*. Diferentemente do modo implicativo de sermos, que é caracteristicamente, intrínseca, e eminentemente, um modo *tensional, intensional*, de sermos.

Coisificado, carente da ação, de *atualidade*, e de *presença*, o modo explicativo de sermos é o modo no qual a coisa, acontecida, é solicitada, é pedida, e se re-pete. Mais que isto, o modo explicativo de sermos é o modo de sermos no qual se desintegra a integridade dialógica eu-tu da ação, do modo implicativo de sermos (que não é relação sujeito – objeto), e se constitui o modo de sermos, eu-isso, da dicotomia sujeito-objeto. No âmbito desta dicotomia, a coisa é objeto que pode ser contemplado, teóricamente, a partir da perspectiva de um sujeito, que não é o **ator**, da perspectiva de um sujeito **espectador**.

28. EXPLICAÇÃO. Inação. Reflexão – Teoria.

A reflexão, a teoria, o modo teórico de sermos, dá-se em decorrência, e diverge e diferencia-se do modo ativo, implicativo, de sermos. A reflexão, e a teoria, o modo teórico de sermos, caracteristicamente se dá de um modo posterior à ação, à interpretação fenomenológico existencial compreensiva, e implicativa.

O modo ativo de sermos, fenomenológico existencial, compreensivo, implicativo, dialógico, é, propriamente, ativo; é acontecer, como vivência do desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades. Com todas as características que este modo de sermos enquanto tal implica: quais sejam: a de ser da ordem do modo dialógico eu-tu de sermos, e de não ser, portanto, da ordem da dicotomia sujeito-objeto; de ser um modo *desproposital* de sermos, e de não ser um modo de sermos da ordem da causalidade; de não ser da ordem da utilidade, de não ser da ordem dos úteis, e da utilização; de não ser, enquanto modo de sermos do acontecer e do devir, da ordem das coisas e da coisidade, de não ser da ordem da realidade, do acontecido, uma vez que a realidade, se constitui com a realização, com a atualização da possibilidade: com a coisificação da possibilidade. Que, em seu processamento

compreensivo, e implicativo, como desdobramento de possibilidades, é a ação, a atualização, a realização.

O modo teórico de sermos, própria e especificamente *explicativo*, se constitui *depois* da terminação do modo ativo, implicativo, de sermos. Própria e especificamente, *depois* que a vivência e o esgotamento da vivência de sua instantaneidade sempre momentânea produz, realiza, atualiza, a coisa, a coisidade... E, fora do modo implicativo, ativo, compreensivo, de sermos, constitui-nos como modo de sermos do acontecido, no qual vigoram a dicotomia sujeito-objeto, a causalidade, a utilidade.

Assim, se a ação, a interpretação fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, e dialógica, se constitui como o próprio processo fenomenológico existencial do acontecer; a reflexão, e o teórico se constituem enquanto *acontecido*.

Na verdade, constituída a coisa -- na ação, com o esgotamento e realização da força da possibilidade --; reconstituído o modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto; a coisa, material ou psicológica, constituída como objeto, pode agora ser *explicativamente* contemplada. Na abstração do movimento de sua instalação, na abstração da ação, na abstração da vivência compreensiva, implicativa, de corpo e sentidos. Como objeto abstratamente teórico, abstratamente contemplado, por um sujeito abstratamente teórico. Explicativo.

A experimentação da ação nunca é um retorno. Experimentada, ela desdobra a sua força de possibilidade, desde a pré-compreensão até a realização, a coisificação. Constituída a coisa como objeto, podemos re-tornar sobre o objeto instalado, e re-apresentá-lo: representá-lo teoricamente.

O modo implicativo de sermos, compreensivo, fenomenológico existencial, não é, assim, portanto, o modo de sermos da re(a)presentação, o modo de sermos da *representação*. Mas é, em específico, própria e especificamente, o modo de sermos da *apresentação*. *Apresentação*, enquanto apresentação da possibilidade, em sua força, que se projeta, que se insinua, pressivamente, ex-pressivamente, já desde a pré-compreensão, e que, na ação, no *presente* da ação, estamos desafiados a realizar.

E como a reincidência, a repetição sobre, e dos produtos coisificados do acontecer. Da ação. Da interpretação fenomenológico existencial.

Assim, é necessária a ação implicativa, fenomenológico existencial, para a objetivação, para a constituição da coisa, sobre a qual re-fletimos, re-incidimos, explicativamente, no explicativo modo de sermos.

Esta re-incidência é a re-flexão, a re(a)presentação. A teoria, o modo teórico de sermos; e o modo de ser de nossa condição, não de atores, implicativamente compreensivos, mas de espectadores.

29. EXPLICAÇÃO. Inação. Comportamento. Com-portamento. O comportamento é explicativo.

Sem portamento, a ação compreensiva, implicativa, é um *des portar*, é um *desportamento*. Porque nela, ao modo de sermos da ação, implicativa, compreensiva, fluímos, no fluxo estético, compreensivo e implicativo, do desdobramento das possibilidades.

Já o **com portamento**, não. O **com portamento** é "**com porto**", não é fluxo, é **com-portamento**.

E o *porto* do *comportamento* é o *passado*, o acontecido, é a repetição, e a padronização.

O *comportamento* é a dimensão padronizada e repetitiva de nossa atividade. Na medida em que se constituem -- a partir da potência e do ineditismo vivencial, compreensivo, e implicativo, da vivência de possibilidades -- a *ação*, a *interpretação fenomenológica*, e *compreensiva, implicativa*, não é atividade padronizada e repetitiva. Ainda que forneça à atividade padronizada e repetitiva, ao comportamento, a *matéria prima*, os produtos coisificados da vivência ativa, poiética, que podem ser, então, padronizados, e repetidos.

Mas, então, realizados, já decaídos e coisificados. Ônticos, *entes*. Oriundos do *presente*.

Neste sentido, a repetição e a padronização teóricas são, própria e especificamente, *com porto*. **Com port a mentais**. E é curioso perceber como o comportamento, da mesma forma que a teoria, *não é implicativo*, mas é *explicativo*; ao mesmo tempo em que a teoria é *comportamental*.

Teorização e comportamento dão-se no acontecido. Na repetição da explicação. Que se originam e constituem na vivência múltipla e multiplamente articulada em processo de formação de figura e fundo da ação. Implicativa.

A ação, a interpretação fenomenológico existencial, implicativa, compreensiva, é *desporto; desportamento*. Desporta e flui no devir implicativo, criativo.

CONCLUSÃO.

Implicação, Consciência e intensionalidade pré-reflexivas.

Compreensão gestáltica. Aporia. Aporética.

Argumentatividade. Ação. Interpretação.

A *implicação* -- que caracteriza a vivência no modo fenomenológico existencial de sermos -- dá-se como vivência, como consciência, pré-reflexiva da tensionalidade, da intensionalidade, do compreensivo desdobramento de possibilidades: do compreensivo desdobramento da **ação**; ou seja, a vivência

da implicação dá-se como vivência compreensiva do desdobramento de *gestalts*, da vivência compreensiva do desdobramento da dominância da multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades.

Consciência pré-reflexiva, pré-teorética; e pré-comportamental, esta vivência da implicação se constitui assim como *compreensão*. A compreensão é a constituição como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, da dominância de uma multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades. É, pois, aspecto cognitivo do desdobramento da ação, do desdobramento de possibilidades.

A compreensão é especificamente *gestáltica*. Na (des)medida em que se dá sempre como a totalidade significativa, compreensiva, que é diferente da soma de suas partes. E é vivenciada inicialmente como uma totalidade de partes, que só sucessivamente se configuram paulatinamente como tais.

Originaria e primitivamente, portanto, a consciência implicativa -- compreensiva, Gestáltica -- se dá, intuitivamente, como consciência pré-reflexiva, da dominância da atividade do *plexo* de possibilidades, na medida em que é vivenciada como totalidade significativa, anteriormente à configuração compreensiva paulatina das partes, que re-formam, agora como coisa, possibilidade desdobrada, exaurida, realizada, a totalidade, a gestalt, atualizada.

O desdobramento gestáltico da dominância das possibilidades, da ação, é o que entendemos como *Implicação*, e como *Interpretação*. No caso *Interpretação compreensiva*, implicativa. É a consciência da ação, e do ator.

Projetativo. E não **subjetivo**, nem **objetivo**.

Implicação, e não explicação. Interpretação própria e especificamente compreensiva, fenomenológico existencial, e não a interpretação explicativa.

Na vivência gestáltica da ação, e enquanto *sentido*, própria e especificamente, enquanto *logos*, *dia-logos*, *fenômeno-logos*, em sua intrínseca multiplicidade, pluralidade, implicativas, as possibilidades competem argumentativamente umas com as outras, se desdobram, se atualizam. De um modo tal que as possibilidades se limitam entre si. Impondo-se aporias uma às outras.

A aporia é o limite do fluxo do desdobramento da força da possibilidade.

No limite, na aporia, emergem outras possibilidades, outras implicações, que, logos, sentido, compreensivas, argumentam, competem, e limitam-se entre si. Até que as mais potentes plasticamente imponham os seus desdobramentos dominantes.

BIBLIOGRAFIA

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

NIETZSCHE, Frederich O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

PALMER, Richard HERMENÊUTICA.

6. COMPREENSÃO E PERCEPÇÃO.

A apuração implicativa gestaltificativa, e a decepção purificativa, putativa.

Afonso Fonseca, *psicólogo*.

Como a raiz do termo *conceito*, a raiz de *percepção* tem o sentido forte de *capturado, prisioneiro de guerra, capado...*

Se assim o são, o conceito e a percepção enquanto tais veem de um território alienígena, e inimigo. Invasores contumazes de um exército de diabos...

Invasores, sem dúvida. Uma vez que, travestido de instalação coisificativa, o ontológico em sua dramática constante e continuamente invade a esfera do acontecido. Mesmo à custa de se coisificar, e de se desatualizar, em acontecido.

Seria um inimigo?

Viria de um território inimigo, e alienígena?

Teria que ser assim? (*Dionísio, o estrangeiro do interior?*).

É certo que o processo de sua constituição é eivado de incerteza. A percepção e a conceituação...

Para uma postura que rigidamente encistou-se na (suposta) certeza da coisidade, e do acontecido, o percepto, o conceito, não enganam, são inimigos que emergidos de terras alienígenas e ignotas, profanas, a serem capturados e aprisionados. Captados, capturados, decapitados, como a mão que captura um saco de cunhões, prestes a ser decepado.

Digo: conceptuado, perceptuado. Apenas...

Mas, para que o escândalo? ...

O prisioneiro em breve estaria inevitavelmente instalado em seu ataúde de coisa. Desprovido de sua dramática furibunda, de suas nuances e detalhes. Paralítico, rígido, unificado... Mumificado...

Naturalmente oferecer-se-ia, entregar-se-ia assim, como cap-turado. Como prisioneiro, como aprisionado. Ao findarem as suas forças...

Tratar-se-ia de se garantir, como morto, e investir contra a vida da possibilidade... Inevitável e indestrutivelmente refugiada no recôndito da instalação da coisa.

Não vejo como poderia...

Do mesmo modo que não se pode evitar a instalação da dramática possibilidade na coisidade da coisa, não podemos evitar a ressurgência, a insurgência, a re-volta, como diria Maffesoli, da possibilidade, ao estalo da instalação da coisa.

Quando a prenhez da coisa pela possibilidade estiver a termo...

... E é tempo todo tempo... Mas não basta um século para fazer a pétala... Que um só instante faz, ou não... Mas a vida muda...⁹

Estará então prestes e a postos a estética, como parteira...

⁹ Ferreira Gullar: ... *A vida muda, rapidamente/como a cor dos frutos/A vida muda lentamente/Como a flor em fruto/Mas quando é tempo/E é tempo todo tempo/Mas não basta um século para fazer a pétala/Que um só instante faz/Ou não)/Mas a vida muda)/...*

Compreensão e Percepção são processos experienciais radicalmente distintos.

E aqui, não nos enganemos com o sentido comunal do termo *experiência*.

Experiência é, naturalmente, um termo que serve tanto à epistemologia de um empirismo fenomenológico, quanto à epistemologia de um empirismo objetivista. E pode, portanto, referir-se tanto à ontológica fenomenológico existencial da presença e da atualidade da **compreensão**, como à ôntica da instalativa da **percepção**.

Normalmente distingue-se que só a **percepção**, objetiva, é **experiência**.

Apesar de o sentido original do termo *experiência* designar fidedignamente a ontológica fenomenológica intrínseca à vivência pré-reflexiva. Eminentemente *experimental*.

De fato, a compreensão é efetivamente *experiência* no sentido de que é **insperiência...**

Na própria distinção diversa dos dois sentidos do termo *experiência* está dada a pista para a radical distinção de sentidos entre **Compreensão**, e **Percepção...**

Este ensaio busca tematizar esta distinção.

Assim, antecipadamente digamos que a **Compreensão**, naturalmente, é ontológica. E a **Percepção** é ôntica.

Mas não seria a **compreensão** um tipo de **percepção**?

Podemos dizer que o processamento da **compreensão**, como processamento cognitivo da ação, culmina na **percepção**. Mas é crucial distinguir a momentaneidade e a temporalidade própria à presença e atualidade da **compreensão**, com relação ao caráter ôntico, coisificado, acontecido, da **percepção**.

Poderíamos identificar **compreensão** e **percepção** se o processo de constituição da **percepção** não fosse uma decepção, uma decepção.

Um limite, uma limitação, e um corte da multiplicidade característica da implicação da vivência de sentido que é a **compreensão**.

A **compreensão** é uma apuração, uma apúria.

A **percepção** uma purificação, uma puria.

O processo gestaltificativo de constituição da **compreensão** – *apuração, apúria* -- reside exatamente na preservação da integridade da multiplicidade da implicação. Na preservação do processo *apurativo* da interação -- competição e argumentação -- entre os elementos da multiplicidade de possibilidades da implicação. Que resulta na constituição de seu processo formativo, na constituição da formação figurativa da vivência fenomenológica, e na figurativa formação das coisas...

Isto, é, assim, uma decorrência da distinção entre o caráter ontológico da **compreensão**, e o caráter ôntico da **percepção**.

A **purificação conceitual** da percepção, o conceito, decorre, em princípio, do próprio processo do decaimento das possibilidades e de sua instalação coisificativa. No decorrer paulatino do qual a multiplicidade de possibilidades da vivência pré-reflexiva, atualizadas, tem desatualizadas, e instaladas coisificativamente, como coisa, a intensidade de suas forças.

De uma rede infinita de possibilidades que constituem a implicação, resta os eixos de seu esquemático esqueleto coisificado. A coisa, então, a ser percebida, o conceito.

O que Fink chamava de *a casca vazia que outrora inervava a intuição...*

A distinção entre **compreensão** e **percepção** não é, assim, uma distinção quantitativa. Mas uma distinção eminentemente qualitativa, que envolve distintos modos de sermos. Distintos modos de sermos, que se constituem como distintos modos de conhecermos.

A **apuração** pré-reflexiva específica da implicação, que especificamente se constitui como **compreensão**. Característica do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos, do acontecer.

E a **puria, purificação, putificação, putabilidade**, característica do **conceptual**. Do **perceptual**

Intrinsecamente decorrente do decaimento da ação, da conceituação. O conceito -- reflexivo, objetivo, ou subjetivo, coisificado, e explicativo --

que se constitui como a **percepção**. Característica do modo coisificado de sermos, explicativo, do acontecido.

A conceptualização, assim, decorre do desbaste da presença, e da atualidade, da multiplicidade de possibilidades da vivência momentaneamente instantânea da implicação, da vivência fenomenológica da ação.

A **compreensão** é conhecer, epistemológica, conhecimento, intrínsecos à momentaneidade instantânea e dramática da ação. Da implicação, em sua intrínseca multiplicidade apurativa, apurativa. O conhecer, a epistemologia ontológicos, pré-conceituais, pré reflexivos, inspectativos, implicativos, gestaltificativos. O processo apurativo de constituição de sentido, especificamente como **apuração** da vivência das competições e argumentações entre os elementos da multiplicidade de possibilidades, da multiplicidade de forças criativas, da vivência ontológica. Fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas.

A **percepção** -- explicativa, a não implicação --, o conhecimento acontecido, característico da *epistemológica* ôntica – reflexiva, teórica, conceitual. Putativa. Produzida pela putação, pela pu(t)rificação, pela decepção, pela castração, capação -- dos elementos da multiplicidade das possibilidades ontológicas.

Possibilidades estas que apurativamente se afiguram, na momentaneidade instantânea da ação, como os sentidos da **compreensão**, como a própria epistemológica fenomenológica da implicação ontológica da ação. Para serem a seguir desbastadas, podada – com o decaimento da ação --, na constituição da instalação coisificativa característica do modo acontecido de sermos.

Como **concepto**. Como **percepto**. Como **percepção**.

COMPREENSÃO	PERCEPÇÃO
ONTOLÓGICA	ÔNTICA
FENOMENOLÓGICA	INSTALAÇÃO COISIFICATIVA
INSISTENCIAL	EXISTENCIAL
INTENCIONAL	DISTENCIONAL

DIALÓGICA EU-TU	NÃO DIALÓGICA, EU-ISSO
COM-PREENSÃO	SEM-PREENSÃO
IMPLICAÇÃO	EXPLICAÇÃO
APURIA. APURAÇÃO. INIMPUTÁVEL. INCONTÁVEL.	PUTATIVA. PURIA. PURAÇÃO. IMPUTÁVEL. CONTÁVEL.
AÇÃO. ATOR	INSTALAÇÃO
INSPECTAÇÃO	ESPECTAÇÃO
FAZER DIALÓGICO	FATO. FEITO.
TEATRO. DRAMÁTICA.	SUJEITO. OBJETO. FATO. FEITO.
GESTALTIFICATIVA	GESTALT

Como a raiz do termo *conceito*, a raiz de *percepção* tem o sentido forte de *capturado, prisioneiro de guerra, capado...*

Se assim o são, o conceito e a percepção enquanto tais veem de um território alienígena, e inimigo. Invasores contumazes de um exército de diabos...

Invasores, sem dúvida. Uma vez que, travestido de instalação coisificativa, o ontológico em sua dramática constante e continuamente invade a esfera do acontecido. Mesmo à custa de se coisificar, e de se desatualizar, em acontecido.

Seria um inimigo?

Viria de um território inimigo, e alienígena?

Teria que ser assim? (*Dionísio, o estrangeiro do interior?*).

É certo que o processo de sua constituição é eivado de incerteza. A percepção e a conceituação...

Para uma postura que rigidamente encistou-se na (suposta) certeza da coisidade, e do acontecido, o percepto, o conceito, não enganam, são inimigos que emergidos de terras alienígenas e ignotas, profanas, a serem capturados e aprisionados. Captados, capturados, decapitados, como a mão que captura um saco de cunhões, prestes a ser decepado.

Digo: conceptuado, perceptuado. Apenas...

Mas, para que o escândalo? ...

O prisioneiro em breve estaria inevitavelmente instalado em seu ataúde de coisa. Desprovido de sua dramática furibunda, de suas nuances e detalhes. Paralítico, rígido, unificado... Mumificado...

Naturalmente oferecer-se-ia, entregar-se-ia assim, como cap-turado. Como prisioneiro, como aprisionado. Ao findarem as suas forças...

Tratar-se-ia de se garantir, como morto, e investir contra a vida da possibilidade... Inevitável e indestrutivelmente refugiada no recôndito da instalação da coisa.

Não vejo como poderia...

Do mesmo modo que não se pode evitar a instalação da dramática possibilidade na coisidade da coisa, não podemos evitar a ressurgência, a insurgência, a re-volta, como diria Maffesoli, da possibilidade, ao estalo da instalação da coisa.

Quando a prenhez da coisa pela possibilidade estiver a termo...

... E é tempo todo tempo... Mas não basta um século para fazer a pétala... Que um só instante faz, ou não... Mas a vida muda...¹⁰

Estará então prestes e a postos a estética, como parteira...

¹⁰ Ferreira Gullar: ... *A vida muda, rapidamente/como a cor dos frutos/A vida muda lentamente/Como a flor em fruto/Mas quando é tempo/E é tempo todo tempo/Mas não basta um século para fazer a pétala/Que um só instante faz/Ou não)/Mas a vida muda)/...*

BIBLIOGRAFIA

BUBER, Martin Eu e Tu

GOULART, Ferreira Dentro da Noite Veloz.

HEIDEGGER, Martin Ser e Tempo.

HOUAISS, Antonio Dicionário Eletrônico Houaiss.

MAFFESOLI, Michel A Conquista do Presente.

7. ERRÂNCIA INSISTENCIAL NA EPISTEMOLÓGICA FENOMENOLOGICO EXISTENCIAL GESTALTIFICATIVA Ética e performática do erro, da errância, na perfeição, no perfazimento, da experiência, e da metodologia fenomenológica existenciais gestaltificativas.

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

*O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.*

**Ferreira Gullar.
A Não Coisa.**

INTRODUÇÃO

A experiência do modo reflexivo de sermos, modo de sermos explicativo, representativo, modo coisa de sermos do acontecido, distingue-se da experimentação do modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, compreensivo, fenomenológico existencial e dialógico. Porque a momentaneidade instantânea do modo pré-reflexivo de sermos é vivência implicativa, fenomenológico existencial e dialógica, gestaltificativa. Ação, atualização, modo de sermos, presente, do acontecer.

A vivência fenomenológica gestaltificativa, e a metodológica gestaltificativa fenomenológica existenciais constituem-se como uma entrega à duração das temporalidades próprias à experimentação vivencial ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa, deste modo de sermos.

A vivência da implicação fenomenológica gestaltificativa, no modo pré-reflexivo de sermos é a vivência do desdobramento fenomenológico, fenomenativo, eminentemente cognoscitivo, de uma multiplicidade de forças plásticas. Forças, de múltiplas intensidades.

As possibilidades.

Que se organizam criativamente, formativamente, nos processos figurativos de formação de figura e fundo; e nos processos de formação das coisas.

A experimentação, a ética, e a metodológica gestaltificativas -- enquanto entrega à vivência ativa das temporalidades propriamente fenomenológicas da emergência e do desdobramento das possibilidades --, constituem-se, intrínseca e inerentemente, como um pervagar, um errar, uma ativa errância

performativa, desproposital, acausativa, e não pragmática, nem realista, pelas temporalidades próprias das intensidades dos desdobramentos destas possibilidades. Na dialógica de seus gestaltificativos processos de formação.

Formação criativa de figura e fundo, e formação criativa de coisas.

Que, percurso de projeção das forças criativas, form-ativas, das possibilidades, em suas temporalidades próprias, é, a cada um de seus momentos, a performance de um fazer, nas temporalidades dos desdobramentos próprios de suas intensidades, um per-fazer, um per-fazimento. Per-feição.

A ética e a metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais consistem no privilegiamento deste modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, implicativo, gestaltificativo. O que significa a aquiescência com a vivência das temporalidades da errância gestaltificativa que caracteriza a emergência e o desdobramento, na ação, na atualização, das forças das possibilidades que constituem a sua vivência.

CONCLUSÃO

Assim, a experiência, a experimentação, a ética, e a metodologia fenomenológicas, e fenomenativas, gestaltificativas, das psicologias e psicoterapias são uma incidência insistencial na dialógica da experiência, insperiência, pré-reflexiva, e da experimentação do desdobramento de possibilidades fenomenológico insistenciais, gestaltificativas.

O que implica, intrínseca e inerentemente, como vivência, a esperteza de um certo tipo de errância fenomenológica pelas temporalidades das intensidades das dominâncias das forças das possibilidades, em suas constituições e atualizações, em seus processos de formação de figura e fundo, e de formação de coisas.

Uma ativa pervagância desproposital, uma transvagância, do erro, da errância gestaltificativa. Que, pelas desiguais temporalidades das desiguais intensidades das forças desiguais das possibilidades e possibilitações, em sua ontológica emergência e desdobramento, é sempre uma *extra-vagância*. E, formação, um fazer, uma feição, ao modo do perfazer, ao modo da perfeição fenômeno dialógica gestaltificativa.

FORÇAS DA VIVÊNCIA FENOMENOLÓGICA, AS POSSIBILIDADES, NA FORMAÇÃO DE FIGURA E FUNDO, E NA FORMAÇÃO DAS COISAS INSTALATIVAS. GESTALTIFICAÇÃO.

O modo *implicativo* de sermos se distingue do modo *explicativo* de sermos por ser fenomenológico existencial, e dialógico; compreensivo e gestaltificativo, própria e especificamente. O modo *implicativo* de sermos é o modo de sermos de consciência, de cognição, pré-reflexivas, fenomenológico existenciais. Modo de sermos pré-reflexivo da vivência do desdobramento gestaltificativo de possibilidades. A ação, a atualização. O que quer dizer, o modo *implicativo* de sermos, é o modo de sermos do *acontecer*. Diversamente do modo *explicativo* que é caracteristicamente o modo de sermos do *acontecido*.

O que caracteriza o modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, é que ele é o modo fenomenológico existencial de sermos *da ação*. Da criação. Que é a vivência, cognitiva, pré-reflexiva, do desdobramento fenomenológico de possibilidades.

As possibilidades que constituem a vivência fenomenológica pré-reflexiva da ação são sempre múltiplas, infinitamente múltiplas...

E intrinsecamente organizam-se em *plexos – plic* -- de possibilidades. Que significaria *o entrançamento das possibilidades*. Daí *implicação*, como designação própria desse modo de sermos. As gestaltificações.

As possibilidades são forças intrinsecamente cognoscíveis, por definição, em seus desdobramentos fenomenológicos gestaltifictivos. De modo que, inerente e intrinsecamente, se os desdobramentos de possibilidade se constituem como consciência. Em específico, a experiência e a experimentação pré-reflexivas da consciência fenomenológica gestaltificativa.

Assim, na sua vivência fenomenológica implicativa, na instantaneidade de cada um de seus momentos, as possibilidades são eminentemente múltiplas em seus desdobramentos. A consciência fenomenológica gestaltificativa se constitui vivencialmente, pré-reflexivamente, fenomenologicamente, como processos de figuração, como processos de *formação de figura e fundo*, a partir de multiplicidades de forças plásticas, formativas, gestaltificativas, que são intrinsecamente cognoscentes em seus desdobramentos, e que se organizam implicativamente.

A vivência fenomenológica implicativa do desdobramento das possibilidades constitui o que chamamos de *ação*.

A vivência da dinâmica *dramática* -- quer dizer *ativa, drama* quer dizer *ação* --, desta organizatividade fenomenológica gestaltificativa decorre de que, especificamente cognitiva (*logos, fenômeno logos, sentido*), a vivência da multiplicidade de forças plásticas, formativas, a vivência dos desdobramentos das possibilidades, se dá caracteristicamente entre elas em competições e argumentações^[1] fenomenológicas.

Resultando destas lógicas, fenômeno-lógicas, onto-lógicas, dia-lógicas, competições e argumentações plastificativas a vivência fenomenológica gestaltificativa da constituição de dominâncias.^[2]

Dominâncias que figuram, então, como **formações** e como **formas** da consciência fenomenológica, pré-reflexiva; **figurações** que cognitivamente, como consciência pré-reflexiva, fenomenal, fulguram, contra suas fundações. E que se constituem, a seguir, em **instalações coisificativas**, subjetivas, e objetivas.

A vivência da constituição das **dominâncias**, nos processos de formação de figura e fundo, e da formação de coisas instalativas, é o **acontecer fenomenológico gestaltificativo**.

A experiência objetiva, e subjetiva, da factualidade da coisidade instalativa é o **acontecido**, que decorre do acontecer.

Nós não controlamos deliberadamente a ação fenomenológica do desdobramento das possibilidades. Buber já diria, ontológico, que **não somos nós que criamos as possibilidades, e os desdobramentos delas**; arremataria paradoxalmente, não obstante, que, **sem nós elas, as possibilidades, não acontecem**.

Isto nos confere uma intrínseca parceria participativa na fenomenológica interpretação da dramática interativa dos processos da ação, de atualização das possibilidades; nos desdobramentos de seus processos lógicos, fenômeno dialógicos, compreensivos, e implicativos, de competição e de argumentação. Uma parceria participativa nos processos de formação das dominâncias, da formação de figura e fundo da vivência fenomenológica gestaltificativa. E, no limite, nos processos de formação das coisas.

Mas, *fenomenológica parceria participativa interativa*, compreensiva e implicativa. Dialógica. Apenas.

Retira-nos o controle deliberado e premeditativo.

Como forças especificamente plásticas que são, *plastificativas*, as possibilidades, em suas gestaltificações, são eminentemente criativas, formativas.

De um modo tal que a característica especificamente **gestaltificativa** inerente ao processo da vivência fenomenológica e existencial reside de um modo essencial, dentre outros de seus aspectos essenciais, no seu caráter intrinsecamente **formativo**. Em seu caráter de **ação formativa** (*form-ativa*).

Dentre outros de seus aspectos, gestaltidade, gestaltificação, é formatividade.

Não *forma*, simplesmente; mas *formação*, vivência formativa.

Vivência própria e especificamente **Formativa**:

(1) Vivência inspectativa formativa das **formas** e das dinâmicas pré-reflexivas, fenomenológicas, de figuração e fundação, **de formação de figura e fundo**. Vivência **formativa** das figuras, vivência das **figurações**.

E, no seu limite, vivência formativa

(2) **das coisas**, como **instalações**; das coisas como **coisas instalativas**.

Coisas mentais e coisas materiais.

Porque, própria e especificamente, a vivência gestaltificativa é **formativa** do processamento de formação de figura e fundo da consciência pré-reflexiva, e do processo formativo da formação das coisas, a vivência fenomenológico existencial é, assim, própria e especificamente, **gestaltificativa**. É **Fenomenologia Gestaltificativa**.

As possibilidades que se constituem em vivência gestaltificativa dão-se sempre como **multiplicidades de forças**. Vivência de **multiplicidades**, multiplicidades de **forças**. **Forças eminentemente plásticas, formativas, que se constituem pré-reflexivamente, conscientemente, como a experiência estética e poiética.**

O **caráter gestaltificativo** da vivência fenomenológica se dá ainda de uma outra maneira.

Na intrínseca e inerente condição de que, de um modo característico, **anteriormente aos seus desdobramentos como partes**, a vivência fenomenológica se dá, pré-reflexiva e intuitivamente, como a **vivência de totalidades**. Como a vivência de **totalidades significativas**. Gestaltificações.

De modo que anteriormente ao desdobramento de suas participações, de suas figurações, as possibilidades, as forças plásticas que constituem a vivência, intuitivamente se dão, figuram, como **totalidades significativas**. Posteriormente a esta figuração como totalidades significativas, as possibilidades se desdobram desfiando as **figurações dos processos particulares de formação de figura e fundo**, constituintes e reconstituintes das totalidades significativas que anteriormente se apresentam.

Nos seus desdobramentos plasticamente formativos, sequencialmente à vivência da intuição das totalidades significativas, a multiplicidade das forças delas constituintes, **as possibilidades**, se organiza temporal e ritmicamente em **dominâncias** (Perls). Que se constituem como participação das **figurações** participativas da vivência dos processos gestaltificativos de formação de figura e fundo.

Que escoam, a seguir, no seu decaimento (Heidegger), nos processos de constituição objetiva, e subjetiva, **decoisas, a instalação de coisas**, as coisas instalativas, em sua em sua inovatividade criativa.

INSPECTADORES DA AÇÃO. INSPECTADORES DO ACONTECER. ATORES.

Inspectadores, atores -- e não *espectadores*, já que não somos, nestes momentos, sujeitos, na contemplação de objetos --, vivemos de modo **interativamente dialógico** a relação com a alteridade das forças que são as possibilidades. Na vivência fenomenológica gestaltificativa, fenomenativa, as possibilidades, não são objetos para nós outros; não são objetos do sujeito que *seríamos*, na especiação, e não o somos na **inspeção**. Não somos, na instataneidade momentânea da vivência fenômeno dialógica gestatificativa, da ação, o sujeito, sujeitado, que seríamos na acontecida condição do acontecido, na condição de coisa instalativa. Nos modos teórico, e comportamental, de sermos.

Não temos com elas, as possibilidades, uma relação objetiva, nem subjetiva – porque não estamos no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, nem no modo de sermos de sua teórica dicotomização. No modo de sermos da ação, modo de sermos fenômeno dialógico do desdobramento de possibilidades, não estamos no modo de sermos da causalidade; nem no modo de sermos da relação proposital; nem modo de sermos da pragmática dos utei, e das utilidades; nem no modo de sermos da realidade. Todas estas características do modo de sermos do *acontecido*.

Quando, na momentaneidade instantânea da vivência dramática do desdobramento das possibilidades, somos *acontecer*.

Em seu acontecer gestaltificativa e dialogicamente fenomenológico, as possibilidades em seus desdobramentos, e com as quais interativamente nos vinculamos, não são objetos, mas a alteridade dialógica de um tu.

Na vivência do desdobramento das possibilidades, na dialógica da relação com elas, especificamente **criamos**, a nós próprios e ao mundo, com os outros. *À imagem e semelhança de Deus*.

Mas não temos com as possibilidades inerentes a nossa vivência fenomenológica gestaltificativa uma relação objetiva, nem subjetiva, nem uma relação causal, nem proposital, nem pragmática, nem realista.

E elas, as possibilidades, **forças**, são sempre **múltiplas**, na vivência, infinitamente múltiplas. Multiplamente emergentes em sua originalidade fenomenológica. E múltipla e implicativamente se apresentam, e se organizam, gestaltificativamente. Ontologicamente emergentes do *Ser*. Em seus desdobramentos cognoscentes.

ERRÂNCIA E DOMINÂNCIA NA TENSÃO, NA TENSIONALIDADE, NA INTENSIONALIDADE.

Intensidades, intensões, intensionalidades, intensificações; que, temporal e ritmicamente, se organizam em dominâncias. As possibilidades, em suas multiplicidades, forças e temporalidades, temporalizações que são, são tensões, intensões, tensionalidades, nas vivências, intensionalidades, de seus desdobramentos temporativos.

A constituinte, formativa, fenomenologia gestaltificativa de suas vivências é a temporativa de um **vagar**, de um divagar, de um pervagar, de um errar, de uma errância; vigorosamente direcionada pelos vetores de força do fluxo de suas intensidades, na constituição expressiva de suas dominâncias gestaltificativas.

A vivência fenomenológica gestaltificativa se constitui, assim, como a temporalidade de uma **errância** formativa pelas temporalidades das forças das possibilidades, na constituição e desdobramentos de suas dominâncias fenomenativas.

A vivência da ética e da metodológica fenomenológica existencial gestaltificativas constitui-se, assim, como a vivência da performance, da performance, das temporalidades de uma vagância, de uma errância fenomenológico existencial gestaltificativa, formativa.

Como vivência interativa dos desdobramentos das temporalidades das competições e argumentações entre as possibilidades, na constituição de suas dominâncias figurativas; e, a seguir, instalativas.

Dialógicamente, logicamente, fenomenologicamente, compreensiva e implicativamente, experimental e hermeneuticamente, assim, o que vivemos de modo gestaltificativamente fenomenológico na dramática da ação, na dramática fenômeno dialógica da atualização das possibilidades, na dramática da vivência fenomenológica gestaltificativa da ação, são as temporalidades de um vagar, um pervagar; um *devagar divagar*. As temporalidades da errância ativa e cognitiva, motiva, e emotiva, motivativa, no fluxo fenomenológico gestaltificativo das competições e argumentações multívagas das dádivas das possibilidades.

Exclusivamente guiados, e fortemente guiados, entusiasticamente guiados, motivamente, emotiva e motivativamente, pelas variações das intensidades plastificativas e intensificações gestaltificativas de suas multiplicidade de forças, na constituição de suas dominâncias.

Forças que se formam cognitivamente, como consciência pré-reflexiva, fenomenal, em dominâncias figurativas, nos processos de formação de figura e fundo; e, no limite, nos processos da formação das coisas instalativas.

Assim, na pontualidade de sua duração, o processo fenomenológico -- fenomenativo, gestaltificativo, o processo fenomenologicamente formativo da ação -- é, por excelência, o processo gestaltificativo **intensional** de formação de figura e fundo, e o processo de formação de coisas, a gestaltificação. Que

sucessivamente se constitui, a partir da constituição temporal das dominâncias na interação entre as possibilidades.

Fenomenologicamente, a gestaltificação é a vivência de uma **errância** pelas competições e argumentações das possibilidades, ritmicamente temporalizadas pela força de suas intensidades, intensificações, intensionalidades, na constituição da dominância de suas figurações, vivenciais; e instalativamente coisificantes. De modo que o erro, a errância, são inerentemente constituintes do ethos, da ética, da qualidade, da vivência fenômeno dialógica gestaltificativa.

Não se trata, de modo algum, de um errar randômico e aleatório. Uma vez que é um errar vigorosamente impulsionado pela inerente e intrínseca força das possibilidades e de suas dominâncias; e todo ele intensão, intensionalidade, portanto, na pontualidade de sua duração.

Mas a vivência intensional do desdobramento das possibilidades, a vivência fenomenológica gestaltificativa da ação é intrínseca e inerentemente **desproposita, um despropósito.**

Já que, inspectiva, fenômeno dialógica, compreensiva e implicativa, é anterior à constituição coisificativa de sujeitos e objetos. Vivenciamos mas não controlamos as suas emergências, as suas forças, os seus desdobramentos...

Ainda que deles inteira e integralmente participemos, na ontológica fenômeno dialógica gestaltificativa do modo interativamente dialógico de sermos. Fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo...

A vivência fenomenológica formativa da figuração, contra a fundação, do fundo; a vivência igualmente, da formação de coisas; a ação; decorre, assim, de que este processo fenomenologicamente gestaltificativo de figuração, e de coisificação, se dá, originariamente, como a vivência das temporalidades do desdobramento *de forças*, como vivência dos desdobramentos de possibilidades. Possibilidades que, nos seus desdobramentos *pressivos*, expressivos, como tais, se *projetam*, se lançam, fenomenologicamente, se expressam, como vivência, como forças, como possibilidades em desdobramentos: *projetos, jetos, jatos*, projeções; como esboços, como *disegnos*, como perspectivas, perspectivações, como gestaltificações, como interpretações.

Interpretações compreensivas, e implicativas...

EM SEU ACONTECER, AS PERCEPÇÕES SÃO MÚSICAS

Alguém já disse, não recordo quem, fico devendo, que seria fantástico se pudéssemos perceber as pessoas como músicas...

Fantástica a ideia.

Intrinsecamente vivencial, fenomenológica, a percepção de cada pessoa, cada percepção, em verdade, em sua atualidade, é como a atualidade, e a atualização, de uma música. Com seus acordes, com seus tempos, movimentos; enfáticos, sutis, breves, longos... Com as temporalidades da duração da errância de suas intensidades...

Tão sábios são os Africanos Sudaneses, e tanto sabem disso, me contou a minha amiga Morgana, que quando uma pessoa nasce compõem para ela uma música. A música *dela*. Que é tocada nas datas e momentos celebrativos. Disse Morgana que quando a pessoa comete uma falta, a aldeia se reúne, coloca a pessoa no centro de um círculo, e canta para ela a música *dela*. Até que ela possa voltar a si.

Incrível a sensibilidade dos Sudaneses, inclusive nesta sofisticada percepção da essência de nós outros como músicas.

Este é já um aspecto mais ritual, relativo a este caráter musical de nosso ser, de nosso vir a ser.

Na verdade, **toda vivência, toda percepção é música**. Toda vivência é música, na temporalidade própria da errância de sua expressão, na errância de sua interpretação fenômeno dialógica... Um vagar, um divagar devagar, *umerro*, uma errância, *intensional, insistencial, inspectativa*, pelas temporalidades dos desdobramentos cognoscitivos de intensidades de possibilidades, que se organizam e atualizam na constituição de dominâncias.

Quer dizer, se admitimos, se aquiescemos, se condescendemos, se *insistimos*, na vivência de suas temporalidades próprias, pré-reflexivas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, e implicativas, gestaltificativas.

Não só na atualização da *revivescência* de possibilidades incrustadas na instalação de um acontecido, na instalação de uma coisa -- atualização que é sempre nova, sempre atualização na instalação coisificada, acontecer, também. Mas, igualmente, a atualização, como emergência do desdobramento, interpretação, da possibilidade inédita.

Na condescendência sutil com as temporalidades, das intensidades, de suas forças, de suas possibilidades, próprias, toda vivência é música. Se condescendemos com a musicalidade intrínseca de suas temporalidades. Se condescendemos com a errância própria e particular das temporalidades de suas tensionalidades, se condescendemos com a errância particular das forças e dominâncias de suas intensionalidades.

Um errar, uma errância expressivamente fenômeno dialógica, compreensiva e implicativamente, interpretativa. Por competições e argumentações, intensidades, intensões, intensionalidades; por dominâncias, de possibilidades. Pela vivência de forças. Plásticas forças. Por tons e ritmos, que rigorosa e suavemente, ou não, se organizam e se expressam figurativamente; que se configuram, figuram, segundo as dominâncias, seguindo a temporalidade das dominâncias, de suas intensificações plásticas, criativas, formativas. Seguindo as dominâncias de suas intensificações.

VONTADE DE NADA, NIILISMO RESENTIMENTO E A ÉTICA, ESTÉTICA, E METODOLÓGICA DA ERRÂNCIA GESTALTIFICATIVA FENOMENO DIALÓGICA.

O caráter errativo -- o caráter de erro, de errância, de variação -- da constituição da vivência, da ética, da estética, gestaltificativa fenômeno dialógico, e da metodológica gestaltificativa --, do processo gestaltificativo performático de formação de figura e fundo, e de formação de coisas --, advém, assim, no limite, destes dois aspectos intrínsecos e fundamentais das possibilidades e de sua atualização gestaltificativamente fenomenológica e pré-reflexiva.

(a) Esta intrínseca característica da vivência fenomenativa de se constituir especificamente como a vivência *de forças*; forças plásticas, tensionais, intensionais, estéticas, poiéticas. As possibilidades. As forças de tudo em que agimos, as forças de tudo em que devimos em nosso ser no mundo. E que se expressam em competições e argumentações, constituindo dominâncias, lógicas, fenomenológicas, dialógicas, ontológicas.

(b) E a intrínseca característica de que estas forças, as possibilidades experienciadas na vivência ontológica -- pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva e implicativa -- intrinsecamente se constituírem como vivência *de multiplicidades de forças*. Como vivência *de multiplexidades, implexativas, implicativas*. Como a vivência de multiplicidades infinitas de forças plásticas.

Forças múltiplas. Forças que, em suas multiplicidades, competem e argumentam entre si, constituindo dominâncias, que se destacam cognitivamente, que se impõem na constituição da vivência das figurações dos processos de formação de figura e fundo. Processos igualmente ontológicos de criação de coisas. Forças, multiplicidade de forças, é o que constitui a nossa vivência fenômeno dialógica lógica compreensiva e implicativa, gestaltificativa.

Nos fluxos dos desdobramentos cognitivos da vivência, esta multiplicidade de possibilidades organicamente se organiza de um modo característico, de um modo rítmico, segundo a ordem estética e poiética da temporalidade de suas intensidades plásticas, segundo a ordem de suas competições e argumentações, enquanto intensidades cognitivas.

A vivência de multiplicidades infinitas de forças, de possibilidades, forças cognitivamente plásticas, que vivencialmente se organizam em suas competições e argumentações, faz com que a aquiescência, intensional, inspectativa, na temporalidade própria da duração de suas intensidades, de suas competições e argumentações ontológicas, seja, em específico, um *errar*, a temporalidade de um *errar*, a temporalidade de uma *errância* gestaltificativa, improvisativa e formativa. O erro e a errância vivenciadas por intensidades, intensões, intensidades, intensionalidades; e dominâncias, mais ou menos, mas sempre, provisórias.

Um *errar* vivido de um modo rítmico vigoroso, como processo de formação de figura e fundo, e como processo de formação de coisas...

Naturalmente que não nos referimos aqui ao **erro** no sentido moral, de *certo* e de *errado*.

Até porque este **errar** *gestaltificativamente fenomenológico* se dá e se desdobra no domínio do ético.

Aliás, própria e especificamente, no domínio ético do *est-ético*. E, evidentemente, no domínio do *poi-ético*, ético, da vivência fenômeno dialógica gestaltificativa do desdobramento de possibilidades.

No sentido de **um caráter ético própria e especificamente errabundo**^[3] **da vivência fenômeno dialógica gestaltificativa da ação, da vivência do desdobramento cognoscitivo das possibilidades.**

E não no domínio teorético do moral. E dos moralismos.

Errar no sentido metafórico de errância, de *vagar*, de *perambular*...

De *erro* e de *errância* falamos aqui no sentido, pré-reflexivo, ético, de *pensamento errante*, de que falam os nietzscheanos...

VONTADE DE IMPOTÊNCIA.

VONTADE DE NADA.

NIILISMO E NILISMO RESENTIMENTO.

PUNIBILIDADE E PUNIÇÃO DA ERRABUNDAGEM.

Uma errabundagem, naturalmente, nas forças das potências do possível, as possibilidades. O erro, o errar, a errância, fenômenos dialógicos gestaltificativos são indissociáveis e intrínsecos não só à ação, como movimento, à *emoção*; mas indissociáveis e intrínsecos à própria *e-moção*, e à *motivação*, igualmente intrínsecas e inerentes à ação.

E aí as coisas mais se complicam, na ótica da *vontade de nada* do niilismo, e da moral do fatalismo e da fatalidade.

Porque, em essência, a errância possibilitativa é **vontade de potência**, **vontade de possibilidade**, **vontade de tudo**, a bem da verdade – *vontade com tudo, com toda a força*, diríamos, num certo dialeto nosso.

E aí -- na ótica do niilismo, do fatalismo, nas óticas da *vontade de nada* - a *potência* --, a *vontade de potência*, a *vontade de possibilidade*, a *criação*, a *vontade de tudo*, à *vontade com tudo* --, são criminalizadas, e punidas.

São criminalizados, numa tentativa vã de imobilização, e punidos, naturalmente, a própria *emoção*, a *emoção*, e a *motivação*, o movimento... A *motivação* e a *emoção*, que são intrínsecas e essenciais à *emoção*, ao movimento, da atualização de possibilidades, da ação, são criminalizadas. São criminalizados o errar, a errância, intrínsecos à temporalidade fenomenológica gestaltificativa constituinte da ação.

A *vontade de impotência* almeja a imobilização, a criminalização e a punição do erro e da errância; a criminalização e a punição da errabundagem, inerentes à atualização de possibilidades da vivência fenomenológica gestaltificativa da ação. Estrategicamente, trata-se de imobilizar a vivência da

temporalidade estética e poética próprios e específicos à errabundagem da constituição da ação, na originalidade de sua vivência de atualização de possibilidades; de imobilizar a vivência da temporalidade própria à errância da constituição fenômeno dialógica gestaltificativa da ação.

De modo que prevaleça, unitária e explicativamente, a morta moral do acontecido, do fato, da fatalidade, da realidade. E não a ética errabunda da ação fenômeno dialógica gestaltificativa.

Não importando, para tal, que propriamente não seja ela a verdade.

Na **ordem do rei**, a *realidade*, a objetividade científica, a cientificidade objetiva, passam a ser a norma. A realidade do objeto, acontecido e imóvel.

A realidade é, apenas, o acontecido.

E – para a realidade, para o acontecido --, aquém do objeto e da objetividade, aquém da realidade, aquém da explicação: apenas a **transgressão**.

Não importa que, no seu moralismo, a insistência na realidade, e no acontecido, sejam, apenas, o *fatalismo do fato*, do *feito*, do acontecido, de preservação do acontecido; e da vontade de impotência; da vontade de nada, do niilismo, do niilismo ressentimento...

De visita aos fantásticos sítios arqueológicos da Serra da Capivara -- mais ou menos por ali onde os Sertões do Piauí se transformam nos Sertões da Bahia, mas a Caatinga é a mesma -- braba --, o guia do Parque Nacional explicava os homens primitivos e os indígenas que por ali perambulavam, que por ali erravam, possivelmente já há sessenta mil anos atrás...

E, na sua linguagem particular, sai-se com um incrível uso da palavra, que me deixa atônito...

Estávamos numa fenda entre morros, cortada por um riacho, onde vários vestígios arqueológicos de fogueiras de acampamentos dos homens primitivos haviam sido encontrados. E ele, curiosa e ambigualmente, diz...

Eles ‘transgrediam’ por aqui...

E continuou falando como se nada tivesse acontecido, como se ele nada tivesse dito... Tão natural para ele a ideia, que ele nem se deu conta...

Ele apenas queria dizer, *Eles perambulavam, eles erravam, por aqui...* Eu quase que engasguei, maravilhado. Quase que perguntei,

O quê?!?!?!

Foi isso mesmo que você falou?

Ele não negligenciava o sentido *delinquencial* das *transgressões* que ele atribuía ao homem primitivo... Daquele *errar*, daquela errabundagem...

O uso ambigualmente errôneo e ambigualmente correto da palavra. O uso ambigualmente ambíguo, e ambigualmente desambiguado. Mas precisão de sentido que só as sutilezas da errabundância da ambiguidade podem facultar...

Isso me maravilhou... De tal modo, que fiquei falando só...

Como progredir sem errar? Como errar e progredir sem *transgredir*? Como progredir sem transgredir... Como *transgredir*, sem progredir... Sem errar?...

E, no seu erro, e no seu acerto, o guia fazia uma implicação perfeita da palavra. No sentido específico de que **eles se movimentavam por aqui**.

Talvez ele só intuísse, e não captasse muito bem...

Além de perambulação, o próprio **movimento**, a própria **moção**, a **emoção**, era a **transgressão**.

Talvez sem querer -- ou difusamente querendo, talvez --, ele também dizia que **a transgressão era a progressão**...

Mas que, inevitavelmente, **progredir era transgredir**...

Fantástico...

Não poderia certamente haver melhor formulação da estratégia da ordem do rei. As pífias ordem, e moral, da **realidade** do **acontecido**. Moral da vontade de impotência, da vontade de nada. Imobilizar o movimento, imobilizar a ação, imobilizar a atualização de possibilidades.

E, de passagem, isso nunca foi, e o é, tão verdadeiro quanto o foi para o Índigena Brasileiro.

O Índigena Brasileiro era visceralmente nômade. E o seu nomadismo inviabilizava o projeto colonialista de escravizá-lo. O nomadismo, a errância, a errabundagem, não europeia, do indígena foram imediatamente criminalizados. Eles tinham que ser recolhidos, e aceitar ser recolhidos, em aldeamentos permanentes, estáticos. Não por acaso, chamados de *presídios*. Como o da Praia do Ceará; o de Jacuípe, em Pernambuco; de Palmeira dos Índios, de Porto Real de Colégio, em Alagoas. E muito outros.

O Índio nômade é fixado, para os usos escravocráticos do colonialismo. E, na interdição de seu nomadismo, apodrecem as suas culturas, as suas vidas, e os seus próprios corpos...

Quem nos conta isso é o mestre Darci Ribeiro; e o mestre Dirceu Lindoso, em seu monumental *Utopia Armada*.

Criminalizou-se oficialmente a errância, a errabundagem indígena, índio nômade era índio criminoso...

É um dos exemplos mais chocantes de como a moral da fatalidade e do niilismo, da vontade de impotência, odeia o movimento, a moção, e a emoção, a motivação.

Pois bem, este exemplo, de passagem, é do mundo objetivo. Histórico, cultural.

Mas a moção, e o errar, a errância, a errabundagem, não se restringem, como temos visto, ao mundo objetivo, e à experiência subjetiva; não se restringem à realidade, não se restringem ao acontecido...

Em essência eles são, como temos visto, originariamente, própria e especificamente cognitivos, ontológicos, aconteceres. Fenômeno dialógicos e existenciais, compreensivos, e implicativos.

Suas temporalidades próprias, na vivência das dominâncias das competições e argumentações das intensidades plásticas das possibilidades, são as temporalidades ontológicas de constituição da ação em sua originalidade e criatividade.

Em termos psicológicos, trata-se, então, para a moral do niilismo, e para a moral da fatalidade -- para a moral da vontade de impotência, para a moral da vontade de nada -- de perseguir o movimento, a moção, a emoção, e a condição de sua errância e errabundagem -- a ação, a atualização de possibilidades --, ali onde não é mais a dimensão dos objetos, dos sujeitos, e das coisas. Trata-se de desqualificar e extinguir a própria dimensão da vivência, pela desqualificação e extinção, pelo bloqueio e interdição da erratividade, da errabundagem, por suas temporalidades...

Porque a vivência, em suas temporalidades próprias, a vivência, é eminentemente, a temporalidade da errância, a vivência do erro, da errabundagem fenômeno dialógica gestaltificativa. A metodológica do erro, que permite a originalidade ontológica da fenomenológica gestaltificativa da ação, da atualização. A criação. A originalidade da formatividade fenomenológica gestaltificativa. Como vivência intensificativa da figuração dos processos de formação de figura e fundo; e como formação, criação, de coisas; como formação, criação, do mundo...

DANE-SE A REALIDADE...

A realidade é apenas o acontecido. Como a instituição da real ordem do rei.

Assim, por esta instituição se reifica e se equaciona o acontecido como realidade. Do ponto de vista epistemológico; e, evidentemente, do ponto de vista epistemofílico. Do ponto de vista moral. Do ponto de vista moral da epistemologia. Do ponto de vista epistemológico da moral -- do ponto de vista do preconceito.

Mas, a possibilidade é mais importante do que a realidade, diria Heidegger; tornar-se o que se é, diria Nietzsche...

Na dramaticidade insuportável de seus momentos históricos, os Expressionistas entenderam o sentido do preconceito supervalorativo da realidade. Entenderam, e diriam com Heidegger, que *a possibilidade é mais importante do que a realidade*. E, podemos dizer que *se dane a realidade* seria a disposição primeira da ética Expressionista. E, de resto, de toda a ética

fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, gestaltificativa.

Não que a realidade, o acontecido, não tenham a sua importância própria. Naturalmente que não podemos negligenciar e desvalorizar o acontecido e as forças e condições de sua instalatividade, como ontológico constituinte igualmente do que somos. Não podemos ignorar a realidade. Mas, em sua instalação, o acontecido é só a capa inerte da possibilidade enclausurada. Um beco sem saída em sua clausura. Que demanda a ontológica peripécia do retorno ao eterno retorno do ontológico, da possibilidade.

Por isso que a ética, e a metodologia, gestaltificativas -- fenomenológico existenciais, e dialógicas, compreensivas e implicativas; assim como a ética e a metodologia do *Expressionismo* – caracteristicamente se constituem como um desligamento do privilégio moralista e niilista, fatalista, da realidade; do acontecido. Um desligamento do princípio de realidade, do positivismo do real, um desligamento do objetivismo, da objetividade, e do próprio objeto. Um desligamento do sujeito, em sua subjetividade real, e acontecida. Um desligamento da condição do espectador.

Para privilegiar a condição do inspector ator. Um desligamento do privilégio da causalidade e da causação, um desligamento do privilégio do propósito deliberado, um despropósito; e um desligamento do prático, do útil e da utilidade, da ação funcional -- que, funcional, em efetivo, não é ação. Uma entrega à errância desproposital da atualização de possibilidades. Um desligamento, em síntese, do privilégio do acontecido, do privilégio da moral do acontecido, da fatalidade. Que recebe o nome de *realidade*.

Para privilegiar a precedência ontológica da vivência do desdobramento fenomenológico existencial gestaltificativo de possibilidades. Na momentaneidade instantânea do ontológico modo de sermos do possível, do potente, das possibilidades. Da ação. Modo de sermos que, na vivência da errância das intensidades das dominâncias de suas forças, as possibilidades, em sua momentaneidade instantânea, não por acaso, chamamos de **ação**. *Acontecer*.

A PERFEIÇÃO DO ERRO. PERFAZIMENTO, PERFORMANCE DO ERRO, PERFORMANCE DA ERRÂNCIA.

A multivagagem vivenciativa, errabunda, na vivência das temporalidades próprias às competições e argumentações, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas, das intensidades, e intensificações das possibilidades, no processo de formação de figura e fundo, e da formação das coisas, constitui o **per-curso**, o trajeto, de um **projeto**. **Pro-jetção, que se constitui como a ação**.

Projeto, projetação.

Na medida em que, projeto, projetação de forças, a vivência da ação é tensão, *intensão, intensionalidade*. A vivência da tensão da *pressão, pressiva, expressiva*, do desdobramento de forças. As possibilidades.

Formativa, a ação, como desdobramento cognitivo de possibilidades, em específico é um fazer. Uma *feição*.

Como é processo gênico, genético, de **formação** – de **formação** de figura e fundo, da vivência de consciência pré-reflexiva; e da vivência de formação das coisas instalativas --, como é processo de *formação*, o **percurso** da vivência de projeção das dominâncias das intensidades e intensificações das possibilidades, nas suas temporalidades próprias, é o **percurso**, o **percorrimto**, a **projeção**, como **ex-pressão**, de um **fazer**; como ex-pressão de uma **feição**.

Que, *formação*, é o **percurso vivenciativo da per-formance**, da *per-formação*, da **per-feição**. Da **performance** e da **perfeição** de figura e fundo, e da **performance** e **perfeição** de coisas.

Fenomenologicamente, vivencialmente, decorridas, percorridas, é a decorrência, a percorência, a *per-feição*, do *perfazer*, da *performance*, da *performance*, da formação de figura e fundo; e da formação criativa das coisas instalativas.

A própria estética e poiética da perfeição como perfazimento.

As **gestaltificações** -- os processo ativos, atualizativos, de formação de figura e fundo; e de constituição das coisas, engendradas, criadas e bem criadas, na aquiescência com as temporalidades próprias às errâncias pelas dominâncias das intensidades e intensificações, competições, e argumentações da força das possibilidades --, as **gestaltificações** constituem-se no percurso da performance do erro. No percurso, na vivência fenomenológica e fenomenativa da performance da errância. Num perfazer. Percurso da vivência de um perfazimento errante. Que é, em específico, própria e especificamente, o processamento estético e poiético da *perfeição*, o percurso próprio da perfeição, em seu específico e formativo perfazer.

Assim criadas, própria e especificamente, na performance do perfazimento de sua perfeição, as figurações, as gestaltificações, e as coisas -- não são mal criadas, nem mal ditas -- são *perfeitas*, *perfeições*, portanto. Perfeições constituídas na vivência das temporalidades e atualizações da ética, da estética, e da poiética, errabunda de sua fenômeno dialógica gestaltificativa.

Porque resultam da vivência, da atualização, do labor, do desdobramento da constante dádiva misteriosa das possibilidades. Resultam da vivência fenomenológica da atualização do perfazimento das temporalidades das intensidades, das intensificações, das competições e argumentações, das possibilidades; no processamento de suas vivências formativas.

A vivência da **perfeição** é, assim, o **perfazimento**, a **performance**, este modo gestaltificativo, fenomenológico existencial, especificamente estético e poiético, **de fazer**. De *perfazer*.

Na performance da errância. Na performance do erro. Na performance da errância pelas intensidades das possibilidades; na errabunda vivência da performance, de figuras e fundos; e de coisas.

O estético e poiético modo de fazermos da *perfeição*.

Vivências formativas de coisas, processos vivenciais de formação de figuras e fundos, os feitos deste modo de fazer são **perfeitos**, portanto. Gestaltificações e coisas. Os **feitos, os fatos, feitos**, no rítmico percurso errabundo do erro, na percorrencía do erro; os **feitos** nos **percursos** e nas **percorrencías** da errância na vivência das intensidades e intensificações da temporalidade das forças das possibilidades -- fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas – são, **perfeitos**.

A **perfeição**, eminentemente decorre, assim, e é função, do erro, da errância fenômeno dialógica gestaltificativa.

A perfeição percorre e decorre da vivência das temporalidades próprias à errância. A perfeição é a percorrencía do erro. Própria e especificamente errabunda, a perfeição é a percorrencía da errância fenomenológica, fenomenativa, intrínseca e inerentemente gestaltificativa...

De modo que a plena e cabal vivência do erro, a plena e cabal vivência da errância fenomenológica gestaltificativa, não resultam em imperfeição, não resultam em imprecisão. Pelo contrário. A vivência metódica do percurso da perfeição, como percurso errabundo da meticulosa vivência da errância, da vivência do erro -- pelas intensidades das possibilidades, em suas dominâncias, em suas competições e argumentações fenomenativas – são intrínsecos e inerentes à performance da perfeição. Resultam, sim, e assim, na estética e na poiética precisão da formação, e da forma, *perfeitas*.

Per-feição da gestaltificação como vivência, e como coisificação.

Na aquiescência com a vivência da errância pelas temporalidades próprias das intensidades das possibilidades, na aquiescência com a errância que é própria à dialógica de sua atualização, é que consiste, portanto, a metodológica gestaltificativa. Uma estética, uma poiética, uma ética da performance e da perfeição do erro. Estética da errância; poiética, ética, ontológica, epistemológica, fenomenológica, e metodológica, do erro.

PERFEIÇÃO, PERFAZIMENTO, DA AÇÃO, DA INSPECTAÇÃO. O CAMINHO DO MEIO. O MOVIMENTO PELA LINHA DE MENOR RESISTÊNCIA.

A vivência da ação, a vivência da insistência, a inspeção, constitui-se como o modo de sermos, do ator.

Que é *pro-jet-ação*. Na medida em que é *pressão*, ex-pressão, do desdobramento das forças das possibilidades.

O modo de sermos do *pro-jeto* – modo de sermos do acontecer --, não é o modo de sermos do *sub-jeto*, nem do *ob-jeto*. Sub-jeto e ob-jeto pertinentes ao modo acontecido de sermos ôntico, do ente. Da coisa.

O ontológico modo de sermos do acontecer, modo de sermos do projeto, da projeção, é o modo pré-ôntico de sermos, modo de sermos pré-ente, o modo de sermos do **presente**.

O modo de sermos do **presente, fenomenológico existencial e dialógico**. Modo de sermos do acontecer, não é o modo de sermos do sujeito, nem do objeto, mas o modo de sermos da própria vivência do objeto, modo de sermos projeto, modo de sermos da ação, ou seja da emergência, do desdobramento, da *pressão*, da *ex-pressão* das possibilidades.

Ainda que seja, o modo de sermos do presente, sempre, intrinsecamente, *inter-ação* dialógica com a alteridade de um *tu*.

O *tu* vivido sempre como possibilidade em desdobramento, o *tu* como efetiva alteridade possível, potente. Segundo Buber, alteridade que pode ser da esfera da natureza não humana, alteridade da esfera do humano, ou da esfera do sagrado...

A interação com a alteridade do *tu* é, sempre, participativa, a **participação** na dinâmica e na dramática de uma dialógica, como atuação cognitivamente interativa de possibilidades; ação.

O que implica que, ainda que seja participação interativa, dialógica, a momentaneidade instantânea da dialógica interação eu-tu é desproposital, não objetiva, não teórica, não causal, não técnica, desproposital, e não pragmática.

O que quer dizer que não está sob o nosso controle deliberado.

Buber definirá a natureza da interação dialógica da ação, do desdobramento cognitivo de possibilidades, observando paradoxalmente que ***não criamos as possibilidades***, e evidentemente os seus desdobramentos; ***mas as possibilidades e os seus desdobramentos efetivamente não acontecem sem nós outros***.

Tal é a natureza especificamente interativa, dialógica, da ação – da atualização, do desdobramento, de possibilidades.

Que é fluência da errância no ativo processo de constituição e desdobramento das possibilidades. Ao mesmo tempo em que é eu, é vinculação intrínseca e imanente com a alteridade de um *tu*. A *inter ação* eu tu. A sua dialógica. Possíveis, potentes, atualização de possibilidades.

Possibilidades que, vivência de forças em desdobramento, múltiplas, implicativas, se constituem como gestaltificações. Como as temporalidades da errância fenomenológica. Na específica constituição das dominâncias da multiplicidade implicativa de suas forças, plásticas, e cognoscíveis, em suas gestaltificações.

O perfazimento, a perfeição, da ação, decorre da integridade e integração da vivência das temporalidades expressivas desta dialógica errância, temporalmente constituída pela constituição das dominâncias gestaltificativas.

Dialógicos, o perfazimento, a perfeição da ação tem a nossa participação, na intrínseca interação com a participação dos desdobramentos do *tu*, igualmente como possível, como potente, como possibilidade.

É nessa ambiguidade dialógica -- de ser a multifacetada interação do desdobramento de possibilidades que constituem o eu, que constituem o *tu*, e

que constituem o eu-tu -- que se constitui a fenômeno dialógica gestaltificativa da ação – fenomenológico existencial e dialógica; compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

De modo que, como Buber observa, toda a instantaneidade momentânea da vivência dialógica, fenomenológico existencial, compreensiva e implicativa, gestaltificativa, é ação – é desdobramento cognitivo de possibilidades. A ação que, dialógica, é o devir do desdobramento multifacetado de possibilidades -- do eu, do tu, e do âmbito da movimentação de sua dialógica inter-ação.

Meu professor de natação, e de zen, professor Kanichi Sato, costumava dizer, em sua suprema e bem humorada simplicidade: *O zen é o casamento de 'oportunidade e ação'...*

E é este **senso de oportunidade** -- que nada, nada tem oportunismo -- que é a orientação exclusiva da participação do eu na dialógica da ação, na momentaneidade instantânea da interação eu-tu. A orientação advinda da vivência, temporal, da temporalidade da errância pelas dominâncias gestaltificativas das forças das possibilidades.

Existe a força alteritária das possibilidades, e as possibilidades da iniciativa e participação na dialógica interativa da ação. É a errância, são as temporalidades da errância fenomenológica, que disponibilizam as oportunidades para a iniciativa da ação. Que não é nem objetiva nem subjetiva, fenomenológica, desproposital, não causal, não pragmática, não real.

Guardando uma reserva, por suas respectivas particularidades, o que se chama, no zen, de **caminho do meio**-- que Perls menciona, e que menciona Friedlander, citado por Perls – é esta particular participação dialógica, na momentaneidade instantânea do desdobramento da ação, numa inter-atividade desproposital, despropositativa, intensional, inspectativa.

Que não é subjetiva, nem objetiva. Que não é, portanto, teórica, nem explicativa, mas implicativa; que está fora dos domínios da causalidade, fora dos domínios da relação de causa e efeito; que está fora do modo acontecido de sermos; fora da utilidade, fora do modo de sermos da pragmática dos usos e das utilidades, e da ação funcional; e que não é da ordem, acontecida, da realidade.

Mas, própria e especificamente, é o acontecer...

O caminho do meio é a ação pela linha de menor resistência. O caminho. A 'virtude' do zen.

Em termos do zen, a virtude não é virtuosa, nem moralista. Mas tem a virtuosidade *de ser como o tao*. E, em específico, é esta a sua virtude, a de ser como o tao.

A ação que está entre o propósito e o não propósito. A ação desproposital. Mas a potência de constituição da ação na temporalidade própria da errância, na intensidade e intensificação da força de suas possibilidades.

Em termos fenomenológicos, o zen radicalmente é uma fenomenologia, fenomenológica, fenomenativa.

Muito mais desenvolvida e requintada, de alguns milhares de anos, do que a primitiva e precária fenomenologia Ocidental.

No zen e no Taoísmo Heidegger bebeu essencialmente, e não referiu adequadamente...

Em termos fenomenológicos, o *caminho do meio*, a *linha de menor resistência*, é a ação desproposita, constituída na mais perfeita errância, no mais perfeito erro, pelas temporalidades da constituição, da atualização, das dominâncias dos desdobramentos das possibilidades, dos desdobramentos da ação gestaltificativa. Errância nos desdobramentos das possibilidades que constituem o eu, que constituem o tu, e que constituem a dialógica interativa eu-tu.

O *caminho do meio*, a *linha de menor resistência* configura-se como a perfeição, o fazimento, o perfazimento da ação, na perfeita temporalidade e temporalização da errância, no perfeito erro pela constituição das dominâncias, na atualização das possibilidades do eu e do tu, e do eu-tu, da multifacetada interação dialógica entre eu e tu. Que potencializa a possibilidade da atualização da ação. Tão espontânea que é como se fosse não agir, não ação.

Que é tão perfeita como **implicação** que, efetivamente, não poderia ser a explicativa de um eu subjetivo.

Dialógica ação eu-tu, efetivamente não é a ação de um eu. Na sua perfeita e espontânea dialógica, nem mesmo parece ação.

De um modo tal, que frequentemente se fala em *não ação*, em precárias traduções. Quando, na verdade, na vivência fenômeno dialógica, zen, do caminho do meio, da ação pela linha de menor resistência, não se trata, em absoluto, de *não ação*. Mas da espontaneidade da **ação**.

Tudo que não falta é ação. Como Buber diz, *o momento da dialógica é todo ele ação...*

Mas, trata-se, própria e especificamente, na errabundagem do erro fenômeno dialógico, pelas constituições das temporalidades das dominâncias de possibilidades, de **ação sem alvoroço**.

Ação sem alvoroço...

É esta a adequada tradução do caminho do meio da ação, da ação pela linha de menor resistência, da ação sem alvoroço, e da errabunda e epistemológica ação intrínseca à fenomenologia gestaltificativa.

A ação só é ação, efetiva e plenamente, quando é ação na vivência da momentaneidade instantânea da duração da dialógica do *inter*, do entre, na errância pelas temporalidades tão próprias da implicativa e multifacetada relação eu-tu.

A ação sem precipitações, na perfeita vivência das temporalidades da errância fenômeno gestaltificativa...

O dialógico *caminho do meio da ação*. A *ação pela linha de menor resistência*. O *caminho*. A *virtude*.

Virtude que, própria, e especificamente, é a de ser como o tao...

O ser como o tao, yin, yang, chi, yin, yang.

Que, na errante espontaneidade de sua perfeição, nem parece ação. Que não demanda o esforço da ação subjetiva. Na medida em que é ação como atualização do fluxo das dominâncias das intensas, intensionais, potências de suas intensificações. A potencialização da ação nos fluxos das errâncias pelos desdobramentos das dominâncias das possibilidades.

Tão espontânea e potente, que parece *não ação*. Quando, simplesmente, é a perfeição, a perfeição (*per-feita-ação*), o perfazimento, da ação. Na vivência do perfeito perfazimento das temporalidades das errâncias nos desdobramentos das dominâncias de suas forças, de suas possibilidades.

A ação é um mistério...

Como diria o Nietzsche do Zaratustra.

No seu afã de *tornar-se o que era...*

PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA, COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA, E ERRÂNCIA FENOMENOLÓGICA GESTALTIFICATIVA.

O critério ético e metodológico das psicologias e psicoterapias gestaltificativas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas é a eleição da vivência pré-reflexiva, implicativa e dialógica, fenomenológico existencial de sermos como eixo e elemento metodológico e ético centrais.

Com isso, própria e especificamente, a eleição da entrega ao modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, que não é objetivo, nem subjetivo; que não é teórico, nem técnico; que é acausal, desproposital, e não pragmático, nem realista.

Isto significa, então, a eleição, e a entrega, à vivência fenomenológica das temporalidades da errância fenomenológica, instantaneamente momentânea, pelos processos constituintes das dominâncias na vivência da emergência e do desdobramento formativo, gestaltificativo, e inter humanamente dialógico, das possibilidades.

Gestaltificação quer dizer o desdobramento de nossa humana *tendência atualizante, a nossa tendência para a ação*. Que, cognitiva, é eminentemente, própria e especificamente, uma *tendência formativa*. A nossa *tendência formativa*. Na medida em que, cognitiva, formativa, gestaltificativa, é tendência formativa dos processos fenomenológicos existenciais e dialógicos, compreensivos e implicativos, de formação de figura e fundo; que se concluem, na sua desatualização, nos processos também de formação das coisas. Sujeitos e objetos. Coisas objetivas e subjetivas.

A atualização, a ação, é o processo de desdobramento das possibilidades vivenciadas nas temporalidades do modo pré-reflexivo de

sermos. Possibilidades estas que trazem em si a sua aporia, a sua finitude. Mas o retorno ao modo implicativo de sermos do possível, da possibilidade, a insistência neste modo implicativo de sermos, é o retorno e a insistência no modo de sermos do eterno retorno da possibilidade. Cujas atualizações constituem os nossos processos de movimento, de moção, de emoção, e de motivação. A ação, a atualização. Da mesma forma que alegria da vivência e dos desdobramentos das forças do possível. Criativas, formativas, gestaltificativas. Motivadas e motivativas da alegria. E, em especial, da superação. E da promoção e potencialização da grande saúde, de que falava Nietzsche, a grande saúde do eterno retorno de uma superabundância de forças de vida. De ação, de atualização, de criação. De superação.

Nietzsche diria, *e eis o que me segredou a vida. Eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente.*

Nas refinadas temporalidades do erro. Nas refinadas temporalidades da errância pelas temporalidades da constituição e atualização das dominâncias cognitivas, gestaltificativas, das possibilidades...

VIVÊNCIA GRUPAL. GRUPATIVIDADE. INTENSIONALIDADE, ERRÂNCIA E INTENSIFICAÇÃO NA EXPERIÊNCIA COLETIVA GRUPATIVA.

Na vivência grupal, o processo da vivência gestaltificativa fenomenológico existencial, o processo da emergência e do desdobramento cognitivo das possibilidades, do desdobramento da ação, é cada vez mais factível como processo coletivo. A emergência e o desdobramento das possibilidades, a ação, cognitiva, é, cada vez mais, vivência coletiva, à medida que o grupo se constitui e se desdobra como tal.

De modo que a errância fenomenológica, fenomenativa, gestaltificativa pela temporalidade constituinte da força das dominâncias das possibilidades é cada vez mais possível, própria e especificamente, como fenomenológica gestaltificativa coletiva.

Um princípio primeiro da ética e da metodológica fenomenológicas gestaltificativas no grupo é o de privilegiar a consciência fenomenológica pré-reflexiva grupal, portanto. E, com isso, o de privilegiar a aquiescência do mediador, dos participantes, a aquiescência coletiva, com a temporalidade própria ao caráter errabundo da consciência coletiva pré-reflexiva grupal. Caráter este fenomenativo, fenomenológico, gestaltificativo, despropositivo.

Avesso à teórica e à técnica, avesso ao propósito deliberado, à causalidade, à pragmática da utilidade e da ação funcionais, avesso à realidade. Que só emergem e se constituem no modo acontecido de sermos.

Para privilegiar a momentaneidade sempre instantânea do desdobramento coletivo do processo de atualização cognitiva das possibilidades.

O processo grupal fenomenológico existencial pode, desta forma, constituir-se tendo como critério a errância fenomenológico existencial gestaltificativa pelas temporalidades das intensidades e intensificações das

possibilidades que se constituem e se desdobram no âmbito da consciência coletiva, como vivência grupativa.

Evidentemente, o tema merece muito ser desdobrado. Aqui não é ainda o local próprio para este desdobramento...

CONCLUSÃO

Assim, a experiência, a experimentação, a ética, e a metodologia fenomenológicas, e fenomenativas, gestaltificativas, das psicologias e psicoterapias são uma incidência insistencial na dialógica da experiência pré-reflexiva, e da experimentação do desdobramento de possibilidades fenomenológico existenciais, gestaltificativas. O que implica, intrínseca e inerentemente, um certo tipo de errância fenomenológica pelas temporalidades das intensidades das dominâncias das forças das possibilidades, em suas constituições e atualizações, em seus processos de formação de figura e fundo, e de formação de coisas.

Uma ativa pervagância desproposita, uma transvagância, do erro, da errância gestaltificativa. Que, pelas desiguais temporalidades das desiguais intensidades das forças desiguais das possibilidades e possibilitações, em sua ontológica emergência e desdobramento, é sempre uma *extra-vagância*. E, formação, um fazer, uma feição, ao modo do perfazer, ao modo da perfeição fenômeno dialógica gestaltificativa.

INTRODUÇÃO

A experiência do modo reflexivo de sermos, modo de sermos explicativo, representativo, modo coisa de sermos do acontecido, distingue-se da experimentação do modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, compreensivo, fenomenológico existencial e dialógico. Porque a momentaneidade instantânea do modo pré-reflexivo de sermos é vivência implicativa, fenomenológico existencial e dialógica, gestaltificativa.

A vivência fenomenológica gestaltificativa, e a metodológica gestaltificativa fenomenológico existencial constituem-se como uma entrega às temporalidades próprias à experimentação vivencial fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa deste modo de sermos.

A vivência da implicação fenomenológica gestaltificativa, no modo pré-reflexivo de sermos é a vivência do desdobramento fenomenológico, fenomenativo, eminentemente cognoscitivo, de uma multiplicidade de forças plásticas. Forças, de múltiplas intensidades. As possibilidades.

Que se organizam criativamente, formativamente, nos processos figurativos de formação de figura e fundo; e nos processos de formação das coisas.

A experimentação, a ética, e a metodológica gestaltificativas -- enquanto entrega à vivência ativa das temporalidades propriamente fenomenológicas da emergência e do desdobramento das possibilidades --, constituem-se, intrínseca e inerentemente, como um pervagar, um errar, uma ativa errância performativa, desproposita, acausativa, e não pragmática, nem realista, pelas temporalidades próprias das intensidades dos desdobramentos destas possibilidades. Na dialógica de seus gestaltificativos processos de formação.

Formação criativa de figura e fundo, e formação criativa de coisas.

Que, percurso de projeção das forças criativas, form-ativas, das possibilidades, em suas temporalidades próprias, é, a cada um de seus momentos, a performance de um fazer, nas temporalidades dos desdobramentos próprios de suas intensidades, um per-fazer, um per-fazimento. Per-feição.

A ética e a metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais consistem no privilegiamento deste modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, implicativo, gestaltificativo. O que significa a aquiescência com a vivência das temporalidades da errância gestaltificativa que caracteriza a emergência e o desdobramento, na ação, na atualização, das forças das possibilidades que constituem a sua vivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTAZI, Lilian **The School of Franz Brentano.**

BUBER, **Eu e Tu.**

HEIDEGGER, Martin **Ser e Tempo.**

NIETZSCHE, Fredrich **Assim Falava Zaratustra**

Gaya Ciencia.

Ecce Homo.

PERLS, Fritz **Gestalt Therapy.**

[1] ALBERTAZZI, L. **The School of Franz Brentano.**

[2] PERLS, F **Gestalt Therapy.**

[3] [\(fr\)\[Classe...\]](#)

**8. PERSPECTIVAÇÕES ACERCA DA EXPERIMENTAÇÃO
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL 3**

PERSPECTIVAÇÃO EM NIETZSCHE

***A Experimentação no Estilo Afirmativo Experimental de uma Vida
Que Experimenta.***

PERSPECTIVAÇÃO EM NIETZSCHE

A Experimentação No Estilo Afirmativo Experimental de uma Vida Que Experimenta. r

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos -- eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo -- a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos -- todas as leis do período são artes dos gestos.

F. Nietzsche

A partir de agora, senhores filósofos, guardemo-nos melhor, portanto, da perigosa e velha patranha conceitual que criou um "sujeito puro do conhecimento, sujeito alheio à vontade, à dor, ao tempo", guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como "razão pura", "espiritualidade absoluta", "conhecimento em si": -- se nos pede sempre aqui pensar um olho que de nenhuma maneira pode ser pensado, um olho carente absoluto de toda orientação, no qual deveriam estar entorpecidas e ausentes as forças ativas e interpretativas, que sem dúvida são as que fazem com que o ver seja ver-algo, se nos pede sempre aqui, portanto, um contrasentido e um não-conceito de olho. Existe unicamente um "conhecer" perspectivista; e quanto maior for o número de afetos aos quais permitamos dizer a sua palavra sobre uma coisa, quanto maior for o número de olhos, de distintos olhos que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, tanto mais completo será o nosso "conceito" dela, tanto mais completa será a nossa "objetividade". Mas eliminar em absoluto a vontade, deixar em suspenso a totalidade dos afetos, supondo que pudéssemos fazê-lo: Como? Não significaria isso castrar o intelecto?...

F. Nietzsche

O homem aprende que viver significa ousar, e a vida torna-se possível como experiência.

Eugen Fink

Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu caráter de empreendimento audacioso.

Eugen Fink

... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade'"

(F. Nietzsche)

(Nietzsche) se impõe a tarefa de libertar a vida dos valores da decadência de modo a poder criar novas formas de agir, novas possibilidades de vida, e, fundamentalmente, uma nova concepção do que seja pensar.

(Marcelo G. Barbosa) 3

O **perspectivismo**, a **perspectatividade** de F. Nietzsche, o seu método perspectivativo, a perspectivação, característicos de sua obra, a *gaya experimentação*, de sua *gaya scienza*, parecem ser fontes seminais da concepção e na postura de *experimentação fenomenológico-existencial* que terminam por se constituir como uma das características mais marcantes, ricas, fundamentais e originais, da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Neste sentido, a influência da **experimentação** nietzscheana tem, também, uma história anterior, uUma vez que ela já aparece como tal na decisiva influência que Nietzsche exerce sobre a constituição da experimentação e do *caráter experimental* do movimento artístico do *Expressionismo*¹, que, por sua vez, é uma das mais marcantes influências no processo de constituição da originalidade e força da Psicologia da Gestalt, da Gestalterapia e da Psicologia Humanista.

* É interessante observar que a perspectatividade é o "fenomenalismo" de Nietzsche. cf. **NIETZSCHE, F.** §354 in **A GAIA CIÊNCIA**, Lisboa, Guimarães & C^a, 1984 pp. 249-52.

¹

² in **PARA ALÉM DO BEM E DO MAL**

³ GIGLIO

⁴ MARTON, Scarlet -

⁵ **FINK, Eugen** (pp. de todo o capítulo)

* Relativo a *poietico*, poder criativo do Ser.

Acredito assim ser do mais alto interesse elucidar o sentido do *método experimental perspectivativo* de Nietzsche, de sua perspectivação, para uma elucidação fundamental, compreensão e desdobramento do sentido específica e propriamente experimental da Gestalterapia e da Abordagem Centrada na Pessoa, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

A concepção do método perspectivativo de Nietzsche está bem constituída ao longo de sua obra, mas dispersa em vários momentos desta². Em função disto, e em função de sua natureza particular, é delicada a sua tematização, ainda que o tema seja forte. Buscamos a seguir desenvolver certas ópticas do mesmo, partindo de uma consideração acerca do lugar e sentido da consciência na concepção nietzscheana; comentamos, a seguir, o sentido da perspectivação e do perspectivismo como faculdade do juízo e da capacidade de avaliar alternativa à consciência; alternativa a suas, limitações, impropriedades, erros e doentia exacerbação; até chegarmos a uma exposição da evolução da *cientificidade* nietzscheana como evolução do seu conceito de *experimentação*, entendida esta eminentemente como *perspectivação*.

Uma contribuição marcante da obra de Nietzsche é a sua crítica da consciência como o modo superior do pensar humano³.

Que nada! O homem pensa em múltiplos e intensos modos não conscientes. Na verdade, a consciência expressa apenas aquilo que é gregário, deixando de fora todo o resto do vivido. E a eleição e supervalorização da consciência nada mais é do que uma alienação e um sintoma doentio.

A perspectivação, sub e trans consciente, permite a expressividade da originalidade, a relativização perspectivativa da consciência, a afirmação da vida. A perspectivação, o método perspectivativo de Nietzsche, é a sua experimentação⁴ e a base da sua científicidade⁵. De um modo tal que não erraríamos, creio, se disséssemos que Nietzsche preconiza uma existência *científica*. Científica porque experimental, perspectivativa. *Poieticamente* experimental e perspectivativa. De modo que o experimental perspectivativo em Nietzsche fundamenta toda uma conversão da existência, que pode ousar dar-se a si própria como referência, e afirmar-se. *O homem aprende que viver significa ousar, e a vida torna-se possível como experiência. Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu caráter de empreendimento audacioso.*^{6 4}

É este sentido que acredito que esteja no cerne das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

DISTORÇÕES, IMPROPRIEDADES E LIMITES DA CONSCIÊNCIA. Erro do Juízo e da Capacidade de Avaliar.

Uma das contribuições marcantes de Nietzsche, como dissemos, é a de deixar muito claros os limites da consciência reflexiva, e do intento da civilização ocidental em erigi-la em apanágio superior do humano e da humanidade, fundamento de um certo sujeito. Na verdade, Nietzsche aponta para os erros, distorções e, evidentemente, perigos deste intento.

"... se não fosse o laço dos instintos..." , diria ele.

Na sua crítica ao privilégio da consciência e do conhecimento, em detrimento das experiências vivenciais, Nietzsche⁷ observa:

⁷ NIETZSCHE, F., *GENEALOGIA DA MORAL*, São Paulo, Brasiliense, 1988. p.

⁸ NIETZSCHE, F. §354 in *A GAIA CIÊNCIA*, Lisboa, Guimarães & C^a, 1984 p. 251.

"Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: "onde estiver teu tesouro, estará também o teu coração".* Nosso tesouro está onde estão as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras do mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito – levar algo "para casa". Quanto ao mais da vida, as chamadas "vivências", qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio estarmos sempre "ausentes": nelas não temos o nosso coração – para elas não temos ouvidos. Antes, como alguém divinamente disperso e imerso em si, a quem os sinos acabam de estrondear no ouvido as doze batidas do meio-dia, e súbito acorda e se pergunta "o que foi que soou?", também nós por vezes abrimos depois os ouvidos e perguntamos, surpresos e perplexos inteiramente, "o que foi que vivemos?", e também "quem somos realmente?", e em seguida contamos, depois, como disse, as dozes vibrantes batidas da nossa vivência, da nossa vida, nosso ser – ah! E contamos errado... Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que nos mal-entender, a nós se aplicará sempre a frase: "Cada qual é o mais distante de si mesmo" – para nós mesmos somos "homens do desconhecimento"...

Não que Nietzsche despreze a consciência, ele apenas aponta para o fato de que é na vida não exatamente reflexiva que se desenvolvem as transformações de que a vida consciente é mera dependência. Dependência esta modelada pela vida social. A consciência é dependência do social, nossos atos, entretanto, são pessoais e singulares, e não há como fazer coincidir consciência e ação.

Penso, como se vê, que a consciência não pertence essencialmente à existência individual do homem, mas, pelo contrário, à parte de sua natureza que é comum à totalidade do rebanho; que não foi, por consequência, subtilmente desenvolvida senão na medida de sua utilidade para a comunidade, o rebanho; e que a despeito da melhor vontade que podemos pôr em 'nos conhecermos', em perceber o que há de mais individual, nenhum de nós jamais poderá tomar consciência senão do seu lado individual e 'médio'; que o nosso próprio pensamento se encontra sem cessar de algum modo 'melhorado' pelo caráter da consciência -- pelo 'gênio da espécie' que comanda no seu seio -- e retraduzida na língua imposta pela perspectiva do rebanho. Todos os nossos actos são, bem no fundo, supremamente pessoais, únicos, individuais, incomparáveis, certamente; mas desde que a consciência os traduz na sua língua deixam de parecer assim...⁸

O sentido mais forte e vital da consciência encontra-se, exatamente, nas formas, intensidades e fluxos, vontades, forças, de sua desmesura, 5

transconsciência. Tal o tamanho do erro da civilização ocidental, socrática. A supervalorização da consciência é para Nietzsche *um perigo*, e mesmo *uma doença*. Pelo simples fato de que a consciência reflexiva é afastamento da vida e do mundo, da vontade afirmativa, desvitaliza, e não é hábil para lidar com a multiplicidade do vivido, com os fluxos de suas intensidades, nexos necessários e transmutações.

São, não obstante, os processos mais elaborados e refinados da própria consciência reflexiva que são, na cultura da civilização ocidental, tomados como definidores do humano, e exercitados a níveis preocupantemente tóxicos.

Nietzsche observava o *erro do juízo e da capacidade de avaliar*, que se configura como a constituição, tomada e super valorização do conceitual em sua pureza abstrata, a perda de seu movimento, de sua história, de seus nexos, paradoxos e transmutações, vividos. A tomada e a constituição de antípodas metafísicos, que só são possíveis enquanto tais na medida em que a consciência conceitual é desta forma despossuída, reificada e adotada.

Comentando alegoricamente as características de seu personagem, em *O Lobo da Estepe*, Hermann Hesse⁹ coloca, de um modo primoroso, algo da crítica nietzscheana, creio, e algo da óptica do seu perspectivismo,

⁹ HESSE, Hermann in *O Lobo da Estepe*, pp. 70-71

¹⁰ MARQUES.

(...) *Tudo o que há de feroz dentro de si ele atribui ao lobo e o tem por mau, perigoso e terror dos burgueses; mas ele que, no entanto, se acredita um artista e supõe ter sensibilidade, não é capaz de ver que fora do lobo, atrás do lobo, vivem no seu interior muitas outras coisas: que nem tudo o que morde é lobo; que dentro de si habitam também a raposa, o dragão, o tigre, o macaco e a ave-do-paraíso, e que todo este mundo é um éden cheio de milhares de seres, formosos e terríveis, grandes e pequenos, fortes e delicados, mundo asfíxiado e cercado pelo mito do lobo -- tanto como o verdadeiro homem que nele há é asfíxiado e preso apenas pela sua aparência de homem, pelo burguês.*

Imagine-se um jardim de cem espécies de árvores, com mil variedades de flores, com cem espécies de frutas e outros tantos gêneros de ervas. Pois bem: se o jardineiro que cuida deste jardim não conhece outra diferenciação botânica além do 'joio' e do 'trigo', então não saberá que fazer com nove décimas partes do seu jardim, arrancará as flores mais encantadoras, cortará as árvores mais nobres, ou pelo menos ter-lhes-á ódio e as olhará com maus olhos. Assim faz o Lobo da Estepe com as mil flores de sua alma. O que não está compreendido na designação pura e simples de "lobo" ou de "homem" nem sequer merece a sua atenção. E quantas qualidades ele empresta ao homem! Tudo o que é covarde, símio, estúpido, mesquinho, desde que não seja muito, diretamente lupino, ele o atribui ao "homem", assim como atribui ao "lobo" tudo o que é forte e nobre, só porque não conseguiu ainda dominá-lo."

A alegoria de Hesse parece bem traduzir a crítica e o lamento de Nietzsche com relação às lamentáveis conseqüências da indevida sobrevalorização da consciência do homem da modernidade.

De modo que a filosofia de Nietzsche constata, assim, a pobreza e a limitação da consciência. E, em particular, da contraposição metafísica de antípodas não misturáveis, na interpretação da realidade, no conhecimento e nos valores. Na verdade, ele entende especificamente esta contraposição metafísica como um *erro da razão e da faculdade de ajuizar*¹⁰.

A perfeição do conceitual, e a nossa adicção a esta perfeição, faz com que percamos a história da constituição do conceito, e que o queiramos, e a ele queiramos ingerir, de um modo viciosamente puro e perfeito, asséptico de uma 6

história vivida, de seus nexos e dos processos de suas possibilidades e transmutações. Pessoa¹¹, na linha de Hesse, ressoa Nietzsche, na sua perspectatividade alternativa à "pureza" do conhecimento conceitual e ao reducionismo dos antípodas não misturáveis, que não dão conta das multiplicidades do efetivamente vivido e de seus enraizamentos,

¹¹ PESSOA, Fernando in *Poesias de Álvaro de Campos – A Passagem das Horas*. p.242.

¹² NIETZSCHE, F.

¹³ MARQUES, Antonio

¹⁴ NIETZSCHE, F. *A GAIA CIÊNCIA*, Lisboa, Guimarães & C^a, 1984 pp 48-9.

Multipliquei-me, para me sentir Para me sentir, precisei sentir tudo, Transbordei, não fiz senão extravasar-me, Despi-me, entreguei-me, E há em cada canto de minha alma um altar a um deus diferente.

Na verdade, o conceito e o conceitual têm a sua história vivida aquém da consciência conceitual, na fenomenação da multiplicidade de possibilidades de ser. Perder esta história configura-se como o limite próprio da consciência, e o erro de sua sobrevalorização.

Nietzsche¹² observa com relação à perfeição do conceito e do conceitual:

"Estamos habituados, perante tudo que é perfeito, a omitir a questão de seu processo evolutivo, regozijando-nos antes com a sua presença, como se ele tivesse saído do chão por artes mágicas. Provavelmente, estamos ainda, neste caso, sob o efeito residual de um antiquíssimo sentimento."

O isolamento e a abstração do conceitual não levam em conta o fato de que o conceito é momento de um processo de transformações, não levam em conta o seu caráter eminentemente perspectivo e ilusório. Como tudo, o conceitual deriva e tem a sua história, e os seus múltiplos e cambiantes nexos na vida irreflexiva.

No prefácio da edição portuguesa de *Humano Demasiado Humano*¹³, Antonio Marques comenta:

O problema não está no próprio acto de incluir este acto ou comportamento na esfera de um conceito (subsunção do juízo) mas sim no próprio conceito que se apresenta, como se fosse um domínio perfeitamente delimitado, sem uma história própria. Pelo contrário, os conceitos, a partir dos quais ajuizamos, necessitam eles próprios de ser avaliados e, se o fizéssemos, haveríamos de perceber que eles têm a sua história, a qual é uma história de transmutação e alteração de funções.

No *Gaya Ciência*, Nietzsche¹⁴ explicita a sua apreciação da consciência, e observa:

*A consciência é a última fase da evolução do sistema orgânico, por consequência também aquilo que há de menos acabado e de menos forte neste sistema. É do consciente que provém uma multidão de enganos que fazem com que um animal, um homem, pereçam mais cedo do que seria necessário, "a despeito do destino", como dizia Homero. Se **o laço dos instintos**, este laço conservador, não fosse **de tal modo mais poderoso do que a consciência**, se não desempenhasse, no conjunto, **um papel de regulador**, a humanidade sucumbiria fatalmente sob o peso de seus juízos absurdos, das suas divagações, da sua frivolidade, da sua credulidade, numa palavra do seu consciente: ou antes, há muito tempo que teria deixado de existir sem ele! (...) Considera-se que o consciente é uma constante! nega-se o seu crescimento, as suas intermitências! É considerado como "a unidade do organismo"! Sobrestima-se, desconhece-se ridiculamente, aquilo que teve a consequência eminentemente útil de impedir o homem de realizar o seu desenvolvimento com demasiada rapidez. Julgando possuir a consciência, os homens pouco se esforçaram por a adquirir; e hoje ainda estão nisto! Trata-se ainda de uma tarefa eminentemente 7*

actual, que o olho humano apenas começa a entrever, a de se incorporar o saber, de o tornar instintivo no homem".

Como observamos, assim, Nietzsche entendeu que a consciência não é a fonte da força, e que a consciência não é pessoal. A consciência, tal como elaborada pela humanidade constitui-se a serviço do gregário, e é na verdade, dimensão do consenso do social, da vida social, e não do singular. Ao mesmo tempo que as ações são singulares e pessoais, a consciência está a serviço do coletivo¹⁵.

¹⁵ NIETZSCHE, F. §354 in *A GAIA CIÊNCIA*, Lisboa, Guimarães & C^a, 1984 pp. 249-52

¹⁶ Grifos nossos.

O problema da consciência (ou mais exactamente da consciência em si) só se nos apresenta no momento em que começamos a compreender por onde é que poderemos lhe escapar(...). Podemos, com efeito, pensar, sentir, querer, lembrarmo-nos; poderemos igualmente 'agir' em todas as acepções do termo, sem ter consciência de tudo isso. A vida inteira poderá passar sem se olhar neste espelho da consciência (...), na maior parte da sua actividade, mesmo a mais alta, pensamento, sentimento, vontade,(...) decorre sem reflexo, sem reflexão. Para que serve a consciência se é supérflua para o essencial da existência? (...) a força e a acuidade da consciência me parecem estar sempre em razão directa com a capacidade do homem (ou animal) em se exprimir, e esta mesma capacidade em proporção da necessidade de se comunicar. (...)

E continua:

(...) A consciência é apenas uma rede de comunicação entre homens; foi nesta única qualidade que se viu forçada a desenvolver-se (...). Porque como toda criatura viva, o homem, repito, pensa constantemente, mas ignora-o; o pensamento que se torna consciente representa apenas a parte mais ínfima, digamos a mais superficial, a pior, de tudo aquilo que pensa: porque só existe o pensamento que se exprime em palavras, quer dizer, em sinais de trocas, o que revela a própria origem da consciência. Em resumo, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (não da razão, mas somente da razão que se torna consciente de si própria), estes dois desenvolvimentos caminham a par. Acrescentemos que a língua não é a única a servir de ponte de homem para homem, que existem também o olhar, a pressão, o gesto (...).

Penso, como se vê, que a consciência não pertence essencialmente à existência individual do homem, mas, pelo contrário, à parte de sua natureza que é comum à totalidade do rebanho; que não foi, por consequência, subtilmente desenvolvida senão na medida de sua utilidade para a comunidade, o rebanho; e que a despeito da melhor vontade que podemos pôr em 'nos conhecermos', em perceber o que há de mais individual, nenhum de nós jamais poderá tomar consciência senão do seu lado individual e 'médio'; que o nosso próprio pensamento se encontra sem cessar de algum modo 'melhorado' pelo carácter da consciência -- pelo 'gênio da espécie' que comanda no seu seio -- e retraduzida na língua imposta pela perspectiva do rebanho. Todos os nossos actos são, bem no fundo, supremamente pessoais, únicos, individuais, incomparáveis, certamente; mas desde que a consciência os traduz na sua língua deixam de parecer assim¹⁶...

Crítico da sobrevalorização indevida da consciência, Nietzsche elabora o seu perspectivismo: Eis o verdadeiro **fenomenalismo**, eis o verdadeiro **perspectivismo**, ei-lo tal como eu o compreendo: a natureza da 8

*consciência animal faz com que o mundo de que nos podemos tornar conscientes não passe de um mundo de superfícies e de signos, um mundo generalizado, vulgarizado; e que, por conseqüência, tudo o que se torna consciente se torna por isso mesmo superficial, reduzido, relativamente estúpido, torna-se uma coisa geral, um signo, um número do rebanho, e que qualquer tomada de consciência provoca uma decisiva corrupção de seu objecto, uma grande falsificação, uma 'superficialização', uma generalização.*¹⁷

¹⁷ ibid.

¹⁸ ibid.

E Nietzsche, no final do século XIX, dá o alerta: o excesso de consciência é um perigo. Pois aí onde ela se hipertrofia, a vida está sendo mitigada, e distorce-se.

*No fim de contas, o aumento de consciência é um perigo, e quem vive no meio de europeus conscientes sabe mesmo que se trata de uma doença*¹⁸.

Nietzsche observa, pois, que o homem ainda está a aprender a integrar e a desenvolver a sua consciência de um modo que ela não seja perigosa e destrutiva, algoz da vida. Por mais de dois mil anos, não obstante, temos praticado uma postura inepta com relação à consciência, uma vez que, equivocadamente, temos sobrestimado a consciência, e desvalorizado, e mesmo difamado, os modos da vida não consciente, e os modos da expressão desta. A questão da expressividade singular, original, é a questão não da expressividade da vida reflexiva, da consciência, mas a questão da interpretação fenomenal das orquestr/ações do vivido, que manifestam-se especificamente não na consciência, mas na desmesura dionisíaca da consciência: perspectivação, transconsciência. 9

A VIDA É UMA EXPERIÊNCIA. GAYA SCIENZA, GAYA EXPERIMENTAÇÃO, GAYA PERSPECTIVAÇÃO. O *Experimental* e a *Ciência Nietzscheana*.

“... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha ‘veracidade’”. F. Nietzsche em *A Gaya Ciência*.

F. Nietzsche tratou de relativizar a ciência como modo de produção da verdade. Entendeu-a como derivada, de fato, da moral. Para ele, ambas, tanto a ciência como a moral, subordinam-se à arte, como um critério superior de constituição da verdade¹⁹.

¹⁹ MACHADO, Roberto -

²⁰ Fink, Eugen

²¹ FINK, Eugen

²²

²³ NIETZSCHE, F.

²⁴ FINK, Eugen -

²⁵ FINK, Eugen -

No que pese esta subordinação da ciência à arte, Nietzsche experimentou-se como *científico*, *perspectivou-se* como *científico*, em particular quando cuidava de superar as suas vinculações com Schopenhauer e com Wagner, e, quando cuidava de uma refutação vigorosa do Idealismo em geral²⁰, na consolidação do seu empirismo fenomenal perspectivativo. Nietzsche interessava-se então por uma perspectiva rigorosa para a superação do idealismo, e para tal pareceu-lhe adequada a perspectiva da ciência. Dedica-se ele aí a ser *científico*, a experimentar-se na perspectiva da ciência. Este intento caracteriza a Segunda fase da sua obra, que começa com *Humano Demasiado Humano*²¹

Pode parecer incoerente com o Nietzsche de que falamos inicialmente, que faz uma apologia da arte como modo superior de produção da verdade. Mas de fato não é. Nietzsche vai paulatinamente compondo a sua própria concepção particular de ciência, a sua concepção de experimentação como perspectivação²². E, em específico, esta concepção não se distingue do sentido do artístico, da perspectiva da *poiesis*.

A concepção da *ciência* em Nietzsche está intimamente ligada à sua concepção de *experimentação*. E, por seu turno, esta concepção de experimentação deriva da concepção do real, do conhecimento e da ética como *perspectivativos*.

Para Nietzsche²³, tanto o conhecimento como os valores são eminentemente perspectivativos. Somos cada um de nós uma perspectiva, cada conhecimento e cada valor são, na verdade, perspectivas. De modo que conhecê-los exige o desdobramento afirmativo deles enquanto tais, e a relativização deles, diante das possibilidades das outras perspectivas a eles relativas e com eles conflitivas. De modo que a *ciência* Nietzscheana tem como método o seu método perspectivativo, que permite a expressividade, para além da consciência, da originalidade do vivido, na multiplicidade de suas intensidades, nexos, fluxos e pulsos.

Fink²⁴ destaca a característica experimental que adquire a filosofia da vida de Nietzsche, a partir do momento em que ele desaponta-se, e passa a contrapor-se, à filosofia de Schopenhauer, e à perspectiva de Wagner. Neste momento, segundo Fink²⁵, Nietzsche passa a reivindicar uma perspectiva "científica" e "experimental", para afastar-se em definitivo da perspectiva do Idealismo. Uma perspectiva "científica" e "experimental", por ser rigorosa, radicalizaria uma contraposição à perspectiva idealista. 10

Aos poucos, entretanto, observa Fink²⁶, observa-se a particularidade da concepção nietzscheana do "científico" e do "experimental". Na verdade, o *científico* e o *experimental* são efetivamente entendidos na Filosofia da Vida de Nietzsche na *perspectiva da vida*, do corpo, dos sentidos, de sua afirmação. A vida entendida como afirmação, e a perspectiva da **afirmação da (de uma vida que é) afirmação** (Machado...), a *experimentação no estilo de uma vida que experimenta* (Fink): este o sentido do *experimental* na filosofia da vida de Nietzsche; e de sua ciência, *gaya scienza*.

²⁶ FINK, Eugen -

²⁷ FINK, Eugen -

* Grifos nossos. N.A.

²⁸ **FINK, Eugen - op. cit., pp.53-4**

* Grifo nosso. N:A:

Fink²⁷ acompanha a evolução da perspectiva nietzscheana do experimental desde a concepção do *espírito livre*, até a sua formulação nas transmutações do *Zaratustra*. Na concepção do *'espírito livre'*, que começa a despontar no *Humano...*, o "deslumbramento ilusório" e a segurança crônica e fossilizada começam a ser agredidos e revolvidos, à medida em que se admite e integra efetivamente a concretude da existência, com os seus fluxos e intensidades, com as suas transmutações, com as suas forças e alegrias, e com a inevitável dureza do sofrimento e da finidade próprios do perecível:

*"O saber crítico torna-se uma força que ataca à própria vida, que destrói a sua segurança, o seu deslumbramento ilusório. Nietzsche sabe que um conflito separa a vida da ciência e toma agora partido por esta última. E esta preferência encarna-a ele agora como que na figura, no papel que ele assume na personagem do 'espírito livre'. Nietzsche confere-lhe traços maravilhosos. Ele está muito longe da liberdade proba e pesadonha da época iluminista, de uma fé seguríssima na razão. O espírito livre de Nietzsche mantém-se à distância de si próprio, faz prova sobretudo de uma temeridade que não recua perante nada, é já um precursor do príncipe Vogelfrei, do dançarino de pés ligeiros, do pacífico e sereno Zaratustra de espírito ligeiro. Possui a sedução, a audácia temerária como elemento seu; **faz experiências consigo próprio, com o mundo e com Deus**"; coloca em tudo seus pontos de interrogação, sem fugir ao encontro das coisas mais venerandas; ele desconfia, como nunca se desconfiou; pratica uma psicologia de duplo fundo e atrai para a luz mais do que um pensamento reservado; não mostra timidez nem respeito, sobretudo por aquilo que todo mundo considera importante; dotado de um sexto sentido para os ocultos e tortuosos caminhos do 'ideal', ele segue muitas pistas ao mesmo tempo. Ele possui a férrea frieza do pensamento inexorável que 'dilacera a carne da vida', que busca a verdade sem ilusões, mesmo que ela se revele mortal.*²⁸

E a seguir:

*"(o 'Espírito Livre' de Nietzsche) escolhe a 'óptica da ciência', porque ela corresponde ao espírito fundamental que domina toda a segunda fase de Nietzsche: **a vida é uma experiência**". Incessantemente e em variações múltiplas aponta para **o caráter experimental da vida**, os seus riscos e projetos, para o facto de o homem colocar objectivos a si próprio; **o espírito livre não é livre por viver segundo o conhecimento científico, é livre na medida em que utiliza a ciência como meio para se libertar da grande servidão da existência humana em relação aos 'ideais', para se escapar da tutela da religião, da metafísica e da moral.** (...) o homem perdeu-se, sujeitou a vida a pesos enormes, submeteu-se ao sobre-humano, e a religião, a metafísica e a moral são formas dessa servidão; o homem venera o sobre-humano, organiza toda a sua vida em função daquele e já não sabe que foi ele próprio quem pôs no seu firmamento tais estrelas orientadoras; venera aquilo que ele próprio criou; o sobre-humano é apenas uma aparência do humano, uma fata morgana em que a essência humana criadora se exterioriza. A aclaração desilusionadora dos fundamentos demasiado humanos de todos os 'ideais' leva, por conseguinte, não apenas ao desmoronamento da abóbada celeste religiosa, metafísica e moral que o homem ergueu sobre a sua existência, como ainda, e mais decisivamente, a **uma reviravolta do homem, uma conversão de sua posição fundamental, uma metamorfose da existência humana; o homem já não procura no exterior os seus objectivos, mas no interior de si próprio**, a 11*

*vida já não tem significado antecipadamente dado, já não está presa, já não é conduzida pela vontade de Deus, já não é conduzida em andadeiras pelas prescrições da moral, já não está condicionada por um ultra-mundo metafísico que fica para além do mundo dos fenômenos, já não é travada por nenhuma força sobre-humana – tornou-se livre. O homem aprende que viver significa ousar, e a vida torna-se possível como experiência. Só agora é possível viver um sentimento da existência totalmente novo: a grande temeridade do espírito que não se reclama de nada, que é aberto a tudo e a todos, que a si próprio tem que fixar objetivo e rota. Nietzsche evoca em todos os tons esta atmosfera da partida, da ousadia suprema, compara-se mais de uma vez ao **genovês Colombo**²⁹.**

* Grifo nosso. N.A.

²⁹ **FINK, Eugen** - op.cit. pp. 55-56

* Grifos nossos. N.A.

³⁰ **FINK, Eugen** - op. cit., p.57

* Grifo nosso. N.A.

³¹ **FINK, Eugen** - op. cit. p.59

³² **FINK, Eugen** - op. cit., pp.61.

"A vida é uma experiência". Na ousadia da aceitação e afirmação deste caráter experimental da vida é que se funda a *gaya ciência* nietzscheana, a sua ciência alegre. Na temeridade da eleição como guia da própria vida em suas perspetivações experimentais. Na interpretação e interpretação e experimentação destas perspetivações.

"A figura do espírito livre distancia-se cada vez mais da imagem do desmascarador gélido e crítico e surgem mais fortes **os traços do tipo humano ousado e experimentador que faz experiências com a vida**³⁰.

"Na Aurora e na Gaia Ciência cumpre-se inconfundivelmente a desmontagem da imagem do homem nascida da psicologia do desmascaramento; **a grandeza da existência é agora vista na temeridade do pro-jeto, na experimentação* que põe à prova a liberdade para com Deus, a Moral a Metafísica**³¹.

A experimentação passa assim a definir o cerne da perspectiva nietzscheana, à medida em que esta liberta-se dos Idealismos, constituindo-se em específico como uma conversão da existência, que passa dar-se a si própria como referência, na ousadia do estilo experimental de uma vida que experimenta, liberta do idealismo, e fundada em seus pulsos experimentais.

Fink³² observa o caráter antropológico da conversão nietzscheana no sentido da assunção da vida como experimento e como experimentação. Trata-se, na verdade, da desalienação do homem, e da assunção nele próprio, e não em figuras idealmente alienadas, de tudo que ele tem efetivamente de santo, de artista, de sábio. Trata-se, na verdade, da metamorfose do santo, do artista e do sábio, em espírito livre:

"O espírito livre é antes a metamorfose do santo, do artista e do sábio, (...) eles são apenas possíveis na medida em que o homem se esqueceu de si como autor destes projectos, na medida em que não conhece a sua secreta qualidade criadora, na medida em que supõe Deus no exterior, encara a moral como uma lei de costumes estranha e que o amarra, considera o Aquém apenas como aparição de um além mais real. O Espírito Livre é a 'consciência de si' do santo, do artista, do filósofo metafísico, a chamada a si dessas figuras de alienação, a sua conversão. Só isto representa o sentido filosoficamente central do Espírito Livre: ele é a verdade da vida alienada e esquecida de si própria.

Fink³³ prossegue, comentando a implicação do sentido mais profundo da conversão existencial que se constitui na concepção do *espírito livre*, na concepção nietzscheana da vida como experimento.

Mas isto significa também que **o Espírito Livre não é nenhuma atitude que se poderia tomar e conservar, ele não é nenhuma 'atitude' que se afecta, mas uma conversão da existência, o acontecimento do retorno a 12**

si de todo aquele que se ultrapassou na transcendência, isto é, o espírito livre é a libertação do homem que se torna senhor de si, que adquire a soberania sobre si próprio. (...) A libertação do homem dá-se portanto através da consciência de que o ser em si, a transcendência do bem, do belo e do sagrado é apenas uma transcendência aparente, uma transcendência projectada pelo homem mas esquecida como tal. Esta tomada de consciência não é uma simples reflexão, significa antes a vitória sobre um esquecimento de longa data, a recuperação no campo da própria vida de todas as tendências vitais para a transcendência. Esta 'óptica da vida' permanece o tema fundamental de Nietzsche, que o desenvolve em diversos graus de intransigência."

Liberta a vida do peso dos Idealismos, a criatividade é a grande descoberta para o espírito livre, na assunção de uma *atitude experimental da existência*, e na constituição de sua *gaya ciência experimental*:

"O Espírito Livre descobre-se a si próprio como criador de valores e adquire com esta descoberta a possibilidade de criar novos valores, de revolucionar todos os valores. O ponto de partida da filosofia dos valores encontra-se essencialmente na metamorfose do santo, do artista e do sábio em 'Espírito Livre', reforça-se até, quanto mais Nietzsche se passa da simples vivissecação crítica e desconfiada, fria, gélida até, dos sentimentos morais para **uma atitude experimental da existência, para a leveza de dançarino do príncipe Vogelfrei, para a Gaia Ciência**. A partir deste aspecto ele compreende no seu conceito de 'idealismo' as três maneiras de existir da grandeza humana, aprisionadas na servidão de uma transcendência aparente³⁴."

³⁴ op.cit., p.62

³⁵ op.cit., p.63

* Grifo nosso. N.A.

³⁶ op. cit., pp. 65-6

³⁷ op. cit., p.67

"...o homem é concebido como o ser que se supera a si próprio, o idealismo é invertido: todas as transcendências são expressamente buscadas dentro do homem, pelo que lhe é conferida assim a máxima liberdade de criação audaciosa. O sentimento de que só com o fim do idealismo aparecerão as grandes possibilidades do homem domina Nietzsche, é a sua gaya scienza³⁵."

"No Zarathustra brota, à semelhança de uma força da natureza **o espírito do empreendimento mais audacioso, o espírito da vida que experimenta***, esse espírito que atravessou como uma corrente subterrânea A Aurora e A Gaia Ciência, que, **adulterando e dissociando toda a atitude científica**, se propagou como um frémito na personagem do 'Espírito Livre' e que tornou tão ambíguo o seu perfil. **Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu carácter de empreendimento audacioso; rejeitar os pesos opressivos que são Deus, a moral, e o Além, que do exterior determinam o homem, o limitam e o conduzem em andadeiras; obter para a liberdade humana um novo espaço onde ela se possa instalar num quadro totalmente novo e empenhar-se em novas tentativas vitais – é nisto que consiste a tendência subterrânea da 'filosofia da manhã' de Nietzsche³⁶."**

"...a máxima liberdade de criação audaciosa... o espírito do empreendimento mais audacioso, o espírito da vida que experimenta... Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu carácter de empreendimento audacioso. Tal é o sentido da perspectiva experimental da existência, da experimentação perspectivativa, em Nietzsche. Da libertação e superação dos idealismos e da alienação da existência, da concentração na, entrega e afirmação da concretude da existência em suas forças. A afirmação da força criativa da vida em sua poiesis é o sentido da experimentação perspectivativa nietzscheana.

Comentando uma ousada frase, no *Zarathustra*, Fink³⁷ observa: 13

"A frase que acabamos de citar contém este passo memorável de que o verdadeiro poeta é aquele que cria a verdade."

E acrescenta:

"Para Nietzsche, o poeta é aquele cuja **POIESIS** visa à verdade original, ao nascer de uma nova concepção do mundo. (Fink, E., 1983, p.67).

Este o sentido mais geral da experimentação e do experimental em Nietzsche: o da existência experimental, do estilo experimental, de uma vida que experimenta (-se) e cria (-se).

Se falamos de **poiesis** no sentido especificamente poético, que engendra e gera o poético e o poema, não podemos esquecer de que a própria vida, e nosso *ser-no-mundo* engendram-se como *poiesis*. Poiesis da qual se destaca como um farol, como dimensão própria e característica, o poético e o poema. A poiesis como geração e engendramento da própria vida, da própria existência, no sentido de sua afirmação, sempre experimental, o caminho através do qual se pode tornar-se o que se é..., a experimentação. Como afirmação perspectivativa, a afirmação poética é sempre experimental. Trata-se, para Nietzsche, e, creio, para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, de assumir e afirmar, o caráter desta afirmação poética experimental. Poético somos todos nós, experimentemo-nos na poiesis do *nosso* devir-no-mundo. Libertar-nos para esta ousadia, para esta modesta audácia de toda hora e de toda a vida, é o sentido de uma existência experimental, da experimentação e do perspectivismo. 14

PERSPECTIVAÇÃO, PERSPECTIVA, PERSPECTIVISMO. Drible de Corpo na Consciência.

'Drible de corpo' é quando o corpo tem presença de espírito.

(Chico Buarque de Holanda)

Onde queres revólver sou coqueiro, onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo, e onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada, nada falta, e onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas no chão minha alma salta, e ganha liberdade na amplidão
Onde queres família sou maluco, e onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco, e onde queres eunuco, ganhão
E onde queres o sim e o não, talvez, onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão, e onde queres cowboy eu sou chinês
Ah, bruta flor do querer, ah, bruta flor, bruta flor
Onde queres o ato eu sou o espírito, e onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre decassílabo, e onde buscas o anjo eu sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói, e onde queres tortura, mansidão
Onde queres o lar, revolução, e onde queres bandido eu sou o herói
Eu queria querer-te e amar o amor, construímos dulcíssima prisão
E encontrar a mais justa adequação, tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés, e vê só que cilada o amor me armou
E te quero e não queres como sou, não te quero e não queres como és
Onde queres comício, flipper vídeo, e onde queres romance, rock'n roll
Onde queres a lua eu sou o sol, onde a pura natura, o inceticídeo
E onde queres mistério eu sou a luz, onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro, e onde queres coqueiro eu sou obus
O querer e o estares sempre a fim do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal, bem a tí, mal ao querer assim
Infinitivamente pessoal, e eu querendo querer-te sem ter fim
E querendo te aprender o total do querer que há e do que não há em mim
(O Quereres. Caetano Veloso)

A partir de agora, senhores filósofos, guardemo-nos melhor, portanto, da perigosa e velha patranha conceitual que criou um "sujeito puro do conhecimento, sujeito alheio à vontade, à dor, ao tempo", guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como "razão pura", "espiritualidade absoluta", "conhecimento em si": -- se nos pede sempre aqui pensar um olho que de nenhuma maneira pode ser pensado, um olho carente absoluto de toda orientação, no qual deveriam estar entorpecidas e ausentes as forças ativas e interpretativas, que sem dúvida são as que fazem com que o ver seja ver-algo, se nos pede sempre aqui, portanto, um contrasentido e um não-conceito de olho. Existe unicamente um "conhecer" perspectivista; e quanto maior for o número de afetos aos quais permitamos dizer a sua palavra sobre uma coisa, quanto maior for o número de olhos, de distintos olhos que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, tanto mais completo será o nosso "conceito" dela, tanto mais completa será a nossa "objetividade". Mas eliminar em absoluto a vontade, deixar em suspenso a totalidade dos afetos, supondo que pudéssemos fazê-lo: Como? Não significaria isso castrar o intelecto?...

F. Nietzsche

Formatado: Recuo de corpo de texto,Tabulações: Não em 4 cm**Formatado:** Recuo de corpo de texto,Nenhum, Tabulações: Não em 4 cm**Formatado:** Recuo de corpo de texto,Tabulações: Não em 4 cm**Formatado:** Recuo de corpo de texto,Nenhum, Tabulações: Não em 4 cm**Formatado:** Recuo de corpo de texto,Tabulações: Não em 4 cm15

O que se experimenta na afirmação é a intensificação do momentum da perspectivação. De modo que a perspectivação é o sentido próprio da experimentação. Experimentação é perspectivação.

Diante das peculiaridades e dos imperativos da consciência, como dimensão da vida humana, da vida coletiva; diante das distorções e supervalorização da consciência. A perspectivação experimental é o modo como a vida singular e vivida se manifesta, na afirmação de suas forças, que atravessam a consciência, mas que vigem, e constituem-se e enraizam-se na vida instintual, não e trans consciente. A perspectiva é a nossa condição mais básica, de ser, de conhecer, de avaliar. Trata-se, pois, da consequência para com esta condição. O perspectivismo, com o reconhecimento do caráter ilusório e relativo da perspectiva, e, mesmo assim, assumindo a sua integral afirmação, é consequente para com esta condição da vida original.

De modo que o perspectivismo, a perspectivação, constituem-se como um *drible de corpo na consciência*, na medida em que inicia por uma específica perspectivação e relativização do próprio império da consciência, valorizando os pulsos e fluxos da vida instintual, valorizando a cada instante, especificamente, a desmesura da consciência, na afirmação do momentum de intensificação da perspectiva vivida.

O perspectivismo, aqui considerado ao nível da existência, tem, na verdade, raízes mais abrangentes Nietzsche, como esclarece Scarlett Marton³⁸, entende-o já de uma perspectiva cosmológica.

³⁸ MARTON, Scarlett - *O Eterno Retorno do Mesmo. Tese cosmológica ou imperativo ético*. in NOVAES, Adauto - *ÉTICA*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Companhia das Letras, 1992. p.213.

³⁹ NIETZSCHE, F. - *Prólogo in HUMANO DEMASIADO HUMANO. Um Livro para Espíritos Livres*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997 pp.16-8

É preciso levar em conta, adverte (Nietzsche), 'o perspectivismo necessário mediante o qual cada centro de força -- e não unicamente o homem -- constrói a partir de si mesmo todo o resto do mundo, isto é, mede segundo sua força, tateia, dá forma...' (14 (186) da Primavera de 1888). Uma configuração de forças tem em relação a tudo mais sua meneara de apreciar, de agir e reagir. Da sua perspectiva, ela organiza o mundo. É impossível impedir que procure impor sua interpretação ao que a cerca; no fim de contas, a vontade de potência é impulso de apropriar e dominar. É igualmente impossível evitar que se defronte com as demais interpretações; afinal, a luta não admite trégua, nem prevê termo. Ao conceber o mundo como campos de forças instáveis em permanente tensão, o filósofo acaba por ressaltar o seu traço perspectivaste.

Viver, tornar-se o que se é, é assumir-se e afirmar-se como perspectiva.

Comentando, no *Prólogo do Humano Demasiado Humano*, as dificuldades de constituir-se ele próprio como uma *perspectiva*, a sua própria perspectiva, dono de sua própria veracidade, Nietzsche³⁹ fala dos *espíritos livres*, para cuja vinda ("*disso sou eu quem menos gostaria de duvidar*") ele espera contribuir. Fala da solidão e do isolamento do processo próprio da constituição do espírito livre, da sua perplexidade diante da solidão e do isolamento, da sua libertação, e especificamente do sentido destes,

*Por essa altura, pode acontecer finalmente, entre súbitos clarões de saúde ainda tempestuosa, ainda instável, que para o espírito livre, cada vez mais livre, comece a revelar-se o enigma dessa grande separação, que, até então esperara, obscuro, suspeito, quase intocável na sua memória. Se, durante muito tempo, mal ousava perguntar 'porquê tão de parte? Tão só? Rejeitando tudo que eu venerava? Rejeitando a própria veneração? porquê esta dureza, esta desconfiança, este ódio contra minhas próprias virtudes?' -- agora ele ousa e pergunta-o em voz alta e até já ouviu qualquer coisa, a modo de resposta à pergunta. **'Tu devias tornar-te senhor de ti próprio, senhor** 16*

também de tuas próprias virtudes. Dantes, eram elas senhoras de ti, mas elas apenas podem ser teus instrumentos, a par de outros instrumentos. Devias adquirir domínio sobre o teu pró e contra e aprender a desengatá-los e engatá-los de novo, conforme o teu superior desígnio. **Devias aprender o elemento perspectivo que há em toda apreciação -- a deslocação, a deformação e a aparente teleologia dos horizontes e tudo o mais que pertence ao domínio da perspectiva; também a grande tolice com respeito aos valores opostos e todo o pre juízo intelectual, com o qual cada pró e cada contra se faz pagar. Devias entender a injustiça necessária em cada pró e contra, a injustiça como inseparável da vida, a própria vida como condicionada pela perspectiva e sua injustiça. Devias, sobretudo, ver com os próprios olhos onde a injustiça é sempre maior: a saber, onde a vida tem um desenvolvimento mais pequeno, mais restrito, mais escasso, mais inicial, e, apesar disso, não pode deixar de se tomar por finalidade e medida das coisas e, por amor a sua subsistência, esmigalhar secreta, mesquinha e incessantemente o que é superior, maior e mais abundante, pondo-o em causa -- devias ver com os teus olhos o problema da hierarquia e como poder, direito e amplitude da perspectiva crescem uns com os outros em altura. Devias...'**⁴⁰

A aprendizagem do *espírito livre*: **a própria vida como condicionada pela perspectiva e sua injustiça**. Na medida em que a devida afirmação da perspectiva conflitará sempre com outras perspectivas, e a outras vencerá, em seu próprio espaço, ainda que inevitavelmente revele sempre o caráter ilusório e meramente aparential de toda perspectiva e da própria vida. O que a filosofia de Nietzsche nos oferece é a constatação de que não nos resta muito além da afirmação perspectiva de nossas forças vitais, e que isto não é pouco, em termos do cultivo de uma abundância de forças de vida, e da criatividade de nosso devir-no-mundo.

A compreensão deste caráter perspectivo da vida, do conhecimento e dos valores é assim um sentido profundo da filosofia de Nietzsche.

Perspectivo tem no caso o sentido próprio do termo em desenho. A perspectiva é no desenho um "truque", uma ilusão, uma ilusão de profundidade numa superfície plana. Para tal, a perspectiva carece de certos recursos ilusórios, como, *a deslocação, a deformação e a aparente teleologia dos horizontes e tudo o mais que pertence ao domínio da perspectiva...*

Para Nietzsche, é precisamente esta a natureza do real, do conhecimento, do vivido, da avaliação, perspectiva, perspectivação. Nietzsche aponta como a realidade, o conhecimento e os valores são eminentemente perspectivos, como cada ato de conhecer e de avaliar configura-se como uma perspectiva carente de devida afirmação, e é em si mesmo, ao mesmo tempo, relativo e conflitivo com relação inevitavelmente a uma multiplicidade de possibilidades. A consciência conceitual, não é hábil para o trânsito pela variedade e pela variedade de intensidades das perspectivas que são inerentes a qualquer conhecimento e a qualquer avaliação, não é hábil para o perspectivismo do conhecimento e dos valores, para a perspectividade, ou seja, para a afirmação profunda e necessariamente ilusória das perspectivas, e para o trânsito instintual de sua alternância.

É a perspectivação que permite a libertação dos limites e impropriedades da consciência, e a expressividade, interpretação (no sentido existencial), da originalidade do ser, fundada no corpo, nos sentidos e no vivido. O jogo da perspectivação, a experimentação nietzscheana, constitui-se como um *drible de corpo na consciência* ("*O drible de corpo é quando o corpo tem presença de espírito*". Chico Buarque), que permite a expressividade de um ser, ativo e potente

e atual, sob o risco sempre de atrofiar-se, toldado pelas determinações dos limites gregários da consciência.

No capítulo, *Porquê escrevo livros tão bons*, de sua autobiografia, o *Ecce Homo*, Nietzsche⁴¹ expressa o sentido de seu método, o sentido da perspectivação, o sentido de seu estilo. Nesta obra, Nietzsche perspectivou-se de um modo livre e intenso, a ponto de ser freqüentemente entendido como louco... Loucura esta que um especialista como Freud negou-se a reconhecer. Dizia Nietzsche,

⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich - *ECCE HOMO*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 57.

⁴² MARQUES, Antonio prefácio p. VIII

⁴³ MARQUES, Antonio prefácio p. IX

⁴⁴ ibid.

⁴⁵ MARQUES, Antonio, *Prefácio in HUMANO DEMASIADO HUMANO. Um Livro para Espíritos Livres.*

Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997 pp. IV-IX.

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos -- eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo -- a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos -- todas as leis do período são artes dos gestos.

Ainda que afirmativas e afirmadas, as perspectivas são sempre deformantes, e subsistem conflitivamente na convivência com outras perspectivas que se lhes contrapõem, ou lhe são alternativas. A avaliação é perspectivativa.

A avaliação é pois sempre deformante, por outras palavras, perspectivaste, e, o que é talvez mais relevante, envolve sempre uma qualidade conflitual em relação a outras que se encontram no mesmo espaço e susceptíveis de contradição mútua⁴².

O erro está no isolamento e na abstração⁴³

No entanto é deste erro fundamental que nasce toda espécie de 'verdades'. A suposição de uma correspondência entre as nossas afirmações e as coisas do mundo apoia-se certamente na crença de entidades incondicionadas, desconexas, esquecendo o elemento perspectivaste, subjacente a todas essas afirmações⁴⁴.

O perspectivismo nietzscheano insurge-se assim como crítica da sobrevalorização da consciência, das verdades metafísicas e das contraposições de antípodas que esta sobrevalorização induz e possibilita. As verdades metafísicas e as contraposições configuram-se como isolamento e abstração do inter-jogo das perspectivações, e é isto que se caracteriza para Nietzsche como erro do juízo e da faculdade de avaliar.

Perspectivações, em suas intensidades e transmutações, são as possibilidades e possibilitações de nosso ser-no-mundo. De caráter intrínseca e inevitavelmente ilusório e injusto, face a sua intrínseca relatividade, são o que somos. São a vida em sua afirmação, uma possibilidade sempre aberta a nossa afirmação. De um modo tal que o sentido do trágico nietzscheano realiza-se exatamente na afirmação da ilusão que a (relativa) perspectiva configura.

A implicação da crítica nietzscheana à sobrevalorização da consciência, e a definição do caráter perspectivo de todo conhecimento e de todo valor, aliada à distinção de uma postura e de um método, o método perspectivativo, são expostos por Marques⁴⁵:

No Humano... começa a tomar forma um método de avaliação, começa por isso a exercitar-se um tipo de faculdade do juízo que há de consolidar-se em obras futuras. Este transforma o conceito envolvido no juízo em conceito problemático. Por exemplo, conceitos como os de altruísmo ou de liberdade incondicionada, tão usados na avaliação moral. A suspeita de que 18*

eles não sejam tão unos e delimitados e que funcionem como antípodas perfeitos tem o seu fundamento, como já vimos, na observação de qualidades contrárias que neles podem surgir. A partir daí a investigação histórica comprova o sem fundamento de sua pureza e perfeição. Nietzsche pensa nos erros da razão como uma crença nestas características dos conceitos **e o método vai consistir numa espécie de observação em movimento, em que o observador compara, diferencia, persegue vestígios, continuidades e interrupções.** É a tradução daquilo que se vem a chamar '**perspectivismo**' e que Nietzsche no novo Prólogo da edição de 1886 já claramente define: '**Deverias aprender aquilo que em cada apreciação depende do elemento perspectivaste -- a deslocação, a deformação e a aparente teleologia dos horizontes e tudo o mais que pertence ao campo das perspectivas; também a grande tolice com respeito aos valores opostos e todo o prejuízo (preconceito-) intelectual, com o qual cada pró e cada contra se faz pagar**' (Prólogo 6). **O espírito livre (...) é pois aquele que ajuíza perspectivisticamente, isto é, que não esquece que a sua avaliação contém sempre o elemento da deslocação, da deformação, a finalidade aparente, enfim características perspectivistas inevitáveis. Tornando ainda mais clara a situação: não existem juízo e objecto avaliados puros fora de um sistema em que as próprias avaliações interagem e conflituam.** O comportamento a é bom: Se eu não contar com o elemento perspectivaste, posso no limite significar que a é bom de uma forma absoluta e sem relação com mais nada. Mas bom apenas é significante como bom enquanto: bom enquanto *justo*, enquanto *altruísta*, enquanto *corajoso*, etc. Do mesmo modo, *justo* enquanto..., *corajoso* enquanto... etc. **A avaliação é pois sempre deformante, por outras palavras, perspectivaste, e, o que é talvez ainda mais relevante, envolve sempre uma qualidade conflitual em relação a outras que se encontram no mesmo espaço e susceptíveis de contradição mútua. O juízo moral assente em conceitos separados e sem conexão recíproca, desconhecendo a sua íntima relação com os seus contrários num espaço interperspectivista, eis o erro que assolou todo o pensamento moral segundo o Humano*...**

* Preconceito. N.A.

⁴⁶ MARTON, Scarlett - *O Eterno Retorno do Mesmo. Tese Cosmológica ou Imperativo Ético*. in NOVAES, Aduino (org.) ÉTICA. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Companhia das Letras, 1992. p.207.

(...)

O erro na avaliação está no isolamento, na abstracção: 'ainda actualmente nós achamos, no fundo, que todas as emoções e acções são actos de livre vontade; quando o indivíduo que sente se observa a si próprio, pois toma cada sensação, cada alteração, por algo isolado, isto é, incondicionado, desconexo: surge de nós próprios, sem ligação com o anterior ou o ulterior (§18). No entanto é deste erro fundamental que nasce toda a espécie de 'verdades'. A suposição de uma correspondência entre as nossas afirmações e as coisas do mundo apoia-se certamente na crença de entidades incondicionadas, desconexas, esquecendo o elemento perspectivaste, subjacente a todas essas afirmações.'

Desta forma a perspectivação, o perspectivismo, a perspectatividade é o que Nietzsche propõe, diante da sobrevalorização da consciência, e como modo hábil no sentido de permitir a expressividade do vivido instintualmente. O perspectivismo, a perspectivação, a perspectatividade, em seu exercício ativo, configuram o sentido da concepção do *experimental* para Nietzsche. *Experimentar* para Nietzsche é *perspectivar*, *experimentação* é *perspectivação*. Scarlett Marton⁴⁶ observa,

Mais do que problema psicológico ou questão existencial, em Nietzsche, o experimentalismo é opção filosófica. Ao colocar um problema em seus múltiplos aspectos, abordar uma questão a 19

partir de vários ângulos, tratar de um tema adotando diversos pontos de vista, o filósofo está a fazer experimentos com o pensar. Não é por acaso, aliás, que privilegia o estilo aforismático; se perseguir uma idéia é abandonar várias outras pelo caminho, o que é o aforismo se não a possibilidade de perseguir uma idéia partindo de diferentes perspectivas? Adequado ao perspectivismo, o estilo que ele adota põe-se assim a serviço do experimentalismo.

E a seguir⁴⁷, citando Nietzsche:

⁴⁷ op cit. p.213.

É levar em conta, adverte, 'o perspectivismo necessário mediante o qual cada centro de forças -- e não unicamente o homem -- constrói a partir de si mesmo todo o resto do mundo, isto é, mede segundo sua força, tateia, dá forma...'

Filosofia, ciência, existência, psicologia e psicoterapia, experimentais, *perspectivativas*. 20

PERSPECTIVAÇÃO EXPERIMENTAL E SENTIDO HISTÓRICO. Memória, Esquecimento e Perspectivação.

Todo agir requer esquecimento. (F. Nietzsche)

Um aspecto importante a considerar com relação à possibilitação da perspectivação, é a relação desta para com a memória e para com a história, e o caráter de seu desdobramento, exatamente no lugar onde se enfraquece e subordina-se o sentido histórico, o lugar de um esquecimento. A perspectivação, pulsos e fluxos transconscientes, ainda quando não objetivada, é eminentemente ativa, é eminentemente ação. Isto implica-a de modo específico nas considerações que Nietzsche elabora a respeito das relações entre ação, memória e esquecimento⁴⁸.

⁴⁸ Giglio Barbosa.

⁴⁹ NIETZSCHE, F. *Considerações Extemporâneas. II. Da Utilidade e desvantagem da História para a Vida* in NIETZSCHE. *Os Pensadores.*, São Paulo, Editora Abril, 1983. p.58.

⁵⁰ NIETZSCHE, F. *ibid.*

⁵¹ NIETZSCHE, F.

Todo agir requer esquecimento: assim como a vida de tudo que é orgânico requer não somente luz, mas também escuro. Um homem que quisesse sempre sentir apenas historicamente seria semelhante àquele que se forçasse a abster-se de dormir, ou ao animal que tivesse de sobreviver apenas da ruminação e ruminação sempre repetida. ⁴⁹

A própria felicidade e a possibilidade da ação estão para Nietzsche condicionadas por este enfraquecimento e subordinação do sentido histórico, e por sua vigência no meio de um esquecimento.

...nas menores como nas maiores felicidades é sempre o mesmo aquilo que faz da felicidade: o poder esquecer ou, dito mais eruditamente, a faculdade de, enquanto dura a felicidade, sentir a-historicamente. Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne os outros felizes. Pensem o exemplo extremo, um homem que não possuísse a força de esquecer, que estivesse a ver por toda parte um vir-a-ser: tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser: finalmente, como bom discípulo de Heráclito, mal ousará levantar um dedo⁵⁰.

Para Nietzsche⁵¹, o excesso de memória é sintoma de um certo tipo de adoecimento. Naturalmente a memória é sujeita a um certo tipo de "digestão", que permite o bem estar da ação perspectívica. De modo que o excesso de memória é vivido tal como um distúrbio dispéptico, um "distúrbio do estômago", da digestão. O excesso de consciência, e, deste resultante, a memória excessiva, e uma exorbitância do sentido histórico, indica a impossibilidade da afirmação perspectívica do ser ativo de um devir transconsciente. A ação não guarda relação para com a consciência, da mesma forma que a ação, efetivamente perspectivação, dá-se necessariamente no âmbito de um esquecimento, de um 21

enfraquecimento da memória, de um hiato do sentido histórico, tal é a sua predominância ativa. E possa ser assim entendida e poderada a minha proposição: a história só pode ser suportada por personalidades fortes, as fracas ela extingue totalmente. (...) Quem não ousa mais confiar em si, mas involuntariamente, para sentir, pede conselho junto à história: "Como devo sentir aqui?, este se torna pouco a pouco, por pusilanimidade, espectador, e desempenha um papel, no mais das vezes até muitos papéis, e justamente por isso desempenha cada um deles tão mal e superficialmente.

O sentido histórico, quando reina irrefreado e traz todas as suas conseqüências, erradica o futuro, porque destrói as ilusões e retira às coisas a sua atmosfera, somente na qual elas podem viver. (...) Quando por trás do impulso histórico não atua nenhum impulso construtivo, quando não se está destruindo e limpando o terreno para que um futuro já vivo na esperança construa sua casa sobre o chão desimpedido, quando a justiça reina sozinha, então o instinto criador é despojado de sua força e de seu ânimo. (...)

O fundamento disso está em que, no cômputo histórico, sempre vem à luz tanto de falso, grosseiro, desumano, absurdo, violento, que a piedosa disposição à ilusão, somente na qual pode viver tudo que quer viver, é necessariamente desbaratada: somente no amor, porém, somente envolto em sombras pela ilusão do amor, o homem cria, ou seja, somente na crença incondicional na perfeição e na justiça. A todo aquele que obrigaram a não mais amar incondicionalmente, cortaram as raízes de sua força: ele tem de se tornar árido, ou seja, desonesto. Nestes efeitos, a história é o oposto da arte: e somente quando a história suporta ser transformada em obra de arte e, portanto, tornar-se pura forma artística, ela pode, talvez, conservar instintos, ou mesmo despertá-los⁵².

52 op. cit. 64-5.

Não se trata de simplesmente desqualificar, ou negligenciar a história, mas do entendimento de que, não a recordação ociosa, mas criá-la é a sua melhor celebração.

É na ênfase nesta perspectiva da historicização, como afirmação, que subordina a história ao vivido, que se constitui a possibilidade e a possibilitação da perspectivação.

Desproporcionalmente relativa com relação à memória, fundada no esquecimento, na subordinação do sentido histórico, criativa. Apanágio da grande saúde nietzscheana.

De modo que podemos entender, creio, que, enquanto vivência transconsciente: vivência da consciência em sua desmesura, vivência transsubjetivante, na verdade dessubjetivante, a perspectivação caracteriza-se como predomínio de forças ativas e incertas, ainda que instintualmente seguríssimas, decididas e decisivas, no ser de seus devires. E que, na sua ativa originalidade, não são uma memoriação, não comportam a memória, e na verdade configuram-se em seus domínios como desmemoriação, ou transmemoriação, como esquecimento, porque de fato há a presentificação de intensidades mais importantes, na verdade mais interessantes, mais fortes e saudáveis, do que o lembramento, do que a memória e a memorização. A perspectivação, no deleite, na fruição de sua 22

intensificação, é, assim, o aquecimento, a conquista do presente, a presentificação, a realização. Seu sentido histórico é este, o sentido da criação. E não esqueçamos a Perls⁵³, e a sua pérola genuína, o núcleo do real é a ação. Ação, tão ativa, e de si imbuída, que esquecida: perspectivação, experimentação.

***MAFFESOLI, Michel -- A CONQUISTA DO PRESENTE.**

⁵³PERLS, Fritz - GESTALTHERAPY.

Em sendo assim, a filosofia da vida de Nietzsche define uma noção existencial do experimental e da experimentação que se configura como a assunção do perspectivismo e do método perspectivo. A perspectivação é, assim, neste sentido, o sentido do experimental e da experimentação. Através dos quais o homem atualiza o seu devir-no-mundo, cria-se e cria o mundo que lhe diz respeito, assumindo tornar-se e afirmar experimental e perspectivamente a vida que se afirma em si, a poiesis de ser-no-mundo.

É neste sentido que Perls⁵⁴ dirá que as questões existenciais só se podem resolver **experimentalmente**. É neste sentido que Rogers deriva a idéia de um modo de vida existencial (melhor diríamos, *experimental*), como um dos componentes de sua concepção do "funcionamento ótimo da personalidade".

A revitalização das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais depende, a meu ver, de um resgate e elucidação da originalidade desta noção existencial de experimentação, perspectivação, entendidas estas como a ousadia da interpretação que afirma o vivido.

9. GESTALTIFICAÇÃO

Compreensão e implicação. Ação.

Afonso H L da Fonseca, psicólogo.

Toda alegria é um saber quase só espírito quase só infância quase só corpo a levantar-se da liberdade de muitas bocas.

(Paulo Roberto do Carmo, 70, Poeta Gaú-cho, em Vida Possível. Do livro Códigos da Alegria. Território das Artes). (Publicado na revista Caras. Janeiro 2012).

Todo saber é uma alegria...

INTRODUÇÃO

O que significa o termo *gestalt*?

O que significa *gestalt* enquanto uma abordagem metodológica?

Tenho preferido utilizar o termo *gestaltificação*. Porque é exatamente disso que se trata. De **ação**. Da essência da vivência formativa, fenomenológico-existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, meramente cognitiva, ou cognitiva e muscular. E, como tal, da essência, eminentemente aparential, da estética e da poética. Da experiência estética e da experiência poética.

Existimos de dois modos distintos, e que se alternam.

Existimos, (1) de um modo **ativo**, própria e especificamente **formativo** (**em termos da vivência do processo de formação de figura fundo, e em termos da vivência da formação, criação, das coisas**); processo, por isso, **performático**. **Fenomenológico existencial e dialógico; compreensivo, im-plicativo, gestaltificativo**. Caracterizado pelo predomínio de vivência da cons-ciência pré-reflexiva. Modo de sermos da vivência do *acontecer*.

E existimos, (2) de um modo, especificamente, **não ativo, não formati-vo**.

Explicativo. 3

Modo **explicativo** de sermos que não é fenomenológico, nem existenci-al, nem dialógico; que não é compreensivo, nem implicativo, que não é gestalti-ficativo. Modo de sermos que, não sendo *formativo*, não é *performance*, não é *performance*, não é performático. Modo de sermos do acontecer.

Este modo **não ativo, explicativo**, de sermos pode, por seu turno, se dar como:

(a) Um modo de sermos **não ativo, explicativo, teórico**; ou

(b) o modo de sermos **explicativo comportamental**.

O modo **ativo, formativo**, de sermos é eminentemente cognição. São eminentemente **ativos, formativos** -- por isso, *performance*, *performática* --, a consciência pré-reflexiva, a vivência, a cognição, o conhecimento, e o conhecer fenomenológico existenciais e dialógicos, na sua momentaneidade instantânea. Como vivência do desdobramento de forças, como vivência do desdobramento de possibilidades, que é a **ação**. São propriamente, assim, **gestalti-ficativos**. O que também quer dizer que são igualmente **compreensivos**, e **implicativos**.

Necessária e intrinsecamente múltiplas na vivência de suas emergências e desdobramentos, as possibilidades se organizam, a ação se organiza, como vivência, intrinsecamente cognitiva. Como consciência pré-reflexiva. Não como **consciência re(a)presentativa**. Mas como **consciência apresenta-tiva**.

Consciência *apresentativa*, fenomenológico existencial, que pode ser *meramente* cognitiva, e ou *cognitiva e muscular*.

Como a vivência de totalizações significativas de formações de figuras e fundos; como formações de *gestalts* que se sucedem, no que entendemos como ação.

Que é formação, *performance*, *meramente* cognitiva, e ou ação cognitiva muscular.

As emergências e os desdobramentos formativos, gestaltificativos, de possibilidades, as ações, atuações, atualizações, são formativas na medida em que, cognitiva e muscularmente, intrinsecamente se constituem como consciência pré-reflexiva, como vivência, como os processos de formação de figura e fundo. E na medida em que, em sua decorrência, são constituídas, formadas, as coisas, os entes. Quer sejam as coisas físicas da mundaneidade do mundo, quer sejam as coisas mentais -- teóricas, conceituais.

Buber já dizia que o conceito é o **isso** da mente.

Naturalmente querendo dizer que **o conceito** -- não é um **tu**, compreensivo, implicativo, gestaltificativo -- mas é **o isso da consciência**.

O **tu** da consciência é a possibilidade, em suas emergências e desdobramentos ativos, fenomenológico existenciais e dialógicos; compreensivos, implicativos, gestaltificativos.

Especificamente o tu se dá como **ação** -- como vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades --, que se constitui e que se forma como a 4

vivência gestaltificativa dos processos de formação de figura e fundo; e que forma as coisas, no limite. E que é, assim, intrinsecamente cognitiva, gestaltificativa. Na medida em que, em suas emergências e desdobramentos, as possibilidades se constituem de um modo organizadamente formativo, como consciência fenomenológica existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, gestaltificativa. Que, própria e especificamente, é a consciência pré-reflexiva. Cognição, conhecimento, própria e especificamente, epistemologia, ontologia, ontológicas, fenomenológicas existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas... Fenomenativa e formativamente, performativamente, gestaltificativos.

Assim, este caráter cognitivo, com suas qualidades formativas e de dinâmica organizativa próprias, em que se constitui a vivência da ação, o desdobramento de possibilidades como consciência pré-reflexiva, meramente cognitiva, ou cognitiva e muscular, fenomenológica existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, é o que entendemos como **gestaltificação**.

CONCLUSÃO

A gestaltificação, e a metodologia gestaltificativa, configuram-se como a otimização pela entrega ao *caminho do meio*. Pela entrega à momentaneidade instantânea dos episódios do modo fenomenológico existencial de sermos. A entrega ao modo de sermos ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, do acontecer, da ação, da atualização.

Que é o modo de sermos que Perls chamava, e os Taoístas e Zen Budistas milenarmente chamam, de *caminho de meio*.

Caminho do meio, especificamente, enquanto absorção nas qualidades do modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico de sermos.

Que é especificamente **não deliberativo e desproposital**. Mas é simultânea, própria e especificamente, **a ação**. A **entrega** à vivência da presença e atualidade do modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos; mas vivência **participativa e intensional**, compreensiva e implicativa, própria e específica, do desdobramento cognitivo ativo de possibilidades. **Entrega ativa à vivência participativa da ação**, da atualização; **entrega** que não é uma entrega à passividade, mas uma entrega à **atividade laborativa**. A vivência do desdobramento de possibilidades, com suas características fenomenológicas existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas próprias, na momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos.

Fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, a gestaltificação é a vivência da emergência e atualização de possibilidades. A vivência da ação.

Enquanto vivência, a gestaltificação dá-se como processo de vivência da dinâmica do desdobramento cognitivo de possibilidades. Este processo se 5

constitui intrinsecamente como cognição, como consciência pré-reflexiva, fenomenal, como vivência dos processos de formação de figura e fundo, vivência dos processos de formação de gestalts. E, no limite, como vivência do processo criativo gestáltico de formação das coisas, em sua instalatividade coisificada. Coisas instalativas, assim, que se constituem e são formadas, decorrem, dos processos de vivência da gestaltificação.

1. O MODO DE SERMOS NÃO ATIVO, NÃO FORMATIVO, NÃO GESTALTIFICATIVO. NÃO TENSIONAL, NÃO INTENSIONAL, NÃO IMPLICATIVO. O MODO EXPLICATIVO DE SERMOS. PASSADO, O MODO DE SERMOS DO ACONTECIDO.

O *modo de sermos não ativo, não implicativo, modo explicativo* de sermos pode ser:

- (a) *explicativo teórico*, ou
- (b) *explicativo comportamental*.

É sempre o modo *acontecido* de sermos.

Que sucede à momentaneidade instantânea a vivência do modo de sermos fenomenológico existencial do acontecer.

O modo (a) *explicativo teórico* de sermos se caracteriza como um modo de consciência, um modo de conhecimento, de cognição, portanto, no qual, própria e especificamente, como *acontecidos*, se constituem o *sujeito*, o *objeto*, e a dicotomia sujeito-objeto.

A condição da consciência no modo de sermos do *acontecido* se caracteriza pela ausência da vivência da emergência e do desdobramento de possibilidades, se caracteriza pela ausência da vivência do desdobramento cognitivo da ação. E assim, pela ausência da consciência que é a tensão, que é tensio-nalidade, que é a intensionalidade -- da ação --, do desdobramento de possibilidades.

Característicos da vivência do modo fenomenológico existencial ativo, formativo, e intensional, do *acontecer*.

De forma que, o modo de sermos do *acontecido* não é um modo de sermos da ação, não é um modo de sermos da vivência da emergência e do desdobramento de possibilidades. Não é o modo de sermos da vivência tensional, intensional, da consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica da ação, não é o modo de sermos da vivência do desdobramento de possibilidades.

É, ao contrário, o modo de sermos no qual se constituem, enquanto *a-contecido*, o *sujeito* e o *objeto*. E no qual se constituem como tais as condições para que -- na vigência do sujeito e do objeto, e da dicotomização entre eles -- um *sujeito*, constituindo a teórica, possa, *reflexivamente*, contemplar um objeto. 6

A *Teorética* é, portanto a contemplação de um objeto, acontecido; por um sujeito igualmente acontecido, no modo acontecido de sermos. É o modo de sermos do **acontecido**, no qual se constituem, própria e especificamente como **acontecidos**, o sujeito e o objeto. E no qual o sujeito pode, reflexivamente, contemplar um objeto.

É o modo própria e especificamente não formativo de sermos. Caracterizado especificamente pela **ausência** da ação, pela **ausência** da consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa, pela ausência da emergência do processo figurativo de formação de figura e fundo. É um modo não performático e não criativo de sermos. Nele não criamos coisas, físicas ou mentais, nele apenas as repetimos.

O modo **acontecido** de sermos caracteriza-se, assim, pelo predomínio da consciência reflexiva. Da Consciência teorética. Da consciência abstrata.

O modo de sermos, (b) **explicativo comportamental** se caracteriza como o modo de sermos de nossa atividade padronizada e repetitiva. A atividade que, **acontecida**, é padronizada e repetida de modo cada vez mais automático.

E que, enquanto tal -- quanto mais atividade padronizada e repetitiva --, menos consciência é. Menos consciência, quer seja a consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, formativa, gestaltificativa; quer seja consciência reflexiva, representativa, teorética.

O modo de sermos **explicativo do comportamento** é, assim, um modo de sermos da *desconsciencição*, própria e especificamente.

2. O MODO ATIVO DE SERMOS, MODO FORMATIVO DE SERMOS, PERFORMÁTICO, GESTALTIFICATIVO, TENSIONAL, INTENSIONAL, IMPLICATIVO. Modo de sermos tensional, da vivência da tensão, da *tensidade*, da intensidade, e intensificação, da força das possibilidades. Modo de sermos, portanto, Intensional. Intensionalidade. *Intensionativo*. Vivência, fenomenológica existencial e dialógica, do desdobramento de possibilidades. Ação *gestaltificativa*. *Compreensiva*, *Implicativa*.

O modo **ativo, formativo, performativo, performático**, de sermos, modo de sermos do **acontecer**. Fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, é o modo de sermos da **ação**.

Caracterizado pela vivência, cognitiva, da emergência e do desdobramento de possibilidades, que é a vivência de forças.

As forças, as possibilidades, se constituem como consciência pré-reflexiva. Própria e especificamente pela **consciência, conhecer, cognição, do ator**. Pela **consciência da ação** -- pré-reflexiva; **consciência poética, fenomenológico existencial, e dialógica; compreensiva, implicativa, gestaltificativa**. Já que, em seus desdobramentos ativos, as possibilidades própria e especificamente se constituem como tais. 7

O modo ativo de sermos é o modo de sermos, portanto, da vivência da **tensão** da ação: da vivência da emergência e do desdobramento, da **moção**, da **emoção**, e da **motivação**, dos desdobramentos de possibilidades. O modo de sermos da ação. O modo de sermos do **acontecer**.

Modo de sermos do *acontecer* que se constitui, e se desdobra, anteriormente à constituição do modo *explicativo* de sermos do *acontecido*: o modo acontecido de sermos no qual se constituem o sujeito, e o objeto; e a dicotomização entre eles: como consciência teórica, explicativa; como a consciência de um sujeito que reflexivamente contempla um objeto; na ausência da tensão, da intensão, da intensionalidade da atualização de possibilidades. Na ausência da ação.

A consciência pré-reflexiva do **acontecer**, a vivência de consciência pré-reflexiva da ação, formativa, se dá, propriamente, como a vivência da tensão de forças, como vivência tensão, intensão, **intensionalidade**, do desdobramento de **possibilidades**. Do desdobramento intensional da ação. Em seus desdobramentos, as possibilidades são forças, as forças de tudo que vivenciamos, pré-reflexivamente. E que, como tais, como forças, existem necessariamente nos seus desdobramentos.

O que chamamos de **ação**. **Form/ação** é, assim, a vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa, dos desdobramentos das possibilidades.

A vivência da ação se constitui, pois, como a vivência, pré-reflexiva, compreensiva, implícita, gestaltificativa, intensional, dos desdobramentos de possibilidades.

Desdobramentos estes que se constituem cognitivamente. Pré-reflexivamente, fenomenológica, compreensiva, e implicativamente. Como processos de formação de figuras e fundos. Como as sucessões de processos de formação de gestalts. Como as sucessões dos processos de gestaltificação.

Da vivência dos desdobramentos das possibilidades, em suas emergências pré-compreensivas, se constituem **formativamente**, nas intensidades de sua vividez, os **processos de formação de figura e fundo**; os processos fenomenológico existenciais, intensionais, compreensivos e implicativos, das **gestaltificações**.

E, no limite, os processos de formação de figura e fundo, os processos de **gestaltificação**, se constituem como processos de formação das **coisas** em sua instalatividade. Coisas que, em sua instalação característica, não mais são experimentadas como tensão, como intensão, como intensionalidade.

Uma vez que, exauridas as forças do acontecer dos desdobramentos das possibilidades, estas se reduzem em suas formas coisificadas, acontecidas, instaladas, instalação. Passando do modo de sermos do acontecer para o modo de sermos do acontecido. Da condição de possibilidade compreensivamente ativa, *atualidade*, à condição passada de coisa. 8

3. AÇÃO. MERAMENTE COGNITIVA. E, AÇÃO COGNITIVA E MUSCULAR. AÇÃO GESTALTIFICATIVA, GESTALTIFICAÇÃO.

A momentaneidade instantânea da vivência da consciência do modo pré-reflexivo de sermos, modo de sermos da gestaltificação, se constitui, toda ela, como consciência de desdobramento compreensivo de possibilidades, co-mo ação, como consciencição. Compreensão, e implicação. Gestaltificação.

O que quer dizer que, em seus desdobramentos, as possibilidades intrinsecamente se constituem como consciência pré-reflexiva, formativa, performativa; como consciência fenomenológica e existencial, dialógica, compreensiva e implicativa. Gestaltificativa.

As possibilidades se dão, *informes*, inicialmente. Como forças, ao nível pré-compreensivo de seus desdobramentos. À medida que se desdobram, o que constitui especificamente a ação, as possibilidades intrinsecamente se contituem compreensivamente, fenomenologicamente.

Nos seus desdobramentos, a ação é sempre, assim, intrinsecamente cognitiva, intrinsecamente compreensiva e implicativa; consciência pré-reflexiva, conhecer que é inédita possibilidade em desdobramento, possibilita-ção.

Cognitivo, sempre, e gestaltificativo, o desdobramento de possibilidades, a ação pode ser dar de duas formas.

A ação, gestaltificativa, pode ser:

(a) **meramente** cognitiva. Quando não envolve de um modo significativo a sinergia musculativa do aparelho muscular em sua expressão. Ou

(b) **cognitiva e muscular**. Quando a sua constituição compreensiva se prolonga nas ativas sinergias do aparelho muscular.

De modo que, em sua específica expressão, **a ação**, como desdobramento gestaltificativo de possibilidades, é sempre cognição. É sempre consci-ência, conhecer, pré-reflexivos, fenomenológico existenciais e dialógicos; com-preensivo e implicativos, gestaltificativos. E pode se dar nas modalidades de

(a) **Ação gestaltificativa meramente cognitiva;** ou

(b) **Ação gestaltificativa cognitiva e musculativa.** 9

4. A CONDIÇÃO PRÓPRIA E ESPECIFICAMENTE GESTALTIFICATIVA DA CONSCIÊNCIA FENOMENOLÓGICA E DA AÇÃO DERIVA DE SEU CARÁ- TER EMINENTEMENTE FORMATIVO -- A PARTIR DA EMERGÊNCIA E DO DESDOBRAMENTO DE POSSIBILIDADES. E DA ORGANIZAÇÃO FORMA- TIVA DE SUA DINÂMICA. QUE SE DÃO COMO VIVÊNCIA DAS DOMINÂ- CIAS DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE FIGURA E FUNDO, GESTALTI- FICAÇÃO, E NO SEU ESCOAMENTO, QUE SE DESDOBRA NA INTRÍNSE-CA FORMAÇÃO DA COISA. Em seus desdobramentos fenomenológicos pré- reflexivos, gestaltificativos, as possibilidades são, própria e especifi- camente, *formativas*. (1) São *formativas dos processos gestaltificativos de formação de figura e fundo da vivência fenomenológica existencial e dialógica*; e (2), no limite, são *formativas das coisas, na instalatividade coisificada delas*.

Como forças, aos níveis ainda pré-compreensivos de seus desdobra-mentos, as possibilidades são forças *cognitivamente informes* -- [(*inter*)-*prè*-*ação*].

E são forças que, *performativamente*, se constituem, cognitivamente, formativamente, como formas compreensivas, como form-ação, figur-ativa, fi-gur-ação -- compreensiva, e implicativamente, gestaltificativamente --, à medi-da que os seus desdobramentos se constituem como totalizações signifi-cativas, como *gestalts*, em seus processos de formações de figuras e fundos; em seus processos de gestaltificações.

As *gestalts* são, assim, formas -- **formações, mais propriamente --, de figuras e fundos, figurações**, que se constituem cognitivamente, compreensi-va e implicativamente, gestaltificativamente, como forças de possibilidades em desdobramentos. Fenomenológico existenciais e dialógicos; compreensivos, implicativos, gestaltificativos.

O processo da ação, meramente cognitiva ou cognitiva e muscular -- processo improvisativo, e momentaneamente instantâneo, do desdobramento cognitivo de possibilidades --, é, assim, um processo eminentemente **formati-vo**.

Performativo. Performático. A performática dos processos de formação de figura e fundo, a performática cognitiva da figuração, da ação. Meramente cognitiva, ou cognitiva e musculativa.

O processo da ação é **formativo, performativo**, na medida em que a emergência, e o desdobramento, de possibilidades se constituem como vivên-cia dos formativos processos de constituição da consciência pré-reflexiva. Pro-cessos específicos de formação de *gestalts*, processos fenomenológico exis-tenciais e dialógicos, compreensivos e implicativos, da **gestaltificação**.

Em seus desdobramentos, em suas atualizações, as possibilidades se *desatualizam*, como observa Buber. Reduzem progressivamente as suas for-ças à medida que se desdobram.

Ao reduzirem as suas forças à medida que se desdobram, as possibili-dades se instalam como coisas. Ou seja, formam-se como as coisas, como os entes, nos processos de seus desdobramentos. Coisas nas quais residem vir-10

tualmente instaladas, ainda, as possibilidades. De onde podem ser mais uma vez atualizadas, na ocorrência da estética de sua ação.

Neste sentido, ainda, a vivência do desdobramento de possibilidades, a vivência da ação, é gestaltificativamente *formativa*. Na medida em que, é em decorrência destes processos fenomenológico existenciais **gestalticamente formativos** que se constituem as coisas.

Quer sejam as coisas físicas, ou as coisas mentais, em sua instalativi-dade ôntica.

5. A CONSCIÊNCIA E A AÇÃO FORMATIVAS -- FENOMENOLÓGICAS, PRÉ-REFLEXIVAS, DESDOBRAMENTOS DE POSSIBILIDADES --, MOVI-MENTAM-SE E ORGANIZAM-SE GESTALTIFICATIVAMENTE.

O desdobramento cognitivo de possibilidades, a ação, dá-se como vivência, como cognição, como conhecer, como epistemológica, pré-reflexiva, fenomenológico existencial, fenomenativa, dialógica, gestaltificativa.

A vivência ativa, **formativa**, dá-se como vivência dos processos de **for-mação** de figura e fundo de totalizações significativas, como vivência dos processos de formação de gestalts, como vivência dos processos de gestaltificação.

Nos fluxos dos desdobramentos cognitivos de suas forças, compreensivas e implicativas, a vivência dos desdobramentos das possibilidades fluente-mente se organiza de um modo **gestaltificativo**, compreensivo e implicativo.

Mas o que é que isto significa mais propriamente?

As **gestaltificações**, totalizações significativas -- vivenciativas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas -- são configuradas, sempre, por uma multiplicidade de partes. *Participações*.

Cada *parte, participação*, é possibilidade, força, que se constitui cognitivamente no seu desdobramento ativo. São, portanto, cada uma das partes da multiplicidade da gestaltificação também *gestaltificações*. Continuamente configuradas e compostas, cada uma delas, por outras multiplicidades de participações gestalts. E assim, literalmente, *ad infinitum...*

De modo que cada vivência gestáltica, vivência do desdobramento de possibilidades, vivência da ação, é intrinsecamente composta por múltiplas outras gestalts. Possibilidades elas, forças -- gestalts participações, gestaltificações. Que emergem e se desdobram e sucedem como um fluxo contínuo nos formativos processos de formação de figura e fundo da vivência das totalizações significativas -- meramente cognitivas, ou cognitivas e musculativas --, da ação, e da configuração das coisas instalativas.

Como cada possibilidade emergente, e assim constituída vivencialmente, é força, plástica, e eminentemente cognitiva -- *sentido, logos, fenomenologos* -- há um contínuo processo de competição entre elas. Processo de com-11

perição que se constitui como um processo vivencial e logicamente argumentativo e aporético, ainda pré-verbal.

Como são forças plásticas e lógicas, o processo de competição entre as possibilidades se configura, assim, como um contínuo processo de argumentação pré-verbal entre elas, na multiplicidade de seus conjuntos, na multiplicidade de suas emergências, na multiplicidade dos seus desdobramentos. Na competição e argumentação as possibilidades organizam as suas forças em **dominâncias plásticas de sentido**, fulgurações, figurações, configurações, gestaltificações.

Que fluem e se sucedem nas formas dos processos de formação de figura e fundo. Como os processos ativos, formativos, gestaltificativos.

Nestes seus processos vivenciativos de competição, e de argumentação vivencial, pré-verbal, portanto, nos seus desdobramentos, as possibilidades se organizam em **dominâncias**.

E são estas **dominâncias** que constituem, de modo fenomenologicamente temporal, a vivência compreensiva das figuras, a figuração; contra a movimentação dos fundos. Nos processos de formação de figura e fundo, enquanto processos de vivência de totalizações significativas, enquanto vivência do processamento formativo da gestaltificação.

De um modo tal, que, o que aparece como vivência de consciência, como figuração de consciência, como figura -- pré-reflexivamente, compreensiva e implicativamente, fenomenológico existencial e dialógicamente -- constitui-se, sempre, a partir da vivência das dominâncias, **plásticas**, de uma multiplicidade de forças em movimento. As **gestaltificações**. Que emergem como relações de sentido figura-fundo, a partir da vivência de uma multiplicidade de possibilidades, que competem e argumentam entre si. Constituindo compreensivamente como figuras contra o fundo de sua multiplicidade sempre emergente.

Assim, própria e especificamente, a vivência do desdobramento cognitivo de possibilidades, a vivência da ação, a vivência da gestaltificação, é a vivência da organização expressiva da dinâmica das dominâncias de suas forças plásticas. Formativas, sempre. A partir de sua perene e múltipla emergência, competição e argumentação. É vivência fenomenológica existencial gestaltificativa de forças de criação.

Os desdobramentos figurativos da gestaltificação são especificamente as experiências *poiética* e *estéticas*.

A **gestaltificação** é, assim, uma característica inerente à vivência do desdobramento, da atualização, das possibilidades. A **gestaltificação** é inerente à vivência da ação. É a qualidade fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, e implicativa, gestaltificativa, inerente à ação.

É, nos processos de competição e de argumentação de sua emergência e desdobramentos, um processo inerente de otimização da ação.

O desdobramento cognitivo das possibilidades escoa nos processos de formação, de constituição, das coisas da coisidade do mundo. Que, continuamente, secretamos, na decorrência da vivência de nossos processos cogniti-12

vamente ativos, formativos; que continuamente secretamos na vivência dos processos de nossos atos, na vivência dos processos de nossas ações, gestaltificações.

6. AÇÃO. COMPREENSÃO. IMPLICAÇÃO. GESTALTIFICAÇÃO.

Com as suas particularidades, *gestaltificação*, *implicação*, e *compreensão* são, no limite, e em essência, palavras sinônimas e conceitos idênticos. Referem-se os três ao processo formativo da ação. Da ação meramente cognitiva, ou da ação cognitiva e muscular, e ao processo de sua dinâmica e organização, como a perene vivência da dinâmica e da organização das dominâncias de multiplicidades de forças.

Como observamos, a vivência das possibilidades, no modo fenomenativo de sermos, é sempre a vivência das dinâmicas e das organizações em dominâncias de um multiplicidade de forças, de possibilidades, que competem e argumentam entre si. Que constituem hierarquias plásticas de sentido, dominâncias, a partir desta competição e argumentação. São as dominâncias, como produtos destas competições e argumentações que se constituem como a vivência fenomenológica do processo das figurações, que se formam, e se sucedem, como processos vivenciais, gestaltificativos, de formação de figura e fundo da vivência gestaltificativa da ação, fenomenação, fenomenológica.

Como a *gestaltificação*, a *compreensão* e a *implicação* referem-se, igualmente, a estes processos formativos de figuração, a estes processos formativos da vivência gestaltificativa, a partir da vivência da competição e da argumentação entre multiplicidades de possibilidades.

Na verdade, *compreensão* e *implicação* são modos diferentes de dizer *gestaltificação*.

O termo e o conceito de *implicação* derivam de **plexo** (*plic*, no Grego). O termo *plexo* designa a dinâmica da multiplicidade, da pluralidade, gestaltificativamente organizada, de possibilidades da vivência fenomenológica existencial.

O termo *plic* (*plexo*) referia-se originalmente, no Grego, ao *entrançamento* dos pêlos da crina e do rabo dos cavalos. Como uma multiplicidade organizada.

Neste sentido, a vivência dos exames de possibilidades gestaltificativamente, implicativamente, compreensivamente organizados, da consciência

fenomenológica, pré-reflexiva, da ação, são *plexos* (*plic*). Plexos de possibilidades em desdobramento na constituição gestaltificativa de seus sentidos.

A momentaneidade instantânea da vivência fenomenológica deles, como vivência do ator, do *inspector*, é o que poderíamos chamar de *implexão*. Efetivamente é, portanto, o que chamamos de *implicação*. 13

Do mesmo modo, o termo **compreensão** refere-se ao caráter integrador de multiplicidades de possibilidades, momentânea e dinamicamente unificadas, na constituição da figuração do processo gestaltificativo.

No processo gestaltificativo, um conjunto de possibilidades em suas multiplicidades é abrangentemente *preendido* (cum preensão), *cum preendido*, nas formações *lógicas*, de sentido, de seus processos de formação de figura e fundo. Na formação das gestalts, um conjunto abrangente de possibilidades, é preendido como totalidade significativa, que flui como os processos de formação de figura e fundo, como os processos da gestaltificação.

De modo que os termos e conceitos de *gestaltificação*, de *compreensão* e de *implicação* referem-se às integrações formativas da multiplicidade de possibilidades da vivência pré-reflexiva da ação. Fenomenológico existencial e dialógica.

7. GESTALTIFICAÇÃO. MODO DE SERMOS DO ACONTECER. Modo de sermos anterior, portanto, ao modo acontecido de sermos do sujeito, do objeto, e da dicotomia sujeito-objeto. Anterior ao modo acontecido de sermos da teórica, e da explicação. Anterior ao modo acontecido de sermos da causalidade. Anterior ao modo acontecido pragmático de sermos do uso e da utilidade. Anterior ao modo acontecido de sermos da realidade.

O modo de sermos da gestaltificação, modo de sermos formativo da ação, fenomenação, existencial, compreensivo, tem características muito peculiares, inerentes às suas qualidades intrínsecas. Antinômicas, principalmente no que concerne ao predomínio da normalidade do real.

O real, a ordem, o ordenamento 'do rei', realidade do real, reificação, é, especificamente o modo de sermos do acontecido. Modo de sermos, que -- ainda que *ontológico*, como um dos modos de sermos que nos constituem --, não é *ontológico*, enquanto o modo de sermos *lógico, ontológico, fenomenológico, dialógico, do acontecer.* Que se caracteriza como *ontológico* na medida em que é vivência de *logos*, na medida em que é *vivência de sentido*.

O modo de sermos fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, gestaltificativo, para todos os efeitos, não é da ordem do real, não é da ordem da realidade. Própria e especificamente, porque, modo de sermos do acontecer, modo de sermos da ação, da vivência da emergência e do desdobramento compreensivo de possibilidades, o modo gestaltificativo de sermos é o modo de sermos *do possível*. É o modo de sermos *da possibilitação, da atualização, da presença e da atualidade*. O modo de sermos, especificamente, do acontecer; e não o real modo de sermos do acontecido.

Esta condição, de não pertencer ao modo de sermos da realidade, é radicalmente intrínseca ao modo de sermos da gestaltificação. E deriva de suas características como modo de sermos da atualização de possibilidade, como modo de sermos da atualidade, modo de sermos do presente, e da presença... 14

Modo de sermos que, enquanto modo de sermos da presença e da atualidade, enquanto o modo de sermos da ação, não é o modo de sermos do acontecido, no qual se constituem, enquanto tais, enquanto acontecidos, o sujeito e o objeto, e a relação dicotomizada entre eles.

Não sendo da ordem do modo de sermos do sujeito e do objeto, e da dicotomização entre eles, o modo gestaltificativo de sermos não é o modo teórico de sermos, no qual um sujeito contempla reflexivamente um objeto. O modo gestaltificativo de sermos da ação não é o modo de sermos do sujeito. O modo gestaltificativo de sermos da ação é o modo de sermos do ator. Ator que não é o sujeito.

Por idênticas razões, o modo gestaltificativo de sermos da ação não é o modo de sermos das relações de causa e efeito, o modo de sermos da causalidade. O modo gestaltificativo de sermos é o modo fora da causalidade. A causalidade se dá no modo acontecido de sermos, no modo de sermos das coisas, e não no modo de sermos gestaltificativo, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, do acontecer.

O modo de sermos gestaltificativo do acontecer não é da ordem do modo de sermos do *comportamento*. Da mesma forma que não da ordem do modo de sermos da técnica.

Não é da ordem do modo de sermos dos usos, dos úteis, e das utilidades. O modo gestaltificativo de sermos da ação se dá como modo de sermos da inutilidade produtiva. É um modo de sermos que só é pragmática na medida em que consideremos uma *pragmática especificamente do inútil*. Uma *pragmática da inutilidade produtiva*.

E, *last, but not least*, como modo formativo, modo produtivo, de sermos do possível, da atualização de possibilidades, o modo gestaltificativo de sermos da ação é o modo de sermos do *acontecer*. E não é da ordem do modo de sermos, real, do *acontecido*. Ou seja, o modo gestaltificativo de sermos da ação não é da ordem da realidade. Já que é o modo de sermos *da ação*, o modo de sermos da vivência da emergência e do desdobramento da possibilidade...

8. CAMINHO DO MEIO. OTIMIZAÇÃO DA GESTALTIFICAÇÃO, OTIMIZAÇÃO DA AÇÃO, OTIMIZAÇÃO DA ATUALIZAÇÃO COMPREENSIVA DE POSSIBILIDADES. METODOLÓGICA GESTALTIFICATIVA.

Experiente, Perls¹ observou que o modo criativo de sermos é o modo de sermos do *caminho do meio*.

¹ PERLS, Fritz GESTALT THERAPY, NY, Pegouin Books, .

² BUBER, Martin EU E TU.

Mencionava a *indiferença criativa*, de Friedlander, e, sobretudo, o milenar conceito Taoísta e Zen Budista.

Buber² haveria de referir-se magistralmente, antologicamente, às possibilidades, e aos seus desdobramentos, vale dizer, à vivência gestaltificativa, ao 15

mencionar -- o paradoxo da ação do ator, *inspector*, que não é sujeito --, que, ***não sou eu que crio as possibilidades, mas elas não acontecem sem mim...*** É a qualidade específica do modo de sermos do ator, do *inspector*.

Paradoxativo.

Que envolve o guiar e o ser guiado. Que envolve perfeitamente integridade, a entrega radical e a ação radical. A entrega ativa, ao desdobramentos de possibilidades.

Mas que não envolve, em sua instantaneidade momentânea, a deliberação. Que é sempre o teatro tensional, intensional, fenomenológico existencial, e dialógico, compreensivo e implicativo da ação. O palco sempre da *improvisação*.³

³V. FONSECA, Afonso *Dialógica da improvisação*. In *Gestalt terapia Fenomenológico Existencial*. Macaíó, Pedang.

Improvisação que não é o modo de sermos do sujeito; e, naturalmente, não é o modo de sermos do objeto, nem da dicotomia sujeito-objeto. Não é o modo teórico de sermos do espectador. Sujeito, assujeitado, que contempla um objeto. Não é o modo explicativo de sermos, seja ele teórico ou comportamental. Não é, em definitivo, o modo moralista de sermos, todo ele teórico. E, prudentemente, explicativamente científico. Não é o modo de sermos das relações de causa e efeito, o modo, de sermos da causalidade. E não é, em específico, o modo de sermos da realidade, na medida em que é, em específico, o modo de sermos do possível, o modo de sermos da possibilidade; e, como tal, o modo de sermos *do acontecer* e do devir, do desdobramento de possibilidades; e não o modo de sermos *do acontecido* -- no qual se configura, e se constitui instalativamente, como coisa, a possibilidade desdobrada e exaurida em suas forças.

O processo da gestaltificação, o processo fenomenativo, existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, é, própria e especificamente, um processo de otimização da ação. Pela contínua competição e argumentação vivenciais pré-verbais -- *lógicas, fenomenológicas, dialógicas, ontológicas* -- entre as possibilidades --, um processo, de otimização plástica da vivência criativa da formação de figura e fundo. E do decorrente processo criativo de constituição de *coisas instalativas*.

O processo de gestaltificação não é, assim, um processo proposital e deliberado, voluntarioso; um processo do propósito, deliberação e voluntarismo do sujeito, explicativamente cognoscente. É, não obstante, o processo própria e especificamente ativo, na perspectiva da ação do ator, do *inspector*. Mesmo não sendo um processo proposital e deliberado, voluntarioso, é um processo própria e especificamente **ativo** -- é, especificamente, o processamento da ação. No qual somos ativos, como atores.

Não o somos, não somos atores quando somos sujeitos, *sujeitados*. Não somos atores, *inspectores*, no modo explicativo de sermos; modo explicativo de sermos do espectador. 16

Desta forma, no acontecer de sua momentaneidade instantânea, a ação ao modo de sermos do ator, a ação, especificamente, a gestaltificação -- feno-menológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa -- é a ação ao modo de sermos do *caminho do meio*.

Modo de sermos que é, em sua especificidade própria, não deliberado, desproposital, descolamento potenciativo do porto da realidade acontecida. Intensamente, intensionalmente, intensificadamente, ativo – na medida, em particular, em que a entrega é entrega à potência da ação.

Modo de sermos do *caminho do meio* que é, no desdobramento de sua instantaneidade momentânea, específica e paradoxalmente, **entrega a ação, entrega e ação. Ora guiar, ora deixar-se guiar**. Navegação nas linhas entre Ying e Yang. Que são intensionais.

Ação intensionalidade. Ação intensionalidade da, e na, momentaneidade instantânea da (im)pro-visação. *Ação intensionalidade* da, e na, momentaneidade instantânea do devir, do desdobramento da atualização de possíveis (de potentes), de possibilidades. Fenomenológico existencial dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas.

De modo que a metodologia gestaltificativa é a metodologia que privilegia a vivência do modo gestaltificativo de sermos. A entrega à vivência ativa do modo gestaltificativo de sermos de atualização de possibilidades. Fenomenológico existencial, compreensivo, e implicativo.

O modo gestaltificativo, fenomenológico existencial e dialógico é o modo ontológico de sermos. Por suas forças, potências, possibilidades, pela contínua formatividade de alternativas poentes; pela *excitação* e pelo *interesse*, como Perls observava. Natural e espontaneamente o modo ontológico de sermos se impõe como fenomenológico existencialmente prioritário. Até porque é o modo de sermos que continuamente gera a nossa vida, como possibilidades em desdobramento, como ação. E o modo de sermos em cuja vivência superamos continuamente o acontecido de nós próprios e do mundo

Não precisamos fazer especificamente nada para criarmos o modo de sermos da metodológica gestaltificativa. É o modo ontológico de sermos, que espontaneamente se impõe por suas forças, por suas potências, enquanto modo ontológico de sermos do acontecer.

Precisamos, para privilegiá-lo, evitar forçarmo-nos aos modos não implicativos, explicativos, de sermos. O modo cientificamente explicativo de sermos, o modo teoréticamente explicativo de sermos, o modo moralista de sermos, o modo causal de sermos, o modo utilitário, pragmático, de sermos; o modo técnico de sermos, o modo realista de sermos. Todos, ainda que modos naturais de sermos, perfazem o modo de sermos do acontecido. E, como tais, impedem a emergência e o desdobramento do modo implicativo de sermos, gestaltificativo, compreensivo e implicativo, fenomenológico existencial e dialógico.

Ação pelo 'caminho do meio', interessa à metodologia a dialógica que permite condescendermos com as forças atualizativas do desdobramento das 17

possibilidades gestaltificativas, na sua momentaneidade instantânea, quando estas espontaneamente reivindicam a sua presença e atualidade. 4

Dialógico o modo de sermos fenomenológico, na momentaneidade ins-tantânea de sua duração, nos seus melhores momentos, vivência de sentido compartilhado entre os parceiros da relação. De que se constitui como metodo-lógica tanto para um como para outro.

CONCLUSÃO

A gestaltificação, e a metodologia gestaltificativa, configuram-se como a otimização pela entrega ao *caminho do meio*. Pela entrega à momentaneidade instantânea dos episódios do modo fenomenológico existencial de sermos. A entrega ao modo de sermos ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, do acontecer, da ação, da atualização.

Que é o modo de sermos que Perls chamava, e os Taoístas e Zen Budistas milenarmente chamam, de *caminho de meio*.

Caminho do meio, especificamente, enquanto absorção nas qualidades do modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico de sermos.

Que é especificamente **não deliberativo** e **desproposital**. Mas é simul-tânea, própria e especificamente, **a ação**. A **entrega** à vivência da presença e atualidade do modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos; mas vivência **participativa e intensional**, compreensiva e implicativa, própria e específica, do desdobramento cognitivo ativo de possibilidades. **Entrega ativa à vivência participativa da ação**, da atualização; **entrega** que não é uma entrega à passividade, mas uma entrega à **atividade laborativa**. A vivência do desdobramento de possibilidades, com suas características fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas próprias, na momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos.

Fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, a gestaltificação é a vivência da emergência e atualização de possibilidades. A vivência da ação.

Enquanto vivência, a gestaltificação dá-se como processo de vivência da dinâmica do desdobramento cognitivo de possibilidades. Este processo se constitui intrinsecamente como cognição, como consciência pré-reflexiva, fenomenal, como vivência dos processos de formação de figura e fundo, vivência dos processos de formação de gestalts. E, no limite, como vivência do processo criativo gestáltico de formação das coisas, em sua instalatividade coisificada. Coisas instalativas, assim, que se constituem e são formadas, decorrem, dos processos de vivência da gestaltificação. 18

INTRODUÇÃO

O que significa o termo *gestalt*?

O que significa *gestalt* enquanto uma abordagem metodológica?

Tenho preferido utilizar o termo *gestaltificação*. Porque é exatamente disso que se trata. De **ação**. Da essência da vivência formativa, fenomenológico-existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, meramente cognitiva, ou cognitiva e muscular. E, como tal, da essência, eminentemente aparential, da estética e da poética. Da experiência estética e da experiência poética.

Existimos de dois modos distintos, e que se alternam.

Existimos, (1) de um modo **ativo**, própria e especificamente **formativo** (**em termos da vivência do processo de formação de figura fundo, e em termos da vivência da formação, criação, das coisas**); processo, por isso, **performático**. **Fenomenológico existencial e dialógico; compreensivo, im-plicativo, gestaltificativo**. Caracterizado pelo predomínio de vivência da consciência pré-reflexiva. Modo de sermos da vivência do *acontecer*.

E existimos, (2) de um modo, especificamente, **não ativo, não formativo**.

Explicativo.

Modo **explicativo** de sermos que não é fenomenológico, nem existencial, nem dialógico; que não é compreensivo, nem implicativo, que não é gestaltificativo.

Modo de sermos que, não sendo *formativo*, não é *performance*, não é *performance*, não é performático. Modo de sermos do *acontecer*.

Este modo **não ativo, explicativo**, de sermos pode, por seu turno, se dar como:

(a) Um modo de sermos **não ativo, explicativo, teórico**; ou

(b) o modo de sermos **explicativo comportamental**.

O modo **ativo, formativo**, de sermos é eminentemente cognição. São eminentemente **ativos, formativos** – por isso, *performance, performática* --, a consciência pré-reflexiva, a vivência, a cognição, o conhecimento, e o conhecer fenomenológico existenciais e dialógicos, na sua momentaneidade instantânea. Como vivência do desdobramento de forças, como vivência do desdobramento de possibilidades, que é a **ação**. São propriamente, assim, **gestaltificativos**. O que também quer dizer que são igualmente **compreensivos**, e **implicativos**.

Necessária e intrinsecamente múltiplas na vivência de suas emergências e desdobramentos, as possibilidades se organizam, a ação se organiza, como vivência, intrinsecamente cognitiva. Como consciência pré-reflexiva. Não como **consciência re(a)presentativa**. Mas como **consciência apresentativa**. 19

Cons ciência *apresentativa*, fenomenológico existencial, que pode ser *meramente* cognitiva, e ou *cognitiva e muscular*.

Como a vivência de totalizações significativas de formações de figuras e fundos; como formações de *gestalts* que se sucedem, no que entendemos co-mo ação. Que é formação, performance, meramente cognitiva, e ou ação cog-nitiva muscular.

As emergências e os desdobramentos formativos, gestaltificativos, de possibilidades, as ações, atuações, atualizações, são formativas na medida em que, cognitiva e muscularmente, intrinsecamente se constituem como consciência pré-reflexiva, como vivência, como os processos de formação de figura e fundo. E na medida em que, em sua decorrência, são constituídas, formadas, as coisas, os entes. Quer sejam as coisas físicas da mundaneidade do mundo, quer sejam as coisas mentais -- teóricas, conceituais.

Buber já dizia que o conceito é o **isso** da mente.

Naturalmente querendo dizer que **o conceito** -- não é um **tu**, compreen-sivo, implicativo, gestaltificativo -- mas é **o isso da consciência**.

O **tu** da consciência é a possibilidade, em suas emergências e desdo-bramentos ativos, fenomenológico existenciais e dialógicos; compreensivos, implicativos, gestaltificativos.

Especificamente o tu se dá como **ação** -- como vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades --, que se constitui e que se forma como a vivência gestaltificativa dos processos de formação de figura e fundo; e que forma as coisas, no limite. E que é, assim, intrinsecamente cognitiva, gestaltifi-cativa.

Na medida em que, em suas emergências e desdobramentos, as possi-bilidades se constituem de um modo organizadamente formativo, como consci-ência fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, ges-taltificativa. Que, própria e especificamente, é a consciência pré-reflexiva. Cognição, conhecimento, própria e especificamente, epistemologia, on-tologia, ontológicas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas... Fenomenativa e formativamente, performativamente, gestaltifica-tivos.

Assim, este caráter cognitivo, com suas qualidades formativas e de di-nâmica organizativa próprias, em que se constitui a vivência da ação, o desdo-bramento de possibilidades como consciência pré-reflexiva, meramente cogni-tiva, ou cognitiva e muscular, fenomenológico existencial e dialógica, compre-ensiva e implicativa, é o que entendemos como **gestaltificação**.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTAZZI, Lilian The School of Brentano. 20

BUBER, Martin **Eu e Tu.**

_____ **Elementos do Inter humano. In Do Diálogo e do Dialógico.** São Paulo, Perspectiva, 1985.

HEIDEGGER, Martin **Ser e Tempo.**

FONSECA, Afonso A. H. L. **Dialógica da Improvisação. Gestalt Terapia Fenomenológico Existencial.** Maceió, Pedang, .

_____ **Presença e Atualidade.** <http://>

_____ **Dialógica da improvisação. In Gestalt terapia Fenomenológico Existencial.** Maceió, Pedang,.

lao tsé **Tao Te Ching.**

10. GESTALTIFICAÇÃO E PERFEIÇÃO

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo

Toda alegria é um saber quase só espírito quase só infância quase só corpo a levantar-se da liberdade de muitas bocas.

(Paulo Roberto do Carmo, 70, Poeta Gaúcho em Vida Possível. Do livro Códigos da Alegria. Território das Artes). (Publicado na revista Caras. Janeiro 2012).

Todo saber é uma alegria...

Gestaltificação e *perfeição* são intimamente relacionadas. São aspectos do mesmo processamento da ação – que é, própria e especificamente, fenomenológica existencial, e dialógica, compreensiva e implicativa.

A *gestaltificação* é a vivência de um processo de otimização. Na medida em que as dominâncias de forças, de possibilidades, que configuram os seus processos de formação de figura e fundo constituem-se em processos de competições plásticas, e de argumentações lógicas – ontológicas, fenomenológicas, dialógicas – já que, em seus desdobramentos as possibilidades são constituídas como forças plásticas, e como sentido.

GESTALTIFICAÇÃO.

A *gestaltificação* é a intrínseca formatividade compreensiva da ação. Como processos vivenciais de formação de figura e fundo, e de criação formativa das coisas. A partir da vivência da atualização de possibilidades.

Vivencialmente, as possibilidades emergem e se desdobram de um modo contínuo e múltiplo. E se constituem cognitivamente.

Em seus desdobramentos formativos múltiplos, as possibilidades se organizam fenomenológico existencialmente, através da sucessiva configuração, da figuração cognitiva, fenomenológico existencial, das dominâncias resultantes da competição, e argumentação, entre suas forças cognitivas e plásticas. A 3

figuração compreensiva das dominâncias das possibilidades dá-se como processos de formação de totalidades significativas, como processos de formação de figura e fundo, como processos de formação de gestalts.

A AÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, É UMA FEIÇÃO, UM FAZER. PER-FAZER. PERFEIÇÃO.

Enquanto vivência da emergência de forças plásticas, *plastificativas* -- sempre inéditas, e que se constituem cognitivamente, como compreensão --, o desdobramento das possibilidades, o processo fenomenológico existencial da ação, é, própria e especificamente, o processamento de um *fazer*.

E é este processo de fazer que querem dizer a palavra e o conceito de *feição*.

Inicialmente, assim, *feição é um fazer*. E *perfeição é um modo particular de fazer*. No caso específico, o *modo fenomenológico existencial de fazer, através da vivência do desdobramento da ação -- através do desdobramento cognitivo de possibilidades*. Que se constitui como a criatividade da vivência dos processos de formação de figura e fundo, e da vivência da formação das coisas. Naturalmente, estamos aqui radicalmente distantes de uma concepção metafísica de *perfeição*. Ou da *perfeição* como resultante de uma comparação e avaliação do *feito* com um modelo ideal.

A *perfeição*, como modo fenomenológico existencial de fazer da ação, é inteiramente *física*. É vivência *performativa* do processamento fenomenológico existencial da ação. E, *pour cause*, é vivência da criatividade dos processos de formação de figura e fundo, e da criação das coisas, na multiplicidade de suas formas, formações.

O modo *teorético* de sermos não é um fazer. O modo teorético de sermos é uma *reflexão* sobre o feito.

O modo comportamental de sermos não é um fazer. Mas a padronização e a repetição do feito.

Somente a ação é um fazer.

Somente a ação é uma *feição*, um fazer.

Aliás, *perfeição*. *Perfazer performativo*.

A ação é um fazer pelo seu intrínseco caráter formativo. *Performativo, performático, performance*. Pelo seu caráter de modo de sermos da emergência e do desdobramento compreensivo, implicativo, gestaltificativo, de possibilidades. E como modo de sermos dos processos de gestaltificação, de formação de figura e fundo; e de criação das coisas. 4

A vivência da ação é um fazer pela vivência paulatina de seu processamento fenomenológico existencial. Compreensiva e implicativa, gestaltificativa. Na momentaneidade instantânea de seu acontecer -- este é o sentido de *per*. O processo de um *fazer inteiramente não abstrato*. O processamento de um fazer vivenciativo, experimentado como *performance*. Como vivência da emergência e desdobramento compreensivo de possibilidades, no *per curso* de um processo de formação de figura e fundo. Que cabalmente se desdobra, com princípio, meio e fim, fechamento. Desde suas emergências pré-compreensivas, passando pela configuração, como processo compreensivo de formação de figura e fundo; e escoando na constituição da coisa, como instalação.

Em todos os seus momentos, percursos de fluxos vivenciais de corpo e de sentidos, vivência fenomenológica existencial e dialógica. Vivência de todas as suas etapas, como processo de figuração, como processo *estético, poiético, performático, performativo*, de formação de figura e fundo. E como processo *poiético e estético*, performático, de formação, de criação, de coisas. Coisas mentais, ou coisas físicas. Que se instalam como tais.

A vivência do processamento da ação é, própria e especificamente, assim, a experiência estética, a experiência poiética, performática, de um fazer. *Perfazer, perfeição*. Na medida em que é a vivência da emergência e do desdobramento de possibilidades; que se enformam gestaltificativamente, como processos de formação de figura e fundo; e como processos criativos de criação de coisas. A partir da atualização, do desdobramento compreensivo da força de possibilidades, sempre emergentes, múltiplas, e sempre inéditas.

A ação -- meramente cognitiva, e/ou cognitiva e muscular --; a experiência estética, a experiência poiética, assim, são, especificamente, um fazer, um fazimento, uma *feição*. *Perfeição*. Um paulatino fazer fenomenológico existencial e dialógico. Que é, como tal, um fazer experimental, que envolve a vivência de todas as etapas da gestaltificação, enquanto processo improvisativo de formação de figura e fundo; e enquanto processo de formação de coisas, que se instalam enquanto tais.

A ação, experiência estética e poética, é a vivência do percurso de um *fazer* fenomenológico, gestaltificativo. A vivência do percurso de um fazimento, a vivência do *percurso*, do *percorrimto* de uma *feição*, que envolve o desdobramento cabal de possibilidades.

Que se desenrola, e acontece, como desdobramento cognitivo de possibilidades. Cabalmente, desde os seus níveis pré-compreensivos, passando, temporal e ritimicamente, pelo seu processo de formação de figura e fundo; até decair em sua instalação como coisa.

A vivência cabal do *percurso* desta *feição* é, própria e especificamente, o modo de sermos, o modo de fazermos, da *perfeição*.

O modo de sermos, desproposital, o modo de fazermos, da *perfeição*. É o modo de sermos, e de fazermos, da *gestaltificação*.

De modo que o modo de sermos, e de fazermos, da *perfeição* fundamenta-se na dinâmica do modo fenomenológico existencial e dialógico, com-5

preensivo e implicativo, gestaltificativo, estético e poiético de sermos. Modo de sermos das emergências e desdobramentos cognitivos, gestaltificativos, de possibilidades. Sempre múltiplas e inéditas.

No ineditismo emergente e múltiplo de seus desdobramentos, as possibilidades se configuram de modo gestaltificativamente compreensivo. E, gestaltificativamente dão origem e constituem as coisas da coisidade instalativa do mundo. Ou seja, nos seus desdobramentos, as possibilidades tendem a se configurar cabalmente como as totalizações significativas dos processos de formação de figura e fundo, e como totalizações que se constituem como as coisas instalativas.

A AÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, PERFEIÇÃO, É UM PROCESSO DE OTIMIZAÇÃO DE FORMAÇÕES. Do processo de formação de figura e fundo. Do processo de formação criativa das coisas.

Nas emergências e desdobramentos de suas multiplicidades, as possibilidades, se organizam a partir de processos de competição e de argumentação *lógica -- fenomenológica, ontológica, dialógica*. Este processo vivencial de competição e de argumentação compreensivas constitui **dominâncias**.

São essas **dominâncias** que figuram nos processos compreensivos e implicativos de formação de figura e fundo.

De modo que, como expressão cognitiva dos processos de competição e de argumentação que resultam nestas dominâncias, o processo vivencial de figuração gestaltificativa é especificamente um processo de **otimização**. Pró-pria e especificamente, a partir desta competitividade e argumentação características das multiplicidades de possibilidades em desdobramento cognitivo, como processos de formação de figura e fundo, e como processo de formação de coisas instalativas.

O *perfazer*, a *perfeição*, a *gestaltificação*, constituem, assim, um processo de otimização. A partir da atualização da perene originalidade da forma das possibilidades emergentes, e a partir da intrínseca competitividade e argumentatividade das forças plásticas; plastificativas, que elas constituem. Como processos fenomenológicos de formação de figura e fundo. Que, igualmente, se constituem como processos de formação de coisas.

A OTIMIZAÇÃO DA GESTALTIFICAÇÃO DECORRE DA VIVÊNCIA INTENSIVA DA INTENSIONALIDADE DA AÇÃO.

Radicalmente distinto do metafísico e do teórico, o *perfeito* é, assim, o feito desta forma.

Ou seja, o *perfeito* é o *feito* através do modo fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, gestaltificativo, de fazermos. Processo 6

de formação de figura e fundo, e de coisas, da ação, processo gestaltificativo da perfeição.

E, se é belo e bem feito, original, *perfeito*, o é pela vivência plena e in-tensa -- intensivativa, intensidade, intensionalidade --, das características da momentaneidade instantânea deste modo fenomenológico existencial de sermos da ação. Da atualização de possibilidades. Da *perfeição*.

A vivência intensa da momentaneidade instantânea da ação. A vivência intensa da momentaneidade instantânea do modo de sermos do ator, *inspecta-dor*.

Modo de sermos da ação, e do ator, *inspector*, que não é o modo de sermos no qual se constitui o sujeito e o objeto, e a dicotomia entre eles. Modo de sermos da ação e do ator, *inspector*, que não é o modo teórico explica-tivo de sermos do espectador. Que não é o modo de sermos da causalidade. Nem o modo pragmático de sermos dos úteis, dos usos e das utilidades. Nem é o modo de sermos da realidade. Que não é o modo de sermos do aconteci-do. Mas o modo de sermos do acontecer.

Ou seja, a *perfeição* gestaltificativa do *perfeito* – do *feito* ao modo fenomenológico existencial de sermos da *perfeição*, da ação – decorre da entrega ativa, intensivativa, à momentaneidade instantânea do processo de formação de figura e fundo que caracteriza o desdobramento de possibilidades do modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, de sermos da ação; com-preensivo e implicativo, gestaltificativo. Modo de sermos da ação e do ator.

Que não é o modo de sermos no qual vigoram o sujeito e o objeto, e a dicotomização entre eles, característicos do modo acontecido de sermos.

O modo de sermos da ação, da perfeição, não é o modo explicativo e teórico de sermos, do sujeito que contempla um objeto. Não é o modo de sermos do sujeito, mas o modo de sermos do **ator**. Não é o modo de sermos do espectador, mas o modo de sermos do ator, ***inspector***. Não é o modo de sermos da causalidade, das relações de causa e efeito.

É o modo de sermos da ação estética e poética. Inútil e desproposital. Não é o modo de sermos da realidade, uma vez que é o modo de sermos da possibilidade, o modo de sermos do desdobramento do possível. O modo de sermos da ação.

Que não é, por isto, o modo de sermos do acontecido, mas é, própria e especificamente, o modo de sermos do acontecer.

Perfeccionativo.

11. IMPLICAÇÃO, IMPLEXAÇÃO **Fenomenológica da Implicação, da performance,** **e da *perplexidade*. Fenomenológica da ação.** **Da gestaltificação.**

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

Conclusão

A fenomenologia da implicação mostra-nos esta importante dimensão do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos como a organização performática, dinamicamente unificadora -- como processo de formação figura e fundo -- da multiplicidade de possibilidades, cujo desdobramento articulado, sucessivo e formativo, constitui a instantaneidade momentânea do acontecer da ação compreensiva, e implicativa -- fenomenológico existencial e dialógica.

A implicação é, pois, uma qualidade intrínseca da vivência do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos -- modo de sermos compreensivo e implicativo. Como tal, fenomenológico existencial, a implicação é ativa -- é, em essência, desdobramento de possibilidades.

Como o desdobramento de possibilidades -- vivência do desdobramento de forças, que caracteriza a ação compreensiva -- a implicação é *tensional*, sua vivência é *intensional*.

A implicação é compreensiva -- é a constituição como consciência pré-reflexiva do desdobramento de possibilidades.

É hermenêutica, na medida em que é interpretação -- a ação -- fenomenológico existencial, compreensiva. Na medida que é um processo fenomenologicamente formativo, criativo, de formação de figura e fundo. E, no limite, um processo formativo da coisidade e da objetividade da mundaneidade do mundo.

É experimental, a implicação, como vivência intuitiva afirmativa, que se fia, e firma-se, na intuição, e na alegria, do desdobramento afirmativo de possibilidades. É dialógica. Uma vez que a sua vivência se dá como a dinâmica da dialógica de uma relação eu-tu, com a alteridade radical do possível.

O termo *implicação* surge da raiz *plic*, em Grego, que quer dizer *plexo*. A vivência fenomenológico existencial dialógica, compreensiva e implicativa, é *pléxica*, é *implexa*, é *implexação*, é *implicação*.

Isso significa que o processamento compreensivo da ação fenomenológica se dá, a cada um de seus atos, como a vivência de um

conjunto, de uma multiplicidade, de possibilidades. Que oscila, de modo mais ou menos organizado, e critivo, **pléxicamente**, entre a sua dispersão em sua multiplicidade, e a sua unificação gestaltificativa, nas unidades de gestalts, nas unificações de um plexo, na dinâmica ativa e formativa, criativa, de um processo de formação de figura e fundo.

Performance, performática, a vivência fenomenológico existencial e dialógica, como implicação compreensiva do desdobramento de possibilidades, é formativa. Performativa. Performance, da sucessão múltipla da fenomenológica do processo de formação de figura e fundo, do processo fenomenológico da formação de gestalts -- e formativa da objetividade da coisidade instalativa da mundaneidade do mundo --; a partir das unificações gestálticas, sempre, da dinâmica de uma multiplicidade de possibilidades.

Introdução

O importante par de conceitos **implicação - explicação** nomeia, de um ponto de vista ontológico, os dois modos básicos de sermos. O **modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo**; e o **modo explicativo** de sermos -- *teorético e/ou comportamental*.

No modo *explicativo*, vivenciamos a experiência da dicotomização sujeito-objeto. E não vivenciamos a tensionalidade, a intensionalidade, que, pela vivência do desdobramento de possibilidades, vivência da ação, é própria ao modo ontológico de sermos. O modo explicativo de sermos é dicotomia sujeito objeto, e não sendo *ação*, vivência do desdobramento de possibilidades, não é um modo de vivência tensional; não é, assim, intensional. Não é ação, não é vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades.

No modo *explicativo* de sermos não vivenciamos a experiência pré-reflexiva, ou seja, a constituição como *compreensão* do desdobramento das possibilidades; que se dá no modo ontológico, fenomenológico existencial, e dialógico de sermos. No modo explicativo de sermos não vivenciamos a *compreensão*.

O modo *ontológico* de sermos se dá como vivência do desdobramento de possibilidades, como ação, como atualização, com atualidade e presença. É, assim, tensional, *intensional*. E não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto, mas dialógico; desdobrando-se, na pontualidade da vivência de sua

momentaneidade instantânea, como dinâmica da dialógica eu-tu do desdobramento da ação, da atualização, do desdobramento de possibilidades.

A vivência compreensiva, no modo ontológico de sermos, tem a fundamental característica de se dar como *implicação*, de ser *implicativa*.

E isto quer dizer que, a cada momento da vivência de sua momentaneidade instantânea, o modo ontológico de sermos é vivência gestáltica, vivência de gestalts, gestaltificação. Mais especificamente, vivência de *plexos* de possibilidades, de conjuntos organizados de possibilidades, articuladas em desdobramentos compreensíveis, como processo de formação de figura e fundo. *Plexos* de possibilidades nos quais a ação resultante se organiza, como articulação das dominâncias da força de cada uma das possibilidades, na dominância do conjunto da multiplicidade do plexo. Que, compreensivamente, se organiza como a performance, como a performance compreensiva da sucessão de um processo de formação de figura e fundo.

Este caráter *pléxico* da ação, característico do desdobramento de possibilidades do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, é o que a ele confere a intrínseca característica de *implexão*, de *implicação*. Que o constitui como o modo *implicativo* de sermos.

E o distingue do modo *explicativo* de sermos. Que é *ex-plicativo* por não ser *implicativo*.

Aqui tentamos comentar alguns aspectos da vivência implicativa característica do modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico, e gestáltico, de sermos.

A IMPLICAÇÃO É, EM SI, A AÇÃO, A VIVÊNCIA ONTOLÓGICA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA.

A *implicação* é uma qualidade intrínseca da vivência ontológica, fenomenológica existencial dialógica.

Refere-se ao aspecto de que, a vivência fenomenológica -- enquanto desdobramento compreensivo da ação, na pontualidade momentânea de sua instantaneidade -- é sempre a vivência compreensiva do desdobramento articulado de uma multiplicidade de possibilidades. Vivência compreensiva esta que se configura formativamente, performativamente, e de um modo unificado, como um processo de totalizações significativas, como um processo de formação de figura e fundo, processo de formação de gestalts.

Esta articulação -- que, na momentaneidade instantânea da vivência fenomenológico existencial dialógica, organiza a dinâmica do desdobramento

da multiplicidade das possibilidades em totalidades significativas, que constituem a performático do processo de formação de figura e fundo, no que chamamos de ação compreensiva, *gestaltificação* -- constitui assim como **plexos**, como uma sucessão de **plexos**, como uma sucessão de gestalts, a vivência fenomenológica, momentaneamente instantânea, do desdobramento de possibilidades, do desdobramento compreensivo da ação.

A vivência dos **plexos** da momentaneidade instantânea de cada desdobramento de possibilidades, em ação compreensiva, atualização -- enquanto processo performático de formação de figura e fundo -- é o que entendemos como **implicação** -- *implexão*.

IMPLICAÇÃO, IMPLEXÃO

A experiência, e experimentação, ontológicas, fenomenológico existencias e dialógicas -- a vivência, cognitivamente compreensiva -- é, assim, *implicativa*.

Porque é vivência do desdobramento compreensivo de possibilidades. É vivências do desdobramento da ação, cognitivamente compreensivas, vivências da atualização. A implicação é ação, é atualização.

O caráter *implicativo* da vivência ontológica, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, deriva da condição de que a vivência de possibilidades, que é característica do modo ontológico de sermos, é sempre a vivência da momentaneidade do **desdobramento integrado** de uma **multiplicidade simultânea** de possibilidades.

Podemos dizer que as possibilidades se dão -- na vivência cognitiva de seu processo compreensivo -- como o desdobramento do movimento de *feixes* de possibilidades.

Nos quais cada possibilidade, em si, é constituída também por múltiplas outras possibilidades. As possibilidades, em seus desdobramentos, assim, se dão como **plexos**, como conjuntos organizados de possibilidades em desdobramento. A rigor, as possibilidades de um plexo de possibilidades são infinitas, ativas, figurativas.

A vivência compreensiva, ontológica, fenomenológico existencial, dos desdobramentos do plexo de possibilidades, a ação, é a **implicação**.

Poderíamos ilustrar a vivência da implicação com os movimentos de um grande cardume. Neste movimento, cada peixe é uma unidade. E se articula, e articula o seu movimento, no movimento perene do conjunto.

A cada momento da vivência do desdobramento da ação, a cada vivência do desdobramento compreensivo, a cada momento pré-reflexivamente cognitivo do desdobramento das possibilidades, as possibilidades são sempre

mútiplas. E cada possibilidade articula o movimento compreensivo de seu desdobramento com o movimento do conjunto, com o movimento do *plexo*. As possibilidades, os plexos de possibilidade, estão sempre em desdobramento, são sempre movimentantes. A sua movimentação, a **implicação** é, portanto, **perplexa, perplexificação, perplexidade**. O prefixo **per** indica a movimentação, que necessariamente parte de um ponto e se desdobra até outro. Como um pulso, a possibilidade, os plexos de possibilidades, na implicação, se desdobram, como forças, da pré-compreensão, passando pelo seu desdobramento compreensivo, no sentido da sua exaustão, na condição da coisa instalativa.

Esta articulação pléxica dos desdobramentos das possibilidades, dos desdobramentos da ação, se dá na medida em que cada possibilidade organiza a sua dominância com a dominância do conjunto do movimento do plexo. Num processo em que, cognitiva e compreensivamente, o seu desdobramento, a sua atualização, pode levá-la a constituir-se, momentaneamente, como *figura*, contra o *fundo* de seu conjunto de possibilidades. Na ação compreensiva de processos de formação de figura e fundo. De formação de gestalts.

Num processamento sucessivo, em que ela fulgura como figura, configura, na duração de seu tempo, e volta ao seu fundo. E, sucessivamente, novas possibilidades figuram, fluindo indefinidamente, e na proporção direta da força plástica, poiética, de cada uma delas.

Estes conjuntos articulados das possibilidades, cognitivamente vividos como compreensão, como gestalts, como fenômenos, nas organizações de seus desdobramentos, são, no sentido cognitivo compreensivo, assim, o que os Gregos chamaram de **Plexos – Plic**.

De modo que, a momentaneidade instantânea da vivência dos plexos ativos de possibilidades, em seus desdobramentos, que se dão no modo ontológico de sermos, compreensivo e implicativo, fenomenológico existencial e dialógico, é o que se chama de **ImPLICação**.

A **vivência ontológica compreensiva**, assim, a vivência fenomenológico existencial e dialógica, a vivência da ação, da atualização, enquanto vivência do desdobramento de possibilidades é **implicativa**. Porque, intrinsecamente, é sempre ação, na sua momentaneidade instantânea, a vivência dos desdobramentos de *plexos de possibilidades*. Que se constituem como a vivência do desdobramento de gestalts, a vivência do desdobramento de totalidades significativas. Num processo performático de formação de figura e fundo.

De modo que a vivência de possibilidades, a vivência do desdobramento de possibilidades, a vivência da ação, a vivência da interpretação fenomenológico existencial, sempre se dá, portanto, como a vivência do desdobramento gestáltico de um *plexo*, de uma multiplicidade conjunta e organizada, de possibilidades. Gestalticamente organizadas, sempre, segundo

as suas dominâncias. Nas dinâmicas da sucessão que é vivida, compreensivamente, como um processo *formático*, *performático*, de formação de figura e fundo; de formação, de performance, de performance, gestálticas.

Até que, na sua momentaneidade instantânea, a dinâmica da vivência do desdobramento do plexo de possibilidades, desdobrada, se instale como coisa... Instale-se como *instalação*...

Plic é, então, a palavra Grega para **plexo**.

Plic, **plexo**, termo que está, por exemplo, em **comPLEXO**, que está em **perPLEXO**. E que está em **múltiPLO**, em **multiPLICidade**; em **PLural**, em **Pluralidade**, em **imPLÍCito**, em **exPLÍCito**, em **exPLICação**, em **aPLICação**, em **imPLICação**, em **comPLICação**...

IMPLICAÇÃO E INTENSIONALIDADE

Como o modo de organização da vivência da dinâmica fenomenológico existencial da ação -- que é dialógica, compreensiva, e implicativa, como desdobramento de possibilidades, portanto --, a implicação, na duração de sua momentaneidade instantânea, é, igualmente, *tensa*, é *intensa*, é *tensional*, é *intensional*.

A implicação é a vivência do próprio modo ontológico de sermos, compreensivo, fenomenológico existencial, e dialógico, hermenêutico e experimental. E possui, assim as suas características. A implicação é o modo hermenêutico de sermos da ação, da afirmação, da atualização de possibilidades, da criação – que, como desdobramento de possibilidades, é intensional, na duração de sua momentaneidade instantânea.

A implicação, o modo ontológico de sermos, não é, naturalmente, o modo de sermos explicativo. No qual se dá a dicotomia sujeito-objeto, a objetividade, e a subjetividade. A implicação *não* é o modo de sermos da causalidade, do mecanicismo fatalista das relações de causa e efeito. Não é o modo pragmático de sermos dos úteis e das utilidades. A vivência do modo ontológico de sermos, a vivência da ação, da implicação, não é o modo de sermos da realidade. Porque não é modo, *extensional*, de sermos do acontecido; mas o modo intensional de sermos do acontecer.

Na sua característica de acontecer, de desdobramento de possibilidades, de modo compreensivo de sermos da ação, a implicação é intensional. Não é *extensional*, como o modo de sermos do acontecido, como o modo de sermos da explicação – teórico e/ou comportamental. Explicativos, acontecido, o modo teórico e o modo comportamental de sermos não têm a intensionalidade do desdobramento de possibilidades da ação compreensiva, do acontecer; não são tensionais, não são intensionais.

A IMPLICAÇÃO, CONSCIÊNCIA PRÉ-REFLEXIVA, É COMPREENSIVA, É COMPREENSÃO. É FENOMENAÇÃO. É FENOMENAL.

O termo *implicação* designa, assim, a vivência da momentaneidade instantânea do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos. Que é o desdobramento fenomenologicamente **compreensivo** da ação. O modo de sermos fenomenológico existencial e dialógico, **compreensivo** e... *implicativo*.

Modo de sermos que se contrapõe aos modos *explicativos* de sermos -- o modo de sermos *teorético*, e o modo *comportamental*. Modos não ontológicos, não compreensivos, não fenomenológicos, nem existenciais de sermos. Modos especificamente *não implicativos* de sermos; e, por isto, *explicativos*.

O que caracteriza o *modo ontológico*, e *implicativo* de sermos é que durante toda a duração de cada um de seus momentos -- sempre episódicos e recorrentes -- ele é vivência fenomenal, é vivencial; ou seja, é consciência pré-reflexiva e pré-conceitual, de possibilidades, é vivência do desdobramento de possibilidades. A vivência da ação, própria e especificamente, a vivência pontual e momentânea do acontecer, da movimentação do devir. Toda a vivência da duração momentânea do modo ontológico de sermos é ação, é atualização, e é compreensão. É interpretação **compreensiva**, fenomenológico existencial. Em seus desdobramentos implicativos, as possibilidades se constituem como consciência fenomenológica, como consciência pré-reflexiva, como **compreensão**.

Equanto tal, a vivência implicativa do desdobramento da ação, a cada momento do fluxo de sua momentaneidade instantânea, se constitui cognitivamente. Conscientemente, *cientificamente*, como consciência pré-reflexiva. Constitui-se, assim, é *preendida*, *apreendida*, *compreendida*, como **compreensão**, como **fenômeno**, como consciência fenomenológico existencial, dialógica, *compreensiva* e implicativa.

No seu desdobramento, na sua performance, cada plexo de possibilidades dá-se assim *compreensão*, como o modo de sermos *compreensão*, como consciência pré-reflexiva, ontológica, fenomenológico existencial e dialógica. Ao se organizarem em suas dominâncias, nos seus plexos, nas suas gestalts, as possibilidades em desdobramento são *preendidas*, se constituem como *compreensão*. Como fenômeno, como fenomenais, a vivência pré-reflexiva e intensional de totalidades significativas, nas sucessões de seus processos performáticos de formação de figura e fundo.

ESTÉTICA E IMPLICAÇÃO. A experiência estética é implicativa. A implicação, a compreensão, a ação, o fenomenal, são a experiência estética

A experiência estética é a experiência propriamente ontológica. É vivência, pré reflexiva, vivência fenomenológico existencial dialógica, compreensiva, é gestáltica, e **implicativa**. Como toda a experiência e experimentação fenomenológicas, a experiência estética é experimentação e interpretação fenomenológico existenciais, é compreensão, e é ação. Ela é a vivência ativa e compreensiva do desdobramento de *plexos* de possibilidades, – *implexão, implicação*.

Em sua efetividade afirmativa, o modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo e implicativo, é assim um *ethos*, uma ética. A *estética*. E a *poiética*.

Do ponto de vista de seu caráter ativa e afirmamente cognitivo, compreensivo, é *ética da estesia*, a *estética*, especificamente. Do ponto de vista de suas forças, de suas **possibilidades**, e do desdobramento destas, e consequente criatividade, é **poiese**, é a **poiética**.

De modo que coincide, portanto, a concepção de *estética*, e de *poiética*, e o modo ontológico de sermos. Fenomenológico existencial dialógico, compreensivo e implicativo. O modo ontológico de sermos é estético, é poiético, é estética. E poiética.

O termo *estética* remete ao caráter impulsionativo, ativo, da experiência do modo ontológico de sermos, da experiência e da experimentação fenomenológico existenciais – intrinsecamente movimentação, como atualização de possibilidades. Experiência ontológica, a experiência estética, toda ela, é ação, na pontualidade de sua instantaneidade momentânea. Ou seja, é toda ela vivência de possibilidades, mais especificamente, vivência do desdobramento de possibilidades – vivência de ação, atualização.

Modo de sermos da ação, da vivência do desdobramento de possibilidades, o modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos é todo ele, assim, movimento, é todo ele *moção* – na pontualidade ativa da momentaneidade instantânea de sua duração.

É, todo ele, portanto, *e-moção*, e *motiv-ação*.

Em função do *não fato* de ser, todo ele, o modo de sermos do desdobramento de possibilidades, todo ele o modo de sermos da ação, da atualização, da interpretação, e experimentação, fenomenológico existenciais.

Este caráter de movimentação, de impulsionamento, que constitui a vivência da ação, a vivência do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos, fez com que os Gregos utilizassem o termo **estesia** para denominá-lo.

O termo **estesia** vem do nome, **estésico**, de um vento, de uma *moção*, que sopra na Grécia, durante uma época do ano. E que impulsiona as velas dos navios, movimentando-os para fazerem-se ao mar. À experiência pré-

reflexiva, fenomenológico existencial, do modo de sermos que é a movimentação do desdobramento, cognitivamente compreensivo, de possibilidades – que é moção, movimentação, emoção, motivação -- a experiência e experimentação do modo de sermos da ação, da atualização, da atualidade, os Gregos chamaram de **estesia**.]

O modo fenomenológico existencial ativo de sermos, criativa e compreensivamente sensível, é o modo de sermos de uma **estética** – de uma *ética da estesia*. Analogamente à designação do vento *estésico* que, moção, ativa as velas dos navios.

É interessante observar que este modo de sermos corresponde ao modo de sermos que recebe a designação Grega, e não a designação Latina, de *pathos* – o modo de sermos, emocionado, emotivo, da *sensibilidade emocionada*... Conhecido como *empatia*. *Path-ética*. *Peri-path-ética*...

Como vivência do desdobramento, empírico e experimental, de possibilidades, como vivência da ação, cognitivamente compreensiva. A vivência compreensiva da experiência estética é, assim, ação compreensiva, e implicativa.

A ação, a atualização, a atualidade, a implicação, é o fundamento último do modo ontológico, e estético, de sermos. É um ethos, é uma ética. A estética – mesmo quando ação meramente compreensiva.

Este modo de sermos, ontológico, fenomenológico existencial compreensivo, é criativo, enquanto vivência compreensiva de possibilidades, do desdobramento de possibilidades. Esta intrínseca criatividade do modo ontológico, estético, de sermos, o constitui e caracteriza como *poiética*. A ética da possibilidade, a ética do possível, da força do possível, e da atualização de possibilidades – e de criação, como vivência compreensiva, e como criação da coisidade instalativa da mundaneidade do mundo.

Coincidem, portanto, o modo de sermos da experiência e da experimentação estéticas, e o modo de sermos, ontológico, da experiência fenomenológico existencial compreensiva da implicação. Coincidem o modo de sermos da experiência estética e o modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos. O termo *implicação* é mais ricamente descritivo da característica articulação compreensiva de multiplicidade e unidade da experiência e experimentação ontológica fenomenológico existencial dialógica.

Assim:

1. Modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, experimental e hermenêutico, a implicação e a gestaltificação, o processo gestáltico de formação de figura e fundo são, na sua coincidência, o modo de sermos dá a experiência estética;
2. A experiência estética -- a implicação, a compreensão, o processo gestáltico de formação de figura e fundo -- é como pontualmente vivenciamos o mundo de um modo *ativo*, e enquanto mundo *ativo*, no

fluxo da instantaneidade momentânea de figuração *trágica* de sua multiplicidade;

3. A experiência estética é *poiética*, no sentido de que cada possibilidade, e cada um dos seus agenciamentos coletivos, implicações, gestalts, são forças, possibilidades, e organização de forças, de possibilidades, em desdobramento.
4. Em seu desdobramento, as possibilidades que se dão cognitivamente, compreensivamente, vão perdendo em força, e se constituindo como coisas, criações, instalações, do mundo coisificado.
A partir das quais, com a sua infusão por possibilidades, numa reedição do modo estético de sermos, a vivência ativa pode se reconstituir.

IMPLICAÇÃO E GESTALTIFICAÇÃO

Na vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades, assim, na vivência da ação compreensiva e implicativa, as possibilidades se dão sempre em uma multiplicidade, em um plexo de possibilidade. O seu caráter *pléxico*, o seu caráter de plexo de possibilidades, o seu caráter de *implicação*, indica que, na vivência desta sua multiplicidade em desdobramento, as possibilidades se organizam gestalticamente, implicativamente, segundo a dominância de suas forças plásticas. Como um processo cognitivamente compreensivo, formático, performático, de formação de figura e fundo.

A vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades, a ação, a atualização, dão-se sempre assim como articulação integrada do desdobramento de uma multiplicidade simultânea de possibilidades. Cognitivamente, como totalizações significativas compreensivas. Que fluem, na sua dinâmica compreensiva, como as sequências de processos de formações de figura e fundo. Como as sequências, e as conseqüências, dos processos de formação de *Gestalts*.

O mesmíssimo processo, ativamente cognitivo, *da implicação*, portanto, é o processo *da vivência Gestáltica*. *A implicação é gestáltica; a gestaltificação é implicativa*. Talvez pudéssemos até dizer que *implicação* é a palavra Grega para *gestaltificação*; e *gestaltificação* é a palavra Germânica para a Grega *Implicação*...

Implicação e *Gestaltificação* designam o modo como se organiza o desdobramento da consciência fenomenológica pré-reflexiva e compreensiva; a consciência da ação, da atualização, no modo de sermos fenomenológico

existencial e dialógico, intensivo, intensional, compreensivo e implicativo. *Implicação e Gestaltificação* têm assim a ver com as características da organização da experiência compreensiva como o aspecto cognitivo da *vivência* ativa da ação pelo ator. *Vivência* ativa da ação pelo ator que, fenomenológico existencial e dialógica, é, sempre, a vivência ativa de uma multiplicidade infinita de possibilidades, que se organizam figurativamente, configurativamente, como *plexos*, nas sequências das dinâmicas de suas dominâncias, como o processo de formação de figura e fundo.

Neste sentido, a vivência compreensiva, fenomenológico existencial e dialógica, da ação, a *Gestaltificação*, a *implicação*:

1. São, eminentemente, da ordem da consciência pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomenológico existencial, compreensiva e dialógica: ontológica;
2. São vivência de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades. São eminentemente ativas, portanto, ação, atualização. Constituem-se pré-reflexivamente como logos fenomênico, como *fenomeno logos*, como *dia logos*, como compreensão.
3. A *gestaltificação* e a *implicação* são eminentemente múltiplas, a vivência articulada de uma multiplicidade de forças: de uma multiplicidade de *possibilidades*;
4. Multiplicidade esta na qual cada possibilidade tende a organizar a força de sua dominância na dinâmica fluída da dominância do conjunto de forças das possibilidades do *plexo*;
5. É o fluxo dessas dominâncias que se constitui, cognitivamente, como *compreensão*, e como *implicação*; e que se constitui cognitivamente, compreensivamente, como o processo de formação de figura e fundo.
6. Na vivência da implicação, na vivência do processo de formação de figura e fundo da *gestaltificação*, vivenciamos compreensivamente a organização dos *plexos* de possibilidades, como totalidades significativas. Que aparecem antes como totalidades significativas, como *gestalts* do *plexo* de possibilidades em desdobramento. E só em seguida pode se dar a figuração das possibilidades partes, numa sucessão de processo de formação de figura e fundo.

IMPLICAÇÃO. O TODO QUE APARECE ANTES COMO TODO, E QUE SÓ DEPOIS AS PARTES FIGURAM PERFORMATIVAMENTE

A vivência implicativa, a vivência gestáltica, tem características peculiares. Dentre elas a de que ela se dá como uma totalidade significativa. Composta, portanto, pela latência de uma multiplicidade de partes. Mas a sua totalidade significativa, aparece antes, como todo. E só a seguir é que as partes podem figurar paulatinamente.

Se eu penso, por exemplo, em *Aquarela* – a música que o Toquinho canta --, a gestalt de *Aquarela* me aparece em totalidade. Com suas partes versos implícitas e latentes. E só então, de sua implicitude e latência, é que podem as partes versos figurar paulatinamente.

Assim é, por exemplo, na percepção de uma pessoa, na percepção de uma dimensão do Ambiente, no paroxismo da experiência esportiva.

Nossa vivência se constitui a partir da vivência de uma multiplicidade de possibilidades. Mas ela se constitui como totalidades significativas, nas quais estão necessária e intrinsecamente latentes e implícitas uma multiplicidade de partes. Que, a seguir, figuram, configuram, paulatinamente...

IMPLICAÇÃO E HERMENÊUTICA. Interpretação Fenomenológica Existencial Compreensiva

No conjunto de seus desdobramentos, a ação implicativa, *implexativa*, é a interpretação fenomenológica. E, assim, é a hermenêutica fenomenológica – que é a *arte da interpretação*.

Interpretação *compreensiva*, no caso, e *implicativa*.

E não *explicativa*. *Teorética*.

O caráter hermenêutico da interpretação fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, decorre de que ela é interpretação da vivência **do possível**. Interpretação que é *tradução* da vivência do desdobramento da força plástica das possibilidades, desde a sua insurgência pré-compreensiva e pré-ativa, passando por seu processo performático de formação de figura e fundo, até a sua constituição na condição de coisa instalativa.

A multiplicidade de possibilidades, que se articula em plexos de possibilidades, se constitui como o fluxo de unificações sucessivas, totalidades significativas, e transitórias, do processo formático, performático, de formação de figura e fundo. Performance, performance, na qual o desdobramento da força das possibilidades se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, no processo de formação de figura e fundo da compreensão.

E que culmina desaguando na constituição criativa da coisa instalativa, em sua objetividade explicativa. Quando as possibilidades exaurem as suas forças no desdobramento implicativo de sua atualização.

Neste percurso, performance, da perplexidade da ação, da atualização, da interpretação fenomenológico existencial dialógica, compreensiva e implicativa (Nietzsche diria que *a ação é um mistério.*), as possibilidades, enquanto forças, emergem pré-compreensivamente. E se constituem compreensivamente, à medida de seus desdobramentos. *Inter ação*, elas se constituem sempre como as dinâmicas de uma dialógica eu tu, que caracteriza não só a *inter ação*, mas caracteriza a *inter pret ação*, a partir dos níveis *pret ativos* da emergência pré-compreensiva da força das possibilidades.

Formativa, performativa, performática formativa (1) do processo implicativo de formação de figura e fundo; e (2) performática formativa da coisificação instalativa -- performática performativa da coisa em sua *entidade* --, a ação compreensiva, a ação implicativa é, desta forma, hermenêutica, portanto. Por que, a partir da força pré-compreensiva, e pré-ativa, da possibilidade, o processo de seu desdobramento se constitui formativamente como processo de formação de figuras e fundo, de formação de plexos, *gestalts*; e, no limite, na formação de *coisas inéditas*, de objetos, nas condições de sua coisidade instalativa.

IMPLICAÇÃO E INTUIÇÃO. PERIGAÇÃO, EMPIRISMO, E EXPERIMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAIS

A vivência afirmativa da emergência pré-compreensiva das possibilidades constitui-se como o desdobramento da intuição de uma disposição estética. Disposição intuitivamente afirmativa, que, intuitivamente, afirma a afirmação em que a possibilidade se constitui em suas forças, já a este seu nível pré-compreensivo.

Neste nível pré-compreensivo, e em seu nível compreensivo, e implicativo, é intuitiva a vivência do desdobramento das possibilidades. Ou seja, pré-reflexiva, pré-teórica e pré-explicativa.

O que significa, na afirmação, fiar-se na estética da intuição pré-reflexiva, e mesmo pré-compreensiva, das possibilidades, em seus desdobramentos implicativos.

Pré-teórica, esta intuição estética da afirmação do desdobramento implicativo das possibilidades é, própria e especificamente, **empírica**. Justamentepor se dar, e se desdobrar, e concluir, num modo não teórico de sermos.

Como tal, igualmente, a vivência intuitiva desta afirmação constitui o caráter própria e especificamente **experimental** da vivência da ação compreensiva e implicativa; fenomenológico existencial e dialógica. A *experimentação* especificamente fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa.

Essencialmente diversa da experimentação cientificamente explicativa.

O radical **peri**, do verbo Grego *perire*, que está em **empÍRico** e em **exPERImental** – assim como está em *PERlgo*, em *insPIRação*, *resPIRação*, *PIRata*, *PIRação* – tem o sentido de **arriscar**, de **tentar**. Que no caso do **empirismo** e da **experimentação** fenomenológico existenciais dialógicos significa a afirmação intuitiva do desdobramento performático do plexo de possibilidades emergentes, ainda na vivência intuitiva de sua momentaneidade pré-compreensiva, quase que *pré-ativa*.

O empirismo e a experimentação fenomenológico existenciais e dialógicos, compreensivos e implicativos, se fundam, assim, na afirmação intuitiva do desdobramento (pré-reflexivo) das possibilidades. Desde, e em particular, no momento em que este se dá, de modo meramente intuitivo, a nível pré-compreensivo. Ou quando, implicativamente, as possibilidades se desdobram compreensivamente. E culminam na sua instalação explicativa como coisa.

PRÉ-REFLEXIVA, EMPÍRICA, IMPROVISATIVA, HERMENÊUTICA, E EXPERIMENTAL, A AÇÃO, COMPREENSIVA E IMPLICATIVA, É PERPLEXA, É PERPLEXIDADE. E não, simplesmente, Complexa, Complexidade.

A cada momento da vivência de sua instantaneidade momentânea, a vivência do plexo de possibilidades, a vivência gestáltica, a implicação, é ação compreensiva. Na medida em que, em específico -- na dramática de sua performática --, ela se constitui compreensivamente como desdobramento de possibilidades.

Este caráter ativo da vivência da implicação é bastante radical e definidor. Acompanhado do aspecto de que a vivência da implicação, caracteristicamente, se dá no modo dialógico de sermos. Ou seja, se dá no âmbito da dinâmica de uma dialógica eu-tu. E não no âmbito do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto.

Em decorrência deste seu caráter dialógico e compreensivamente ativo, de desdobramento de possibilidades, a momentaneidade instantânea da vivência compreensiva da implicação é a vivência **improvisativa** de um **percurso**. Que se dá como o desdobramento da ação compreensiva.

Percurso improvisativo do desdobramento de possibilidades, que vai da vivência intuitiva da força emergente da possibilidade-- no vigor da sua

emergência pré-compreensiva --, passando pelo seu desdobramento ativo e compreensivo, decaimento, e instalação -- como coisa per-formada, e instalativa.

Este **percurso** improvisativo do desdobramento compreensivo do plexo de possibilidades, que é a ação, a implicação, é **perplexo**. É a característica de **perplexidade** da vivência da **implicação**, da vivência gestáltica, da vivência ontológica fenomenológico existencial e dialógica, que é a vivência da ação em seu caráter improvisativo, e em sua constituição compreensiva implicativa.

Ou seja, a vivência do desdobramento ativo do plexo de possibilidades, como ação, dá-se como um pulso; que tem começo, meio, e fim. Ou seja, abertura e fechamento – na emergência pré-compreensiva da força das possibilidades, no seu desdobramento compreensivo, e em sua instalação explicativa como coisa instalativa, a seguir.

Este caráter improvisativo do desdobramento compreensivo da atividade, da ação, em sua momentaneidade instantânea e sucessiva, articula-se compreensivamente em unificações fluentes, sucessivas, e cambiantes, *gestálticas – totalidades significativas*. Na vivência momentaneamente instantânea da improvisação performática da performance de figura e fundo que constitui a ação, a vivência ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa. Na vivência de seu desdobramento improvisativo, as possibilidades sucessivamente figuram, contra o fundo de seu conjunto; ao qual retornam sucessivamente, depois de seu desdobramento. À medida que novas possibilidades emergem figurativamente como vivência compreensiva e implicativa.

O plexo de possibilidades, e a sua sucessiva figuração performativa, compreensiva e implicativa, de figura e fundo, dão-se, assim, pontual e empiricamente, na pontualidade da *impro-vis-ação* da instantaneidade momentânea de seu desdobramento compreensivo. A força das possibilidades, que se manifesta a nível pré-compreensivo, está investida na perplexidade, no movimento, da ação, perplexidade da atualização, de constituição dos plexos, à medida de seus desdobramentos.

Em sua atividade originária, as possibilidades já se dão a nível pré-compreensivo. E se explicitam compreensivamente, de um modo intuitivamente improvisativo, à medida que se constituem como plexo em desdobramento ativo, implicativo.

De modo que não há uma *pré-visão* dos elementos constituintes do plexo, e do seu conjunto (que, na verdade, são quantitativamente infinitos). Os elementos constituintes do plexo em desdobramento das possibilidades só se dão, só se constituem e configuram, ativamente, na *im-pro-vis-ação* da implicação de seu gestáltico desdobramento compreensivo. Antes do percurso improvisativo compreensivo e implicativo do desdobramento da ação, os elementos constituintes do plexo de possibilidades são especificamente **pré-compreensivos**. **E só se dão à percepção da compreensão implicativa, no**

próprio desdobramento da ação. Ou, passada esta, como coisa instalativa. Explicativamente já.

De modo que não há uma constituição explicativa de um plexo teórico, que permitiria a pré-visão do plexo em sua complexidade.

O plexo em sua complexidade explicativa objetiva -- imprevisível, e produto da improvisação --, já não é mais ação, já não é mais compreensão e implicação, não é mais a duração da momentaneidade instantânea, compreensiva e implicativa, da vivência fenomenológica pré-compreensiva da compreensão, e da implicação

O que se constitui objetiva, teórica, e explicativamente, é coisa instalativa, que decorre do próprio desdobramento imprevisível e improvisativo da implicação.

De modo que duas alternativas se apresentam à emergência pré-compreensiva da força das possibilidades em sua implicação compreensiva:

(a). A de **afirmação** e atualização da afirmação que já é o desdobramento compreensivo e implicativo das possibilidades, na constituição da performática da performance de figura e fundo, que é a ação. E que, nos seus limites, é a criação formativa da coisa instalativa, ao longo de seu desdobramento;

ou

(b). A negação das possibilidades, a negação da afirmação da movimentação da perplexidade do plexo, e de suas possibilidades constituintes. Pela retirada do investimento, da insistência, no ontológico modo de sermos de afirmação da afirmação implicativa das possibilidades em seus plexos. E passagem para a experiência do modo teórico e explicativo, pela experiência teórica e explicativa da constituição de um plexo, complexo e complexidade, teóricos e explicativos.

A ação implicativa, característica do modo ontológico de sermos, compreensivo, fenomenológico existencial e dialógico, é, pois, própria e especificamente, **perplexa, perplexidade**.

E não, teórica e explicativamente, complexa, complexidade.

O complexo e a complexidade, assim, se constituem explicativamente, em seguida, posteriormente, ao improvisativo desdobramento, implicativamente compreensivo, da perplexidade, da implicação, da ação.

IMPLICAÇÃO. A MOMENTANEIDADE INSTANTÂNEA DA VIVÊNCIA QUALITATIVA, GESTÁLTICA, IMPLICATIVA, DO

MÚLTIPLO INFINITAMENTE QUANTITATIVO. PLEXO, GESTALT: O TODO, QUE NÃO É MAIOR OU MENOR, MAS DIFERENTE DA SOMA DAS PARTES.

Na pontualidade da instantaneidade momentânea, vivemos, sempre, a multiplicidade infinita.

Multiplicidade da vivência de possibilidades instantanea e momentaneamente articulada, como a unificação de totalidades significativas, como a vivência de plexos, de boas gestaltificações, nos nossos melhores momentos. Que geram e regeneram, esteticamente, a poética compreensiva de criação de sentido – como processos de formação de figura e fundo --, e de criação das coisas, dos objetos, na dimensão da objetividade. Da multiplicidade infinita, de forças, de possibilidades, a consciência compreensiva, e implicativa, se constitui como o processo formativo qualitativo de constituição de sentido, de constituição de *logos, fenomeno logos, dia logos*.

Este é o modo de sermos da implicação. O modo como vivenciamos qualitativamente os sentidos do *todo que é diferente da soma de suas partes*.

Mesmo que não possamos nos dar conta nunca da particularidade de todas as partes.

Desta forma, todavia, vivenciamos compreensiva e implicativamente, ativamente, as totalidades qualitativas de sentido, em sua integridade enquanto tais, como potências, como possibilidades, e como ação, compreensiva e implicativa, como atualização. Como processos de formação de figura e fundo, como processos de formação de gestalts. Experimental, criativa, e hermenêuticamente.

Poderíamos dizer que o modo da explicação, é **o método de Jack o estripador**. Ou seja: **Vamos por partes...**

É o método que interrompe a atividade do desdobramento das possibilidades, paralizando-as instantaneamente, como se fizesse uma tomada fotográfica instantânea – ou como se constituísse uma peça morta de estudo anatômico. E seguisse obsessiva e parcialmente, a consígnia metodológica de *Jack: Vamos por partes...*

Toma as partes, enquanto tais, das totalidades significativas, reificando-as, e tratando-as em si, em sua particularidade abstrata, dissociada da integridade e da multiplicidade pléxica de seu devir.

Para tomarmos as partes isoladas em suas particularidades atomizadas, como partes em si, inertes e isoladas, precisamos estar fora do modo ontológico de sermos. Modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo -- no qual tudo se dá como o desdobramento de plexos de possibilidades, como ação compreensiva e

implicativa, na perplexidade de seus devires, como gestalts, como processos de formação de figura e fundo. Como possibilidades implicativamente vividas, na dialógica, como a outridade radical de um tu.

Para tomarmos as partes em si, em suas particularidades individuais, precisamos estar fora do modo e do método, da ética, da implicação; e estarmos no modo e no método, na ética da explicação...

Para tomarmos as partes isoladamente como partes, precisamos ser no modo explicativo de sermos. E isso significa que, para tomarmos as partes em suas particularidades, dissociadas dos plexos de suas pertinências ontologicamente originárias, precisamos estar fora do modo de sermos do *acontecer*. Precisamos estar no modo de sermos do *acontecido*. Em que não vigoram mais as possibilidades em seus desdobramentos implicativos, mas o modo no qual se dá o objeto, a coisa em sua instalatividade.

Então, por exemplo – para ficarmos em três pequenos exemplos...

Ao percebermos efetivamente uma pessoa só podemos apreendê-la, compreendê-la, no processo do seu acontecer, que posso dialógica, compreensiva e implicativamente compartilhar. Na implicação da dialógica, a pessoa não me é dada em nenhuma parcialidade, e em nenhuma objetividade, mas como uma totalidade significativa, em seu movimento de acontecer, como uma totalidade que é diferente da soma de suas partes. Como a dinâmica da dramática de um processo de formação de figura e fundo. Como figuração, como fulguração, como configuração.

Sair da vivência da compreensão implicativa, da vivência ontológica, na relação com a pessoa é perder a momentaneidade instantânea de seu acontecer, e do seu acontecer como sentido, reduzindo-a à explicação, e à condição de coisa instalada. Só nesta condição é podemos parcializá-la, e apreendê-la em suas partes. E não como *o todo que é diferente da soma das partes*. E como uma totalidade íntegra, no devir de seu inédito acontecer. Na sua outridade, e alteridade radical, e originária.

Num outro exemplo, podemos pensar a percepção do Ambiente em sua viva e multi biodiversidade. O Ambiente em sua viva e multi biodiversidade pode ser apreendido, ontologicamente, na dramática de sua integridade dinâmica, compreendido, em cada um de seus aspectos, como ação, como experimentação e interpretação – como hermenêutica fenomenológico existencial --, ao modo de sermos da compreensão implicativa, como um processo de formação de figura e fundo.

Ou pode ser experienciado a partir do método de *Jack. Por partes*.

Vivo, íntegro, o Ambiente ontológico, no devir de sua multi biodiversidade, ou com relação a qualquer um de seus aspectos, só nos é dado à compreensão implicativa, no modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos, compreensivo e implicativo, como um processo performático,

hermenêutico e experimental, de formação de figura e fundo. Ao modo de sermos do seu/nosso acontecer.

Fora do modo implicativo de sermos, o Ambiente já não é vivo, já não é íntegro. Já não está no modo implicativo de sermos do acontecer, mas no modo de sermos do acontecido. No qual ele pode ser dissecado como um cadáver, na ausência de qualquer interação efetiva, e dialógica ontológica.

E, como exemplo, ainda, podemos pensar a integridade processante e implicativa do paroxismo da experiência esportiva.

Eminentemente ativa e implicativa, a vivência do paroxismo da experiência esportiva só se dá como vivência compreensiva e implicativa da integridade múltipla e implicativa de seu acontecer, no modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, dialógico, compreensivo, e implicativo. A vivência do paroxismo da experiência esportiva não é técnica, não é comportamental, não é teórica, não é explicativa... A vivência da experiência esportiva em seu paroxismo é, própria e especificamente, eminentemente, estética, poética; e, portanto, própria e especificamente, ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, compreensiva, e implicativa.

Não sendo assim, estamos na explicação. Seja ela teórica ou comportamental. Fora da vivência efetivamente ontológica, intuitiva, compreensiva e implicativa, na qual própria e especificamente se constitui o paroxismo da experiência esportiva.

Conclusão

A fenomenologia da implicação mostra-nos esta importante dimensão do modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos como a organização performática, dinamicamente unificadora -- como processo de formação figura e fundo -- da multiplicidade de possibilidades, cujo desdobramento articulado, sucessivo e formativo, constitui a instantaneidade momentânea do acontecer da ação compreensiva, e implicativa -- fenomenológico existencial e dialógica.

A implicação é, pois, uma qualidade intrínseca da vivência do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos -- modo de sermos compreensivo e implicativo. Como tal, fenomenológico existencial, a implicação é ativa -- é, em essência, desdobramento de possibilidades.

Como o desdobramento de possibilidades -- vivência do desdobramento de forças, que caracteriza a ação compreensiva -- a implicação é *tensional*, sua vivência é *intensional*.

A implicação é compreensiva -- é a constituição como consciência pré-reflexiva do desdobramento de possibilidades.

É hermenêutica, na medida em que é interpretação -- a ação -- fenomenológico existencial, compreensiva. Na medida que é um processo

fenomenologicamente formativo, criativo, de formação de figura e fundo. E, no limite, um processo formativo da coisidade e da objetividade da mundaneidade do mundo.

É experimental, a implicação, como vivência intuitiva afirmativa, que se fia, e firma-se, na intuição, e na alegria, do desdobramento afirmativo de possibilidades. É dialógica. Uma vez que a sua vivência se dá como a dinâmica da dialógica de uma relação eu-tu, com a alteridade radical do possível.

O termo *implicação* surge da raiz *plic*, em Grego, que quer dizer *plexo*. A vivência fenomenológico existencial dialógica, compreensiva e implicativa, é *pléxica*, é *implexa*, é *implexação*, é *implicação*.

Isso significa que o processamento compreensivo da ação fenomenológica se dá, a cada um de seus atos, como a vivência de um conjunto, de uma **multiplicidade**, de possibilidades. Que oscila, de modo mais ou menos organizado, e critivo, **pléxicamente**, entre a sua dispersão em sua multiplicidade, e a sua unificação gestaltificativa, nas unidades de gestalts, nas unificações de um plexo, na dinâmica ativa e formativa, criativa, de um processo de formação de figura e fundo.

Performance, *performática*, a vivência fenomenológico existencial e dialógica, como implicação compreensiva do desdobramento de possibilidades, é formativa. Performativa. Performance, da sucessão múltipla da fenomenológica do processo de formação de figura e fundo, do processo fenomenológico da formação de gestalts -- e formativa da objetividade da coisidade instalativa da mundaneidade do mundo --; a partir das unificações gestálticas, sempre, da dinâmica de uma multiplicidade de possibilidades.

Introdução

O importante par de conceitos **implicação - explicação** nomeia, de um ponto de vista ontológico, os dois modos básicos de sermos. O **modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo**; e o **modo explicativo** de sermos -- *teorético* e/ou *comportamental*.

No modo *explicativo*, vivenciamos a experiência da dicotomização sujeito-objeto. E não vivenciamos a tensionalidade, a intensionalidade, que, pela vivência do desdobramento de possibilidades, vivência da ação, é própria ao modo ontológico de sermos. O modo explicativo de sermos é dicotomia sujeito objeto, e não sendo *ação*, vivência do desdobramento de possibilidades, não é um modo de vivência tensional; não é, assim, intensional. Não é ação,

não é vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades.

No modo *explicativo* de sermos não vivenciamos a experiência pré-reflexiva, ou seja, a constituição como *compreensão* do desdobramento das possibilidades; que se dá no modo ontológico, fenomenológico existencial, e dialógico de sermos. No modo explicativo de sermos não vivenciamos a *compreensão*.

O modo *ontológico* de sermos se dá como vivência do desdobramento de possibilidades, como ação, como atualização, com atualidade e presença. É, assim, tensional, *intensional*. E não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto, mas dialógico; desdobrando-se, na pontualidade da vivência de sua momentaneidade instantânea, como dinâmica da dialógica eu-tu do desdobramento da ação, da atualização, do desdobramento de possibilidades.

A vivência compreensiva, no modo ontológico de sermos, tem a fundamental característica de se dar como *implicação*, de ser *implicativa*.

E isto quer dizer que, a cada momento da vivência de sua momentaneidade instantânea, o modo ontológico de sermos é vivência gestáltica, vivência de gestalts, gestaltificação. Mais especificamente, vivência de *plexos* de possibilidades, de conjuntos organizados de possibilidades, articuladas em desdobramentos compreensíveis, como processo de formação de figura e fundo. *Plexos* de possibilidades nos quais a ação resultante se organiza, como articulação das dominâncias da força de cada uma das possibilidades, na dominância do conjunto da multiplicidade do plexo. Que, compreensivamente, se organiza como a performance, como a performance compreensiva da sucessão de um processo de formação de figura e fundo.

Este caráter *pléxico* da ação, característico do desdobramento de possibilidades do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, é o que a ele confere a intrínseca característica de *implexão*, de *implicação*. Que o constitui como o modo *implicativo* de sermos.

E o distingue do modo *explicativo* de sermos. Que é *ex-plicativo* por não ser *implicativo*.

Aqui tentamos comentar alguns aspectos da vivência implicativa característica do modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico, e gestáltico, de sermos.

BIBLIOGRAFIA .

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

12. INIMPUTABILIDADES DA AÇÃO E DO SENTIDO, FENOMENAÇÃO, FENOMENOLOGIA. 1.

Afonso H L da Fonseca, psicólogo.

A ação e o sentido -- *fenomenação, fenomenológica* -- são intrínseca e inerentemente inimputáveis.

Não contáveis, não computáveis, incomputáveis, inimputáveis (de *put-: purificação*), por isso.

Já que são, intrínseca e inerentemente, fenomenológico insistentes, compreensivos, implicativos, gestaltificativos. Em suas características necessárias de atualidade e de presença. Própria e especificamente, no modo ontológico, fenomenológico insistentia de sermos.

E isto, em específico, quer dizer: que são, a ação e o sentido, a vivência do desdobramento concomitante e simultâneo de proliferativas multiplicidades de forças formativas, criativas; de multiplicidades de possibilidades...

Que -- preservada, na duração de sua vivência, esta sua característica, de essencialmente múltiplas, e proliferativas -- organizam-se e arquetam-se na *vivência de totalidades significativas, diferentes da soma de suas partes*, pela específica **apuração** promíscua na multiplicidade de intensidades de suas competições e argumentações. Em sua vivência ontológica -- fenomenológico insistentia e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa --, as possibilidades, em sua multiplicidade, própria e especificamente, competem e argumentam entre si.

Na intrínseca e inerente preservação da promiscuidade de suas multiplicidades, e proliferação, na vivência da apuração implicativa, compreensiva, gestaltificativa, das intensidades de suas competições e argumentações, de sua ética e de sua fenomenológica fenomenativa, reside o caráter da inimputabilidade, incomputabilidade, incontabilidade, da constituição e do desdobramento da ação, e do sentido.

Assim, a fenomenológica compreensiva e implicativa, gestaltificativa, da ação -- e de sua concomitante vivência de sentido -- tem como condição a vivência da duração dos desdobramentos múltiplos e apurativos, apurativos, da promiscuidade das competições e das argumentações entre multiplicidades de possibilidades, proliferantes, no âmbito dos plexos da implicação.

Num processo que, ao invés de *purificativo*, é, própria e especificamente, um processo um processo *a-purificativo*, de *a-puria*, (aporia?), de *apuração* (*a-pur-ação, a-put-ação, não purificação*) do sentido e da ação, da multiplicidade de suas possibilidades, competições e argumentações. Constituem-se, assim, a ação e o sentido, da vivência apurativa, apurativa, da promiscuidade de multiplicidades de possibilidades, que compreensiva e implicativamente arquetam-se na vivência fenomenológica, fenomenativa, de formações gestaltificativas de figurações e fundações.

A vivência da fenomenológica, fenomenativa, da ação, e de sentido, depende da preservação da integridade do processamento da multiplicidade de

possibilidades da implicação, e das competições e argumentações entre elas nos plexos fenomenológicos da vivência da implicação...

Estas competições e argumentações ordenam e hierarquizam as possibilidades, segundo suas forças plásticas, segundo a criatividade, formativa, de suas forças, em dominâncias de *logos* – dominâncias de sentido --, e de curso de ação. A integridade dos processos das competições e argumentações compreensivas, no plexo de possibilidades, depende da manutenção e da proliferação de sua multiplicidade, na constituição de seus plexos, a compreensão, a implicação, gestaltificativas. Ontológicas, fenomenológicas, e dialógicas.

De modo que, é a vivência das competições e das argumentações, múltiplas e proliferativas das possibilidades que se constitui e arquiteta como a fenomenológica do sentido, e da ação, na pontualidade da vivência de seus desdobramentos. Nas competições e argumentações, na vivência do desdobramento dos plexos de possibilidades, na constituição de sua fenomenológica e de sua fenomenação gestaltificativas, as possibilidades, múltiplas e proliferantes, não se excluem entre si, mas arquitetam-se em dominâncias -- constitutivas estas dos processos compreensivos de formação de figura e fundo, de gestaltificação, de implicação, da ação e de seus sentidos.

A fenomenação, fenomenológica, depende da vivência da proliferante multiplicidade de possibilidades, das competições e argumentações entre elas, dos plexos, a **implicação**, na duração da vivência dos desdobramentos fenomenológicos, da fenomenologia, da ação.

A específica vivência da multiplicidade proliferativa das possibilidades, em seus plexos, é intrinsecamente competitiva e argumentativa. Implicativa, gestaltificativa, a vivência da multiplicidade proliferativa, competitiva e argumentativa, de possibilidades é, assim, especificamente constituinte da compreensão, constituinte da ação e da vivência de sentido. É deste modo, inerente e intrínseca, é necessária, ao processamento de sua constituição como fenomenação, e como fenomenológica.

Num processo que, em específico, se constitui em suas qualidades como a vivência fenomenológica da integridade da proliferação, de competição, e de argumentação entre as possibilidades, e de constituição de suas dominâncias... Um processo específico de apuração e de progressiva apuração da ação, e do sentido.

Processo polarmente oposto aos processos *purificativos*, *putativos*, que conduzem aos resultados conceituais e matemáticos...

Estes, sim, purificados, putados, imputados e imputáveis...

O digital não é um progresso em relação ao analógico.

O digital apenas indica e representa o modo acontecido de sermos, o modo coisa, o modo passado, de sermos.

Sua constituição dá-se especificamente pela purificação, pela putação, imputação, computação, da multiplicidade implicativa proliferante, cuja vivência é constituinte do modo pré-ente, presente, o modo, ontológico, pré-coisa, de sermos.

Só assim se constitui o conceito, o número, o contável, o putável, o computável.

A vivência, lógica, fenomenológica, ontológica, dialógica, vivência da temporalidade própria da constituição da ação e do sentido, não comporta purificação, sem perda significativa de suas qualidades. A-pur-ação, apuração, apuria é a característica distintiva de constituição da ação e do sentido. Apuração pela competição e argumentação entre as possibilidades, na vivência da temporalidade própria, da perplexidade, do plexo da implicação.

Efetivamente, o desdobramento da vivência da ação, e do sentido -- fenomenativos, fenomenológicos, implicativos, gestaltificativos -- não só são *inimputáveis, impurificáveis*, como em específico decorrem e se constituem em específico da apuria e da apuração. Da vivência íntegra das abrangentes competições e argumentações, *lógicas, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas*, da proliferante multiplicidade inerente a seus plexos de possibilidades.

Num processamento, que não tolera, efetivamente avêso, à *putação, à putrificação, à purificação*. (*Put- :sem mistura*).

De um modo simples, a fenomenação, em sua fenomenologia, nutre-se da multiplicidade e da mistura, da misturação.

A vivência da fenomenológica ontológica de cada ato, a fenomenológica fenomenativa da ação, e do sentido, inimputável, se constitui na vivência de ampla e irrecorrível promiscuidade. Promiscuidade da proliferante multiplicidade implicativa e auto-organizativa de seus plexos de possibilidades. Possibilidades que continuamente constituem, na competição e na argumentação, as dominâncias da *compreensão* da vivência dos processos gestaltificativos de formação de figura e fundo.

E é, assim, em primeiro lugar, estética e poiética -- como uma decorrência própria das próprias características fenomenológicas de sua vivência...

Resultando qualquer redução de sua multiplicidade na perda, no dano, de suas intrínsecas qualidades como processo de apuração, como processo apuriativo. Própria e especificamente inimputável.

Os resultados conceituais, e matemáticos, especificamente, não.

Estes, ao contrário, intrínseca e especificamente são, própria e especificamente, *imputáveis, putáveis... Computáveis...* Porque, própria e especificamente, são *putados*, purificados, imputados.

Não diríamos muito se os disséssemos *putativos* – além do mais.

Porque só pela *putação*, pela *purificação*, constituem-se o conceito e o número.

Pela específica purificação da promiscuidade intrínseca à proliferante multiplicidade inerente à vivência do plexo de possibilidades, pela purificação da *promiscuidade* intrínseca e inerente à vivência da implicação. Multiplicidade eminentemente formativa, criativa, gestaltificativa, na apuração. Multiplicidade que arquiteta-se intuitivamente nas constituições da fenomenológicas da compreensão, e da ação, do sentido. E que constitui a superação, sempre, do acontecido, da instalação coisificativa que se constituiu como fato. Que constitui a emoção, a cognição, a motivação, e a regeneração.

No conceito e no número conceitual a multiplicidade é natural e obstinadamente reduzida, e eliminada. Até que só reste *a casca vazia de uma metáfora que outrora inervava a intuição* (E. Fink).

É importante compreendermos que o conceito é especificamente uma decepção...

Uma decepção, porque não dizê-lo...

O Dicionário Houaiss traz uma definição para decepção: *1. ...extrair ou cindir (parte de um todo) por golpe de objeto cortante; cortar, amputar, mutilar (...).*

Em essência o conceito é uma decepção. E, porque não dizê-lo, uma decepção...

Este sentido de *conceituação* é, entretanto, secundário. Em particular, em sua forma de obstinação e de transtorno. Depois que entram a conceituar o teórico e o filósofo, o moralista.

Mormente como *precipitação* e o *preceito*.

Mas, à revelia deles, a redução, a purificação, a *putação* da multiplicidade da vivência da implicação, é natural, inevitável; e necessária – no sentido de que dá-se inevitavelmente, necessariamente..

Sempre, à medida em que transitamos do modo de sermos do acontecer para o modo de sermos do acontecido, naturalmente fenecem as forças das possibilidades, e elas, as possibilidades, fenecem e se coisificam. Instalam-se, reduzindo a sua multiplicidade, e a proliferação de sua multiplicidade...

O tempo ontológico da vivência se esvai, na momentaneidade instantânea da duração da ação e da vivência de sentido. E deságua na constituição do tempo ôntico e crônificado da coisa. Na realização da coisa.

A temporalidade da realização da coisa não é o tempo de sua realidade (*Realization is actualization, but actuality isn't reality...*).

Esta questão do tempo é, assim, crucial.

Porquanto que é uma a temporalidade própria, ontológica, a da vivência compreensiva da implicação, da duração da ação e do sentido, da fenomenológica da fenomenação.

E é outro o tempo, *cronos*, *ôntico*, da teórica da conceituação. Do número e da digitalização. Da contação, da putação, purificação, imputação, computação.

Mas, muito importante é compreender a transição, da temporalidade compreensiva da implicação fenomenativa, e lógica – ontológica, fenomenológica, dialógica –, para a cronicidade explicativa do conceito, e do número conceitual.

Ontologicamente, a transição entre a temporalidade pré-conceitual da implicação, e a cronicidade conceitual explicativa, já se constitui durante a própria a temporalidade da implicação.

In**sist**encial, a duração da implicação especificamente é sístole.

Composta esta, como toda sístole, por diástole e sístole.

Tensão ex-pressiva, a sístole naturalmente decresce em sua potência e tensão... Até o seu momentos não tensional, **extensão** – **existensia** --, **assistolia**.

A **tensão**, in**tensão**, **intencionalidade**, é pré-conceitual.

A **extensão** o espaço e o tempo, *cronos*, é conceitual.

Extensão, **existensia**, este é o momento crônico do conceito, do conceitual, como coisa, e do número. Coisas nas quais subsistem, instaladas, as possibilidades. Na condição de instalação coisificativa.

Da vigência **intencional**, **perplexa**, do desdobramento implicativo, gestaltificativo, até a sua instalação como coisa, transita a momentaneidade instantânea da temporalidade fenomenológica da fenomenação. A constituição e o desdobramento do sentido, e da ação. Cujas perplexa multiplicidade implicativa se reduz, e decai em suas forças, à medida em que se desdobra, e unifica-se progressivamente, extensivamente, existencialmente, na unidade instalativa do conceito, como coisa, como eixo predominante coisificado, e desnaturado. Resultante da formatividade coisificativa da temporalidade sistólica, insistencial, da implicação.

De modo, assim, que a instalação coisificativa, e a progressiva redução da multiplicidade pléxica, perpléxica, da implicação, é inerente à momentaneidade instantânea da vivência fenomenológica, fenomenativa. De sua ontológica.

Sem os aspectos negativos, e aterrorizantes, mas só aproveitando a analogia, poderíamos dizer que é como uma *gangrena seca*, como uma lepra, que vai reduzindo a vitalidade do vivencial – não até a morte efetiva, mas até a instalação coisificativa, o acontecido. A coisa instalada da possibilidade. A unificação e apolínea, clareza conceitual. Coisa instalada, acontecido.

Ou, ainda metaforicamente falando, como o molde em plástico de uma árvore vascular. Por mais rica que seja, drasticamente reduzida da multiplicidade pléxica da vivência efetiva, e da vitalidade múltipla, de sua implicação.

Assim, o decaimento e a redução da multiplicidade inerentes à vivência implicativa, preconceitual, da ação, fenomenológica, fenomenação -- na unificação, e empobrecimento, da experiência do conceito --, naturalmente faz parte da própria ontológica implicativa da vivência pré-conceitual.

Temos aí, então, o conceito, o objeto – e o sujeito --, em sua mais pura e fresca acepção (*Oooooopsssss...*). Especificamente constituídos pelo pleno desdobramento temporal, e pré-conceitual, pré-reflexivo, da ação, da fenomenação, em sua fenomenológica.

A precipitação, a preceituação, e a obstinação conceituantes são já um tipo de disfunção, um tipo de transtorno.

Similar à *necrofilia*.

É cortar obsessivamente do conceito aquilo que, em particular no seu decaimento, a insistência perplexa da ação -- da fenomenação, fenomenológica, pré-reflexiva, e pré-conceitual -- não constituiu na instalação coisificativa... No sentido de uma hiper puria conceitual.

Quando se constituem o conceito, e o número como conceito, já são explicativos, ex-tensionais, ex-istensiais, des-providos, desbastados das proliferantes multiplicidades implicativas de sua vivência fenomenológica e fenomenativa, pré-conceituais. O equilíbrio na conceituação advém da recepção, da baceitação, da afirmação, da admiração, da vivência implicativa.

Em específico, o dígito, o número, representam na verdade, conceitualmente, abstratamente, abstrativamente, um intervalo. Neste intervalo representado interpõe-se especificamente o infinito.

Abstraído do infinito interposto no intervalo, o dígito é conceitualmente purificado do infinito interposto no intervalo. Purificado, putificado, Imputado. Computado. Contável. E computável.

Só então ele pode seguir a pragmática de seu caminho na ex-plicação.

Mas só à custa de deixar a ontológica da vivência fenomenológica, fenomenativa, da implicação. Somente à custa de deixar a fenomenológica fenomenativa do modo de sermos do acontecer, da ação, e do sentido. E de dar-se sempre como acontecido computável, computativo, putável, imputável, *putativo*.

Preconceituais, implicativamente fenomenativos, e fenomenológicos, o sentido e a ação concomitante só se constituem na promiscuidade da pléxica, perpléxica, formatividade multiplicativa, proliferativa, da implicação. Fenomenação, fenomenológica.

Promíscua, a vivência da constituição do sentido, e da ação, na implicação de sua intrínseca e inerente multiplicidade perpléxica, fenomenológica, fenomenativa, é própria e especificamente ***in im putável***.

Não é purificável, não é putável, não é contável, não é computável.

Ao contável, computável, portanto, o que é putável, contável, computável.

A constituição do sentido, e da ação, fenomenação, fenomenológica, é inerentemente, intrinsecamente, própria, e especificamente, inimputável.

E *putaria*, em específico, é querer imputar o que em absoluto é inimputável.

Vão pr(o)á puto(a) que os putiu!...

Vão pr(o)á puto(a) que os putiu!!! (Claro que isso não é com você).

13. O PRÉ DIALÓGICO

A disposição estética como pressuposto pré-dialógico

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.

A *estética* é o *modo de sermos* do dialógico, a ética do modo eu-tu de sermos. É -- a estética, a *ética da estesia* -- a ética, e a metodológica, do dialógico. É a ética da vivência do possível, e do seu desdobramento, no processamento do que chamamos de *ação*; a ética do potente, e do devir.

Alternamos entre o modo não dialógico (eu-isso), e o modo dialógico de sermos. Igualmente o faz a *disposição estética*. No modo eu-isso de sermos, modo não dialógico de sermos, a disposição estética se configura como o elemento especificamente *pré dialógico* - - que antecede e viabiliza a momentaneidade e a duração do modo eu-tu, dialógico, de sermos. Evidentemente latente, no momento não dialógico, eu-isso. Já que nesse modo de sermos não somos estéticos, mas teoréticos, reflexivos, e comportamentais. Neste modo eu-isso de sermos, possibilitando a diluição da coisidade, que lhe é característica, e a diluição do padrão do tempo coisificado do decurso de coisas, a disposição estética, ativada, leva-nos ao fluxo em direção ao modo dialógico, eu-tu, de sermos. Neste, propriamente, a disposição estética propriamente exerce a sua arte, iluminando a fonte da potência do possível que somos, e, surfando as ondas do eterno retorno de seus movimentos. Da largueza à minúcia destes, e desta a aqueles. Até que, esvaídos do modo potente de sermos, retornamos, incontornavelmente, à coisificação. À latência pré-dialógica -- a pré condição estética do dialógico. E a mais ou menos desimpedida gestação deste.

A compreensão, as concepções e esclarecimentos acerca do modo *não dialógico* - eu-isso --, e do modo *dialógico* - eu-tu --, de sermos é uma fantástica contribuição qualitativa de Martin Buber (cf. BUBER, Martin EU E TU, São Paulo, Moraes, 1983; e DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO, São Paulo, Perspectiva, 1985) à cultura e produção cultural humanas.

Ambos os modos de sermos são ontológicos, no sentido da Ontologia, característicos e definidores do ser humano. E têm cada um, e a alternância entre eles, qualidades ontológicas caracteristicamente definidoras.

A objetividade, e a subjetividade, a causalidade, e a utilidade, os fins e os meios, como características mais gerais do modo de sermos eu-isso, *não dialógico*.

E a não objetividade, e não subjetividade, o dar-se aquém da dicotomia sujeito-objeto; a ausência de causalidade, o modo de sermos fora da ordem do útil e da utilidade; o modo de sermos produtivo, poético, o modo de sermos do possível, da potência, da atualização de possibilidades; o modo ontológico de sermos, modo de sermos de *vivência de sentido*, estésico, estético; modo de sermos do devir, e da superação, que são característicos deste modo eu-tu de sermos; modo *dialógico* e, ontológico.

A alternância entre esses modos de sermos é, conforme Buber, característica do humano.

O modo eu-tu de sermos, dialógico, é vivência momentânea -- o *infinito enquanto dura*. E, nele, não podemos permanecer, ainda que seja o modo ontológico, produtivo e poético de sermos. No qual, a partir da vivência da potência de possibilidades do Ser -- na temporalidade da ação, interpretação, hermenêutica, devenir à ventura, que desdobra possibilidades do Ser --, nos superamos, no limite das finitudes das aporias de nossa existência; criamos-nos e nos re-criamos, a partir da vivência das potências dos possíveis nos quais nos constituímos. Humanizamos-nos e nos universalizamos.

É o modo de sermos, como devir, como vida à ventura da potência do possível, em que nos direcionamos ao que ainda não se concretizou em fato. Modo de sermos que não é da ordem do factual, que não é da ordem da *factualidade*, da *fatalidade* de sermos, modo de sermos que não é da ordem, portanto, do realizado: da realidade.

A partir das potências dos possíveis, seus momentos são pulsativos; e na duração do desfrute de sua vivência, perdem em força, e inexorável e ontologicamente decaem na coisidade do eu-isso, do factual, da *fatalidade*, e de seu decurso de fatos, acontecidos; decurso de coisas.

As aporias da existência, o desespero; ou a afirmatividade das forças das meras potências dos possíveis -- que rompem a *crosta* da fatalidade do modo eu-isso de sermos, que rompem a *crosta* da coisidade, e da inércia do movimento inerte de seu decurso de fatos, decurso de coisas --, as aporias da existência, o desespero, abrem-nos, sempre mais uma vez, e sempre, ao eterno retorno ontológico, do âmbito da geração do possível, do âmbito da geração da possibilidade, da potência e do sentido, da formação e da forma, *performance*, em sua *performance*. Abrem-nos, ao dialógico, à *ventura*, e à alegria de superação, promovidas pela potência formativa do possível, do poético, do eu-tu, do dialógico.

Potência que é já afirmativa, que é difusamente pré-compreensiva, no seu turbilhão inequívoco, e difuso, de potência; que é, e devém, incerta, em seu momento de gênese, arriscada, e que de nós exige a *nossa afirmação*, *afirmação da afirmação* que ela é. Que nos exige a identificação com ela com que ela se configura performativamente.

Que, no esgotamento de sua pulsatividade, no seu decaimento, mais uma vez conduzirá ao factual e fatal domínio do eu-isso, da realidade, e de seu tempo de coisa.

Nada de errado com a distensão dos tempos decorridos do eu-isso – o próprio Buber esclarece. O modo de sermos eu-isso faz parte da ontológica do que somos, junto à alternância com o modo de sermos eu-tu.

A fragilização desta alternância é que nos reduz à fatalidade, ao acontecido, ao mero decurso das coisas, em detrimento de nosso retorno à temporalidade potente, criativa e poética do eu-tu, que nos permite a ação e a superação.

O modo eu-tu de sermos, dialógico, tem assim características muito peculiares.

É *ontológico*, nos dois sentidos, um não fenomenológico, e o outro fenomenológico, que a palavra comporta: ou seja,

(1) Ao nível da classificação da Ontologia, como modo de sermos que caracteriza a distinção e a particularidade dos seres que somos enquanto humanos; e;

(2) Como modo de sermos que se caracteriza como vivência -- compreensão, implicação, e não explicação --, poética, potente; como vivência do sentido, *logos, onto-logos*. Que se desdobra como ação, interpretação, como hermenêutica compreensiva, e fenomenológico existencial.

Como observamos, o modo eu-tu, dialógico, é um modo de sermos no qual não vigora a objetividade, nem a subjetividade. Caracteristicamente -- pura intencionalidade -- é um modo de sermos em que sujeito e objeto se imbricam e implicam tão necessariamente, e anteriormente a qualquer possibilidade de dissociação. Um modo de sermos em que não faz sentido o sujeito em si, ou/e o objeto em si.

Na momentaneidade do modo dialógico de sermos, eu-tu, estamos para alguém do modo eu-isso de sermos, no qual vigora caracteristicamente a dicotomia sujeito-objeto. O modo de sermos eu-tu é a momentaneidade de um modo de sermos caracteristicamente impregnado de nossa implicação com uma alteridade, o tu. Mas tudo que o tu *não* é objeto...

Assim, no modo dialógico de sermos, somos relação eu-tu, mas não estamos, e não somos, no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto; dicotomização esta, característica do modo eu-isso de sermos.

O dado de que todo o modo de sermos do eu-tu é, propriamente, *ação* (Buber), interpretação fenomenológico existencial, compreensiva, oriunda na vivência e desdobramento de possibilidades que são características deste modo ontológico de sermos, confere a ele algumas características próprias.

Ele, este modo ontológico de sermos – apesar de, nele, não sermos da ordem do útil e da utilidade --, é o modo de sermos poético; ou seja, o modo de sermos produtivos, criativos, a partir da atualização, da ação, ou seja, do desdobramento, da potência das possibilidades que lhe são inerentes. Os desdobramentos dessas possibilidades detonam-se no limite, na aporia, na finitude, e têm, assim, o alto valor existencial de se performarem como formas de superação. Mas, formas de superação que se configuram despropositadamente, esteticamente, na vivência de sua performance.

(Não há devir no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, eu-isso. O sujeito não é o agente, o agente não é o sujeito; o agente é o próprio pró-jeito, pro-jeito. Nunca sub-

jeto, ele é o próprio 'jeto', o próprio jato, projeto, 'projato'. O 'jato, do pró-jato, projeto, é a projeção em ação, interpretação fenomenológico existencial, da possibilidades que inerem e impregnam o modo eu-tu, dialógico, de sermos, que é anterior ao modo de sermos, eu-isso, em que vigoram a objetividade, e a subjetividade. E, igualmente, as relação propositais de causa e efeito, a utilidade, e, especificamente, a própria realidade).

O *despropósito* é, assim, uma característica inerente, condição de possibilidade da ontologia do modo dialógico, eu-tu, de sermos. Todos os úteis e todas as utilidades são criados desta forma em sua originalidade e qualidades úteis. Mas o despropósito permanece como característica fundamental do modo de sermos de sua criação. Ou seja, a direcionalidade do movimento é a partir da força da ignota e pré-compreendida, compreensível, da possibilidade em seu de dobramento. Que é, necessariamente, superativa, mas que não pode ser simplesmente usada, ao modo de ser de um objeto, até porque estamos fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto...

Assim, as possibilidades que, na sua vivência e desdobramento, se atualizam em úteis e utilidades, na duração do modo de sermos eu-tu, têm o irremediável valor da originalidade, e da força, da criação, e da superação; mas se constituem despropositadamente, na duração modo dialógico, eu-tu, de sermos. E a vivência de seu processamento não é da ordem da utilidade, nem matéria prima de utilização -- mas de *desfrute*.

E temos aí a questão fundamental, entre o desfrute e o uso, como caracteristicamente respectivos ao modo de sermos eu-tu, e eu-isso.

Isto faz com que o modo de sermos eu-tu, o modo de sermos da dialógica, não seja o modo de sermos de uma *prática*, não seja pragmático, mas poiético. Já que a prática se define pela utilidade, e pela funcionalidade, pela ação funcional. O modo de sermos da dialógica, modo eu-tu de sermos, é todo ele da ordem da ação, da ordem da produtividade, da ordem da poiese, da ordem criação; mas ação, produtividade, poiese e criação eminente e caracteristicamente despropositais e disfuncionativas em sua vivência.

E os momentos do modo de sermos eu-tu são... dialógicos. São *dia*-ação, *inter*-ação, *inter*-pret-ação, *inter*, *dia*. Ou seja, constituem, e constiuem-se em sua particularidade como um *âmbito* – de sentido -- *de ser*, *de devir*; uma esfera vivencial e de brotamento de sentido, como brotamento de possibilidade.

Um *âmbito* que se caracteriza por nos envolver, e simultaneamente nos implicar -- numa relação produtiva e de superação -- com um desconhecido, com uma diferença, com uma alteridade radical – com um outro, um *tu* (tu este que pode se constituir na esfera da relação com a natureza não humana, na esfera da relação inter humana, e na esfera da relação com o sagrado. Seja na relação com "outros", seja na relação "conosco mesmo", como se isso fosse possível... Buber notifica, assim, que o dialógico ocorre na esfera de nosso ser com a natureza não humana, de nosso ser ao nível da relação com outros seres humanos, e de nosso ser na relação com o sagrado.). Na pontualidade vivencial que a ele, o alteritário, o tu, nos remete e implica; e que o remete para nós e conosco o implica. De um modo reciprocamente provocativo, e que nos configura numa performance compartilhada de produção de sentido, e de ação.

No âmbito que se constitui como dialógica somos com o outro um acesso ao poço do possível, e performamos, atualizamos, enquanto tais, as possibilidades que o âmbito de nossa interação faculta.

São essas algumas das características próprias do modo de sermos eu-tu, sem a intenção, naturalmente, de sermos exaustivos.

Temos, assim, o modo de sermos eu-isso, o modo de sermos eu-tu, a cíclica alternância entre ambos.

É interessante entendermos que esta alternância não se dá de um modo mecânico, automático. Na alternância saudável entre os modos de sermos do eu-isso e do eu-tu – modos não dialógico e dialógico de sermos –, anuímos, aquiescemos em uma ética, em um modo de sermos. Uma ética e modo de sermos, que, basicamente, nos tornam permeáveis a, e que nos faculta e facilita a estesia – ou seja, uma estética – uma ética da estesia, uma ética da vivência.

Isto porque o dialógico, o modo eu-tu de sermos, é eminentemente estésico, e só esteticamente se dá, e é possível.

O modo eu-tu: o modo dialógico de sermos, não é reflexivo, não é teórico, nem é comportamental. Ele é o modo fenomenológico e existencial de sermos. Que é pré-reflexivo, que é pré-comportamental, e que envolve a vivência do corpo, do vivido, e dos sentidos, numa estesia, no modo estésico de sermos -- que se dá eminente e propriamente como, e que, eminente e propriamente demanda, uma estética: uma ética da estesia, como ética da dialógica, como ética da ação, e como ética do devir.

A dimensão do modo de sermos eu-isso não é estética, não é vivência, nem arte, não é estésica. Mas a disposição estética, latente no modo de sermos eu-isso, pode sempre se atualizar, permitindo, possibilitando e potencializando a alternância entre o modo eu-isso e o modo eu-tu de sermos.

Neste modo eu-isso de sermos podemos ser permeáveis, ou não, à estética, a ética da estesia. Podemos ser mais ou menos permeáveis à regularidade cíclica dos apelos para os mergulhos e às imersões estéticos. Mergulhos e imersões na estesia, na vivência pré-reflexiva, pré conceitual, fenomenológica, existencial, potentes, possíveis, e possibilitativos, nos quais se constitui a momentaneidade do dialógico, do modo de sermos eu-tu.

A regularidade da experimentação constitui a perícia, a ética, que envolve a familiaridade com arte pré-reflexiva, fenomenológica e existencial da dialógica; ao mesmo tempo em generaliza-se e se homogeneiza, permitindo ao eu-isso uma permeabilidade, e uma transitoriedade, uma alternatividade com modo estético de sermos, com o modo dialógico de sermos, modo eu-tu de sermos.

De forma que o que permite a alternância e a superação da impermeabilização entre o eu-isso e o eu-tu; entre o não dialógico e o dialógico, é, basicamente, uma ética. Ou seja, a est-ética, estética, a ética da estesia. Que é especificamente, nesse caso, uma pré-dialógica.

Que, das cristalizações do eu-isso, do não dialógico, permite a anuência e o mergulho, e a imersão, na relação com a alteridade; a anuência e a imersão no vivencial da alteridade, no fenomenológico da alteridade, no existencial da alteridade, no pré-

conceitual, pré-teórico da alteridade; na alteridade dialógica da alteridade como tu; no pré-comportamental da alteridade, na dialógica da alteridade. Nos quais podemos, como Buber diz, endereçar a nossa palavra à alteridade, e ouvir à alteridade enquanto palavra.

Porque, ainda que não sejamos um, mas a irrecorrível dualidade de um eu-tu, estamos necessariamente implicados neste instante na dialógica de atualização e encarnação de potências, possibilidades, alegres em sua potência, e que querem vir a ser, e superar.

A disposição estética, como ética e como metodológica, percorre ambos os momentos dos modos não dialógico e dialógico, eu-isso e eu-tu, de sermos.

A disposição estética repousa na momentaneidade do não dialógico, do eu-isso, como uma onda repousa no fundo do mar. Admite e convive com a normalidade do modo eu-isso de sermos, e com a sua funcionalidade, como o momento próprio da quietude de um repouso.

Mas é também a fenda no monolitismo e na dureza do eu-isso, do não dialógico. A fenda que permite o seu esvaimento e fluxo de seu monolitismo e dureza na direção do modo de sermos *encantado* do eu-tu, do dialógico.

No âmbito encantado deste, a estética, a disposição alegre da estética, está em seu meio próprio. Ela ilumina a fonte pululante do possível, que somos nós. E se exerce como arte, surfando diligente e minuciosamente nas possibilidades, iluminando-as, trazendo-as à luz, de um modo meramente compreensivo, ou compreensivo-e-muscular, atualizando-as. E aí, magicamente, encantada e encantadoramente, exercemos a nossa banal, porque ontológica, capacidade de *fazermos brotar efeitos visíveis do invisível (I Ching)*.

A disposição estética é assim o pré-dialógico. Ela transita entre o não dialógico, eu-isso; e o dialógico, eu-tu. De modos mais ou menos latentes, como pré-dialógico, no modo de sermos eu-isso, a disposição estética é a ética que nos faz transitar do não dialógico ao dialógico. No âmbito do dialógico, a estética é a ética, a metodológica, que permite a iluminação da fonte do possível que somos em nossa ontológica. E que permite a abertura à potência do possível, em sua atualização, que igualmente somos. Esgotada em coisa a potência do possível, teremos voltado à condição, ao tempo, e ao movimento da coisidade. E à latência sonsa da disposição estética.

